

À (RE)INVENÇÃO DO AMBIENTE EDUCACIONAL:

NOVAS ABORDAGENS, CONCEITOS, MEIOS E APLICAÇÕES.

CARLOS BATISTA
(ORGANIZADOR)


EDITORA
SCHREIBEN

CARLOS BATISTA
(ORGANIZADOR)

**À (RE)INVENÇÃO DO
AMBIENTE EDUCACIONAL:**
novas abordagens, conceitos,
meios e aplicações.


EDITORA
SCHREIBEN

2022

© Dos organizadores - 2021
Editoração e capa: Schreiben
Imagem da capa: Pixabay
Revisão: os autores

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)
Dr. Enio Luiz Spaniol (UDESC)
Dr. Glen Goodman (Arizona State University)
Dr. Guido Lenz (UFRGS)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marciane Kessler (UFPEl)
Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Wanilton Dudek (UNIUV)

*Esta obra é uma produção independente dos organizadores.
A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência
das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s)
autor(es).*

Editora Schreiben
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiben@gmail.com
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R374 À (re)invenção do ambiente educacional: novas abordagens, conceitos, meios e aplicações. / Organizador: Carlos Batista. – Itapiranga : Schreiben, 2022.
234 p. ; e-book

E-book no formato PDF.
EISBN: 978-65-89963-53-0
DOI: 10.29327/558661

1. Educação. 2. Ensino à distância. 3. Tecnologia educacional. I. Título. II. Batista, Carlos.

CDU 37

Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	6
<i>Janaina da Silva Gonçalves Fernandes</i>	
APRESENTAÇÃO.....	8
<i>Carlos Batista</i>	
Capítulo 1	
DESAFIOS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA ON-LINE E A REMOTICIDADE NA NOVA ENGENHARIA EDUCACIONAL.....	11
<i>Anair Meirelles Quadrado</i>	
<i>Fernando Ribeiro</i>	
<i>Patrícia Vieira</i>	
<i>Rosane Saraiva Guerra</i>	
Capítulo 2	
CONSTRUÇÕES DIALÓGICAS EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL: VIVENCIANDO RODAS DE CONVERSA COM JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO.....	17
<i>Gabriel Silveira Pereira</i>	
Capítulo 3	
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL: CONTEXTOS E QUALIDADE.....	26
<i>José Henrique Aquino de Souza</i>	
Capítulo 4	
EDUCAÇÃO TEOLÓGICA, ESCOLA BÍBLICA E ENSINO NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL: A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE RELIGIOSA EM MEIO À MODERNIDADE MIDIÁTICA.....	39
<i>Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa</i>	
Capítulo 5	
DESAFIOS DO ENSINO JURÍDICO NA CONTEMPORANEIDADE: NÃO BASTA “ DAR AULA ” TEM QUE SER “ DIGITAL INFLUENCER ”	58
<i>Francisco Pablo Feitosa Gonçalves</i>	
<i>Iamara Feitosa Furtado Lucena</i>	
Capítulo 6	
EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E REDE SOCIAL: A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA PERTENCER NO DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES PELO INSTAGRAM.....	71
<i>Gabriel Silveira Pereira</i>	
<i>Camila Vessozi da Silva</i>	
<i>Milene Araújo Vitorino</i>	
<i>Paola Cardoso Purin</i>	

Capítulo 7

POSSIBILIDADES E LIMITES DOS USOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ESCOLARES.....83

Sérgio Teixeira das Silva

Pedro Batela Neto

Capítulo 8

A ESCOLA COMO AGENTE ORIENTADOR DO BOM USO DAS TICs NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....95

Márcia Saiuri Gibo

Regina da Conceição Zeferino

Tatiane Freitas de Sousa Lima

Capítulo 9

A FORMAÇÃO DOCENTE E A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO PERÍODO DE PANDEMIA COVID-19.....128

Francisco Alexandre da Silva

Alex Moura Silva

Capítulo 10

ORIENTAÇÕES PARA ORIENTADORES, REVIGORANDO E EXEMPLIFICANDO O CONCEITO DE APRENDER A APRENDER COM TUTORES EAD.....138

Carlos Batista

Capítulo 11

CONEXÕES AFETIVAS EM UM PERÍODO DE DISTANCIAMENTO SOCIAL: A EXPERIÊNCIA DA CAMPANHA PALAVRAS QUE ABRAÇAM.....147

Gabriel Silveira Pereira

Milene Araújo Vitorino

Paola Cardoso Purin

Capítulo 12

DESAFIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE: SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....155

Ana Maria da Silva Lemos

Ana Paula da Silva Lemos

Paulo Sérgio Fontes Santana

Capítulo 13

A CONSTRUÇÃO DE RECURSOS ACESSÍVEIS COMO POSSIBILIDADE DE AÇÃO E REFLEXÃO PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO E PROFISSIONAL DE ESTUDANTES NO ENSINO SUPERIOR.....163

Cibele Fernandes da Costa

Gabriel Silveira Pereira

Capítulo 14

EDUCAÇÃO BÁSICA TRANSFORMADORA: SUAS VANTAGENS
COMO MODELO QUE ENLEVA OS ALUNOS PARA ALÉM DO MERO
RECEBIMENTO DE CONTEÚDO.....173

Abraão Danziger de Matos

Capítulo 15

REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO E APRENDIZAGEM DA
LEITURA NOS ANOS INICIAIS.....183

Maria Alice Pereira

Leticia Augusta Campos Ferreira Martins

Jorge de Assis Costa

Capítulo 16

UM NOVO OLHAR SOBRE O LIVRO DIDÁTICO: UMA RUPTURA
COM PADRÕES ANTIGOS.....193

Aline Suely Dias de Souza Ferreira

Marcos Antônio de Araújo Dias

Capítulo 17

OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM E INCLUSÃO DO ALUNO
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).....201

Isabel Lasch da Silva

Carina Dorneles Gomes

Capítulo 18

O LÚDICO COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL NO ENSINO
DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN.....211

Leticia Augusta Campos Ferreira Martins

Maria Alice Pereira

Jorge de Assis Costa

Capítulo 19

VAMOS CONHECER SAUSSURE E CHOMSKY?:
UMA PROPOSTA DIDÁTICA A PARTIR DE WEBQUEST.....220

Manassés Morais Xavier

Maria Lúcia Serafim

Renally Arruda Martins de Lima

POSFÁCIO.....231

Carlos Batista

SOBRE O ORGANIZADOR.....232

PREFÁCIO

O conhecimento existente do ambiente escolar é revisto neste livro, com foco em seu impacto na eficácia educacional e no desempenho do aluno. À (re) invenção do ambiente educacional é um excelente livro para qualquer educador(a) que esteja pensando em usar o potencial das tecnologias digitais para melhorar sua capacidade de ensino e para iluminar e desafiar intelectualmente alunos(as). Esta obra procura descrever como usar mídia e tecnologia, de modo a vincular as aplicações práticas com os fundamentos educacionais, ou seja, este trabalho apresenta com sucesso a relação entre o teórico e o pedagógico e o uso eficaz dos meios de comunicação e as tecnologias digitais, no processo de ensino-aprendizagem.

Os textos coletados e reunidos nesta obra são de: entusiastas, estudantes, pesquisadores, professores e profissionais ligados ao meio educacional. Estes autores(as)/pesquisadores(as), enriquecem a temática da (re)invenção do ambiente educacional com suas pesquisas e estudos formulados. Ainda, mostram-nos a função das tecnologias digitais na educação, em suas respectivas práticas.

Este livro tem uma estrutura organizacional sólida e lógica. Seus capítulos estão divididos em partes que apresentam e discutem temáticas sobre: Cultura contemporânea; Educação básica, superior e/ou outros segmentos; Família e inclusão social; Formação de docentes e discentes; Literatura, redação e oratória; Interdisciplinaridade; Cultura Digital e Meios midiáticos (sons e imagens); Reflexões práticas e/ou teóricas; Relatos de pesquisa(s); Sociolinguística e outros idiomas; Sociedade e práticas sociais; Tecnologias aplicadas a diversos campos; TICs (tecnologias da informação e comunicação); Dentre vários outros temas correlacionados.

Os capítulos da presente obra, portanto, promovem uma discussão teórica frente à questão da necessidade de (re)invenção do ambiente educacional, frente às adversidades de professores(as) e alunos(as) para lidarem com a cultura digital da atualidade. Sendo assim, os capítulos estão permeados dos seguintes questionamentos: Como o ambiente educacional e os indivíduos envolvidos podem se desenvolver frente aos novos desafios de uma sociedade cada vez mais imediatista, conectada e progressivamente digital? Como que o ensino-aprendizagem pode ser ressignificado por meio deste ambiente proposto e vivenciado por muitos?

O compartilhamento de experiências de profissionais de ensino, que

buscam o ensino eficaz, permite visualizar o uso das tecnologias digitais para melhorar o ensino e a aprendizagem em formas complementares. Estes profissionais estão situados de modo interessante, para demonstrar como fazer as escolhas certas para usar a mídia e a tecnologia para melhorar o ensino significativamente. Eles conduzem e permitem os(as) leitores(as) tomar decisões críticas sobre a seleção e o uso apropriados das tecnologias digitais para o ensino-aprendizagem.

No geral, este livro é um excelente recurso e guia para todos(as) educadores(as) que deparam-se com avanços tecnológicos e a Educação. Que esta obra traga a possibilidade dos(as) leitores(as) repensar, ressignificar e reinventar o ambiente educacional.

Janáina da Silva Gonçalves Fernandes

APRESENTAÇÃO

Imagem 01: Se reinventar sempre.



Fonte: Pexels, 2022.

O processo de se reinventar incita à prática de novas ideias, como demonstrado na imagem 01¹, ele se torna algo igualmente único e extraordinário, pois demanda à consciência da renovação, do progresso e a necessidade essencial da mudança.

1 Fonte da imagem: PIACQUADIO, Andrea. Mulher Desenhando Uma Lâmpada No Quadro Branco. **PEXELS**. 4460 x 4750 pixels, 72 dpi, 10,5 MB, RGB, formato jpeg. Disponível em: <https://www.pexels.com/pt-br/foto/mulher-desenhando-uma-lampada-no-quadro-branco-3758105/>. Acesso em: 17 fev. 2022.

À proposta da coletânea: **À (Re)invenção do Ambiente Educacional: novas abordagens, conceitos, meios e aplicações** é propositadamente essa. **Debater o que precisa (ou deve) ser reformulado** e os meios pedagógicos suscetíveis a essas mudanças.

Através dos seus capítulos o nobre (e curioso) leitor terá oportunidade de encontrar estudos e experimentos de pesquisadores da área que traduzem todos esses ensejos latentes do reinventar imprescindível para a arte do ensino-aprendizagem.

No primeiro capítulo dessa coletânea nós temos **Anair Meirelles Quadrado, Fernando Ribeiro, Patrícia Vieira e Rosane Saraiva Guerra** detalhando os **Desafios da Educação a Distância on-line e a Remotividade na nova Engenharia Educacional** em uma produção bem elucidativa.

O segundo capítulo traz à tona as **Construções Dialógicas em tempos de Distanciamento Social: vivenciando rodas de conversa com jovens estudantes do ensino médio integrado**, brilhantemente esmiuçadas por **Gabriel Silveira Pereira**.

No terceiro capítulo temos um estudo interessantíssimo sobre a **Educação a Distância no Brasil: contextos e qualidade** proposto por **José Henrique Aquino de Souza**.

Em um quarto capítulo **Otavio Barduzzi Rodrigues da Costa** propõe importantes reflexões sobre a **Educação Teológica, Escola Bíblica e Ensino nas Assembleias de Deus no Brasil: a formação da identidade religiosa em meio à modernidade midiática**.

Detalhado no quinto capítulo, **Francisco Pablo Feitosa Gonçalves e Iamara Feitosa Furtado Lucena**, enumeram os **Desafios do Ensino Jurídico na Contemporaneidade: não basta “dar aula” tem que ser “digital influencer”**.

Com o sexto capítulo **Gabriel Silveira Pereira, Camila Vessozi da Silva, Milene Araújo Vitorino e Paola Cardoso Purin** trata da **Educação, Juventude e Rede Social: a experiência do programa pertencer no desenvolvimento de ações pelo Instagram**.

Caminhando para o sétimo capítulo as **Possibilidades e Limites dos usos das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação nas Práticas Pedagógicas Escolares** são analisadas por **Sérgio Teixeira das Silva e Pedro Batela Neto**.

Especificamente no oitavo capítulo tem-se as pesquisadoras **Márcia Saiuri Gibo, Regina da Conceição Zeferino e Tatiane Freitas de Sousa Lima** retratando a **A Escola como Agente Orientador do bom uso das TICs no Processo de Ensino-aprendizagem**.

Logo no nono capítulo **A Formação Docente e a relação Professor Aluno no processo de Ensino e Aprendizagem no período de Pandemia covid-19** é apresentada por **Francisco Alexandre da Silva e Alex Moura Silva**.

Partindo para o décimo capítulo observa-se **Orientações para Orientadores, revigorando e exemplificando o conceito de aprender a aprender com Tutores EAD**, pesquisada pelo organizador da obra: **Carlos Batista**.

Conjugado ao décimo primeiro capítulo, aprecia-se as **Conexões Afetivas em um Período de Distanciamento Social: a experiência da campanha palavras que abraçam**, traçadas por **Gabriel Silveira Pereira, Milene Araújo Vitorino e Paola Cardoso Purin**.

Evidencia-se no décimo segundo capítulo os **Desafios da Formação Docente: sociedade contemporânea** por **Ana Maria da Silva Lemos, Ana Paula da Silva Lemos e Paulo Sérgio Fontes Santana**.

Cibele Fernandes da Costa e Gabriel Silveira Pereira, já no décimo terceiro capítulo, descrevem sobre **A Construção de Recursos Acessíveis como possibilidade de Ação e Reflexão para o Desenvolvimento Humano e Profissional de Estudantes no Ensino Superior**.

O décimo quarto capítulo instrui sobre a **Educação Básica Transformadora: suas vantagens como modelo que enleva os alunos para além do mero recebimento de conteúdo**, texto este desenvolvido por **Abraão Danziger de Matos**.

Maria Alice Pereira, Leticia Augusta Campos Ferreira Martins e Jorge de Assis Costa expõem as **Reflexões acerca do Ensino e Aprendizagem da Leitura nos Anos Iniciais** no décimo quinto capítulo.

O décimo sexto capítulo traduz **Um novo olhar sobre o Livro Didático: uma ruptura com padrões antigos** escrito por **Aline Suely Dias de Souza Ferreira e Marcos de Araújo Dias**.

Caminhando para final da coletânea, o décimo sétimo capítulo nos brinda sobre **Os Desafios da Aprendizagem e Inclusão do aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA)** notavelmente desenvolvido por **Isabel Lasch da Silva e Carina Dorneles Gomes**.

No penúltimo capítulo, o décimo oitavo, temos **O Lúdico como Ferramenta Educacional no Ensino de Crianças com Síndrome de Down** excelentemente produzido por **Leticia Augusta Campos Ferreira Martins, Maria Alice Pereira e Jorge de Assis Costa**.

Por fim, o décimo nono capítulo coroa à obra os estudos de **Manassés Moraes Xavier, Maria Lúcia Serafim e Renally Arruda Martins de Lima** sobre o tema: **Vamos conhecer Saussure e Chomsky?: uma Proposta Didática a partir de Webquest**.

Espero que usufruam dos textos acadêmicos evidenciados nessas páginas conquistando novas compreensões sobre esses ricos temas abordados.

Carlos Batista

CAPÍTULO 1

DESAFIOS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA ON-LINE E A REMOTICIDADE NA NOVA ENGENHARIA EDUCACIONAL

Anair Meirelles Quadrado¹

Fernando Ribeiro²

Patrícia Vieira³

Rosane Saraiva Guerra⁴

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, os recursos de comunicação desenvolveram-se de forma vertiginosa, tornando imprescindíveis a elaboração de novas tecnologias, transformando inevitavelmente a rotina da sociedade em um mudo cada vez mais globalizado. Os avanços tecnológicos se estenderam também para o processo de Educação, a procura por cursos em geral aumentaram, provocando uma obrigação da flexibilidade de recursos oferecidos pelas instituições de ensino.

A Educação à distância (EAD) já existe há muitos anos atrás. Retrocedese a idade antiga sobre o filósofo Platão escrevia cartas aos seus seguidores com o propósito de transmitir doutrinas e pensamentos (SCHULTER, 2005).

Já no século XX apareceram outras formas de disponibilizar conhecimentos e aprendizados, tais como: cursos por correspondência além de outros por televisão

-
- 1 Graduada em Pedagogia - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Especialista em Informática na Educação (PUCRS), Neuropsicopedagogia e Desenvolvimento Humano (UNIASSELVI), Educação Especial e Inclusiva e Metodologia de Ensino (FAVENI), Graduanda em Psicologia (UNISUL), Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação - MUST University. E-mail: anairquadrado@yahoo.com.br
 - 2 Graduado em Direito pela Anhanguera e Engenharia civil pela FAAP. Pós graduação pela Uninter lato sensu: EaD e perícia e auditoria ambiental. Mestrando em Tecnologias emergentes em educação pela Must University. E-mail: peritofernando@yahoo.com.br
 - 3 Bacharela em Direito pela Anhanguera, Licenciada em História pela Universidade de Passo Fundo e graduanda em Pedagogia pela Estácio. Especialista em Metodologia do Ensino de História, Planejamento Pedagógico e Educação Especial Inclusiva pela Uniasselvi. Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. E-mail: pati.vieira@gmail.com.
 - 4 Licenciatura Plena em Geografia (UEMA) Pós graduação Lato Sensu: Especialização: Metodologia Inovadoras Aplicadas à Educação: Ensino de Ciências Humanas (IESF); Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação - Must University E-mail: rosane-guerra01@gmail.com

e rádio. Atualmente utiliza-se a internet para cursos *online* e remotos, com um desenvolvimento extraordinário em programas, softwares, ferramentas digitais possibilitando ao usuário final, o Aluno, condições de alta qualidade no aprendizado. Enfim foi uma evolução desde os impressos passando rádio, televisão e hoje a *Web*.

Considera-se a EAD ser uma Reengenharia no Ensino. Trata-se de um método de ensino na qual há uma separação geográfica Professor/Aluno. Estão em ambientes diferentes, e por intermédio de sofisticadas tecnologias de informação e comunicação acontecem o aprendizado.

Na elaboração deste *paper*, procedeu-se e fundamentou-se em pesquisas e bibliografias, com elementos e informações levantadas também em websites para o desenvolvimento da temática proposta: Educação à distância.

DESENVOLVIMENTO

No prisma deste signatário, a Educação à Distância, intitulada EAD, é uma modalidade de educação já utilizada há muitos anos atrás e atualmente com os avanços tecnológicos de informática e computação, a internet, juntamente com um legado deixado com a pandemia do coronavírus, turbinou este modal de ensino e aprendizagem. Destaca-se aqui não somente a EAD mas também o ensino remoto em encontros síncronos e assíncronos.

Consoante com (SAGAH, 2016), a Educação a distância superará a presencial a partir de 2023. Há garantias em referenciar esta modalidade de ensino num futuro muito próximo devido principalmente a evolução e diversidade das tecnologias digitais, bem com outras facilidades e benefícios advindos dessa categoria, tais como: a estruturação, a economia e a inovação nesse processo de aprendizado e principalmente a flexibilidade no estudo. Uma maior dinamização a essa forma de aprendizado. Uma nova Reengenharia na Educação.



Fonte: Figura 1 - Site Diário da região, 2020

No gráfico acima, percebe-se o crescimento das matrículas em graduação à distância em mais de 183% enquanto a presencial praticamente estacionou nos últimos 8 anos. Esse incremento exponencial deve-se a evolução da tecnologia de informação nos últimos anos, com a expansão da internet, contribuiu para esse aumento do número de pessoas que optaram por cursos *on-line*, fazendo a EAD crescer cada vez mais no país.

Consoante o Ministério de Educação (MEC, 2019) no ensino privado a quantidade de Alunos que procuraram o Ensino à distância superou a presencial.

Esse avanço deve-se principalmente pela flexibilidade de horários para o aprendizado e dedicação, sem ter que se deslocar às Instituições de ensino, maior autonomia ao estudante, interatividade virtual entre alunos, professores e tutores, disponibilidade de uma grande variedade de cursos e principalmente por recursos financeiros menos dispendiosos em relação a categoria presencial.

Por outro lado, há desafios que ainda obstaculizam o ensino a distância. Entre eles pode-se citar, apesar de estar havendo uma modificação, a desconfiança no aprendizado sem a presença de professor diretamente, há ainda certo preconceito. De acordo com Capeletti (2014), a não interação com os colegas e Professores diretamente pela autonomia e virtualidade que o curso se baseia, além disso um outro revés da necessidade de ter um computador e uma comunicação de internet com condições mínimas de acesso as aulas *online* são grandes adversidades para o Aluno.

Outras possíveis dificuldades encontradas nesse contexto seriam as adaptações dos Professores a um sistema de mídias digitais, que a cada dia inovam no aprendizado, haver treinamento para atualização desse corpo docente nos programas e tecnologias.

Imperioso aqui, a participação do aluno: compromisso, responsabilidade, foco, organização, proatividade, características fundamentais para o sucesso do aprendizado!.



Fonte: Figura 2 Site Univeritas de Guarulhos, 2020

A gravura acima, corrobora na dedicação do Aluno ao estudo a distância com condições para um desenvolvimento nos saberes remotos e *online*.

Em outra abordagem, a EAD para ter uma qualidade aprazível, com um aprendizado eficaz e eficiente deve, conforme consta no site minha biblioteca, 2021: em

“O processo de aprendizagem é diretamente influenciado pela qualidade da Instituição de ensino. Como os cursos são planejados, a estrutura administrativa, o formato das aulas e a plataforma pela qual as aulas são disponibilizadas determinam a qualidade do ensino para os estudantes. Além disso, um quadro de professores qualificados que, além de terem conhecimento específico da área de atuação, também tenham formação quanto ao percurso da aprendizagem e metodologias de ensino à distância, é determinante para que essa modalidade de curso entregue bons resultados. As ações desenvolvidas pela instituição devem prezar pela qualidade do ensino prestado aos alunos com a mesma intensidade dos cursos presenciais”.

O propósito do planejamento geral do curso, entre as quais pode-se citar: a definição dos conteúdos, práticas e as estratégias que serão utilizadas, tendo como finalidade alcançar os objetivos específicos propostos para a aquisição do aprendizado almejado ou requerido (Filatro, 2008).

Há de se caracterizar também que o Estado deve participar nesse contexto, pois é uma garantia constitucional o direito a Educação ao administrado, ou seja, o cidadão deve ter as condições mínimas para obter conhecimentos e aprendizados, principalmente aqui se refere a comunicação via *Web*, melhor disponibilizando os requisitos mínimos de internet, ou aplicando sua primazia com instalações públicas com locais com sinal *Wi-Fi* de qualidade e gratuita como em Portugal e Japão e ou ainda fomentando o particular, como por exemplo, isenção de tributos às empresas operadoras de internet facilitando o consumidor final.

Outro grande desafio na Educação a distância no Brasil, é a participação do Poder público em fomentar políticas de desenvolvimento na Educação, fornecendo condições, acessos a redes de *Wi-Fi* de internet gratuitas em locais públicos, monetizar valores para a população mais carente na oportunidade de adquirir equipamentos, tais como computadores e periféricos, enfim as condições mínimas para o desenvolvimento na área Educacional. É um direito e garantia constitucional o Estado garantir a Educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reconhece-se o ensino a distância no Brasil há muito tempo, demonstrado como cursos por correspondência e outros dispondo-se de rádio, televisão, os chamados telecursos levando os ensinamentos e aprendizados a pontos longínquos às pessoas que não tinham condições de locomoção para as tradicionais

aulas presenciais.

Como inovações no processo de aprendizado ao longo do tempo e o avanço na internet, houve evolução na formatação de cursos em EAD (Educação a distância) trazendo mais dinamismo na metodologia e práticas educacionais, mas principalmente na práxis das tecnologias digitais que tiveram um grande e potencial crescimento com a pandemia na qual intensificou-se mais ainda o ensino remoto, virtual e *online*.

Importante aqui ratificar, pela visão dos autores deste *paper*, que o ensino remoto, virtual, *online* veio para ficar, caracterizado como a nova Engenharia educacional, aproximando as pessoas e o mundo ao conhecimento e aprendizado com menores custos, flexibilidade, agilidade com a mesma qualidade que o ensino tradicional presencial. Imprescindível aqui o compromisso, dedicação, proatividade, organização, foco do Aluno para o êxito nos estudos e na formação!.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPELETTI, A. M. (2014) **Ensino a distância. Desafios Encontrados por Alunos do Ensino Superior**. Disponível em: http://docs.uninove.br/artefac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Aldenice.pdf. Acesso em 10 de julho de 2021.

Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017 Lei EAD. Disponível em: <https://www.fundacred.org.br/site/2021/02/03/a-ascensao-do-ensino-a-distancia/> Acesso 07 de julho de 2021.

Desafios da educação a distância. Disponível em : <https://minhabiblioteca.com.br/desafios-da-educacao-a-distancia-no-brasil/> Acesso em 07 de julho de 2021.

Educação a Distância: quais são os maiores desafios da modalidade?. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/educacao-a-distancia-quais-sao-os-maiores-desafios-da-modalidade>. Acesso em 07 de julho de 2021.

FILATRO, A. (2004) **Design instrucional contextualizado - educação e tecnologia**. Senac.

Lei 9394/96 Art. 80. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em 06 de julho 2021.

MEC – Ministério Educação e Cultura (2019). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/censo>. Acesso em 04 de julho de 2021

SAGAH. (2016). **Manual do Professor** Sagah Face Alfor. <https://feap.edu.br/wp-content/uploads/2019/03/Manual-do-Professor-SAGAH.pdf> Acesso em 11 de julho de 2021.

SCHULTER, Cléder (2019). EAD: a função do tutor presencial em suas diversas dimensões. Disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/>

pos/linguagem/eventos/simfop/artigos_IV%20sfp/_ CI%C3%A9der_Schulter.pdf Acesso em 10 de julho de 2021.

Figura 1 - www.diariodaregiao.com.br/_conteudo/2020/02/cidades/educacao/1183886-em-oito-anos-ensino-a-distancia-cresce-183-em-rio-preto.html, 2020

Figura 2 - <https://www.ung.br/noticias/ead-do-ser-educacional-recebe-premio-internacional>, 2020

CAPÍTULO 2

CONSTRUÇÕES DIALÓGICAS EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL: VIVENCIANDO RODAS DE CONVERSA COM JOVENS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Gabriel Silveira Pereira¹

INTRODUÇÃO

Este texto, produzido em janeiro de 2022, tem por intenção apresentar um relato de experiência sobre a ação de ensino “II Ciclo de Encontros Integrados do Programa Pertencer”, prática constituída por três rodas de conversa realizadas pelo Google Meet, no mês de outubro de 2021, durante o contexto pandêmico relativo à covid-19, e, por conseguinte, do desenvolvimento do ensino remoto no contexto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Osório.

A iniciativa, que também teve sua primeira edição desenvolvida durante o período de pandemia, tratou-se de uma construção colaborativa do Programa Pertencer - Acolhimento, Escuta e Integração em Assistência Estudantil no IFRS com o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) e o Laboratório de Interlocação de Aprendizagens (LIA), visando criar espaços de escuta e reflexão com os jovens estudantes do Ensino Médio Integrado da Instituição e, desta forma, contou com a adesão de 29 discentes.

Nesse sentido, compõe este e-book por se tratar de uma prática inovadora com a qual se buscou, em meio a um período repleto de adversidades, encontrar estratégias que pudessem alcançar os estudantes de forma qualificada e, ao mesmo tempo, sensível, acolhedora e compreensiva, dado que o momento vivenciado carecia de contato humano e de compreensão da realidade individual dos educandos e, também, da dimensão social.

Em se tratando dos aspectos metodológicos, a iniciativa consistiu na

¹ Licenciado em Letras e Tecnólogo em Processos Gerenciais pelo Centro Universitário Cecenista de Osório. Licenciado em Pedagogia pelo Centro Universitário Claretiano. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/MP) da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Técnico Administrativo em Educação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Osório. E-mail: gabriel.pereira@osorio.ifrs.edu.br.

realização de três rodas de conversa, de aproximadamente duas horas, nos dias 11, 18 e 25 de outubro, de forma síncrona. A primeira roda de conversa contou com a participação de egressas do Ensino Médio Integrado e mobilizou memórias afetivas e compartilhamentos de experiências; a segunda atividade enfatizou a saúde mental e a qualidade de vida, abrindo um espaço de escuta ativa e sensível aos estudantes; e o último encontro tratou de temas como relacionamento interpessoal e acessibilidade atitudinal, propondo relações numa perspectiva de formação para o mundo do trabalho e de educação para a diversidade.

Diante da rica experiência produzida, a qual contou com estudantes, egressas, profissionais da Instituição e convidados, passa-se a se comentar sobre a inserção teórica e o desenvolvimento da ação, seus resultados e a potência da busca por construções dialógicas com jovens estudantes, seja pela riqueza dos encontros de conhecimentos, como também pelas possibilidades reflexivas e emancipatórias da promoção de interações significativas e carregadas de compreensões críticas, humanas e solidárias, tal como se espera de uma formação proposta dentro de uma estrutura política e pedagógica como a dos Institutos Federais.

AÇÕES DIALÓGICAS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: INTERLOCUÇÕES A PARTIR DA PROPOSTA DOS INSTITUTOS FEDERAIS

O período de distanciamento social e de suspensão de práticas presenciais redefiniu caminhos de atuação dentro de inúmeras estruturas organizacionais e, nesse sentido, como não poderia ser diferente, trouxe novas exigências às ações pedagógicas do IFRS. Nesse sentido, refletindo as adversidades desse momento é que se fundamentou a criação do II Ciclo de Encontros Integrados e a proposição das rodas de conversa constituintes.

Levou-se em conta que “no período da pandemia, novas relações afetivas e profissionais foram criadas e ressignificadas, muitas pessoas passaram a trabalhar remotamente; famílias passaram a conviver cotidianamente com vários conflitos [...] (SOUZA, 2020, p. 111)”. Assim, mostrou-se um imperativo produzir espaços de encontro que levassem à Instituição a se aproximar mais dos estudantes e a, de alguma forma, criar pontes dialógicas sensíveis ao momento e compreensivas aos seus sentimentos.

Há de se pontuar que o Programa Pertencer, ao qual a ação esteve vinculada, constitui-se no âmbito da Assistência Estudantil e, dessa forma, também se mostrou fundante retomar, em sua elaboração, a Política de Assistência Estudantil do IFRS, a qual apresenta, dentre outros princípios, a “priorização do atendimento às necessidades socioeconômicas, psicossociais e pedagógicas, visando à formação integral do estudante” (IFRS, 2013, p. 1). Essa interlocução,

portanto, reforça a relevância do diálogo entre os diferentes espaços institucionais em busca da formação humana integral em mobilização por uma dinâmica dialógica significativa.

Considerando também os teóricos de base da proposta institucional, manifesta-se a compreensão de que “a educação é uma instituição necessária para incorporar a população a todo tipo de transformação social, efetiva, que se pretenda” (CIAVATTA, 2005, p. 102). Assim, produzir interações dentro e fora da sala de aula, em atenção aos contextos vivenciados, mostra-se fundante e necessário, visto também a importância de que se possa refletir as relações humanas e as históricas mobilizações da constituição social.

Além disso, destaca-se que:

A educação escolar básica – ensino fundamental e médio – tem uma função estratégica central dentro da construção de uma nação no seu âmbito cultural, social, político e econômico e é condição para uma relação soberana e, portanto, não subalterna e colonizada com as demais nações. (FRIGOTTO, 2005, p. 73).

Do mesmo modo, ressalta-se ser:

[...] preciso considerar os processos de desenvolvimento, individual e coletivo, dos sujeitos durante o percurso educativo, a fim de possibilitar a construção dos sentidos do processo formativo vivenciado, sem desconsiderar a diversidade dos sujeitos, seus tempos de aprendizagem e suas expectativas (BARBARA; MIYASHIRO; GARCIA, 2004, p. 48).

Com isso, percebendo o quão importante se faz olhar para a diversidade e perceber a potência de uma educação para a emancipação humana, evidencia-se a riqueza de encontros dialógicos e a potência do estar junto (mesmo que de forma remota), já que a interação apresenta um papel valiosa ao desenvolvimento social e à compreensão da pluralidade. A partir de diferentes vozes e com distintos olhares pode-se produzir interlocuções ainda mais aprofundadas e essencialmente delicadas.

Por isso, faz-se pertinente destacar a compreensão de que “[...] é das relações sociais que precisamos partir para compreender o quê, como e porque os homens agem e pensam de determinada maneira” (BARBARA; MIYASHIRO; GARCIA, 2004, p. 106) e, assim, avalia-se, diante do desenvolvimento de rodas de conversa com jovens estudantes, em nível médio, uma possibilidade de nutrir intensas transformações, além de evidenciar o potencial criativo comum a esse período humano tão questionador, exposto em posturas argumentativas engajadas e comprometidas com os processos reflexivos.

Portanto, encontra-se, nas ações dialógicas no contexto do Ensino Médio Integrado, um caminho repleto de possibilidades com vistas à emancipação humana. Com isso, reconhece-se, numa postura crítica, que:

Somos seres culturais e não podemos escapar desse fato; no entanto, poderemos escolher e construir a maneira de sê-lo. A educação entendida como processo de socialização é um mecanismo singular de *enculturação* através do qual se constrói uma relação particular sujeito-mundo (2002, p. 17, grifo do autor).

Trata-se, nesses espaços de encontros, de perceber que “a única força capaz de contribuir positivamente para o novo processo de transformação é a própria *educação*, cumprindo com isso seu papel de órgão social [...]” (MÉSZÁROS, 2008, p. 102, grifos do autor). Da mesma forma, sublinha-se o lugar dos Institutos Federais nessa construção, os quais também carregam a “[...] importante missão de, a partir da educação e do conhecimento, contribuir para o desenvolvimento deste país” (CASTIONI, 2012, p. 53).

CONHECENDO O II CICLO DE ENCONTROS INTEGRADOS DO PROGRAMA PERTENCER

O II Ciclo de Encontros Integrados do Programa Pertencer, ação objeto deste relato de experiência, foi uma iniciativa com o objetivo de proporcionar momentos de trocas e reflexões carregados de sensibilidade e exercício empático, a partir da constituição e do desenvolvimento de encontros realizados remotamente. Assim, por conta de todas as mudanças desencadeadas pelo período de pandemia e da consequente suspensão das atividades presenciais, justificou-se pela oportunidade de proporcionar aos jovens estudantes momentos de diálogo e interação com diferentes servidores, egressos e outros convidados, a fim de discutir e refletir sobre aspectos fundamentais ao sentir-se bem e acolhido.

A iniciativa, em sua segunda edição, seguiu promovendo a interlocução de projetos e canais de acompanhamento estudantil, os quais, com muita dedicação, vieram realizando o acompanhamento e a orientação dos estudantes durante o período pandêmico, estabelecendo novas estratégias de atuação e produzindo permanentes trocas. Destacou-se pela oportunidade de seguir em diálogo com os estudantes do Ensino Médio Integrado do Campus Osório, criando aproximações mesmo diante do contexto de ensino remoto.

A iniciativa, constituída por três rodas de conversa temáticas, teve por eixo central a discussão de temas como acolhimento, bem-estar, integração, interação e saúde, reunindo estudantes, egressos e outros convidados em um momento de compartilhamento de experiências e de muitas reflexões. Cada uma das rodas mostrou-se mobilizadora de conhecimentos e promotora de diálogos sensíveis e extremamente qualificados.

A primeira roda de conversa, realizada em 11 de outubro, teve como título “Memórias, momentos e afetos: dialogando com egressas do Campus Osório” e contou com a participação de quatro estudantes que concluíram seus estudos no

IFRS e vieram compartilhar suas experiências na Instituição, além de reiterar aos estudantes as possibilidades de vivenciar este espaço. O momento foi bastante emocionante, pois propôs a mobilização de registros da trajetória das estudantes, produzindo também diferentes interações com os discentes, sendo que parte do grupo tratava-se de estudantes ingressantes no Campus já no contexto remoto, sem nem conhecer presencialmente suas instalações.

Figura 1 - Registro da 1ª Roda de Conversa



Fonte: Instagram do Programa Pertencer (@pertencer_ifrsosorio), 2021.

Deste espaço, apresentam-se, como exemplo, dois comentários de estudantes participantes, oriundos de formulários de avaliação compartilhados ao final de cada encontro, enaltecendo a potência da roda de conversa:

Estudante A: Eu adorei a roda de conversa!!! Foi muito interessante ouvir as experiências das gurias no Campus!!! Estava tudo perfeito, um espaço bem acolhedor.

Estudante B: Eu amei a atividade de hoje, foi muito edificante ouvir os relatos das egressas, como estudante do primeiro ano é muito gratificante ouvir as experiências de quem já passou pela Instituição que eu estou recém

entrando e já vejo um grande desenvolvimento acontecendo!!!

A segunda roda de conversa, desenvolvida no dia 18 de outubro, foi conduzida a partir da temática “Saúde Mental e Qualidade de Vida”, contando com a participação de uma estudante de psicologia e da equipe de Assistência Estudantil do Campus Osório. Este espaço apresentou uma participação bastante efetiva dos discentes presentes, dada a identificação com o tema e os disparadores do encontro. Vale ressaltar que, na edição anterior, também se desenvolveu uma das rodas de conversa a respeito de saúde mental, e diante do resultado, resolveu-se produzir uma nova discussão.

Como já era esperado pela equipe, o momento obteve um destaque bastante significativo, e os estudantes puderam relatar sobre suas experiências no período pandêmico, expondo sentimentos, sensações, angústias e reflexões. Deste espaço, evidencia-se a identificação dos estudantes com as falas dos colegas, fator que precisa ser enaltecido.

Figura 2 - Registro da 2ª Roda de Conversa



Fonte: Instagram do Programa Pertencer (@pertencer_ifrsosorio), 2021.

Das avaliações do momento, apresentam-se dois comentários obtidos

desta atividade:

Estudante C: O encontro foi ótimo para repensar sobre a qualidade de vida durante o contexto pandêmico, para reavaliar momentos e tarefas com preocupação exacerbada. Particularmente, acredito que esse tipo de pauta tem uma potência muito grande, essencialmente perante o nosso atual cenário sanitário e político, manter a saúde física, mental e social é um dos maiores desafios para mim.

Estudante D: Gostei muito da atividade de hoje. Sempre me sinto melhor depois dos encontros e dos assuntos debatidos nele!

Por fim, a terceira roda de conversa, realizada em 25 de outubro, foi orientada pelos temas “Relações Interpessoais” e “Acessibilidade Atitudinal”, recebendo duas convidadas, profissionais mestras em educação, as quais trouxeram disparadores para a roda de conversa considerando as implicações dos temas no mundo do trabalho e produzindo interlocuções no campo da diversidade e da inclusão. O momento foi rico em trocas e contou com relatos de experiência de estudantes participantes, além de reflexões sobre as contribuições das ações humanas no desenvolvimento de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Figura 3 - Registro da 3ª Roda de Conversa



Fonte: Instagram do Programa Pertencer (@pertencer_ifrsosorio), 2021.

Apresentam-se, deste momento, dois comentários selecionados entre as avaliações:

Estudante E: Foi muito interessante escutar e debater sobre os assuntos abordados, tivemos liberdade de expressão e foi um papo muito descontraído, foi tudo muito satisfatório e divertido, estou ansioso para a próxima!!

Estudante F: Eu achei o tema abordado na reunião bem relevante, acho importante falarmos sobre pessoas com necessidades especiais. Eu gostaria de comentar que eu concordo que devemos ajudá-las a se integrar ao invés de excluí-las. Não tenho sugestões para as próximas edições. Gostaria de elogiar o trabalho de vocês! Os temas que vocês trouxeram para os encontros foram muito relevantes e acho que eles foram bem escolhidos.

Diante do exposto, reitera-se o quanto se mostra fundante a constituição de momentos de acolhimento, escuta e reflexão no espaço escolar. Os estudantes têm muito a dizer! Precisam ser escutados! Neste sentido, sublinha-se a potência das rodas de conversa na proposição de construções dialógicas, pontuando o quão significativos mostram-se esses diálogos entre e com jovens durante suas jornadas formativas.

RESULTADOS

Avalia-se que os resultados das rodas de conversa foram bastante efetivos, tendo em vista que, em um espaço de formação humana, produzir ações de ensino pautadas em temas como vivências e memórias estudantis, qualidade de vida, saúde mental, relações interpessoais e acessibilidade atitudinal configuram-se como fundante. Os 29 jovens estudantes participantes, durante as vivências, foram mobilizados a buscar novos conhecimentos, interagindo com as pautas propostas e refletindo a construção dos Institutos Federais a partir de princípios basilares.

Desta forma, como um movimento afetivo de integração, considerando a potência do espaço na formação humana dos educandos e acreditando que suas relações com o conhecimento também podem ganhar caráter multiplicador, avalia-se que os resultados foram significativos e de imenso impacto às constituições estudantis e às interações com os conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, reconhece-se que a realização do II Ciclo de Encontros Integrados constituiu-se como bastante importante para o acompanhamento estudantil e o desenvolvimento de práticas dialógicas durante o contexto de ensino remoto. Possibilitou a interlocução entre diferentes saberes e experiências, dada, também, a participação de estudantes de diversos anos do Ensino Médio, egressas

e profissionais da educação. Considerando também o ingresso das turmas de primeiro ano em um contexto totalmente a distância, a atividade foi fundamental para contribuir com o sentimento de pertencimento de cada novo discente.

Cabe ressaltar, ainda, que a participação dos estudante ultrapassou as expectativas da equipe, e a potência dos diálogos e das reflexões propostas também marcou a edição como um aspecto bastante positivo e que reitera o alcance integral do objetivo geral, de proporcionar momentos de trocas e reflexões carregados de sensibilidade e exercício empático. Como perspectivas, tem-se por intenção a realização de novas edições, não se sabendo ainda se em formato remoto ou presencial, mas há, sim, o interesse em dar sequência a essa atividade tão potente vinculada ao Programa Pertencer.

REFERÊNCIAS

BARBARA, Maristela Miranda; MIYASHIRO, Rosana; GARCIA, Sandra Regina de Oliveira. **Experiências de educação integral da CUT: práticas em construção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

CASTIONI, Remi. O papel dos Institutos Federais na promoção do desenvolvimento local. In: SOUZA, Eda Castro Lucas de; CASTIONI, Remi (org.).

Institutos Federais: os desafios da institucionalização. Brasília: Universidade de Brasília, 2012. p. 45-55.

ClAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In.: FRIGOTTO, Gaudêncio; ClAVATTTA, Maria; RAMOS, Marise (Orgs.). **Ensino Médio Integrado: Concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 83 – 105.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio. In.: FRIGOTTO, Gaudêncio; ClAVATTTA, Maria; RAMOS, Marise (Orgs.). **Ensino Médio Integrado: Concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 57 – 82.

IFRS. **Política de Assistência Estudantil do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul**. Bento Gonçalves, 2013. Disponível em: <https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2017/07/ANEXO-1.pdf>. Acesso em 07 jan. 2022.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. Tradução: Isa Tavares. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Educar e conviver na cultura global: as exigências da cidadania**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SOUZA, Elmara Pereira de. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, [S. l.], v. 17, n. 30, p. p. 110-118, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/7127>. Acesso em: 07 jan. 2022.

CAPÍTULO 3

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO BRASIL: CONTEXTOS E QUALIDADE

José Henrique Aquino de Souza¹

1 INTRODUÇÃO

Com este trabalho, há o objetivo de evidenciar os Referenciais de Qualidade para os cursos a distância elaborados pelo MEC. Não há poder de lei, mas pressupostos básicos que todas as instituições devem ter como filosofia para a qualidade na prestação de serviço nos cursos. Ainda, há uma contextualização da educação a distância, no país, evidenciando os primeiros modelos de ensino EAD, até o modelo que há hoje, mais moderno e com um alto teor de qualidade. Nesse recorrido, evidenciamos alguns decretos importantes como normativa que as instituições devem seguir, para assim contribuir com a qualidade.

Nos últimos anos, com o advento das TICs e a globalização, a rotina da população foi brutalmente modificada, demandando mais tempo em seus postos de trabalho, bem como qualificação nas suas áreas de atuação. Tal fato fez com que as pessoas recorressem aos cursos a distância, como forma de ter acesso à educação de onde estiverem e com reconhecimento nacional. Ademais, houve a necessidade de as instituições investirem na qualificação de pessoal e tecnológico, o que faz com que o ensino no Brasil, nessa modalidade, seja uma das mais disputadas no seguimento global.

Essa temática foi escolhida com o objetivo de trazer à luz alguns Referenciais de Qualidade, até então, não são do conhecimento da população estudantil. Além de evidenciar o processo histórico da EAD, no território brasileiro, para a compreensão dos altos e baixos dessa modalidade de ensino.

2 DESENVOLVIMENTO

Os dados obtidos, neste trabalho, compõem-se de análises bibliográficas de documentos, suportes digitais disponíveis na web, livros e normativas, para a compreensão dos Referenciais de Qualidade do MEC e um marco teórico da EAD no Brasil. Foram utilizados alguns autores para a fundamentação

¹ Graduado em Letras/Espanhol pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Pós-graduando *lato sensu* em Metodologia do Ensino das Línguas Portuguesa e Espanhola pela Faculdade ÚNICA de Ipiranga.

das informações aqui elencadas, tais como: Oliveira et. al. (2019), Paese (2012), Alves (2020), Sartore (2014).

Este trabalho foi dividido em dois momentos, sendo o primeiro acerca do contexto histórico da EAD, no país, e o segundo os Referenciais do MEC. Por fim, há as considerações do autor, de forma breve, sobre as temáticas aqui elencadas para síntese do trabalho.

A metodologia qualitativa foi escolhida, pois há uma análise subjetiva do autor.

2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A EAD NO BRASIL

A EAD, no Brasil, não é uma modalidade de ensino recente, sendo datada no início dos anos 90, a partir do ensino por correspondência. De acordo com Oliveira et. al. (2019, s/p) “No Brasil, a EaD surgiu com cursos que eram feitos por correspondência, que contavam com o apoio do rádio e da televisão”. Como mencionado pelo autor, o rádio, primeiramente, foi um veículo de comunicação muito importante para a transmissão de informação com o objetivo educacional. O ensino por correspondência tinha um ponto fraco, a demora no recebimento e envio de materiais, o que ocasionava uma desvantagem: “O material didático era enviado aos alunos via correio comum, que retornava as avaliações” (YONEZAWA, 2013, p. 17).

Com a nova ferramenta de transmissão por voz, fazia com que o teor educacional chegasse às residências isoladas do mapa que, segundo Younezawa (2013, p. 18), era um dos grandes pontos positivos: “Uma transmissão radiofônica atinge quase que imediatamente comunidades localizadas a milhares de quilômetros, algo impossível com o serviço de correio”. Tal logro foi um “boom” para a democratização do acesso à informação.

Na década de 70, o ensino a distância, no país, ganha uma nova ferramenta: a TV. O primeiro programa educacional difundido, nesse meio, foi o Telecurso, um método de ensino Supletivo transmitido pela Rede Globo. Nessa nova modalidade, segundo Younezawa (2013), tinha a característica do rádio (voz) e a transmissão de imagens, característico da televisão. Um grande suporte para o ensino EAD.

Já no fim da década de 90, as instituições começaram a utilizar a internet como meio para a transmissão das aulas, ficando, em segundo plano, a transmissão via rádio e telegrama. Segundo o Portal EAD (2016, s/p):

Em meados da década, as instituições passam a utilizar a internet para publicar conteúdos e promover interações. Foi nesse período que várias universidades formalizaram suas iniciativas EAD, até culminar com a criação, em 1996, da Secretaria de Educação a Distância (SEED), do Ministério da Educação (MEC). Naquele mesmo ano o EAD no Brasil passou a contar

com uma legislação abrangente que hoje garante, por exemplo, a validade de diplomas emitidos pelos cursos nesta modalidade.

Contudo, inicialmente, havia um empecilho que era “seu uso (...) restrito para grandes corporações e governos, devido ao alto custo e à complexidade necessária para acomodá-lo” (YONEZAWA, 2013, p. 19). Isso dificultou o acesso para grande parte da camada da população, mas foi um aporte considerável para o ensino no Brasil.

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (LDB), em seu art. 80, menciona sobre a Educação a Distância no país: “O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”. A lei deixava abertura para uma regulamentação própria, entretanto foi o pontapé para o início do seu desenvolvimento em solo brasileiro. Mais tarde, surge o decreto nº 5.622/2005, normativa que regulamentava a Educação a Distância em seus aspectos de credenciamento de instituições superiores, ofertas de cursos, metodologias e processos avaliativos, bem como a educação de Jovens e Adultos na modalidade EAD, entre outros. Segundo Costa (2017, p. 64), quanto ao artigo mencionado, determinava “(...) que a educação a distância será oferecida por instituições especialmente credenciadas pela União. Caberá também à União regulamentar requisitos para a realização de exames e para registro de diplomas relativos aos cursos”. Com isso, o ensino mediado por ferramentas digitais receberia um *status* de “formalidade”.

É importante mencionar que, com o advento da normativa, o preconceito ao ensino a distância começou a ser minimizado, já que o Governo Federal iria intervir na estruturação do ensino, bem como na fiscalização.

No ano de 2006, é aprovada a criação da Universidade Aberta do Brasil (UAB), por meio do decreto nº 5.800, que começou a interiorizar o ensino superior em território brasileiro, oferecendo cursos EAD em instituições públicas, por meio de incentivos financeiros, além da criação de polos espalhados pelo país. De acordo com o site do Ministério da Educação (MEC), a UAB tem como finalidades:

O programa busca ampliar e interiorizar a oferta de cursos e programas de educação superior, por meio da educação a distância. Outro objetivo do programa é reduzir as desigualdades na oferta de ensino superior e desenvolver um amplo sistema nacional de educação superior a distância. Uma das propostas da Universidade Aberta do Brasil (UAB) é formar professores e outros profissionais de educação nas áreas da diversidade. O objetivo é a disseminação e o desenvolvimento de metodologias educacionais de inserção dos temas de áreas como educação de jovens e adultos, educação ambiental, educação patrimonial, educação para os direitos humanos, educação das relações étnico-raciais, de gênero e orientação sexual e temas da

atualidade no cotidiano das práticas das redes de ensino pública e privada de educação básica no Brasil.

Com a iniciativa da Universidade Aberta, passa a oportunizar à população de classe econômica baixa o acesso ao ensino superior de forma gratuita e com qualidade que, devido às dimensões geográficas e o próprio recurso financeiro, não daria para se deslocar a uma universidade presencial. Com a UAB é retirado o monopólio da educação à iniciativa privada.

No ano de 2017, uma nova normativa é aprovada, o decreto nº 9.057/2017. A regulamentação anterior (5.622/05) é revogada dando passo a esta, porém com as mesmas finalidades: trazer novas bases legais ao ensino a distância no Brasil. Na normativa em vigor, no art. 1º, traz a definição do que é EAD:

Para os fins deste Decreto, considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos.

No artigo, é mencionado sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação, conhecida comumente como (TICs): “Então podemos compreender que TIC refere-se às formas que podem comunicar informações por meio das tecnologias” (UNIVESP, s/p). Essas ferramentas contribuíram significativamente para o aumento da EAD no Brasil, isto é, no desenvolvimento de novas ferramentas para a melhoria do ensino/aprendizagem. Paese (2012) menciona que as tecnologias trouxeram ao ensino a distância uma maior participação da sociedade, no ensino superior, por meio da aprendizagem virtual. Nos anos 2000, a internet caminhava a passos lentos, mas, ao decorrer dos anos, houve um avanço vertiginoso.

No início de 2020, a sociedade passou por uma grande turbulência advinda da pandemia da Covid-19. Com ela, várias vidas foram dizimadas. As pessoas também tiveram que se reinventar em todos os sentidos, tendo em vista o isolamento social. No setor educacional, as desigualdades ficaram evidentes, bem como a necessidade da formação dos profissionais para com os recursos tecnológicos.

Todas as escolas, faculdades e universidades (públicas e privadas) tiveram que fechar suas portas. Mas a educação tinha que continuar. Daí o ensino on-line foi difundido que, a partir de então, ficou mais que evidente a importância e os investimentos massivos no setor tecnológico aliado à educação. A partir de Lima et. al. (2021, p. 22):

Diante da situação emergencial, Governos Estaduais e Municipais,

prescindindo da estrutura necessária para a prática de EAD, depararam-se com a necessidade de concentrar esforços (...) para o desenvolvimento de situações de aprendizagem remota, que, em geral, estão sendo mediadas pelo uso das tecnologias.

Essa primeira abordagem, realizada de forma sucinta, teve como objetivo fazer uma situação histórica breve a respeito da EAD no país. Que, de uma positiva, democratizou o acesso ao ensino superior que, até então, estava centrada nas classes que detinha um poder aquisitivo.

No próximo subcapítulo, trataremos sobre os Referenciais de Qualidade para os Cursos a Distância, que são importantes para a qualidade da EAD nas instituições públicas e privadas.

2.2 ANÁLISE E REFLEXÃO ACERCA DOS REFERENCIAIS DE QUALIDADE PARA CURSOS A DISTÂNCIA

Neste subcapítulo, falaremos sobre os Referenciais de Qualidade para os cursos a distância no nível superior. No Brasil, com o advento das TICs, como já mencionado na seção anterior, proporcionou um avanço considerável da EAD no país. E, para isso, fez-se necessário políticas e normativas para manter o controle de qualidade nas instituições.

Para compreendermos o ensino mediado por ferramentas digitais em números, segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e veiculados, no Blog Inter Saberes, no ano de 2021, entre 2009 a 2019 verificou-se um aumento de 378,9% em matrículas em cursos superiores a distância, saltando de 330 mil para mais de 1 milhão, ante 17,8% de matrículas, no presencial, no mesmo período comparada a EAD. Diante disso, vemos o salto considerável do ensino virtual. Esses números podem ser explicados, entre outras questões, devido à separação “(...) fisicamente no espaço e/ou no tempo (...) e indisponibilidade de tempo nos horários tradicionais de aula, uma vez que a modalidade de Educação a Distância contribui para a formação de profissionais sem deslocá-los de seus municípios (...) (ALVES, 2011, p. 84).

Quanto aos Referenciais, uma publicação sobre esse mesmo assunto foi realizada no ano de 2003, porém atualizada em 2007, como justificativa:

As mudanças aqui implementadas são justificadas em razão das alterações provocadas pelo amadurecimento dos processos, principalmente no que diz respeito às diferentes possibilidades pedagógicas, notadamente quanto à utilização de tecnologias de informação e comunicação, em função das discussões teórico-metodológicas que tem permeado os debates acadêmicos (BRASIL, 2007, p. 3).

Assim, é de cabível compreensão que, devido ao avanço tecnológico, das abordagens das práticas pedagógicas e das novas de formas de ver a educação,

fizeram com que o Ministério da Educação (MEC) trouxesse novos parâmetros para o ensino superior a distância.

É importante salientar, ainda, que o documento que analisaremos, nesta seção, não tem poder de lei, mas sim sugestões que podem trazer melhorias para o ensino virtual nas instituições. O MEC, antes de aprovar as definições contidas no regulamento, ouviu a comunidade, por meio de consulta pública.

O Ministério da Educação pontua que os Referenciais elaborados não são uma padronização do ensino, cabendo às instituições se adequarem às realidades dos discentes e às ferramentas tecnológicas que melhor se enquadram às realidades: “A natureza do curso e as reais condições do cotidiano e necessidades dos estudantes são os elementos que irão definir a melhor tecnologia e metodologia a ser utilizada (...)” (BRASIL, 2007, p. 7).

Por conseguinte, as unidades devem ter como tópicos em comum para um direcionamento à qualidade:

- (A) Concepção de educação e currículo no processo de ensino e aprendizagem;
- (B) Sistemas de Comunicação;
- (C) Material didático;
- (D) Avaliação;
- (E) Equipe multidisciplinar;
- (F) Infra-estrutura de apoio;
- (G) Gestão Acadêmico-Administrativa;
- (H) Sustentabilidade financeira.

Neste trabalho, não iremos nos deter de mencionar de forma detalhada todos os aspectos que devem ser levados em consideração pelas instituições, mas sim àquelas que, segundo o autor deste trabalho, são muito relevantes para o contexto de qualidade.

2.2.1 Concepções de educação e currículo de ensino e aprendizagem:

Neste tópico, a instituição deve ter claro qual a sua concepção de educação e que universitário deseja formar. Esses conceitos são muito importantes, pois é a identidade da instituição. Ainda, é necessária a visão de currículo e modelos inovadores que a instituição preconiza:

Daí a importância da educação superior ser baseada em um projeto pedagógico e em uma organização curricular inovadora, que favoreçam a integração entre os conteúdos e suas metodologias, bem como o diálogo do estudante consigo mesmo (e sua cultura), com os outros (e suas culturas) e com o conhecimento historicamente acumulado (BRASIL, 2007, p. 9).

Deve-se ter claro que o modelo presencial não poderá ser transferido para a EAD, devendo os envolvidos levar em consideração a espacialidade e a

temporalidade. Muitas vezes, o não sucesso das instituições educacionais EAD e o número elevado de evasões são a visão reducionista do ensino virtual, querendo utilizar como base o presencial. Aqui, temos duas modalidades de ensino distintas com públicos distintos.

Quando falamos sobre o modelo EAD, não se deve pensar em um ambiente sem nenhuma inovação e fragmentada. Deve-se observar quais as ferramentas que serão úteis para que o aluno possa se desenvolver, levando em consideração as suas singularidades.

Com tais procedimentos elencados pelo MEC, por meio dos Referenciais, faz com que as instituições cheguem a um ponto em comum: propiciar uma educação de qualidade independentemente da modalidade e assim:

A filosofia de aprendizagem deve ser a mesma em qualquer lugar: na modalidade a distância, todos os recursos disponíveis devem propiciar a integração com o estudante com vistas a garantir o desenvolvimento educacional, possibilitando angariar novas habilidades e competências profissionais a que o curso se propõe (SARTORE, 2014, p 44).

O MEC também sugere que seja trabalhado com os estudantes, por meio de alguma disciplina introdutória, sobre as ferramentas digitais, o ambiente da unidade de ensino, para que, assim, possam ter conhecimentos prévios. Embora estejamos falando de uma modalidade que exija do estudante tais conhecimentos, entretanto há realidades distintas.

Portanto, todas as informações sobre currículo, avaliação, encontros, abordagens devem estar, no plano curricular do curso, e de livre acesso aos universitários.

2.2.2 Sistemas de comunicação

Este ponto é de extrema importância e está diretamente associado às TICs. As instituições devem pensar em modelos, nos seus ambientes virtuais (AVAs), de ferramentas comunicacionais entre estudantes/docentes, docentes/docentes e estudantes/estudantes. Tal interação será importante para o próprio processo de ensino e aprendizagem: “(...) o princípio da interação e da interatividade é fundamental para o processo de comunicação e devem ser garantidos no uso de qualquer meio tecnológico a ser disponibilizado” (BRASIL, 2007, p. 10).

Com isso, as instituições devem dispor de meios para que os alunos possam esclarecer dúvidas quanto ao sistema, materiais, métodos, metodologia, entre outros, em um menor tempo possível. Para isso, deve estar claro, no Programa Pedagógico do Curso, tais sistemas. Alguns são claramente utilizados em muitos ambientes: fóruns, chats, mensagens privadas, e-mails, videoconferências. Este último, é necessário não somente no seu aspecto de interação por interação, mas

sim uma forma de o aluno ter contato, a partir do professor, com o conteúdo pedagógico e o tira-dúvidas. O fórum não pode ser suprimido, visto que é uma forma de os alunos debaterem com os docentes e os próprios colegas assuntos relevantes da matéria. O que cada instituição pode e deve fazer é aprimorar e proporcionar metodologias ativas e invertidas.

O processo comunicativo também está envolvido com os momentos presenciais nos polos de apoio, sendo uma obrigatoriedade segundo o decreto 9.057/2017. Tal encontro é de suma para a interação entre alunos e tutores, para que, assim, o discente não se sinta só e compreenda que há uma equipe de apoio para orientá-lo.

O que vemos, muitas vezes, é encontro presencial para momentos de provas. Isso deve ser repensando pelas faculdades/universidades, haja vista que é uma forma de aprimorar os conhecimentos dos discentes.

2.2.3 Material didático

O material deve estar em consonância com os conteúdos programáticos, parece ser óbvio, mas é necessário para o êxito no processo de aprendizagem. A produção do material deve ser realizada por professores capacitados e, se possível, que haja uma elaboração exclusiva por parte deles, assim os profissionais terão mais propriedades na abordagem dos conteúdos.

Disponer de um PDF, vídeo e áudio, por exemplo, não é uma boa prática de elaboração de material didático. Na internet, há uma infinidade de aparatos, claro, porém isso não significa que o docente deva copiar e colar. Quanto aos vídeos, de preferência que sejam elaborados pelo próprio profissional; vídeos do Youtube podem ser utilizados como complemento. Há muitos cursos, no mercado, que não levam a sério o material e, para que isso ocorra de forma satisfatória, é importante uma equipe multiprofissional, isto é, que, conjuntamente, elaborem um material interativo e que dialogue, de forma interdisciplinar, com outras disciplinas.

Logo, “produção de material impresso, vídeos, programas televisivos e radiofônicos, videoconferências, CD-Rom, páginas WEB, objetos de aprendizagem e outros, para uso a distância” (...) (BRASIL, 2007, p. 13) podem ser utilizados para que atendam às diversas particularidades dos alunos, isso mesmo, na elaboração do material deve ser atentado ao processo individual de absorção do assunto.

Os objetivos de aprendizagem devem estar evidentes nos materiais didáticos desenvolvidos para os discentes. Assim, eles serão capazes de identificar as habilidades e competências que deverão se apropriar ao término do módulo/disciplina. As instituições podem complementar da forma que acharem necessárias,

contudo deve ter em mente os preceitos básicos aqui mencionados.

2.2.4 Avaliação

Quanto a este tópico, é de extrema importância e o docente deve ter o máximo de cuidado para fazer um processo democrático, cuidando das particularidades de cada um. Os referenciais do MEC preconizam dois tipos de avaliação: institucional e do próprio discente. Este último, deve ser levado em consideração vários métodos avaliados, não eximindo, claro, o processo presencial de avaliação, já que é uma normativa do Ministério da Educação.

Não é porque os graduandos têm um nível de maturidade que o processo será realizado de qualquer forma. É muito importante que seja levado em consideração a avaliação como construção da criticidade do próprio universitário. Segundo Silva (p. 37):

O professor, ao organizar sua aula e propor uma avaliação, tem que considerar as etapas que o aluno irá percorrer, a partir de sua vivência social, de seu conhecimento prévio. Esse processo tem que ser entendido de forma dinâmica e não estática ou como um ritual burocrático que todos devem, necessariamente, cumprir, tendo como parâmetro um modelo ideal.

A avaliação não se reduz ao rito de uma prova, necessariamente, com enunciados de múltipla escolha ou dissertativa. Como o próprio autor mencionou, é necessário considerar as etapas e vivências dos discentes. E, para isso, como já mencionado, o professor deve utilizar as múltiplas formas de avaliação e, claro, os aspectos qualitativos em detrimento dos quantitativos. Prova não é sinônimo de aprendizado.

Nesta etapa, o maestro também deve utilizar a autoavaliação como forma de identificar o que está errando e acertando. Não se pode conceber a avaliação como algo exclusivo para o aluno.

Por fim, existe a avaliação institucional, aquela na qual o aluno avalia a instituição, bem como o corpo docente. Aqui, também entra o canal de Ouvidoria, que é uma forma de autoavaliação por parte da instituição.

2.2.5 Equipe multidisciplinar

Entende-se por equipe multidisciplinar aquela em que há uma variedade de profissionais de diversas áreas, com o objetivo de prestar suporte, nos diversos âmbitos, dentro de uma organização e, neste caso, no educacional. Segundo o MEC, a equipe deve estar assim distribuída em funções de planejamento, implementação e gestão. Os docentes, tutores e técnicos-administrativos devem estar em constante aperfeiçoamento para garantir suporte aos usuários e qualidade na prestação dos cursos.

O Ministério ainda pontua a importância da qualificação dos coordenadores de polos e tutoria a distância, visto que são áreas indissociáveis para o funcionamento dos cursos EAD.

2.2.6 Infraestrutura de apoio

Os polos de apoio presencial devem conter uma infraestrutura para atender aos alunos desde materiais, como televisão, computador, projetor, telefone, impressora; apoio físico: biblioteca (com acervos atualizados de livros), laboratório, sala de estudos, secretaria. Esses itens são de fundamental importância para manter de pé a operacionalização dos cursos em determinada localidade.

2.2.7 Gestão acadêmico-administrativa

Neste tópico, as instituições devem proporcionar aos alunos matriculados, nos cursos, as mesmas condições de acesso ao suporte administrativo, seja para a realização de matrículas, emissão de declarações, acesso a livros, setor financeiro, entre outros. Ainda, há a disponibilidade da tutoria presencial para suporte aos estudantes.

2.2.8 Sustentabilidade financeira

Para garantir a qualidade, as instituições devem investir nos polos e na sede, com equipamentos que serão importantes para o processo de ensino e aprendizagem até a elaboração de materiais e contratação de pessoal. Logo, este último apartado diz respeito a capacidade da instituição de se manter financeiramente e também poder investir em equipamentos para seus polos de apoio presencial. A sustentabilidade financeira é um dos principais pontos que são avaliados pelo MEC no ato de credenciamento das instituições.

Por conseguinte, a abordagem tratada aqui, neste trabalho, trouxe à tona uma temática muito necessária: os Parâmetros para a qualidade nos cursos EAD no país. Com a normativa 9.057/2017, dá mais transparência e rigor ao ensino virtual, devendo as instituições trabalharem na manutenção da qualidade tanto quanto o presencial. Com tais normativas, dá à sociedade cível garantia que, de fato, a educação, no ambiente virtual, é segura e de qualidade. Claro que a equipe de docentes e tutores são de extrema importância, já que mediarão a aprendizagem.

Não poderemos ser ingênuos ao ponto de acreditar que há, no mercado, somente instituições de qualidade, mesmo àquelas credenciadas ao MEC. Cada indivíduo deve ter a capacidade de fazer uma pesquisa de mercado, bem como visitar o site do e-mec para conferir a idoneidade, conceitos/notas, entre outros,

referentes às instituições.

Ainda há, na sociedade, infelizmente, um preconceito quanto ao ensino EAD e também a não adaptação à modalidade, que requer autonomia e planejamento.

A partir da abordagem deste trabalho, foi obtido como resultado uma reflexão acerca da contextualização da EAD, no Brasil, além dos Referenciais de Qualidade do MEC, que são ferramentas basilares para que as instituições possam oferecer qualidade na oferta dos cursos EAD.

Ainda, concluímos que, não necessariamente, o credenciamento junto aos órgãos regulatórios, bem como seguir os Referenciais não são indicações de qualidade, mas sim o avanço constante das instituições procurando inovações e metodologias assertivas.

3 CONCLUSÃO

Após as discussões levantadas, neste trabalho, pudemos compreender um breve contexto história da EAD no país, bem como os Referenciais para o controle de qualidade que, apesar de não ter poder de Lei, são importantes para que as instituições possam proporcionar qualidade em seus cursos. É mais que perceptível que, nos últimos anos, a educação a distância cresceu consideravelmente, oferecendo aos que não podem ter acesso à universidade presencial, educação de qualidade e a qualquer momento por meio a distância, além de acompanhar o compasso de aprendizagem do aprendiz.

A pandemia mostrou ao país o grande potencial da EAD, mas, para que isso ocorra, deve-se haver políticas e recursos em prol da expansão dessa modalidade, seja no âmbito público ou privado. Ainda, é compreensível que a qualidade do ensino é muito equiparável ao presencial, sendo que o que será decisório é o apoio do docente, a gestão acadêmica, administrativa e, claro, a capacidade autônoma do universitário.

Por fim, é considerável mencionar que este trabalho foi importante como um instrumento de reflexão sobre o ensino EAD, no país, e sua qualidade, muito importante para o contexto no qual estamos inseridos.

4 REFERÊNCIAS

ALVES, Lucineia. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. *Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e Distância*: São Paulo, v. 1º, 2011, p. 84-92. Disponível em: http://www.abed.org.br/congresso2015/anais/pdf/BD_349.pdf. Acessado em: 18 fev. 2020.

BRASIL. *Universidade Aberta do Brasil (UAB)*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/politica-de-educacao-inclusiva?id=12265>. Acessado em: 16 fev. 2022.

Como surgiu o EAD? EAD, 2016. Disponível em: <https://www.ead.com.br/como-surgiu-ensino-a-distancia>. Acessado em: 16 fev. 2022.

COSTA, R. A. A EDUCAÇÃO NO BRASIL: concepções, histórico e bases legais. *Revista Científica da FASETE*, Paulo Afonso, Edição 17, n.12, p. 59-74, 2017. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2017/12/a_educacao_a_distancia_no_brasil_concepcoes_historico_e_bases_legais.pdf. Acessado em: 16 fev. 2022.

Ead, tecnologias e TIC / Wilson Massashiro Yonezawa, Daniela Melaré Vieira Barros (organizadores). – São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2013. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/af-livro_12_barros-v2.pdf. Acessado em: 18 fev. 2020.

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, 21 dez. 1996.

LIMA, E. B; PAIVA, S. C; GOULART, J. C. ENSINO A DISTÂNCIA FRENTE À PANDEMIA COVID-19. *REEDUC: UEG*, v. 7, n. 1, p. 20-31, jan/abr 2021. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/reeduc/article/download/11064/7995/>. Acessado em: 18 fev. 2020.

Número de alunos que ingressam no EAD já é maior do que no ensino presencial. Inter Saberes, 2021. Disponível em: <https://www.intersaberes.com/blog/numero-de-alunos-que-ingressam-no-ead-ja-e-maior-do-que-no-ensino-presencial/#:~:text=Entre%202009%20a%202019%2C%20o,de%20estudantes%20praticantes%20da%20modalidade>. Acessado em: 17 fev. 2022.

O que é TIC? Disponível em: <https://apps.univesp.br/o-que-e-tic/>. Acessado em: 17 fev. 2020.

OLIVEIRA, Aldimária Francisca P. de; QUEIROZ, Aurinês de Sousa; SOUZA JÚNIOR, Francisco de Assis de; SILVA, Maria da Conceição Tavares da; MELO, Máximo Luiz Veríssimo de; OLIVEIRA, Paulo Roberto Frutuoso de. Educação a Distância no mundo e no Brasil. *Revista Educação Pública*, v. 19, nº 17, 20 de agosto de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/17/ead-educacao-a-distancia-no-mundo-e-no-brasil>. Acessado em: 18 fev. 2020.

PAESE, C. R. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD) E O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS), BASEADA EM AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM (AVA): ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA TUTORIA ON-LINE. *Revista eletrônica do curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG*, V.1, n. 12, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/download/20377/pdf/166587>. Acessado em: 18 fev. 2020.

Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância: Versão Preliminar. Ministério da Educação/Secretaria de Educação a Distância. 2007.

SARTORE, J. F. REFERENCIAIS DE QUALIDADE NO ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA. *Anhanguera Educacional*: v. 05, n. 13, p. 41-

50, abril, 2014. Disponível em: <https://repositorio.pgsskroton.com/bitstream/123456789/1476/1/Artigo%204.pdf>. Acessado em: 18 fev. 2020.

SILVA, S. C. *A METODOLOGIA DIALÉTICA*. Editora Prominas. Livro do curso de Metodologia do Ensino Superior: Núcleo de Educação a Distância.

CAPÍTULO 4

EDUCAÇÃO TEOLÓGICA, ESCOLA BÍBLICA E ENSINO NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL: A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE RELIGIOSA EM MEIO À MODERNIDADE MIDIÁTICA.

Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa¹

Introdução

A história da Assembleia de Deus tem as suas raízes em Chicago, a cidade norte-americana onde o pentecostalismo mais cresceu nos primeiros tempos e na qual boa parte da população era constituída de imigrantes ou filhos de imigrantes. Entre estes estavam dois suecos de origem batista: Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel Berg (1885-1963). Vingren, foi para os Estados Unidos em 1903 e estudou no seminário da igreja batista sueca em Chicago. Em seguida, pastoreou algumas igrejas e abraçou o pentecostalismo, época em que conheceu o colega Daniel Berg. (BARTLEMAN, 2010).

As duas igrejas pioneiras do pentecostalismo brasileiro tiveram sua origem em Chicago, através do ministério de William H. Durham. Um dos seus discípulos foi o italiano Luigi Francescon (1866-1964), que havia emigrado para os Estados Unidos em 1890 (ALENCAR, 2011). Em Chicago, ele se converteu ao evangelho e foi um dos fundadores da Igreja Presbiteriana Italiana daquela cidade. Em 1903, foi batizado por imersão e passou a reunir-se com um grupo *holiness*, até descobrir a mensagem pentecostal na igreja do pastor Durham. Foi batizado com o Espírito Santo em 1907. Em 1909 ele e Giacomo Lombardi foram a Buenos Aires, onde abriram uma igreja. No início do ano seguinte, Francescon visitou São Paulo e a pequena Santo Antônio da Platina, no Paraná. Numa segunda visita, em junho de 1910, ele criou a Congregação Cristã, que resultou em parte de um cisma na Igreja Presbiteriana do Brás, constituída em boa parte de

1 Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000) com ênfase em antropologia, também é sociólogo com registro no MTB e presta serviço de pesquisa a Housecriativa editorial. Bacharel em Direito pela ITE-Bauru -Advogado n OAB-SP 314.526 atuante em direitos humanos e do trabalho, Mestre em filosofia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, licenciado em filosofia com especialização em filosofia e educação pela Uniclaretianas, cursa sua quarta graduação em formação pedagógica no IFSP, doutorando em educação, arte e história da cultura na UPM.

italianos. (BARTLEMAN, 2010)

Eclesialmente falando, os pentecostais consideram-se povo/exército dos remidos pelo sangue de Jesus, comunidade dos renascidos e dirigidos pelo Espírito Santo (HOLLENWEGER, 1976, p. 425).

O sentimento de pertença e acolhida não é circunscrito apenas ao nível da congregação local. Este sentimento é macro, pois se estende à organização eclesial como um todo. Desta forma, o intercâmbio de crentes de igrejas menores para com igrejas sede reforçariam laços de união e mútua ajuda. Os crentes de outros templos que se encontram, por exemplo, no templo sede de uma região, falam dos progressos de sua congregação, do trabalho lá realizado, de como Deus está abençoando a obra, etc..(ROLIM, 1987, p. 44)

Outro aspecto muito presente na vida comunitária pentecostal, seja em vigílias, jejuns ou cultos, é o chamamento de pessoas para o testemunho delas sobre a ação maravilhosa de Deus em suas vidas O crente é convidado ou vai espontaneamente e livremente falar sobre como Deus teria o abençoado no trabalho, na família; como Deus o teria curado de uma doença; da proteção de Deus num momento difícil, etc (CAMPOS JR, 1995, p. 69).

Forçoso seria nesse trabalho de apresentação retornar a historia do pentecostalismo e dessa igreja em especial há varias obras que exploram essa face com muito mais competência do que o presente autor tal como Cartarxo Rolim, Mariano, Gedeon Alencar e do ponto de vista subjetivo Emilio Conde. Segundo Antoniazzi (1996) o Pentecostalismo em geral se caracteriza como uma experiência religiosa ou como uma espiritualidade cristã mais do que uma particular interpretação do cristianismo. Não se trata, por exemplo, de uma teologia do Espírito Santo, mas de uma maneira de se relacionar com o divino que creem sentir a presença ativa do Espírito na comunidade dos crentes e de perceber a manifestação do poder de Deus no individuo. Ou seja, Deus, age de fato ou creem que Deus age diretamente através do Espírito Santo em suas vidas, suas liturgias, sua vida econômica, sua saúde etc...

Da ojeriza ao estudo

Hoje em dia se fala em pentecostalismos, no plural mesmo, e há quem fale e com razão em assembleianismos, também no plural e com razão. Em especial a excelente pesquisa porém de questionável neutralidade² de Gedeon de Alencar

2 Gedeon faz parte de uma igreja cujo líder é inimigo central das AD's, pastor esse que o emprega em seminário e o fez pastor de uma igreja em crescimento. O pai de Gedeon parece que sofreu dentro do meio Assembleiano, ao menos relata isso em nota de rodapé que no enterro de seu pai houve rugas de lideranças e corre a boca miúda de que ele mesmo não tenha se comportado em seminário e sido expulso por lideres tendo assim vários motivos para ser inimigo das lideranças da AD,s embora o respeito pelos fieis seja igualmente patente.

(2013) que pretende construir a Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira - MPAB – e diz que suas “identidades irreversivelmente fracionadas em divergências internas”, gerando os assembleianismos urbano, rural, difuso e autônomo, clássico, pois como deixa claro em sua introdução “Não se trata, assim, de uma igreja, mas de diversas, distintas, concorrentes e divergentes entre si, muito parecidas com o país onde nasceram, cresceram e se consolidaram. Portanto, Assembleias Brasileiras de Deus”.

É através da reconstituição dessa memória contida em arquivos textuais, audiovisuais, iconográficos, existentes na Instituição, que pode-se compreender as transformações que se deram através dos tempos e podem situar-se de forma consciente, reformulando o que for necessário para a construção da realidade onde todos serão agentes partícipes. Alencar (2013) vai denunciar a difícil relação entre brasileiros e suecos após um tempo de convivência e de como a Assembleia de Deus vai ter passar de um ethos sueco para um ethos tipicamente brasileiro. Vai se tornar sobretudo no modo de fazer liderança uma igreja brasileira cheia de jeitinhos e prevalência de interesses, porém, sociologicamente e do ponto de vista do fiel, vai ser uma igreja santificada e de certo modo benéfica para sua identidade.

Marcada pela pluralidade e complexidade, a história pentecostal brasileira nunca apresentou uma só matriz histórica, alias todas igrejas de advindas do protestantismo são, por marca inicial, separatistas seja no mundo ou em terras brasileiras. As duas primeiras igrejas pentecostais no Brasil, a Congregação Cristã (1910) e a Assembleia de Deus (1911) desde seu fundamento já apresentavam diferenças entre seus modos de ser e se apresentar, nas suas doutrinas e cultos. O pentecostalismo por característica histórica - fundamental nunca foi baseado no estudo intelectual e teológico, mas na experiência pessoal e popular na crença da ação direta do Espírito Santo, e nos seus dons a saber: os milagres, a glossolalia a xenolalia e a cura. Segundo Mariano, reafirmado por Alencar, hoje os pentecostais clássicos a buscam, em decorrência da sua ascensão econômica e social, a formação acadêmica e, sobretudo, a teológica, antes totalmente criticada e hoje como afirma Alencar inclusive com reconhecimento do MEC.

As igrejas deuteropentecostais, classificadas por Freston como a segunda onda, que significa um outro ou segundo pentecostalismo (o termo deuterio significa segundo, advém de deuteronomio, que significa segunda lei) são as igrejas que surgem já adaptadas as diversas mudanças culturais que provêm do processo de urbanização e certo rompimento que o tradicionalismo moral típico das igrejas pentecostais traziam desde sua influencia rural e puritana. Enfatiza mais a liberdade de culto(não se aplica a IPDA que tem em sua característica um ideário ético e litúrgico extremamente conservador) e gênero, a cura divina e novas formas de expressão litúrgica. Segundo a pesquisa de Mariano (1995) seriam as

dissidentes das pentecostais clássicas, que, a partir da década de 50, começaram a surgir, dentre elas as mais conhecidas são: O Brasil para Cristo (1955), Deus é Amor (1962), Casa da Bênção (1964), Evangelho Quadrangular (1964) entre outras.

A outra vertente do ramo pentecostal, que começou a surgir nas décadas de 70 e 80 é o neopentecostalismo. Segundo Freston esta é a terceira onda de pentecostais. São elas: Universal do Reino de Deus (1977), – que é a principal delas, a Internacional da Graça (1980) e Cristo Vive (1986). Estas três, ao lado de Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976), comunidade da Graça (1979), Renascer em Cristo (1986) e a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (1994) são as referências principais. Sua característica principal, que a diferencia das clássicas, além dos dons de cura, falar em línguas que é tipicamente do pentecostalismo, é a ênfase na teologia da prosperidade. Sobre isso nos diz MATOS (2006):

Ao lado das manifestações espirituais extraordinárias como glossolalia, curas, profecias e exorcismo, os carismáticos e neopentecostais brasileiros caracterizam-se por uma forte ênfase na “teologia da prosperidade,” outra influência norte-americana, difundida por líderes como Kenneth Hagin e Benny Hinn. Este tem sido um dos principais elementos do maior fenômeno ocorrido no protestantismo brasileiro nas últimas décadas: a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Diferente das outras pentecostais, os neopentecostais tem participação ativa na vida política, elegendo candidatos próprios (ultimamente esse é um interesse crescente entre os clássicos também), porém com alguma diferença, foram registradas coações e pressão intensa para que os fiéis votassem exclusivamente em seus candidatos enquanto nas pentecostais há apenas apoio e recomendações, não ousam os pentecostais clássicos a usar o púlpito como propaganda política, deixando isso mais aos seus meios de comunicação. Uma das formas muito usadas pelos neopentecostais para propagar suas mensagens e manter as igrejas com grande frequência é a comunicação em massa. Grande parte de seus investimentos tem sido em mídia, tanto em rádio como em televisão. Quanto a isso nos diz Mariano:

Sua expansão se deve, em grande medida, à eficiência no uso dos meios de comunicação de massas, sobretudo o rádio, veículo no qual sempre fez proselitismo. Nos primórdios, procurava alugar horário nas emissoras logo após o término de programas de pais ou mães-de-santo, para aproveitar a audiência dos cultos afro-brasileiros.

No Brasil, a história da expansão do pentecostalismo está ligada a história das assembleias de Deus. De marca profundissimamente missionária e evangelística elas cumprem em uma crença literal da ordem dada por Jesus descrita em Marcos 16:15, (E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda

criatura. BÍBLIA, 2007). Esse cumprimento dessa palavra é para o fiel assembleiano uma obrigação.

Em Geertz (1978), a religião é um sistema de significados que estabelece uma relação fundamental entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica (visão de mundo). Exatamente pelo pentecostalismo oferecer uma visão rígida e ao mesmo tempo simples de como o mundo se organiza é que atrai muitos jovens.

Em um período de pós-modernidade, onde o mundo, as instituições públicas, a família, a política não oferece respostas convincentes e estão em crise de identidade (HALL, 2006) os jovens encontram um lugar que lhe vai oferecer um comportamento diferente de tudo ao redor. Lá vão encontrar algo raro, que o mundo não oferece, um abraço, compreensão, serem ouvidos por outros jovens, e principalmente um agrupamento social coeso, em que um se preocupa com o outro, como se diz no discurso um ama o outro.

Em excelente ensaio Paz Alves (2011) mostra algo interessante:

Ser jovem no contexto pentecostal da Assembleia de Deus, no caso que apresentaremos aqui, implica em seguir um caminho que contraria, em princípio, o que é vivenciado pelos/as demais jovens em sociedade. Tal afiliação representa, provenha-se ou não de berço evangélico, a escolha por uma distinção (Bourdieu, 2007), que se atrelada a uma vivência religiosa que implica em seguir padrões de conduta que remetem a uma separação da sociedade inclusiva – “do mundo secular” –, particularmente de determinados elementos “perigosos” desta, vistos como nocivos à vida cristã. Por fim, exige-se um disciplinamento da mente e do corpo, de modo que em cada gesto, na forma de vestir e de falar, se demonstre que se trata de alguém “separado do mundo”. A percepção do “ser diferente” apresenta distintos acentos, destacando-se a noção de separação “do mundo”, vista como algo positivo e superior ao que vivenciam os/as demais jovens, com a contínua afirmação que se é “normal” apesar da diferença. De qualquer forma, também se vivenciam situações e conflitos comuns aos jovens de hoje, já que também se comunga, num amplo sentido, de uma realidade similar enquanto juventude. Ambiguidades e ambivalências são apreendidas nas falas dos/as interlocutores/as, conforme demonstraremos ao longo do trabalho.

Assim se busca uma resposta, uma distinção e uma identidade jovem que a igreja vai oferecer. Sobretudo há um grupo coeso de amizades confiáveis algo raro no mundo de hoje. Claro que em todo agrupamento humano ocorrem falhas, mas um discurso dominante de que ele vai ser aceito e amado.

Claro que também o contemporâneo traz em si o consumo e o amor ao dinheiro imposto pelo desejo do humano e de um sistema de valores. Há um culto ao dinheiro, o objeto de desejo e de adoração não é algo transcendente mas sim, o vil metal, o Deus se torna dinheiro (AGAMBEN, 2004). No capitalismo não há perdão de vidas há garantias de dívidas, que se tornam novos lucros. No

capitalismo não se pode pagar com sangue do Cordeiro suas dívidas. Também é pouco provável que uma divindade vá pagar as dívidas creditícias, disso só decorre a descrença na força de Deus e a crença na força do capital.

Além da perda dos valores do espírito, a ciência e a técnica causaram um desgaste profundo nas relações humanas. Buber (2001) observou agudamente que, com o passar dos séculos, o mundo material se engrandeceu mais e mais, enquanto o mundo das relações pessoais pouco a pouco se restringiu. Um processo é a consequência do outro, visto que “o desenvolvimento da capacidade de experimentar e de utilizar cresce com a diminuição da capacidade do homem de criar uma relação dialógica”(op. cit. 2001, p. 45) Hoje, parece que a relação dialógica ficou menor, e que tenha cedido lugar àquela do domínio entre homens e de subjugação entre estes e a natureza e subjugando a próprio Deus.

A historia da cultura e do estudo dentro das ADs

Assim nas ADs, em meio a esse mundo fundam sua comunidade na igreja, que é algo separado, santo, desse mundo e que oferece a plenitude, não da vida humana, mas de Deus, e segundo a crença da ADs o que vem de Deus é melhor do que aquilo que o mundo oferece. Hoje, nas ADs, se aceita os produtos das tecnologia, mas ainda assim sua historia foi fundada em gente que renegava as tecnologias e confortos do mundo.

O pesquisador ao analisar relatos deve ter um cuidado extremo, uma vez que esses relatos não são imbuídos de objetividade científica, mas sim de subjetividade. Não é diferente com o “diário de um pioneiro” e de “enviado por Deus”, que são o conjunto de relatos dos fundadores da ADs, publicados pela CPAD. Além de subjetividade, quase toda publicação da CPAD tem certo entusiasmo torcedor da história das ADs. Alencar denuncia a suspeita nos Escritos de Emilio Conde “historiador oficial da igreja” de fato, há vários erros que devem ser atribuídos a certa hipervalorização da sua instituição.

Mas será que toda fonte subjetiva deve simplesmente ser deixada de lado? A resposta é não. Na falta relatos históricos é nelas que se deve filtrar a busca pela rela historia. Segue se algumas análises das obras “diário de um pioneiro” e de “enviado por Deus” respectivamente atribuídas a Gunnar Vingren e Daniel Berg. Disso há de se tentar filtrar a historia do crescimento dos primeiros anos da AD.

Antes de tudo um papel importante ao crescimento da AD assim como no protestantismo no Brasil foi o trabalho de Colportagem, a colportagem assembleiana não era só uma venda de livros, segundo Benatte (2010) alem de vender bíblias e outros textos promovia a própria evangelização e pregação da palavra. Durante o livro enviado por Deus, Berg relata inúmeras vezes em que vendia Bíblias e logo fazia cultos nas casas em que aceitavam. Ter um livro,

principalmente a bíblia, antes restritas a sacerdotes católicos, que por causa do magistério da igreja proibia o fiel comum de ler era um ganho social tremendo.

Sobre a importância de se ter uma bíblia, sempre a mão e de modo até jocoso os pentecostais ainda hoje são chamados de “bíblias”. A importância de se ter um bíblia é fundamental para o assembleiano sobre isso relata Monteiro(1982, p.109): “Para a massa, (a Bíblia) é opaca e rígida como uma durindana. Portada, exibida, brandida, ela é ‘a espada do crente’, muito mais símbolo de combate do que livro aberto à inteligência.” Além de ter um livro, coisa de rico (ALENCAR, 2013), era a palavra de Deus, representava certo status. Existe largo registro de que os primeiros colportores logo ensinavam pessoas a ler.

Justiça seja feita, a AD foi a maior escola livre de alfabetização gratuita que já existiu em território nacional. Até 1988 quando a educação virou obrigação do Estado para todos em todas as idades eram inúmeras a pratica de alfabetização de adultos e jovens dentro da igreja, até hoje muitos idosos semianalfabetos funcionais dizem que “aprendi a ler na igreja”. Após 1988 é comum nos quadros de avisos das igrejas até os dias de hoje anuncio de escolas publicas de EJA. Isso é importante, pois para ser pentecostal significa ler e manusear a Bíblia. Embora estimulada a leitura não era obrigatória, relata Benatte:

O não saber ler e escrever não impedia a participação ativa e criativa das pessoas, homens e mulheres, na vida comunitária da igreja. As próprias crenças e práticas religiosas – a busca de dons e capacitação do Espírito Santo – foram mobilizadas para superar os obstáculos representados pelo analfabetismo. A crença na efusão democrática do Espírito, como cumprimento contemporâneo da profecia de Joel, 2: 29-32 – “E há de ser que depois, derramarei o meu Espírito sobre toda a carne...” – abria espaço para a participação leiga nos serviços religiosos, mesmo para os analfabetos.

Assim uma igreja democrática mente inédita logo haveria de ter aceitação e crescer. Porém a leitura era estimulada e ensinada, ainda que sem muita qualidade nas igrejas. Mais tarde na segunda fase de institucionalização também foi a maior escola livre e gratuita de música do Brasil³.

A mensagem assembleiana também oferecia algo que as igrejas históricas protestantes e católica não faziam: uma oportunidade o homem pobre iletrado e simples de um fuga dos sofrimentos desse mundo. Enquanto a mensagem católica pregava a conformação aos sofrimentos, e a protestante pregava a salvação, a pentecostal ia além, dava a valorização de uma pessoa pobre e iletrada ter contato direto com Deus através do Espírito Santo.

Aliado ao trabalho de colportagem Relata Berg que vendeu mais de 10.000

3 Na edição de 6 de junho 2011 a revista veja fala da importância da musica entre os evangélicos, e que eles se tornam os novos celeiros de musica erudita no Brasil, inclusive relata na reportagem que o atual maestro da OSESP é membro da ADs, disponível em : http://veja.abril.com.br/060607/p_104.shtml, acesso em 21/08/2014.

livros entre bíblias, novos testamentos e outros livros, medida um pouco exagerada, mas ainda que fosse apenas a metade disso seria um imenso feito e a mensagem se espalhará. Em pouco tempo, vinte igrejas se formaram entre Belém e Bragança. Berg ia de porta em porta, falando de Jesus e orando pelos enfermos, algo difícil no norte do país já que havia poucos padres e as outras igrejas protestantes não tinham muito esse costume, costumavam mais orar nos cultos. É importante apontar que a maioria das pessoas que São batizadas com o Espírito são mulheres, algo que até hoje predomina nas ADs, a maioria absoluta de mulheres. Isso é fácil de entender, num país machista, onde as mulheres que logo eram abandonadas por homens que refaziam suas vidas ao longe trabalhando nas coletas de borracha ou trem ou por causa destas mesmas dificuldades logo ficavam viúvas, sem muita oportunidade de trabalho ou sustento eram vitimas preferenciais da pobreza e exclusão.

A leitura pentecostal é literal e oral, não há uma teologia segundo os grandes manuais e escolas de teologia, mas sim talvez uma teologia oral e narrativa, espontânea, que passa longe da academia. É uma religião popular no sentido que Brandão estuda, que muda e se transmuta conforme o tempo.

Não procura uma teologia explicativa, pois não questiona ou interpreta a vontade de Deus, simplesmente o pentecostal aceita aquilo que é sua vontade. Vontade essa infelizmente e cada vez mais pervertida por homens que se dizem santos porta-vozes de Deus.

Assim, se constrói e produz a religião da espiritualidade do mercado. Dentre elas vem uma das mais fortes concorrentes do pentecostalismo clássico: o neo-pentecostalismo, adeptos da teologia da prosperidade encaram o mercado e o luxo como bênção divinas. Tal religião promete felicidade a todos os que a consomem. Essa promessa falha fragorosamente uma vez que poucos tem o poder de ter tudo o que se apresenta para consumo.

As mercadorias tem status divinos e de bênçãos. A elas se adjudicam características salvíficas. É no contanto com o novo sagrado que surge uma nova ética de ser a da competição e concorrência no mercado, seu semelhante passa a ser visto como concorrente. A mística que move as pessoas no capitalismo é ganhar dinheiro para ganhar mais dinheiro; comprar mais, comprar mais para consumir mais e mais. É no poder de consumo, que se mede o caráter de uma pessoa segundo essa lógica. O ser humano é medido em Ter e não em Ser. Numa sociedade assim, a pessoa tem a sua dignidade reconhecida nas relações mercantis, no mercado. Os pobres são marginalizados exatamente pela sua impossibilidade de acesso ao mercado. Esses milhares que são a maioria do mundo são invisíveis e reduzidos a mero problemas políticos, seres humanos incapacitados de participar de acesso aos bens que na eles mesmos produzem em um total estado de alienação, alienação do produto de seu trabalho, alienação causada pelo

sistema de propaganda. Na tentativa desesperada de sobreviver e de seus filhos perde-se o amor ao próximo.

Ao perceber isso os pentecostais não aceitam um mundo assim, mas ao invés de tentar mudá-lo, carentes de estudo crítico, no Brasil e, portanto de uma filosofia que mostra a força do povo, em um país cordial que mascara sua verdadeira condição de oprimido. Assim se fecha em suas comunidades religiosas buscando conforto. Assim sua expressão religiosa no início das assembleias é “o sofrer no mundo com ajuda de Deus”.

O mercado disfarça sua finalidade (o lucro) em respeito a certos direitos humanos, porém alcançar a plenitude desses direitos se tornam impossível visto a finalidade do mercado não ser alcançar esses direitos (meio ambiente ecologicamente equilibrado, justiça, saúde, educação pleno emprego etc..) e sim o lucro. Desse modo a finalidade do homem (e não só da empresa) também passar a ser o lucro, impossível não lembrar do epíteto de Hobbes, como nessa lógica pessoal vai surgir o homem: a reposta é apenas como lobo do homem, como concorrente de seu semelhante.

No seu início, as assembleias de Deus, percebendo, ainda que inconscientemente tudo isso, busca então uma igualdade e uma fraternidade em meio a sua comunidade religiosa. Assim surge um paraíso na terra - a igreja, mais do que a igreja - a irmandade, que lhes vem em socorro em meios das agruras urbanas. É no seio da irmandade que vão ser consolados quando perdem seus filhos para a modernidade em seu entorno. É a irmandade e as mensagens que oferecem consolo quando pela miséria um filho é encaminhado para o banditismo ou para as drogas; excluídos dos sistemas de saúde que no capitalismo só há saúde para ricos, os cultos oferecem uma possibilidade de cura ou consolo ante a morte inevitável, é nos cultos que milhares de desempregados têm promessa de emprego ou onde são acolhidos alimentos (COHEN, 2001). São vitimas do capital, mas vivem nele e percebem ao menos que há alguma coisa errada no mundo, é um mundo ao seu entorno que não se enquadra nas suas crenças.

Toda essa crise chamada modernidade, não passou despercebido aos religiosos, em suas crenças ferrenhas, cuja fé repousa sua própria identidade, assim tal crise provocou reações dos religiosos contra a perda dos valores religiosos que se impunham. Estamos em época de efervescência religiosa (CAMPOS, 2002) e a religião reagiu contra essas mudanças trazidas pela modernidade.

Existiram reações que podem variar desde o fundamentalismo ou anacronismo ou busca de identidade única que acreditamos ser o caso da ADs, mesmo com seus defeitos e atrasos visto que podem e estão melhorando.

Assim as manutenções de suas tradições não vão ser fáceis, muito menos a perda delas. A modernidade para o Assembleiano se constitui em uma crise e a rígida manutenção dos seus valores é uma reação a isso, uma forma de

proteger-se contra algo desconhecido que são os valores contemporâneos. Desse modo procura uma forma de ser e agir no mundo, que por vezes pode ser retrograda, mas consistente com uma identidade em formação. Sua identidade é ligada a sua convicção religiosa de santidade, a qual entende ser separação do mundo. Seu modo de ser e sua identidade constitui-se em santidade a qual argumenta ser separação do mundo e dos desejos do mundo. É assim que se definem como separados dos desejos mundanos.

Seu discurso é uma eterna afirmação de socorro que manifesta a impotência do homem ante a esse quadro caótico. Uma ideologia de salvação apocalíptica a qual o seu Deus logo vem lhe salvar desse mundo tenebroso. Assim se constitui o seu discurso religioso optando sempre ou para o Deus que vem lhe socorrer ou encontrando um culpado para as agruras do mundo: o diabo.

O Pentecostalismo em geral se caracteriza como uma experiência religiosa ou como uma espiritualidade cristã mais do que uma particular interpretação do cristianismo. Não se trata, por exemplo, de uma teologia do Espírito Santo, mas de uma maneira de se relacionar com o divino que crêem sentir a presença ativa do Espírito na comunidade dos crentes e de perceber a manifestação do poder de Deus no indivíduo. Ou seja, Deus age de fato ou crêem que Deus age diretamente através do Espírito em suas vidas, suas liturgias, sua vida econômica, sua saúde etc...

Acreditam que toda sua vida ou melhor seu agir no mundo é guiado por providencia e permissão do Espírito Santo, seu agir-no-mundo ou sua sabedoria vem então do divino. Usam para isso sua particular interpretação da Bíblia, como não tem uma escola teológica a ser seguida, há uma quase ausência de teologia que se guia portanto não é guiada por um pensamento ou escola humana e sim diretamente provinda de Deus. O protestante, em particular o pentecostal⁴, não esta imune as mudanças do moderno e no que impacta sua identidade e memória. A modernidade impactou por demais a igreja protestante e a identidade de seus fiéis (WESTHELLE, 1992). O pentecostalismo ortodoxo também se faz impactado. Hoje não é mais possível saber quem é o pentecostal e também o Assembleiano, o pertencente a igreja(s) da Assembleia de Deus com facilidade.

Da ojeriza ao estudo até a assumir o estudo

O pentecostalismo assembleiano Brasileiro nasceu com uma ojeriza do estudo sistemático, da teologia e de toda forma de estudo como a maioria das religiões populares, havia o sentimento de que o estudo poderia desviar atenção do crente para as coisas de Deus, porem hoje isso mudou, os crentes são instados

4 A quem diga que o neo-pentecostal não é protestante, nos referimos aqui ao pentecostal ortodoxo (PAEGLE, 2008)

a estudar a palavra e se informar, tal mudança ainda não é aceita por todos os pentecostais mas pode indicar um efeito positivo no que se refere a sua alienação. As quintas há um trabalho de escola de teologia ligada ao EETAD. Apesar de ter uma história onde se consagrava pastores leigos hoje isso não é mais possível. Há de se ter teologia. Não só os pastores, mas todos os crentes são estimulados a fazer teologia.

O discurso diz que a crença tem de seguir o que está escrito e 2ª Timóteo 2:15: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como *obreiro* que não tem de que se envergonhar, *que maneja bem a palavra da verdade*”. E que esse manejo seria conseguido através de um curso de teologia. Porém a verdade é que o curso de teologia traz receitas financeiras a igreja.

Apesar desse interesse econômico nem tudo no que se refere ao ensino de teologia é ruim. Apesar de ser uma teologia básica quase anti-reflexiva as pessoas entram em contato com história, filosofia e antropologia da religião que leva a certas reflexões antes impossíveis.

Tem-se questionado a teologia da prosperidade as profecias e profetas e outras coisas que antes pareciam mais superstição. Ainda há um longo caminho mas já há um vislumbre de estudo crítico no ar.

Tem seu próprio entendimento de modo difuso pela falta clássica de uma teologia oficial⁵ do que seja Deus, é um entendimento plural, difuso e líquido, mas tem um ponto comum, O Espírito guia sua vida a partir do momento que “aceita” Jesus. Toda sua vida é guiada pela obediência a palavra divina, claro que transgridem tal palavra e pecam, mas procuram basear sua aplicação no mundo não mediado por uma teologia provinda da modernidade e sim por um entendimento mais subjetivo da bíblia e por uma experiência mais subjetiva e direta com o espírito.

Acreditam que sua sabedoria virá de Deus, acreditam ser capazes de obter revelações e um conhecimento diretamente vindo de Deus, tendo uma relação direta com Ele através do Espírito. Isso talvez defina sua sabedoria, acreditam não ter mediação entre Deus e o homem, pois o pastor quando prega, é segundo sua crença dirigido pelo próprio Espírito.

Vale lembrar que não há divisão entre profano e sagrado no sentido Eliadiano, não há tempo e espaço dividido entre sagrado e profano, toda sua vida é sagrada, toda sua vida é pra Deus. Seu agir no mundo é para Deus, como está jungido a Deus, não há escolha, se é de Deus é bom, portanto não há juízo do valor em magoar certos direitos humanos, simplesmente o bem é a palavra sagrada, o que vai contra isso é mal e o homem que segue isso não é sábio.

Concluindo; o agir do mundo do pentecostal clássico modelo, é o temor a

5 Isso é clássico e histórico, mas tem mudado nos últimos 5 anos a maioria das AD's não tem mais ordenado pastores sem curso de teologia.

Deus, é uma sabedoria guiada contra a modernidade sem ter caído no fundamentalismo violento, é de fato uma contracultura de o mundo moderno visto tentar a negação desse mundo. Vivem não para a racionalidade do pensamento moderno, mas para uma espiritualidade particular e única.

E uma sabedoria na contramão do que é considerado sabedoria pela modernidade, não mais acumulo de conhecimento, mas acumulo vazio e acrítico de informação. Resolvem e se posicionam no mundo com o que entendem ser o bem ou obediência à palavra de Deus. Sua ética se pauta nisso, o que é bom é fazer a vontade de Deus mesmo que contrarie outros princípios éticos.

É claro que é irreal, pois infelizmente é atravessado por interesses sempre escusos de exploração devido a falta infeliz de acesso a educação do povo Brasileiro que o torna manipulável, também procuram ser como uma fuga as suas agruras, além da falibilidade humana; mas mostra que mesmo no mundo moderno há uma outra forma de viver e se relacionar no mundo, através de uma antiga sabedoria judaica de viver sob o Temor do Senhor Deus⁶. Lembro que para eles o Temor não é o terror, mas sim reverencia e respeito a sua palavra, vivem por essa ética. Tal pratica se manifesta, em tese, por viver em honestidade, não proferir palavras torpes, perdoar, evitar o pecado, e principalmente e que difere de todas as outras religiões na crença que isso vem do Espírito e não de uma transformação ética de esforço próprio.

Nessa viés, de acreditar que tudo o que faz, ou lhe acontece é vontade (coisas boas) ou permissão (coisas más) divina reconfigura sua identidade. É através do divino que acontece as coisas. Mas a interpretação do divino, não seres humanos nunca foi unanime, pode ser mudada, e muda nas ADs. Muda constantemente conforme se absorva uma ampla gama de mudança sócio-culturais.

A escola dominical é um dos cultos mais importantes das igrejas pentecostais tradicionais. Embora a Ads tenham nascido com certa ojeriza do pensamento racionalizado a Escola Bíblica Dominical (EBD) nunca deixou de existir. Desde o seu primórdios os primeiros Mensageiros da Paz⁷ já traziam lições da EBD. Embora as primeiras EBD fossem cultos fechados e em forma de culto hoje já são cultos abertos em formato de escola mesmo, com classes divididas e aulas.

Hoje há inúmeras revistas da EBD produzidas pela Editora Betel (ligada a AD Madureira), pela Central Gospel (AD Vitória em Cristo), a CEAB usa a da CPAD, a chamada “lições bíblicas” que é a mais antiga revista de Escola dominical do Brasil. Por ser produzida por uma empresa editorial altamente eficaz há a tendência de uniformização de identidade.

A EBD é formadora de identidade pentecostal. Isso porque primeiramente ela é um culto em sua maioria frequentado por quem já tem um certo tempo

6 Provérbios 1:7 declara: “O temor do SENHOR é o princípio do saber

7 Jornal histórico das ADs no Brasil que constitui seu principal meio de difusão de valores.

de frequência e de aceitação no grupo Assembleiano. Geralmente as aulas são domingo de manhã poucos se aventuram a sair num horário desse sem ser fiel a sua congregação.

Na EBD se fala abertamente sobre a doutrina, costumes e liturgia de como deve ser e de como as coisas são nas Ads. Lá se padroniza comportamentos, nela que a pessoa aprende a ser um Assembleiano. Dificilmente em um culto aberto, de proselitismo religioso iria se pregar contra roupa ou uso de tatuagens, na EBD se fala, se forma e se informa de como proceder e de como serão as crenças a ser seguidas, lá se diz como tal texto da bíblia deve ser interpretado segundo a visão pentecostal.

Nas maiorias da ADs a EBD é domingo por volta das 9:00h da manhã, religiosamente todos os domingos com raras exceções (enterros de pastor e retiros), a classe é dividida em crianças de três idades, berçário(0 a 4 anos), ovelhinhas(4 a 8 anos) e escolinha (8 a 12 anos), depois há a sala de pré-adolescentes (12- a 15 anos), jovens (15 a 21 se casado ou 30 se solteiro) e adultos (solteiros acima de 30 anos e casados de qualquer idade até a velhice). Os assuntos são divididos e tratados por diversos materiais submetidos a uma coordenação. É um culto de muita importância. A EBD termina entre 10:00 e 10:30, e sempre há um café da manhã junto com todos os participantes o que torna a comunhão mais forte nas igrejas. Os mais pobres nem sempre contribuem para o café, mas isso é um motivo que os faz ir na EBD porque lá se divide a refeição. Sempre há um momento de coleta de dinheiro e uma pessoa fica de preparar o café para todos os membros.

Segundo os relatos pesquisados é no culto público que se faz convertidos, mas é na EBD que se faz discípulos, é por meio dela que a pessoa aprende abertamente os valores de e os jeitos de ser e de fazer do meio pentecostal. De certo modo é uma doutrinação evangélica, mas também se discute bíblia, há lugar lá para diálogos e discordâncias, mas essas são sempre em forma de convencimento e nunca de imposição como requer o senso comum ou como é nas neopentecostais.

Como é uma reunião frequentada por poucos membros constantes e fiéis é lá que se aprendem os costumes e comportamentos da igreja em que são parte. A reunião sempre começa com dois hinos da harpa e oração e depois as sala s são divididas em professores que tem posição fixa e já são membros repetidos da igreja, com certo tempo de congregação e ter feito teologia em curso livre ou oficial. A recomendação de ser obreiro passa necessariamente pelos professores que já são pastores ou presbíteros, menos os professores auxiliares que são jovens destaques de exemplo na igreja ou diáconos. Há sempre para cada classe um professor responsável e um auxiliar e um coordenador Assim esses professores vão aos poucos ensinado mais do que a bíblia, algo que todo pentecostal conhece por

ser instado a ler a todo o momento e pela grande quantidade de cultos, vão ensinado os costumes da igreja de forma oral e por lições. Os alunos que se destacam nas lições logo se incluem entre os oficiais da igreja.

O ensino de teologia

A influência norte-americana no pentecostalismo brasileiro veio a se tornar um ponto fundamental no ensino. Uma sociedade como a norte-americana leva muito em conta a formação tecnicista e essa cultura logo passou as suas igrejas de predomínio protestante e pentecostal. Embora essas universidades sejam de cunho conservador, são universidades, que prezam o ensino teológico, algo que a herança sueca do Assembleianismo não admitiria e que era incompatível com uma fé pura.

A herança norte americana, que é denunciada por Campos (2005) como a grande causa da mudança de ojeriza de estudo para a busca por teologia oficial. Os pentecostais tradicionais demonizavam a televisão (CAMPOS JR, 2012) até ocorrer dois fatores: a influencia e o sucesso dos televangelistas nos anos 1970, televangelista é um pregador que usa a televisão, em canais que atingem um grande número de telespectadores, os mais famosos são americanos⁸ tais Billy Graham, Pat Robertson e Rex Humbard. Ao ver o uso “santo” que poderia ter a Televisão ela passou a ser mais ou menos aceita culturalmente e conforme o poder de compra fosse subindo a partir de 1980, mas ainda não institucionalmente. Era comum os relatos de que Assembleianos tinham o aparelho televisor dentro do armário do quarto escondido das visitas e a bíblia aberta na sala. Alencar (2013 p.194) demonstra também a luta que foi a liberalização da televisão, proibida desde 1967 só liberada, mas com restrições, em 1994 pela CGADB, liberada pela CONAMAD em 1990.

Há de se considerar o crescente acesso econômico para a televisão, ficava fácil demonizar algo que não tinha acesso, desde 1990 ficou permitido à televisão para ver desde que se evitasse programas de nudez ou indecentes, estimulando apenas aos programas religiosos e telejornais. Hoje, face e esses fenômenos, é permitida a televisão, tanto que ocorre a boca miúda o seguinte exemplo de testemunho: o Assembleiano antigamente dando testemunhos⁹ no púlpito – “irmãos, Jesus me salvou e já vendi a televisão”; já o Assembleiano hoje dando testemunhos – “irmãos, Jesus me abençoou e já comprei três televisores”.

Evidentemente o maior acesso a mídia, a televisão introduziu novas ideias antes impensáveis aos jovens, tal como acesso a moda, ideários de beleza, que

8 As ADs sempre respeitaram e admiraram como mensageiros de Deus os missionários americanos.

9 Testemunhos são oportunidades para que pessoas que não são pregadores falem das suas experiências religiosas.

embora manipuláveis por uma indústria cultural de interesses escusos deu novas escolhas as pertencentes as assembleias de Deus em sua autoimagem, além do mais o acesso ao computador e a internet, trouxe tremenda possibilidade de comunicação informacional ao mundo pentecostal (CAMPOS JR, 2012 p. 14) , no que se refere a opressão tradicionalmente machista da AD's trouxe uma liberdade de trocas de ideias e conversas para os crentes jovens antes impossível e restrita ao seu circulo de amizade.

Os norte americanos alem de todos os ideais midiáticos trazem as faculdades e cursos de teologia. Antes qualquer estudo, mesmo o teológico era visto com desconfiança e incompatível como a fé pentecostal por ser um conhecimento “desse mundo”, era melhor ter uma experiência pura. Com o passar dos anos e influências norte-americanas foi ao poucos penetrando uma cultura de prezar o ensino teológico. Hoje Ad's não consagra mais pastores que não fizerem cursos teológicos.

O pentecostalismo nasceu com ojeriza da teologia racional, mas esse conceito tem mudado. Influenciado por universidades cristãs norte americanas e pelo próprio americanismo (CAMPOS, L.S. 2005) se começou a multiplicar os cursos básicos de teologia, muitos deles com qualidade duvidosa como denuncia Alencar (2013) outros, no entanto como a EETAD e IBAD tem certa qualidade e reflexão teológica cujo impacto positivo na liturgia e pratica são visíveis. Mais a frente tratar-se-á desse assunto sobre ensino de teologia e suas reflexões no cotidiano das AD's.

As relações internas entre grupos, doutrinas ou níveis de expressão já colocam em questão as relações das comunidades crentes com o que se poderia chamar de seu “exterior”, o que se designa como a alteridade, ou seja, a diferenciação desse grupo com o resto da humanidade, o que identifica ele como tal grupo. A alteridade do pentecostal dito ortodoxo se da através de uma serie códigos de vestimenta, linguagens e conduta que os caracterizam como portadores de uma identidade própria.

Essa identidade é baseada numa herança partilhada em memória coletiva, que existe ao pertencer a um grupo, no caso aqui dos pentecostais, e que não se confunde de maneira nenhuma com outro grupo de protestantes, sejam esses históricos, deuteropentecostais ou neopentecostais. É uma memória coletiva que literalmente vai convertendo a pessoa em algo que ela não era antes que assume códigos de vestimenta conduta e se houver sinceridade até de pensamento diferenciado do que era antes.

O pesquisador Nanez (2007), denuncia que em nome de se autoproclamar como simples, os pentecostais especialmente na America latina, tinham aversão as riquezas e olhavam com desconfiança os ricos. A vida do fiel, nesse contexto deveria ser mais para adoração que para o trabalho, sendo as vezes o trabalho se

aproximando da visão católica como uma necessidade inevitável.

Cada vez mais há uma recuperação do espírito capitalista, o discurso neopentecostal é aceito cada vez mais pelas igrejas tradicionais, isso faz perder aquela identidade original, como não está imune as influencias da pós-modernidade, sofre também certa uniformização dos gostos e de discurso comum dessa era (LIPOVETSKY, 2009).

Concluindo

Do orgulho de se ter um templo humilde, feito de taipa ou madeira, hoje há os “templos-shoppings”(ALENCAR, 2013). Para mostrar uma luxuosidade que já infectou por completo as igrejas neopentecostais e infecta a uma velocidade alarmante as pentecostais. Porém o templo humilde de periferia ainda é maioria, melhor dizer, a maioria dos fiéis não se encontram os “templos-shoppings”, e sim ainda nos templos humildes de periferia. Em que proporção? Digamos um empate técnico, Alencar (2013) analisando os números de fiéis brasileiros das ADs, mostra que em 2010, a grande maioria dos pentecostais tradicionais ainda se localizavam nas periferias, de 12,3 milhões (CENSO, 2010) de membros, 7,7 milhões se encontram espalhados nas pequenas igrejas de periferia. Lá não há o espírito do capitalismo, mas o discurso invade e logo o ethos mudará. Junto com o aumento do poder de compra de televisão, radio e computador das periferias brasileiras, chega pela maquina comunicacional o discurso da teologia da prosperidade. É um discurso sedutor, pois promete, como num ato metafísico acabar com o que o habitante da periferia mais teme nessa contemporaneidade consumista: a pobreza.

Na pentecostalidade das periferias ainda a um grande ascetismo, que chamamos de ascetismo comportamental brasileiro, esse afeta toda a identidade do fiel. Afeta sua fala, passa a se comunicar com palavras bíblicas e jargões como varão (se referindo aos irmãos homens), bênção(para todos acontecimentos bons), prova(para acontecimento ruins), paz do Senhor(para cumprimentar). Muda seus referenciais, crê que tudo que acontece na vida é permitido por Deus ou tentação do diabo. Não há separação da vida profissional da espiritual, o trabalho e oportunidades são dados por Deus para garantir sua sobrevivência, e assume sua identidade no trabalho. E para o que nos interessa na presente pesquisa muda seu senso estético de vestimenta, passa a usar o que é considerado roupas decentes, mulher só pode usar saia, homem só pode usar camisa de botões e no culto o terno é obrigatório não importa o calor, homem não pode usar barba em cabelo comprido, mulher não pode depilar-se nem ter cabelos curtos, mesmo com a mudança em alguns ministérios vindo da presidência como é o caso da AD ministério Madureira, nos templos de periferia é raríssimo ver alguém fora desses

trajes, para o pentecostal a crença está acima da instituição.

Apesar da recente diversidade todas podiam ser caracterizadas por certos códigos de comportamento que as caracteriza além da roupa: repetem em tom monocórdio versículos bíblicos, ao menos em tese não falam gírias e palavrões, evitam ouvir músicas mundanas e frequentar eventos mundanos. Não pode, varias coisas, ver tevê, praticar esporte e cultivar ritmos musicais brasileiros, as crianças não podiam brincar de futebol, bicicleta ou nadar, nem praticar esportes ou ir a praia. A justificativa é ao mesmo tempo simples e definitiva: são coisas do mundo ou do diabo¹⁰.

Se há uma sabedoria nisso ela é uma reprodução da teologia de sofrimento, renuncia e auto-sacrifício do cristianismo primitivo e do antigo testamento. Seu iletramento é típico de uma sociedade excludente, possibilita apenas uma sabedoria, já que a grande maioria não tem acesso aos bens culturais, seguem a sabedoria que acreditam ser Divina. Vivem por seguir a palavra, temor a Deus é significativo no seu cotidiano, uma vez que vivem por certo temor de ser castigados por qualquer desvio de conduta. Além disso devido as suas condições, Rolim (1985) aponta o intenso controle social que a própria comunidade exerce sobre seus membros, porém tem mais medo de Deus do que da comunidade.

É certo que com acesso aos meios de educação de qualidade o povo brasileiro, assim como os Assembleianos podem a vir mudar radicalmente de ideia sobre as conquistas de direitos humanos que quiçá possam ser influenciados por alguns pastores militantes. Porém assim como esses direitos-assuntos dividem opiniões dentro da sociedade Brasileira, assim também o é entre o meio Assembleiano.

Referencias:

ALENCAR, G. F. de. **Pentecostalismo Hitech: uma janela aberta, algumas portas fechadas.** História Agora, São Paulo, v. 1 (Religiões e Religiosidades), p. 428-453, fev. 2009.

_____. **Assembleia de Deus: origem, implantação e militância** (1911-1946). São. Paulo: Arte Editorial, 2010.

_____. **Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleia de Deus. 1911-2011. Novos diálogos**, 2013

_____. **Protestantismo tupiniquim: hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira.** São Paulo: Arte Editorial, 2005

AGAMBEN, Giorgio. **Permanente Emergência.** Entrevista. Globo, Caderno Prosa e Verso, 4 dez. 2004. Disponível em <http://oglobo.globo.com/blogs/pro->

¹⁰ Para alguns fiéis é a mesma coisa pois interpretam ao pé da letra a passagem bíblica descrita em 1Jo 5.19 “Sabemos que somos de Deus e que o mundo inteiro jaz no Maligno.”

sa/posts/2013/08/03/conexao-agamben-505597.asp, acesso em 13/03/2014.

ALMEIDA, Joede Braga de. **O Sagrado e o profano: construção e desconstrução dos usos e costumes nas Assembléias de Deus no Brasil**. Dissertação de mestrado em ciências da religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo: Mackenzie, 2007, 119 p.

BARTLEMAN, Frank. **História do Avivamento Azusa**. Lições de historia do cristianismo, ed. Faculdades Redfim, outubro de 2010, Disponível em:http://www.4shared.com/get/SLKRh.DPn/Frank_Bartleman_A_Histria_do.html, Acesso em: 14 out. 2011.

BENATTE, Antonio Paulo . A infantaria da evangelização: colportagem assembleiana e leitura da Bíblia no Brasil. In: Antonio Paulo Benatte; Alfredo dos Santos Oliva. (Org.). **Cem anos de Pentecostes: capítulos de história do pentecostalismo no Brasil**. 1ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, v. 1, p. 67-124.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERGER, Peter (1971). **La Religion dans la Conscience Moderne. Essai d'analyse culturelle, Paris**. Centurion Paris, Ed. Sociales.

BERGER, Peter L.. **O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 2003.

BÍBLIA português. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Trad. João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corrigida. Rio de Janeiro - RJ :CPAD-1995

BRANDÃO, Carlo Rodrigues. **Crença e Identidade: campo religioso e mudança cultural**. In: SANCHIS, Pierre. **Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a Religião popular**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BUBER, M. **eu e vós**, (original 1937) , São Paulo, editora centauro, 2001.

BRUNER, Frederick D. **Teologia do Espírito Santo**, São Paulo: Vida Nova, 1983.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouca avaliada. **Revista USP**, nº 67 (set.-nov. 2005), p. 100-115.

CAMPOS, Leonildo Silveira; GUTIERREZ, Benjamim. (Ed.). **Na força do espírito— os pentecostais na América Latina: um desafio às igrejas históricas**. Trad. JúlioZabetiero. São Paulo: Pendão Real, 1996.

CAMPOS JR, Luis de Castro (1995). **Pentecostalismo: sentido da palavra divina**. São Paulo, SP:Editora Ática.

BRANDT, Hermann, **O Risco do Espírito: Um Estudo Pneumatológico**, São

Leopoldo, RS.: Sinodal, 1977, p. 7-8

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Dp&a, memória americana. 2003. São Paulo, Annablume.

HOLLENWEGER, Walter. **El pentecostalismo**. Historia y doctrinas. Buenos Aires: La Aurora, 1976.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

MATOS, Aldari Souza de, (2006). **O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário**. Fides Reformata, São Paulo, Ano 11, n. 2, p. 23-50, 2006.

PAZ ALVES, Maria de Fátima, Religião e Sexualidade: Permanências E Transformações Da Perspectiva De Jovens Pentecostais De Recife/Pe - BRASIL **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 13, n. 15, p. 83-113, Jul./Dic. 2011.

ROLIM, Francisco Cartaxo. (1987) **O Que É Pentecostalismo**, Editora Brasiliense, São Paulo, SP.

WESTHELLE, Vitor (2008) - **Traumas e Opções: Teologia e a Crise Da Modernidade**, publicações do centro de estudos anglicanos, disponível em http://www.centroestudosanglicanos.com.br/bancodetextos/diversos/teologia_crise_modernidade_vitor.pdf, publicado em 14/out/2008, consultado em 30/mar/2013.

CAPÍTULO 5

DESAFIOS DO ENSINO JURÍDICO NA CONTEMPORANEIDADE: NÃO BASTA “DAR AULA” TEM QUE SER “DIGITAL INFLUENCER”.

Francysco Pablo Feitosa Gonçalves¹

Iamara Feitosa Furtado Lucena²

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A profissão de professor, como conhecemos hoje, parece ser estruturada a partir do séc. XVI. Na época, as primeiras escolas de ensino básico para a camada popular eram mantidas por igrejas ou conventos, com o objetivo de preparar as pessoas para a leitura da Escritura. Os primeiros professores eram, claro, integrantes do clero, posteriormente, com o aumento da demanda, houve a abertura para colaboradores leigos, que deveriam, entretanto, fazer uma profissão de fé, deveriam jurar fidelidade aos princípios da Igreja. “Daí vem o termo professor, o que professa fé e fidelidade aos princípios da instituição e se doa sacerdotalmente aos alunos, com parca remuneração aqui, mas farta na eternidade” (KRENTZ, 1986, p. 13). A profissão sofreu, claro, diversas transformações ao longo dos séculos, mas ainda são mantidas algumas concepções no sentido de que seria uma vocação.

Em tempos mais recentes, surge a sociedade em rede. Para Manuel Castells (2010), sociedade em rede — *network society* — faz referência à sociedade onde as estruturas e atividades sociais são fortemente organizadas em torno de redes de informação processadas eletronicamente. Com a sociedade em rede, diversas profissões e atividades se transformam, e outras tantas surgem, dentre elas, a de *digital influencer*, que seria a pessoa que, por meio digital, exerce o poder de influência em um grupo de pessoas (in)determinável. Tão logo a internet começa a se popularizar no Brasil — ainda de forma discada — diversos professores

1 Doutor (UFPE-2017), Mestre (UNICAP-2011) e Graduado (URCA-2007) em Direito. Graduando em Pedagogia (UNIBF). Professor do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO, onde também lidera o Grupo de Pesquisa “Constitucional, Administrativo e Tributário: Investigações Sobre a (Re)Construção do Direito Público no Brasil”. feitosa-goncalves@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/1099402155613073>

2 Mestra (UNISANTOS-2020) e Graduada (URCA-2012) em Direito. Graduanda em Filosofia (UNIBF). Professora do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO, onde também lidera o Grupo de Pesquisa “Direitos Humanos e Globalização”. iamaralucena.adv@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/1143780748348398>

começaram a utilizá-la como fonte de pesquisa e de divulgação de conteúdos, o que certamente ajudou incontáveis pessoas.

Com a necessidade de lecionar de forma remota, as duas coisas se imbricaram. Não bastava mais “*dar aula*”,³ os docentes precisaram atuar no ambiente digital, tentando influenciar seus alunos a estudar. O presente estudo se insere neste contexto, abordando, especificamente, a questão do ensino jurídico. Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica e documental, além de uma série de diálogos, algo catárticos, entre autor e autora, tanto acerca do ensino jurídico em si, como sobre as questões relacionadas ao ensino e aprendizagem nas aulas remotas, nas IES (Instituições de Ensino Superior), refletindo sobretudo a realidade das IES privadas, onde está a grande maioria dos cursos jurídicos. O resultado preliminar dessas pesquisas e reflexões é o presente trabalho, que se encontra dividido em duas sessões: a primeira é dedicada ao ensino jurídico e seus problemas, e a segunda, na sequência, aos desafios do processo de ensino e aprendizagem nas aulas remotas. Em seguida são apresentadas as considerações finais e as referências utilizadas no presente trabalho.

SOBRE O ENSINO JURÍDICO E SEUS PROBLEMAS

O ensino jurídico tradicional sempre enfrentou diversos problemas, alguns relacionados aos problemas da educação no Brasil em geral, outros mais peculiares aos cursos de direito. Alguns desses problemas já são bastante antigos,⁴ sendo apontados pela bibliografia especializada há cerca de meio século, tais como: *a*) a concepção de ensino, tecnicista e superficial; *b*) a desvalorização da carreira docente, que é vista como sendo apenas um meio para obtenção de uma renda

3 Precisamos advertir que a expressão “dar aula” pode ser um tanto problemática, já que pode remeter a uma concepção bancária de educação. Para Paulo Freire, nesta concepção, “Em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem.” (Freire, 2013). Em outras palavras “Nesta concepção, ensinar se reduz a transferir o perfil do conceito esgotado do conteúdo, e não a transmitir a compreensão precisa desse conteúdo” (Freire, 2017). Somos contrários, evidentemente, a esta forma bancária de educação, se utilizamos a expressão sempre entre aspas, é porque ela é de uso frequente entre os professores de Direito.

4 Sobre os problemas do ensino jurídico, o que se pode observar é que eles são antigos, vão permanecendo e se somando a outros que surgem ao longo do tempo. Em 1955, na aula inaugural ministrada na Faculdade Nacional de Direito (hoje UFRJ), San Tiago Dantas já apontava vários problemas. Vinte e um anos depois, Joaquim Falcão observa que “se compararmos a situação de 1955 com a atual de 1976, constatamos que pouco mudou” (FALCÃO, 2010, p. 39). Passados mais três anos, em obra coletiva publicada pela UNB — na qual a aula inaugural de San Tiago Dantas é republicada — diversos juristas renomados apresentam um cenário ainda mais desolador (*cp.* LANDIM, *et al.*, 1979). Mais uma década se passa e é publicado o livro de Arruda Junior (1989) que se torna referência sobre o tema, e que indica a permanência dos mesmos problemas. Em tempos mais recentes, pode se citado o estudo de Gonçalves (2017) que, a partir de uma pesquisa empírica, constatou que a maior parte todos esses problemas permanecem existindo.

extra e/ou de prestígio; c) o despreparo do corpo docente; e) a profunda falta de compromisso de parcela considerável do corpo docente, que quer saber apenas de *passar*, e não se compromete com a construção do conhecimento.

No presente trabalho, daremos uma certa ênfase na questão da falta de preparo dos docentes, que tem raízes históricas profundas, se relacionando à própria tradição coimbrã, passando pela origem dos cursos jurídicos no Brasil, e as reformas educacionais posteriores,⁵ e, na atualidade, também guarda relações com o próprio papel social⁶ dos juristas em nossa república, ainda marcada pelo patrimonialismo e pela herança escravocrata. Salvo algumas poucas exceções, os cursos jurídicos são marcados pelo distanciamento intelectual — e até mesmo geográfico⁷ — dos demais cursos superiores, e nunca foi construída uma cultura de formação pedagógica no Direito. Repetimos o velho brocardo *ubi societas ibi jus*, mas esquecemos que a educação é tão ou mais antiga que o direito, e, em termos de desenvolvimento científico, muito mais avançada.

Para o jurista que se aventura em sala de aula é possível — e, não raro, é o que acontece — fazer graduação, especialização, mestrado ou doutorado sem jamais cursar uma disciplina pedagógica (*cp.* GONÇALVES, 2017, p. 325), e a consequência disso é que, diante da necessidade de entrar em sala de aula, muitas

5 Sobre a formação e desenvolvimento histórico do ensino jurídico no Brasil, continua sendo indispensável o estudo de Venâncio Filho (1982). Sobre o contexto de formação dos cursos jurídicos em si e papel dos bacharéis recomendamos a leitura do excelente estudo de Francilda Mendes (2021).

6 Estamos cientes que a metáfora do papel social, cuja presença nas ciências humanas deve muito a George Herbert Mead (1934), já sofreu diversas críticas, mas ela ainda pode ser utilizada, ao menos metaforicamente, para representar o conjunto de comportamentos que são esperados de alguém que ocupe uma determinada posição na sociedade, ou, como diz Franco Ferrarotti: “è la parte che ognuno di noi in società è chiamato a recitare” (2017, *tradução livre*: “é o papel que cada um de nós na sociedade é chamado a desempenhar”).

7 Remetemos ao interessante depoimento de Nelson Saldanha: “É curioso, não sei se seria o caso de falar nisso neste momento, mas sempre foi sensível, no Recife, na Universidade Federal de Pernambuco, um fenômeno que me parece ocorrer em todo o Brasil, que é uma dissensão entre a Faculdade de Direito e as demais Faculdades de Ciências Sociais. O jurista é por um lado avesso a certos contatos; por instinto ou por tradição se fecha, não se interessa com frequência pelos estudos sociológicos, filosóficos. Se um professor de Direito Civil faz algum artigo de índole sociológica sobre a propriedade ou se um professor de Direito Penal preocupa-se com a criminologia, no sentido de ciência dos fatos, ele é imediatamente acimado de não jurista. Ele não é um jurista, isto aqui não é um trabalho de direito. Por outro lado, as outras Faculdades dos *campi* têm uma mistura de desdém e ressentimento em relação à Faculdade de Direito. Há pouco tempo, arguindo uma tese de doutorado na Faculdade de Direito, aconteceu um caso paradigmático. Para a banca de doutorado temos que convocar pessoas estranhas ao quadro do mestrado e do doutorado da casa. Integrou a banca um professor de História, filho de um velho médico conhecido, importante e muito ilustre. Esse rapaz, que é professor de História com doutorado no exterior, depois da avaliação disse que se surpreendeu muito porque nunca julgou que os juristas da Faculdade de Direito pudessem também se interessar por Filosofia, por História, por Sociologia ou por Ciência Política. Há um fechamento muito grande das outras Faculdades para com tudo aquilo que acontece na Faculdade de Direito.” (SALDANHA, 2001, p. 299-300)

vezes em turmas muito numerosas e heterogêneas, e que podem ter discentes dispostos a testar seus conhecimentos e autoridade,⁸ o que resta ao jurista é o imprevisto e, eventualmente, reproduzir o comportamento da geração anterior de docentes, com quem estudou na graduação.

Isso se relaciona, claro, aos demais problemas anteriormente citados. O despreparo dos docentes decorre e ao mesmo tempo contribui para perpetuar, por exemplo, a desvalorização da carreira docente, a qual, como já foi dito, é tratada como meio para obtenção de uma renda extra e/ou de prestígio. É curioso, aliás, que ser *só professor*, é um estigma⁹ para o jurista, o que certamente guarda conexão com a pouca valorização da educação no Brasil. Quando um aluno ou uma aluna faz a famigerada pergunta — *O Sr. é só professor?* — o que fica implícito é que alguém não deveria se prestar a ser apenas aquilo, deveria ter uma profissão *de verdade*.

Por outro lado, se o sujeito, além da sua profissão jurídica, *também é professor*, a docência funciona como um símbolo de prestígio,¹⁰ um capital simbólico¹¹

8 Muitas vezes os discentes, munidos de seus parelhos celulares devidamente conectados à internet, fazem perguntas que podem soar capciosas ou mais difíceis, e muitos docentes sentem que estão sendo *testados* diante da turma.

Claro que, em muitos casos, trata-se de um aluno ou aluna que apenas tem muito interesse na matéria, mas também podem existir discentes que, de fato, com o intuito de desacreditar o professor, tentem fazer alguma pergunta que ele não consiga responder.

O outro lado disso é o autoritarismo de alguns docentes, o qual, muitas vezes, nada mais é do que uma fachada para a insegurança decorrente do despreparo para a sala de aula.

9 Segundo Erving Goffman (1963b, p. 3), o estigma se refere a “an attribute that is deeply discrediting” [*tradução livre*: “um atributo que é profundamente depreciativo”].

10 “[...] the social information conveyed by a symbol can establish a special claim to prestige, honor, or desirable class position — a claim that might not otherwise be presented or, if otherwise presented, then not automatically granted. Such a sign is popularly called a ‘status symbol,’ although the term ‘prestige symbol’ might be more accurate, [...]. Prestige symbols can be contrasted to stigma symbols, namely, signs which are especially effective in drawing attention to a debasing identity discrepancy, breaking up what would otherwise be a coherent overall picture, with a consequent reduction in our valuation of the individual.” (GOFFMAN, 1963b, p. 43-44, *tradução livre*: “a informação social transmitida por um símbolo pode estabelecer uma reivindicação especial de prestígio, honra ou posição de classe desejável — uma reivindicação que não poderia ser apresentada de outra forma ou, se apresentada de outra forma, não seria concedida automaticamente. Tal signo é popularmente chamado de ‘símbolo de status’, embora o termo ‘símbolo de prestígio’ possa ser mais preciso [...]. Símbolos de prestígio podem ser contrastados com símbolos de estigma, ou seja, signos que são especialmente eficazes para chamar a atenção para uma discrepância identitária degradante, rompendo o que de outra forma seria um quadro geral coerente, com uma consequente redução em nossa valorização do indivíduo.”

11 Para Bourdieu, “Kapital ist akkumulierte Arbeit, entweder in Form von Materie oder in verinnerlichter, „inkorporierter“ Form.” (BOURDIEU, 2012, p. 229, *tradução livre*: “Capital é trabalho acumulado, seja na forma de matéria ou na forma ‘incorporada’ internalizada”). O capital simbólico, especificamente, se refere a valores como honra, prestígio e reconhecimento etc., ou seja, trata-se de um efeito ou reconhecimento de outras espécies de capitais, nas palavras de Bourdieu: “[...]forme que revêtent les différentes espèces de capital lorsqu’elles sont perçues et reconnues comme légitimes.” (BOURDIEU, 2015, *tradução livre*:

que o engrandece enquanto profissional (cp. GONÇALVES, 2017). O que parece ficar implícito, nesse caso, é que ele seria um profissional que se destaca, e por isso também “dá aula”. Existem até algumas anedotas curiosas sobre promotores e juízes — duas profissões que conferem considerável status social — que supostamente gostam de ser chamados de professores no fórum e de doutores em sala de aula. Curiosas, mas antropologicamente compreensíveis: evocar a autoridade do cargo público no ambiente acadêmico e, no microcosmo forense, ser reconhecido como alguém que se destaca entre os operadores do direito: também é professor. Paralelamente, por serem profissões que conferem status social, parte desse capital simbólico é transferido para a sala de aula, na forma de encantamento sobre parte dos alunos. Assim, é perfeitamente compreensível que as IES tenham interesse em contratar tais profissionais.

Importante advertir que o que estamos dizendo não é uma crítica a uma ou algumas pessoas que fizeram — ou ainda fazem — esse tipo de coisa, não se trata de execrar alguém que porventura tenha preferido ser chamado de *professor* no fórum, ou de *doutor* em sala de aula, o que fazemos é um panorama do ensino jurídico em si. É uma platitudo, mas precisa ser dita para não ferir a susceptibilidade de ninguém: nós temos os *penchants*, as predisposições que nos são dadas pela nossa cultura, se fôssemos cubanos — ou japoneses, ou canadenses etc. — teríamos as características da cultura de lá, e provavelmente nos enquadraríamos nos papéis sociais de lá.

É importante esclarecer, também, que esse tipo de situação não é nada confortável para os juristas que enveredam pela docência. Ninguém se sente bem tendo que enfrentar o desafio de trabalhar um conteúdo complexo em sala de aula, estando desprovido das técnicas e estratégias pedagógicas. O problema é que o jurista teve a oportunidade de aprender tudo sobre a Constituição, o Código Penal etc., mas em nenhum momento lhe foi oportunizado aprender didática, avaliação etc., e nem sempre é fácil buscar isso por conta própria, não porque inexistam bons materiais disponíveis, mas porque, para o leigo, nem sempre é possível encontrá-los e reconhecê-los.

Para que se tenha uma ideia do quão difícil pode ser a docência no Direito, basta imaginar como a profissão de professor já é difícil e traz muitos desafios para quem teve a devida formação para ela. Ter que enfrentar, então, todos esses desafios sem nunca ter tido nenhum preparo para a docência intensifica todas as dificuldades e cria outras tantas.

A atividade docente no Direito é, em suma, repleta de desafios, muitos dos quais relacionados aos problemas do ensino jurídico anteriormente mencionados. Dentre os quais destacamos a falta de preparo para docência, que gera

“forma de que se revestem as diferentes espécies de capital quando são percebidos e reconhecidos como legítimos.”)

toda uma série de dificuldades e inseguranças, ainda mais depois do advento da sociedade em rede, quando cada pessoa, com seu celular, se tornou apta a estar fazendo registros da aula, e qualquer deslize pode se tornar um *meme*. A pandemia do coronavírus agravou tudo isso, ao mesmo tempo em que fez surgir outros problemas.

DESAFIOS DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NAS AULAS REMOTAS

Os impactos físicos e emocionais da pandemia foram imensos e todos foram atingidos, em maior ou menor grau. Com os profissionais da educação não foi diferente. Mesmo aqueles que não contraíram o vírus nem perderam algum ente querido, se viram diante de uma realidade adoecedora, mental e fisicamente. Pesquisas teriam revelado que dentre os males que podem ser provocados pelo *home office* estão: deterioração da visão, problemas na coluna, diminuição na libido, queda de cabelo, bruxismo, pele amarelada etc. (cp. MORRISON, 2021).

Quanto aos docentes, foi noticiado que levantamento do instituto Tim mostrou que 70% enfrentaram dificuldades para lecionar, e 78% tiveram problemas com insônia ou excesso de sono (PROFESSORES, 2021). Uma pesquisa realizada com 2400 docentes da educação básica pelo Instituto Península revelou um cenário de ansiedade e sobrecarga de trabalho (OLIVEIRA, 2020).

A própria transição para as aulas remotas foi bastante traumática: de um lado muitos alunos com problemas de acesso à internet, do outro, professores não tinham o domínio das ferramentas digitais. Segundo um levantamento da UFMG e CNTE, 89% dos docentes não tinham experiência com aulas remotas (GONÇALVES, 2020). Vamos nos deter neste segundo aspecto.

Tivemos que aprender a lecionar para uma câmera e para uma tela, muitas vezes sem saber se havia alguém do outro lado, já que a maior parte dos alunos, pelas mais variadas razões, prefere não ligar as câmeras, o que cria uma sensação imensa de solidão para o professor. Ao lado dessa sensação de solidão, a certeza de estar sendo filmado e o risco constante de algum deslize ser registrado se transformar em um *meme* que iria se tornar uma piada com proporções inimagináveis.

Além disso, muitos docentes sentiram a necessidade de aprender algo sobre edição de imagens e vídeos e de desenvolver estratégias para tornar as aulas mais interessantes, e de ter uma presença maior nas redes sociais como forma de tentar ter um contato melhor com os alunos, mesmo porque, ninguém sabia como estava a saúde física ou mental dos discentes, então, havia a necessidade de estar presente, ainda que via redes sociais. Dito de outra forma, todos precisamos nos tornar um pouco influenciadores digitais, no sentido de que, por meio digital, tentamos exercer algum poder de influência, ao menos em nossos alunos,

para que construíssem algum conhecimento nas matérias que lecionamos.

Uma questão interessante sobre isso é que o *jogo virou* em relação às videoaulas. No Direito, antes da pandemia, muitos professores reclamavam dos alunos que deixavam de assistir as aulas presenciais para assistir videoaulas, muitas das quais tinham qualidade duvidosa, passavam informações equivocadas ou, até foram boas um dia, mas estavam desatualizadas. Em certo sentido, a maldição de Kirchmann nos persegue até hoje. Julius Hermann von Kirchmann foi um jurista alemão do séc. XIX que se tornou célebre por dizer que *três palavras do legislador e bibliotecas inteiras se tornam papel sem valor*.¹² Infelizmente muitos alunos não atentavam para isso e assistiam aulas desatualizadas. Pois bem, com o fim das aulas presenciais, tudo o que os alunos tinham eram *lives* e videoaulas gravadas, e isso tudo se tornou muito cansativo também para eles.

Se antes da pandemia já se discutia o ensino EAD em Direito, e muitos alunos se queixavam das aulas presenciais, o coronavírus revelou uma grande demanda pelo ensino presencial. Em pesquisa realizada com 194 alunos do ensino superior da cidade de Fortaleza, Daiane de Queiroz, Ana Carolina Gomes e Mônica Tassigny (2020) verificaram que 74,7% dos alunos desejam o retorno às aulas presenciais.

Ainda em paralelo a isso tudo, acabou a fronteira entre o profissional e a vida privada, já que as aulas eram transmitidas principalmente de casa. Em uma época pré-internet, a partir das pesquisas de Goffman (1959; 1963a; 1967), nós pudemos compreender bem, como existe uma fronteira entre as nossas ações quando estamos a sós — *e.g.* sozinho, no elevador, cantando uma música — e como isso muda quando o elevador pára, entra alguém, e a partir daí precisa ser estabelecido um *ritual de interação*. Com o advento das redes sociais, essa fronteira se tornou mais tênue, e com as aulas remotas sendo transmitidas de casa, para os professores, tudo se misturou, acabou a vida privada que foi, de certa forma, engolida pelas aulas remotas e pelo aumento da carga de trabalho.

Em estudo específico sobre a realidade dos professores universitários, Keila Leitão e Denise Capuzzo observam que:

Com pandemia do novo coronavírus (COVID-19) alguns dos estressores se acentuaram, como é o caso da jornada de trabalho excessiva, bem como o pouco tempo de planejamento e adaptação do uso das tecnologias, aliado a desvalorização social, impactando a saúde mental dos docentes, aumentando os casos de *Burnout*. (LEITÃO, CAPUZZO, 2021, p. 388, *grifos do original*).

A pandemia trouxe consigo, portanto, um grande impacto negativo na saúde mental dos professores, o que se deve também, ao aumento da *percepção*

12 No original: “drei berichtigende Worte des Gesetzgebers, und ganze Bibliotheken werden zu Makulatur.” (KIRCHMAN, 1848, p. 232).

da precarização¹³ do trabalho, um fenômeno que já vinha crescendo e se intensificando com a globalização e a sociedade em rede, e que aumentou ainda mais durante a pandemia. Segundo Elsa Santamaría Lopez (2016), a precarização é um fenômeno complexo, que pode ser analisado em, pelo menos, três níveis: a) *socioeconômico*, como consequência das dinâmicas produtivas e empresariais; b) *socioestrutural*, enquanto ameaça aos pilares da coesão social; c) *experencial*, equivalente à insegurança e incerteza, tanto em relação às condições de trabalho, quanto às condições de vida como um todo.

Dos níveis acima, queremos chamar especial atenção para o terceiro, porquanto mesmo nas melhores IES de ensino superior, fatores como a evasão dos alunos, o risco de não serem abertas novas turmas por conta da queda da demanda, ou, simplesmente, as especulações em torno da extinção da profissão, geraram um profundo sentimento de insegurança e incerteza quanto ao futuro.

Não bastassem todas essas dificuldades, os professores tiveram que lidar com o descrédito e a incompreensão de certas pessoas, inclusive *digital influencers*, que aparentemente acreditam que os professores não estavam trabalhando durante o período das aulas remotas, ou que seria apenas uma questão de se esforçar mais. Segundo Gina Vieira, esse teria sido o caso de Luiz Felipe Pondé e Leandro Karnal, dois influenciadores muito conhecidos. Pondé teria feito “uma escolha, no mínimo, infeliz e inadequada de dizer que, durante o ensino remoto, ‘se instaurou uma preguiça entre professores e alunos’”, e Karnal teria dito:

as mesmas coisas que o Pondé, mas o fez de forma polida, com voz empostada, modulada, e isso foi o suficiente para agradar muita gente e fazer com que as pessoas não percebessem que, muito do que ele falou, se filia à “Positividade Tóxica” e ao discurso de autoajuda que diz que: “basta você se esforçar muito que você consegue tudo o que quiser (VIEIRA, 2022).

Não é apenas uma questão de esforço. No Brasil, muitos estudantes ainda não têm acesso à eletricidade em casa, muito menos conexão com a internet, o que dificulta bastante ou inviabiliza totalmente o acompanhamento de aulas de forma remota e o consequente progresso acadêmico. Os alunos e professores mais privilegiados conseguiram lidar com as mudanças trazidas pelas aulas remotas, mas não foram todos.

É bem verdade que quase todas essas questões afetaram docentes de todas as áreas, mas, no Direito, o impacto parece ter sido especialmente grande porque se somaram aos problemas específicos do ensino jurídico. Se antes os professores

13 Joaquín Arriola e Luciano Vasapollo compreendem a precarização como “una situazione sociale marcata dal malessere del lavoro, dal timore di perdere il proprio posto di lavoro e non poter tornare ad avere più una vita sociale, e di dover impegnare la vita solo nel lavoro e per il lavoro” (2005, p. 140, *tradução livre*: “uma situação social marcada pelo mal-estar do trabalho, o medo de perder o emprego e de não poder voltar a ter uma vida social, e de ter que se comprometer apenas com o trabalho e pelo trabalho”).

de Direito já eram uma espécie de “classe subalterna” (GONÇALVES, 2011, p. 251) em relação a outras profissões jurídicas, durante a pandemia isso se somou ao estulto preconceito de que os professores não estavam trabalhando o suficiente.

Se os professores de Direito já não tinham sido preparados para estar em sala de aula, ministrando aulas, avaliando (etc.) presencialmente, nas aulas remotas exsurgiu também a falta de preparo para lecionar de forma remota, editar vídeos e imagens etc., o que, ao mesmo tempo em que levou a uma exaustiva corrida para dominar as novas tecnologias, também provocou uma queda na qualidade do processo de ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As linhas anteriores mostraram como a docência, no Direito, é uma carreira repleta de contradições. Se por um lado, os que são “só professores” são estigmatizados, “como uma espécie de classe subalterna, como se fossem os que fracassaram em se tornar advogados de sucesso, promotores ou magistrados” (GONÇALVES, 2011, p. 251). Por outro lado, se o sujeito é um profissional bem-sucedido no campo jurídico e também é professor, a docência funciona como um símbolo de prestígio, lhe conferindo considerável capital simbólico. Em quaisquer casos, a trajetória profissional no Direito costuma não contemplar disciplinas pedagógicas, o que faz com que diversas pessoas ingressem na docência sem ter qualquer formação relacionada, por exemplo, à didática e avaliação. Uma hipótese a ser aventada e desenvolvida em outros estudos, é se esse *deficit* pedagógico contribui para a perpetuação de uma concepção de uma espécie de “vocaçãosacerdócio”, relacionadas a certas raízes da docência, o que lhe negaria o caráter de profissão efetivamente digna, no sentido material (*cp.* KRENTZ, 1986).

As diversas dificuldades relacionadas à origem e desenvolvimento histórico do ensino jurídico no Brasil se somaram com os desafios do ensino remoto ao longo da pandemia: os professores de direito que já não haviam recebido formação específica para estar em sala de aula presencialmente, tiveram que se adaptar a uma rotina de transmissão, gravação e edição de vídeos e uma maior presença nas redes sociais, ao mesmo tempo em que suas casas se tornavam seus espaços de trabalho, em uma jornada cada vez mais exaustiva, e em uma constante sensação de insegurança e incerteza, lecionando diante de uma tela/câmera fria, para discentes cada vez mais saturados das aulas remotas.

As aulas remotas deixaram na memória da maioria dos professores e alunos um processo de aprendizagem conturbado. Professores foram obrigados a adaptar-se rapidamente, a redobrar a sua criatividade e a assumir novas responsabilidades. Esses novos arranjos educacionais que se impuseram diante da necessidade do ensino exclusivamente à distância ou remoto se arrastaram por

meses, e podem ter um impacto negativo significativo na saúde física, emocional e psicológica de professores e alunos, e um dos fatores que contribuíram foi a desorganização na delimitação do horário de trabalho, já que o trabalho de forma remota exigiu do professor que atendesse um maior número de demandas dos alunos, possivelmente também resultado da dificuldade de acompanharem as aulas nessa modalidade, seja pela fragilização das habilidades e competências formativas, seja também por problemas de saúde ou psicoemocionais. No cenário de isolamento ou restrição, sem um contato pessoal com os alunos, torna-se extremamente difícil realizar uma análise qualitativa das práticas pedagógicas em sala de aula virtual, o que não deixou de ser necessário tendo em vista que o professor precisou dar ainda mais apoio – de forma contínua e adaptada – aos alunos.

Algo a se considerar é quais as transformações que a profissão sofrerá. Mesmo com a volta das aulas presenciais, diversos fatores, como as dificuldades de acesso enfrentadas pelos alunos, os efeitos físicos e emocionais da pandemia e a falta do contato em sala de aula, levaram a uma necessidade de flexibilização e complacência que, fatalmente, reduziu a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. A volta a presencialidade certamente será impactante para diversos alunos, mesmo aqueles que ansiavam por este retorno.

Ainda que um trabalho acadêmico não seja um exercício de futurologia, algumas questões que invariavelmente aparecem, são: O que ficará do remoto? Abandonaremos este momento de *influenciadores digitais*? Será possível voltar a lecionar apenas com pincel e lousa? É preciso tomar cuidado com perguntas assim. Devemos lembrar da advertência de Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1968, p. 41 e ss.), sobre a tentação do profetismo, mas não podemos deixar de considerar que, certamente, existe a possibilidade de surgir uma acentuada demanda dos alunos por uma maior atenção nas redes sociais fora dos momentos em sala de aula, e talvez até uma demanda por videoaulas e atividades *online*, e, ao mesmo tempo em que é provável que muitas IES não irão remunerar os professores por tais atividades. Também é provável que muitos professores se sentirão compelidos a continuar se mantendo ativos no meio digital, como um diferencial, seja para melhorar o processo de construção do conhecimento, seja para ter um diferencial enquanto profissional, ou ambas as razões.

São temas que devemos abordar em trabalhos posteriores.

REFERÊNCIAS

- ARRIOLA, JOAQUÍN; VASAPOLLO, LUCIANO. **L'uomo precario: nel disordine globale**. Milano: Jaca Book, 2005
- ARRUDA JUNIOR, Edmundo Lima de. **Ensino jurídico e sociedade: forma-**

ção, trabalho e ação social. São Paulo: Acadêmica, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *Ökonomisches Kapital, kulturelles Kapital, soziales Kapital*. In: Ullrich Bauer; Uwe H. Bittlingmayer; Albert Scherr (orgs.). **Handbuch Bildungs- und Erziehungssoziologie**. Wiesbaden: Springer VS, 2012.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Le métier de sociologue: préalables épistémologiques**. Paris: Mouton Éditeur, 1968.

CASTELLS, Manuel. **The rise of the network society**. Malden/Chichester: Wiley-Blackwell, 2010

DANTAS, Francisco Clementino de San Tiago. *A educação jurídica e a crise brasileira: Aula inaugural dos cursos da Faculdade Nacional de Direito, em 1955*. In: **CADERNOS FGV Direito Rio**. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p. 9-37.

FALCÃO, Joaquim. *Classe dirigente e ensino jurídico: uma releitura de San Tiago Dantas*. In: **CADERNOS FGV Direito Rio**. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p. 39-80.

FERRAROTTI, Franco. **Il concetto di ruolo**. Youtube, 2017. Disponível em <<https://youtu.be/Rp6rqRcmQHU>>. Acesso em 17 fev. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Paz e Terra, 2017. Não paginado (eBook Kindle).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2013. Não paginado (eBook Kindle).

GOFFMAN, Erving. **Behavior in public places: notes on the social organization of gatherings**. New York: The Free Press, 1963a.

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual: essays on face-to-face behavior**. New York: Anchor Books, 1967.

GOFFMAN, Erving. **Stigma: notes on the management of spoiled identity**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1963b.

GOFFMAN, Erving. **The presentation of self in everyday life**. New York: Anchor Books, 1959.

GONÇALVES, Beatriz. **Pesquisa aponta que 9 em cada 10 professores da rede pública de ensino não tinham nenhuma experiência com aulas remotas antes da pandemia**. Disponível em <<https://neoradar.uai.com.br/pesquisa-aponta-que-9-em-cada-10-professores-da-rede-publica-de-ensino-nao-tinham-nenhuma-experiencia-com-aulas-remotas-antes-da-pandemia/>>. Acesso em 18 fev. 2022.

GONÇALVES, Francysco Pablo Feitosa. **Possibilidades de uma ciência reflexiva no direito: uma aproximação ao campo das Faculdades de Direito em Recife**. 434 f. Tese (Doutorado em Direito) - Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife, 2017.

KIRCHMANN, Julius Hermann von. **Die Werthlosigkeit der Jurisprudenz als Wissenschaft**. Berlin: Springer, Berlin, 1848. Disponível em <[68](http://sammlun-</p></div><div data-bbox=)

gen.ub.uni-frankfurt.de/1848/urn/urn:nbn:de:hebis:30:2-21092>. Acesso em 19 fev. 2022.

KRENTZ, Lúcio. *Magistério: vocação ou profissão?* **Educação em Revista**, n° 3, Belo Horizonte, jun, 1986. Disponível em <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n03/n03a04.pdf>>. Acesso em 19 fev. 2022.

LANDIM, José Francisco Paes; et al. **Encontros da UNB: ensino jurídico**. Brasília: UNB, 1979.

LEITÃO, Keila de Souza; CAPUZZO, Denise de Barros. *Impactos do Burnout em professores universitários no contexto da pandemia de Covid 19*, **Revista Humanidades e Inovação**, v.8, n.40, p. 378-390. Disponível em <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5067>>. Acesso em 19 fev. 2022.

LÓPEZ, Elsa Santamaría. *La precarización del empleo y de las relaciones laborales*. In: Elsa Santamaría López; Amparo Serrano Pascual. **Precarización e individualización del trabajo: claves para entender y transformar la realidad laboral**. Barcelona: Eitorial UOC, 2016.

MEAD, George Herbert. **Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorist**. Chicago: University of Chicago Press, 1934.

MENDES, Francilda Alcantara. **Da tradição coimbrã ao bacharelismo liberal: como os bacharéis em direito inventaram a nação no Brasil**. Jundiaí: Paco, 2021.

MORRISON, Ryan. *From sallow skin due to lack of sunlight to a hunched back from working at home*. **Daily mail**. 01 jul. 2021. Disponível em <<https://www.dailymail.co.uk/sciencetech/article-9745245/Terrifying-visual-reveals-humans-look-lockdown-norms-continue.html>>. Acesso em 18 fev. 2022.

OLIVEIRA, Joana. **Em meio à rotina de aulas remotas, professores relatam ansiedade e sobrecarga de trabalho**. El País. 21 mai. 2020. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-21/em-meio-a-rotina-de-aulas-remotas-professores-relatam-ansiedade-sobrecarga-de-trabalho.html>>. Acesso em 18 fev. 2022.

PROFESSORES: 70% enfrentaram dificuldades para lecionar na pandemia. **Correio Braziliense**. 09 fev. 2021. Disponível em <<https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2021/02/4905615-professores-70-tiveram-dificuldades-para-lecionar-na-pandemia.html>>. Acesso em 18 fev. 2022.

QUEIROZ, Daiane de; GOMES, Ana Carolina N. G. F.; TASSIGNY, Mônica Mota. *Aulas remotas e ensino à distância no período pós-Pandemia: um olhar sobre o ensino jurídico pela perspectiva dos universitários em Fortaleza*. **Prim@ Facie**. João Pessoa, v. 19, n. 42, mai-ago, 2020, p. 402-429. Disponível em <<https://periodicos3.ufpb.br/index.php/primafacie/article/view/53775/32064>>. Acesso em 19 fev. 2022.

SALDANHA, Nelson. *Entrevista com o Professor Nelson Saldanha*. **Revista Tri-**

mestral de Direito Civil, vol. 7, jul/set, 2001. Disponível em <<https://ibdcivil.org.br/wp-content/uploads/2020/11/entrevista-vol-7.pdf>>. Acesso em 16 fev. 2022.

VENANCIO FILHO, Alberto. **Das arcadas ao bacharelismo**: 150 anos de ensino jurídico no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1982.

VIEIRA, Gina. *Sobre a semana pedagógica da rede de ensino do DF: O que a SEEDF comunica ao eleger Luiz Felipe Pondé, Anthony Portigliatti e Leandro Karnal seus porta-vozes?* **SINPRO-DF**. 14 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.sinprodf.org.br/sobre-a-semana-pedagogica-da-rede-de-ensino-do-df/>>. Acesso em 20 fev. 2022.

CAPÍTULO 6

EDUCAÇÃO, JUVENTUDE E REDE SOCIAL: A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA PERTENCER NO DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES PELO INSTAGRAM

Gabriel Silveira Pereira¹

Camila Vessozi da Silva²

Milene Araújo Vitorino³

Paola Cardoso Purin⁴

1 INTRODUÇÃO

Este texto, produzido como um relato de experiência, mobiliza reflexões a respeito da atuação de um Programa de Ensino em atividade no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Osório, o qual teve sua primeira edição no período de setembro de 2020 a março de 2021 e desenvolveu sua segunda edição entre julho e dezembro de 2021, durante o contexto de distanciamento social desencadeado pela pandemia da Covid-19. Trata-se, assim, de uma memória das duas edições do Programa Pertencer - Acolhimento, Escuta e Integração em Assistência Estudantil, com

-
- 1 Licenciado em Letras e Tecnólogo em Processos Gerenciais pelo Centro Universitário Cenecista de Osório (UNICNEC). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/MP) da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Técnico Administrativo em Educação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Osório. E-mail: gabriel.pereira@osorio.ifrs.edu.br.
 - 2 Bacharela em Serviço Social e Especialista em Serviço Social e Direitos Humanos pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Assistente Social do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Osório. E-mail: camila.vessozi@osorio.ifrs.edu.br.
 - 3 Licenciada em Letras - Português, Espanhol e respectivas Literaturas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (Uri-Santiago) e Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/MP) da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Osório. E-mail: milene.vitorino@osorio.ifrs.edu.br.
 - 4 Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Mestre e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pedagoga no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Osório. E-mail: paola.purin@osorio.ifrs.edu.br.

ênfase para os impactos da utilização de uma rede social no desenvolvimento de suas ações.

O Programa Pertencer, iniciativa que recebeu apoio institucional do IFRS em suas duas edições, configura-se como uma proposta que abriga ações com o objetivo de contribuir para a promoção de espaços de acolhimento, escuta e integração em Assistência Estudantil, visando colaborar com o sentimento de pertencimento dos estudantes. Sua constituição, pensada em alinhamento com os princípios institucionais e tendo por gênese a perspectiva da formação humana integral, dá-se por intermédio de dinâmicas voltadas a promover o acolhimento e o bem-estar dos estudantes do Ensino Médio Integrado (EMI) da Instituição, vinculados aos cursos de Administração e Informática.

Cabe destacar que esta iniciativa foi pensada, inicialmente, sem considerar que se passaria por um período pandêmico e, por conseguinte, pela suspensão das atividades presenciais no âmbito do IFRS. Nesse sentido, é importante pontuar que este Programa de Ensino foi construído para ser realizado presencialmente, mas, por conta das exigências do período, passou por uma reconfiguração, ganhando materialidade a partir de um formato não presencial e em um momento no qual se mostrava fundante buscar restabelecer o contato e os diálogos com os estudantes, haja vista que o novo momento vivenciado, de crise política e sanitária, veio impactando, de diferentes formas, a vida e as rotinas de cada um.

Diante dessa imediata necessidade de contato, viu-se na constituição de uma página em rede social a possibilidade de se estar próximo da comunidade escolar, como também de produzir conexões afetivas e promover instâncias de acolhimento, escuta e integração. Assim, uma das primeiras preocupações da equipe do Programa, formada por cinco estudantes voluntários e bolsistas e por servidores da Instituição, estava na necessidade de se fazer presente na vida dos estudantes, e o caminho pensado para que se alcançasse o observado foi, justamente, o de adentrar o contexto virtual, materializando-se em uma rede social.

Considerando a ideia central da proposta e seus objetivos, como também conhecendo o perfil do público a ser atendido, elegeu-se o Instagram para a criação desta primeira conta. Essa rede social, conhecida por possibilitar o compartilhamento de fotos e vídeos e que é a quarta mais utilizada no Brasil, além de bastante presente entre os estudantes, também apresentava recursos importantes para o trabalho da equipe, como a possibilidade de legenda, a ser utilizada no desenvolvimento de textos, como também a existência de recursos acessíveis para a descrição das imagens, fator fundante à acessibilidade dos usuários.

Com a criação do perfil “@pertencer_ifrsosorio”, investiu-se na produção de uma identidade visual, assim como se passou a estudar estratégias para a utilização deste recurso no desenvolvimento do Programa. Assim, definiu-se, inicialmente, que este espaço serviria para o compartilhamento de informações

sobre as ações do Programa, como também para a proposição de diálogos formativos e voltados à sociabilidade. Ainda, instituíram-se, logo na primeira edição, duas dinâmicas fixas de atuação: a disponibilização, no perfil, de um link que direcionava a um Formulário “Precisa de Ajuda”, para contatos com a equipe e solicitação de apoio aos seus membros, como também as publicações semanais das “Dicas de Estudos com Egressos”, uma forma de produzir conexões entre os estudantes em curso com aqueles que já haviam passado pela Instituição e, com isso, possibilitar trocas de experiências e aprendizagens.

Na segunda edição, o Programa Pertencer seguiu investindo na utilização do Instagram, compartilhando dicas de estudos produzidas pelas bolsistas e, até mesmo, modelos de *planners* personalizados para uma melhor organização dos discentes. Seguiram sendo compartilhadas informações de eventos e campanhas produzidas pela equipe, assim como realizadas interações pelo *feed* e/ou pelos *stories*. Sublinha-se, ainda, que um dos pontos de maior dedicação da equipe do Programa, na edição, esteve relacionado à atenção para a Saúde Mental, dessa forma, semanalmente, entre os meses de setembro e outubro de 2021, foram compartilhadas postagens na ação “Conversa com Especialista”, a qual consistiu em disparar, no Instagram, trechos escritos de duas entrevistas realizadas com psicólogas atuantes em diferentes campi do IFRS, a partir de perguntas organizadas pela equipe de bolsistas.

Tendo em vista a consideração de importância da utilização desse recurso num contexto de distanciamento social, em especial tendo por base o público da ação, jovens do Ensino Médio Integrado, resolveu-se apresentar neste texto a experiência da equipe, com vistas a também destacar que a utilização de Redes Sociais no contexto escolar, embora nem sempre acolhida da melhor forma por todas as realidades, pode, sim, de modo articulado e em atenção permanente aos objetivos constituintes, contribuir para a sociabilidade dos discentes, colaborar para o desenvolvimento do vínculo com a Instituição e promover ações formativas sensíveis e qualificadas.

Expõe-se, entre os resultados evidenciados, o engajamento da comunidade escolar na relação com a conta do Programa, a qual chegou a 255 seguidores, acompanhantes diretos das publicações, atingindo a um número ainda mais expressivo de discentes, considerando os compartilhamentos realizados pela equipe de execução, o setor de Comunicação do Campus e, até mesmo, dos próprios participantes e servidores. A sinalização de curtidas e os comentários gerados nas publicações, pela constância, também trouxeram significados fundantes à consolidação do trabalho realizado e demonstravam o alcance e a efetividade do que se propunha.

Diante do exposto, de modo a discorrer mais sobre a utilização da rede social do Programa na atuação com os jovens do EMI, apresentar-se-ão, ao longo

do material, mobilizações teóricas, compreensões experienciais, produções e resultados oriundos da constituição desse espaço tão caro à equipe do Programa Pertencer, como também à comunidade do IFRS Campus Osório.

2 JUVENTUDES, ENSINO MÉDIO INTEGRADO E DISTANCIAMENTO SOCIAL: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O Programa Pertencer configura-se como uma iniciativa desenvolvida no contexto de um Instituto Federal e que se orienta pelos princípios desta Instituição, em especial no que se trata dos pressupostos da Assistência Estudantil, ao qual é filiado. Por isso, tem como gênese, em sua proposta formativa, a concepção de uma formação humana integral. Nesse sentido, entende-se como importante pontuar, desde já, de qual contexto se fala e que perspectiva político-pedagógica tem representada, e para isso, utiliza-se da definição de Pereira, Purin e Sant'Anna (2021, p. 173) para manifestar a compreensão de que:

A formação humana integral representa o contraponto necessário à formação acrítica, pragmática e fragmentada voltada à formação dos filhos e filhas da classe trabalhadora, orientada pelas premissas do capital. Em síntese, representa a unidade de um posicionamento ético, político, epistemológico e pedagógico que almeja promover uma formação que possibilite o desenvolvimento das potencialidades e dimensões que nos constituem, correlacionada à compreensão crítica da realidade concreta e à consolidação de uma práxis transformadora.

Vê-se, portanto, nessa realidade, um espaço rico e potencial de desenvolvimento afetivo, crítico, humano e solidário, fator que mobilizou a equipe a pensar em estratégias que valorizassem esses aspectos formativos e não permitisse que, de forma alguma, fossem esvaziados durante o contexto pandêmico e de suspensão das atividades presenciais, já que, conforme destacam Silva, Sousa e Menezes (2020, p. 299), “no âmbito educacional, as diversas instituições de ensino tiveram que se remodelar e sofrer mudanças operacionais imediatas, como por exemplo, a implantação da modalidade de Ensino Remoto”.

Destaca-se, também, a compreensão de que “os Institutos Federais surgem como a síntese de lutas voltadas ao direito de uma educação ampliada, superando o pragmatismo, fragmentação e tecnicismo presentes na Educação Profissional, visando a qualificação humana” (PEREIRA; PURIN; SANT'ANNA, 2021, p. 170). E, diante do exposto, compreende uma política engajada e que requer o comprometimento de todo o coletivo institucional na intenção de consolidar uma travessia para a transformação da realidade social. Assim, em vista do período pandêmico, os esforços precisaram ser redobrados, a fim de que os objetivos institucionais fossem mantidos.

Pondera-se, também, que a iniciativa do Programa Pertencer constituiu-se

voltada a um coletivo de, aproximadamente, quatrocentos estudantes do Ensino Médio Integrado, tendo, em média entre quinze e dezenove anos, jovens em um período de intensas transformações e de significativas mudanças, no qual a sociabilidade mostra-se fundante aos processos. Dessa maneira, fez-se ainda mais urgente pensar em estratégias que permitissem as aproximações do contexto escolar de uma forma leve e sensível, como também a constituição de encontros entre esses diferentes jovens, tanto na vivência em rede social como nos demais espaços de atuação do Programa.

Reafirma-se, também, esse entendimento, alicerçando-se na concepção de que:

Trabalhar com jovens – com sua multiplicidade cultural – requer um conhecimento de suas expectativas para que a escola possa ser um ambiente de pertencimento desses sujeitos e consiga explorar toda sua potencialidade, não somente em sua função pedagógica, mas também como local de sociabilidade, de afetos e de desenvolvimento de seres humanos conscientes de si mesmos e de sua relação com os outros (REIS; SOUZA; SANTOS, 2015, p. 08).

Nesse sentido, destaca-se que a atuação com jovens deve ser precedida da compreensão de que não manifestam uma homogeneidade e que, ao contrário, representam uma rica pluralidade, um corpo constituinte de experiências diversas, detentor de distintas aprendizagens e precursor de muitos conhecimentos, em diferentes culturas, construções e trajetórias de vida. Assim, pensar as juventudes não se mostra como um exercício simples, mas se materializa numa vivência rica e importante, ainda mais quando se pensa em juventudes de forma presente, em diálogo sensível e direto com as suas realidades.

Conforme já exposto, a proposta do Ensino Médio Integrado, a qual visa à formação humana integral em um compromisso presente com a transformação da realidade social, constitui-se como um campo profícuo à proposição de diferentes experiências formativas. Com isso, avalia-se como necessária a predisposição para o pensar as distintas realidades estudantis, sempre em associação com os momentos vivenciados.

Observa-se que “as juventudes podem ser retratadas e conceituadas sob vários pontos de partida, vinculados não só à uma dimensão de fase do ciclo da vida, mas à bagagem social, cultural e econômica” (EMERIM; FAÉ; SCOPEL, 2021, p. 03). E é sob essa perspectiva que se apresenta esta discussão e se consolida a base teórica do Programa Pertencer, partindo-se do reconhecimento de que a atuação com juventudes requer a compreensão da diversidade e a vivência das diferentes culturas juvenis.

Retoma-se que, diante do contexto pandêmico, a reflexão dos objetivos institucionais e das perspectivas formativas precisou ser ainda mais fortalecida,

tendo por consideração que o ensino integrado, como sua proposta política e pedagógica engajada, materializava-se, presencialmente, de uma forma, mas, na constituição do novo momento, em muitos aspectos teve de ser revisto, vivido e dialogado, com vistas a encontrar caminhos que permitissem alcançar a proposta formativa ou, pelo menos, não se distanciar dela.

Nesse contexto, as considerações do trabalho com juventudes precisaram ser revistas, afinal parcela significativa das experiências presenciais, de natureza prática e sensível, perderam centralidade. Assim, alcançar os jovens e trazê-los, integralmente, a esse novo momento nem sempre foi tão simples, pois aspectos atrativos e ricos à sociabilidade, em parte, não se davam mais da mesma forma, e, como se não bastasse, as próprias constituições políticas, socioeconômicas e sanitárias do período exigiram que muitos daqueles jovens que, antes, viviam, como rotina, apenas o contexto escolar, passassem também a trabalhar e a assumir responsabilidades de apoio no campo financeiro e em outros âmbitos das estruturas e dos cuidados familiares.

Importante se faz registrar, em uma produção tal como esta, a percepção relativa às mutações desse período, as quais atravessaram a sociedade e as relações humanas. Pontua-se que, no espaço escolar, no qual a diversidade já se apresenta cotidianamente, descortinaram-se ainda mais essas questões de nível social e pedagógico. Dessa forma, esses aspectos da vulnerabilidade social e relativos às diversidades nos campos socioeconômicos e de aprendizagem exigiram a renovação das formas de ver o mundo, as pessoas e os processos educacionais e, por isso, fez-se ainda mais urgente refletir a compreensão de que “os sujeitos da educação são seres individualizados, diferentes entre si. A sensibilidade para com a diversidade humana não é algo novo em educação, como não o é na filosofia política e no pensamento ocidental, em geral” (SACRISTÁN, 2002, p. 223).

Traz-se, também, a concepção de que:

O desenho de cada cultura juvenil poderá ter não só o contorno como também as cores determinadas pelas questões de classe, relações de poder, diferentes inserções sociais, econômicas, políticas e culturais assim como pelos interesses específicos de cada grupo. Essas questões estão postas no espaço escolar e precisam ser enfrentadas para que o jovem torne-se sujeito no processo educacional e sinta-se como parte importante nesse contexto (MARTINS; CARRANO, 2011, p. 51).

Diante das discussões propostas e perante tantas especificidades, sabe-se que o Programa Pertencer e, no caso, a proposição de práticas com a utilização de uma rede social, infelizmente, não conseguiram integrar e acolher todo o coletivo de estudantes, mas, ao mesmo tempo, por sua estrutura próxima das realidades discentes e predisposição sensível e dialógica, conseguiu avançar em muitas pautas, como também se fazer vivo nas rotinas de grande parte dos

jovens educandos, promovendo acolhimento, escuta, integração, estímulo à sociabilidade e interlocuções afetivas.

3 O PROGRAMA PERTENCER NA REDE: DIÁLOGOS, INTERAÇÕES E CONSTRUÇÕES DE CONHECIMENTO

O contexto de distanciamento social, inegavelmente, convidou estudantes e educadores a (re)pensarem sua relação com a escola, o aprender e o ensinar. As conversas nos corredores, as saídas da sala nas trocas de períodos, os momentos de intervalo, os trabalhos em grupo, etc. ganharam outros significados. Com isso, o acompanhamento estudantil no contexto do IFRS Campus Osório também precisou redesenhar sua atuação, direcionando a atenção para o momento vivenciado e buscando retomar o vínculo com a comunidade escolar.

O Programa Pertencer, que tem por gênese os temas de acolhimento, escuta e integração, viu seus conceitos-chave assumindo novas concepções e, assim, como não poderia ser diferente, passou a pensar em possibilidades de fazer-se presente e significativo às dinâmicas estudantis, mesmo num formato não-presencial. Para isso, como já se expôs, viabilizou-se a criação da conta de Instagram “@pertencer_ifrsosorio”, a qual se tornou um espaço de trocas, socializações, aprendizagens e vínculo humano. Essa, desde o princípio, buscou ser divulgada entre os discentes e expressa na cultura do Campus, assim a identidade visual mostrou-se um aspecto de bastante atenção, haja vista a assimilação do espaço e de seu lugar institucional como uma ação de base à atuação da Assistência Estudantil.

Imagem 01: Página inicial do Programa Pertencer.

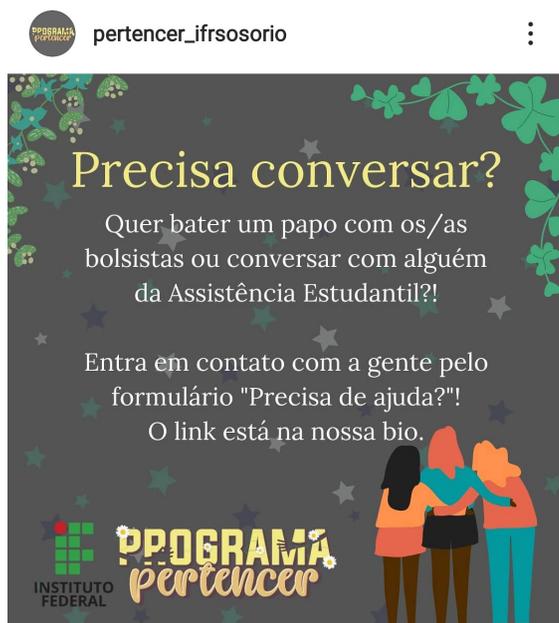


Fonte: Instagram do Programa Pertencer (@pertencer_ifrsosorio), 2022.

A partir da conta no Instagram, viu-se a possibilidade de constituir mais um espaço de diálogo e atenção, como também de aproximar os estudantes do Campus neste novo momento vivenciado. Cabe destacar que a primeira edição do Programa ocorreu em paralelo com a retomada das aulas no IFRS, considerando que, de março a agosto de 2020, a Instituição teve essas atividades suspensas até consolidar as Atividades Pedagógicas Não Presenciais e, posteriormente, retomar o Calendário Acadêmico com a proposição do Ensino Remoto. Então, foi um momento de produzir interlocuções e de buscar retomar, com mais materialidade, o vínculo com os educandos.

Com tantas mudanças ocorridas num curto espaço de tempo e diante das múltiplas vivências que passaram a fazer parte das rotinas dos estudantes, levando em consideração, também, a inexistência do contato físico aproximado e o não funcionamento de setores de acompanhamento estudantil de forma presencial, propôs-se, em disponibilização pelo Instagram, um formulário para contato com a equipe, como uma forma de acenar para a disponibilidade em recebê-los e, em alguma medida, dizer que se estava ali para o que precisassem. Embora esse espaço não tenha apresentado uma procura significativa dos discentes, reverberou em contatos, individualizados, com membros da equipe e pelo próprio *direct* da conta, sempre que tinham dúvidas e/ou precisavam de algum auxílio.

Imagem 02: Divulgação do formulário Precisa de Ajuda.



Fonte: Instagram do Programa Pertencer (@pertencer_ifrsosorio), 2022.

A conta também ampliou a possibilidade de comunicação com os estudantes, os quais passaram a acompanhar as ações produzidas pelo coletivo do Programa e, nesse sentido, buscou produzir uma dinâmica constante de publicações e interações, a fim de que os discentes se mantivessem atentos ao trabalho realizado, aos momentos formativos propostos e às socializações organizadas pelo grupo. Ainda, sublinham-se as possibilidades de construção de vínculo entre a equipe de execução e os estudantes, tendo em vista uma maior visibilidade e a aproximação em diferentes momentos e instâncias de trocas humanas e afetivas, fator que precisa ser destacado como, extremamente, relevante, em especial para a equipe de Assistência Estudantil, a qual sempre tem buscado promover momentos de socialização no âmbito institucional, a partir da proposição de trocas voltadas ao bem-estar dos discentes.

Imagem 03: Interação produzida pelo Instagram.



Fonte: Instagram do Programa Pertencer (@pertencer_ifrsosorio), 2022.

Outro ponto bastante presente na dinâmica do Programa, ao longo das duas edições, e do qual o Instagram mostrou-se como instrumento central, foi a produção e divulgação de Dicas de Estudos, enviadas, na primeira etapa por dezessete egressos do Ensino Médio Integrado, de uma forma leve, descontraída e dialógica, e, posteriormente, pelas bolsistas que integravam o Programa, as quais, inclusive, diante da observância à quantidade de atividades que os estudantes estavam desenvolvendo durante o ensino remoto, propuseram a realização de *planners* personalizados, adaptados às dinâmicas do período.

Imagem 04: Modelo de *Planner* - Programa Pertencer.



Fonte: Instagram do Programa Pertencer (@pertencer_ifrsosorio), 2022.

Destaca-se, da mesma forma, a utilização do espaço da conta para a divulgação de rodas de conversa e de outros momentos de trocas e socialização propostos pela equipe do Programa. O compartilhamento de mensagens acolhedoras e de incentivo, assim como de materiais voltados à saúde mental, oriundos de entrevistas com psicólogas também se materializou no Instagram do Programa, mobilizando conhecimentos voltados ao autocuidado e à importância de se perceber e buscar apoio profissional sempre que necessário.

Imagem 05: Convite - Evento Ciclo de Encontros Integrados.



Fonte: Instagram do Programa Pertencer (@pertencer_ifrsosorio), 2022.

Na conta, ainda é possível rever registros dos momentos realizados, como também observar comentários de estudantes e servidores sobre a equipe, as práticas desenvolvidas e as percepções em relação às ações. Tudo isso de forma pública, mas sempre com moderação da equipe de bolsistas com o suporte da equipe de servidores. Nesse sentido, vale-se pontuar que, ao longo das duas edições, não houve quaisquer relatos de experiência negativa e/ou de problemas relativos à utilização desse recurso. No entanto, no que se trata de aspectos positivos, avalia-se como uma ação de resultado explícito e expressivo, de incentivo à socialização e de cuidado mútuo, haja vista que as interações estabelecidas não somente impactaram aos estudantes, como também a equipe de execução.

4 CONCLUSÃO

Diante da experiência vivenciada, faz-se fundamental reafirmar o quanto as instituições escolares podem alcançar seus jovens estudantes quando se propõem a vivenciar, junto deles, os tempos contemporâneos. A partir de dimensões afetivas e olhares atentos às diferentes culturas juvenis é que se pode constituir uma educação mais sensível à diversidade e concreta às necessidades estudantis.

Traça-se, ainda, a compreensão de que, com apoio e orientação, os próprios estudantes são capazes de produzir encontros e pensar momentos de trocas de aprendizagem, pois já o fazem, diariamente, ao compartilharem diferentes espaços e produzirem distintas conexões com a realidade. Assim, num processo sensível e dialógico, vê-se como fundante que os conhecimentos e as trajetórias dos estudantes sejam vistos e se façam presentes no currículo escolar, haja vista a percepção de que os momentos formativos escolares não se limitam ao interior da sala de aula.

Percebe-se que as redes sociais se fazem muito presentes nos cotidianos dos jovens e da sociedade como um todo, sendo utilizadas de diferentes formas e com incontáveis finalidades. Ainda, não se pode perder de vista que o contexto pandêmico exigiu novas maneiras de viabilizar momentos formativos. Dito isso, ao unir essas duas considerações, fez-se significativo refletir os caminhos de uma educação dialógica e baseada na interação, com o apoio de uma rede social, a qual apresentou resultados qualitativos bastante significativos.

Elucida-se, por fim, a importância de que se possa pensar na potência das redes sociais como mobilizadoras de trocas e na constituição de práticas pedagógicas sensíveis às realidades discentes. Refere-se, também, com base na dinâmica produzida, o quanto a aproximação oriunda deste contato em rede mostrou-se rica à proposição de dinâmicas e à qualificação dos processos dialógicos de acompanhamento e apoio escolar.

REFERÊNCIAS

- EMERIM, M. E.; FAÉ, J. S.; VIEIRA, J. A.. Juventudes contemporâneas e os desafios da educação, trabalho e cultura. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 23, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/6140>. Acesso em: 27 jan. 2022.
- PEREIRA, G.S.; PURIN, P. C.; SANT'ANNA, S.M.L. O ensino integrado no contexto do IFRS: A perspectiva da formação humana integral em cursos técnicos de nível médio. In: QUADROS, A. S. et. al. (Orgs). **Diálogos na pós-graduação do IFRS Campus Osório: reflexões sobre a educação básica e profissional**. São Paulo: Pragmatha, 2021, p. 167-191.
- REIS, R.; SOUZA, E.; SANTOS, J. M. C. T. Identidades Juvenis e experiência escolar no Ensino Médio. **Holos**, Natal, v. 4, p. 3-17, ago. 2015. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/3189/1123>. Acesso em: 27 jan. 2022.
- SACRISTÁN, J. G. **Educar e conviver na cultura global**: as exigências da cidadania. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SILVA, A. C. O.; SOUSA, S. A.; MENEZES, J. B. F. O ensino remoto na percepção discente: desafios e benefícios. **Dialogia**, São Paulo, n. 36, p. 298-315, set./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/18383/8717>. Acesso em: 27 jan. 2022.
- MARTINS, C. H. S.; CARRANO, P. C. R. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/2910>. Acesso em: 27 jan. 2022.

CAPÍTULO 7

POSSIBILIDADES E LIMITES DOS USOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ESCOLARES

Sérgio Teixeira das Silva¹

Pedro Batela Neto²

1. INTRODUÇÃO

Este artigo trata-se de um recorte de um trabalho de conclusão de curso de pós-graduação *lato sensu*. Buscou-se como objetivo geral, compreender as possibilidades e os limites sobre os usos das novas tecnologias por trinta educadores da Rede Estadual de Ensino do Estado de Minas Gerais, no período de março a agosto de 2019. Para tanto, alguns questionamentos foram feitos: Quais recursos tecnológicos os docentes mais utilizam em suas aulas? Com que frequência utilizam esses recursos? Quais dificuldades apresentam quanto ao manejo e utilização das novas tecnologias na escola e nas salas de aula? Como as instituições de ensino se organizam para dinamizar a utilização das tecnologias digitais? Quais são as vantagens e as desvantagens da utilização das novas tecnologias no processo pedagógico escolar?

A realização da pesquisa se justifica principalmente por constatar que na sociedade contemporânea, as novas tecnologias fazem parte de praticamente todas as atividades cotidianas, onde a escola, não pode ser uma exceção. Segundo dados da 11ª Edição da Pesquisa sobre Tecnologias da Informação e Comunicação em Domicílios do ano de 2015, que mede a posse, o uso, o acesso e os hábitos da população em relação às tecnologias digitais, quase 100% da

1 Graduado em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG); Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Especialista em Alfabetização e Letramento pela Universidade Federal de São João Del-Rei (UFSJ). Especialista em Informática na Educação pelo Instituto Brasileiro de Ensino (IBE/MG). Vínculo Profissional: Rede Municipal de Educação de Contagem/MG. E-mail: sergioandreprofessor@gmail.com.

2 Graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG); Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Especialista em Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Vínculo Profissional: Rede Municipal de Educação de Contagem/MG. E-mail: pbatela2014@gmail.com.

população brasileira têm pelo menos um aparelho digital em casa e 58% da população usam a internet (2015).

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que das 57,6 milhões de residências contabilizadas no país em 2008, 17,95 milhões (31,2%) possuíam computadores, sendo que mais da metade deles estava no sudeste (10,2 milhões; 7,98 milhões com acesso à web). A porcentagem de domicílios conectados no Sudeste é de 31,5%, seguida pela região Sul (2,5 milhões; 28,6%), Centro-oeste (999 mil; 23,5%), Nordeste (1,7 milhão; 11,6%) e Norte (427 mil; 10,6%) (PNAD – IBGE, 2008). Os dados nos fazem refletir sobre a importância das tecnologias nas vidas dos brasileiros, uma vez que elas,

modificam profundamente o conceito de tempo e espaço. Posso morar em um lugar isolado e estar sempre ligado aos grandes centros de pesquisa, às grandes bibliotecas, aos colegas de profissão, a inúmeros serviços. Posso fazer boa parte do trabalho sem sair de casa. Posso levar o notebook para a praia e, enquanto descanso, pesquisar, comunicar-me, trabalhar com outras pessoas à distância. São possibilidades reais inimagináveis há pouquíssimos anos e que estabelecem novos elos, situações, serviços, que, dependerão da aceitação de cada um, para efetivamente funcionar. (MORAN, 1995, p. 25).

Conforme observam Lima e Rosi (2013), as mudanças provocadas pelas novas tecnologias têm forçado a escola a buscar alternativas para compreender esse fenômeno e incorporá-lo às suas práticas pedagógicas. Por isso, é crescente o número de especialistas em políticas educacionais que defendem o uso das tecnologias de informação e comunicação como estratégia de aproximar os estudantes das atividades escolares, como um dos meios de se transformar e reestruturar o papel da escola na sociedade.

As novas tecnologias podem representar ferramentas importantes e revolucionárias para o processo educativo, é o que afirma Otaviano *et al.* (2001), ao referendar que,

[...] seu uso no processo de educação tornou-se todo mundo, uma realidade irreversível em todos os níveis de educação. Os benéficos que tem trazido são vários, incluindo a investigação, a resolução de problemas, o gerenciamento de informações e, principalmente, a criação e produção de novos saberes e práticas. O uso das tecnologias no processo educativo estimula à reflexão, o estudo, a pesquisa sobre a aquisição do conhecimento, estimula também uma revisão crítica sobre o ensino tradicional. (OTAVIANO *et al.*, 2001, p.09).

Ao empregar as novas tecnologias em sala de aula, os educadores estimulam a reflexão e a curiosidade dos estudantes e proporcionam inovação em suas práticas docentes. O estudo ora realizado é relevante porque poderá contribuir para endossar a importância das Novas Tecnologias de Comunicação e

Informação (NTICs) no processo de ensino e aprendizagem de estudantes da Educação Básica. Adotar as Novas Tecnologias na escola significa romper com a ordem tradicional do processo educativo, onde, o professor decide por si o que deve ser ensinado. A partir do trabalho com as NTICs, espera-se que os docentes possam contextualizar várias situações presentes no dia a dia dos estudantes que refletem nos conteúdos escolares, tornando mais significativo e relevante o processo de aprendizagem.

Para este estudo de abordagem quali-quantitativa, o percurso metodológico adotado partiu de uma revisão bibliográfica sobre as NTICs e sua importância para as práticas pedagógicas escolares. Num segundo momento, utilizou-se de um questionário semiestruturado composto por dez questões sobre o tema. O questionário foi aplicado via Facebook para trinta educadores da Rede Estadual de Ensino do Estado de Minas Gerais. A escolha dos educadores foi feita partir da proximidade que os pesquisadores possuem com os pesquisados, por serem colegas de trabalho, em escolas da Rede Estadual de Ensino. Após todos os docentes terem respondido o questionário, foram realizadas análises e tabulação dos dados, posteriormente, utilizou-se de recursos do Excel para elaboração de tabelas e gráficos com a intenção de apresentar os resultados da pesquisa.

A hipótese elencada para este estudo é a de que os docentes da Rede Estadual de Ensino das escolas pesquisadas, raramente utilizam das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação em suas aulas, sendo o ensino realizado nos moldes tradicionais onde os recursos didáticos utilizados ainda são o livro didático, o quadro e o giz.

2. OS USOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ESCOLARES

A palavra tecnologia vem do grego “*tekhne*” e significa técnica, arte, ofício. Por possuir a terminação logos, também é compreendida como conhecimento e aplicação. É um termo abrangente, mas que pode ser definido como um conjunto de técnicas, métodos, meios e instrumentos de um ou mais domínios das atividades humanas. Um saber-fazer, uma aplicação prática do conhecimento científico. (MARTINEZ, 2011).

As NTICs são processos e produtos da ciência aplicada nas áreas de comunicação e informação. São tecnologias microeletrônicas, informáticas e de telecomunicações que potencializam a aquisição, a produção, o armazenamento, o processamento e a transmissão de dados na forma de imagem vídeo, texto ou áudio, desenvolvidas no interior das bases materiais de uma determinada sociedade. (GONTIJO, 2008).

O uso de NTICs como mediadoras no processo educacional pode tornar as aulas mais interessantes e contribuir para a aprendizagem dos estudantes. As tecnologias podem proporcionar inúmeras oportunidades de escolha e de interação, uma vez que, a mobilidade e a virtualização rompem com os espaços e tempos rígidos, previsíveis e determinados das aulas. (ROSA, 2013). Os usos das tecnologias possibilitam a comunicação entre os indivíduos em qualquer parte do mundo em horários e locais diversos, facilitando o rápido acesso a informação, estimulando novas formas de agir, pensar e aprender. (KENSKI, 2003).

As tecnologias permitem um novo encantamento na escola, ao abrir suas paredes e possibilitar que alunos conversem e pesquisem com outros alunos da mesma cidade, país ou do exterior, no seu próprio ritmo. O mesmo acontece com os professores. Os trabalhos de pesquisa podem ser compartilhados por outros alunos e divulgados instantaneamente na rede para quem quiser. Alunos e professores encontram inúmeras bibliotecas eletrônicas, revistas online, com muitos textos, imagens e sons, que facilitam a tarefa de preparar as aulas, fazer trabalhos de pesquisa e ter materiais atraentes para apresentação. O professor pode estar mais próximo do aluno. Pode receber mensagens com dúvidas, pode passar informações complementares para determinados alunos. Pode adaptar a sua aula para o ritmo de cada aluno. Pode procurar ajuda em outros colegas sobre problemas que surgem, novos programas para a sua área de conhecimento. O processo de ensino-aprendizagem pode ganhar assim um dinamismo, inovação e poder inusitado de comunicação. (MORAN, 1995, p. 25).

Embora ressalte a importâncias das NTICs no processo educacional, é evidente que a sua utilização não deve ser entendida como sinônimo de desenvolvimento social e/ou cognitivo, a tecnologia não é neutra. A forma como os sujeitos envolvidos no processo se relaciona com as NTICs que vai definir em que medida elas contribuem, ou não, para o aprendizado e o exercício da cidadania.

É nesse sentido que Paulo Freire mostrou-se um crítico e um otimista em relação às NTICs. Para esse pensador, as tecnologias podem ser libertadoras ou conservadoras, tudo vai depender do uso que as pessoas fizerem delas.

Em primeiro lugar, faço questão enorme de ser um homem do meu tempo e não um homem exilado dele, o que vale dizer que não tenho nada contra as máquinas. De um lado, elas resultam e de outro elas estimulam o desenvolvimento da ciência e da tecnologia que, por sua vez, são ações humanas. O avanço da ciência e da tecnologia não é tarefa de demônios, mas sim a expressão da criatividade humana. Por isso mesmo, as recebo da melhor forma possível. Para mim, a questão que se coloca é: a serviço de quem as máquinas e a tecnologia avançada estão? Quero saber a favor de quem, ou contra quem as máquinas estão sendo postas em uso. Então, por aí, observa-se o seguinte: Não é a informática que pode responder. Uma pergunta política, que envolve uma direção ideológica, tem que ser

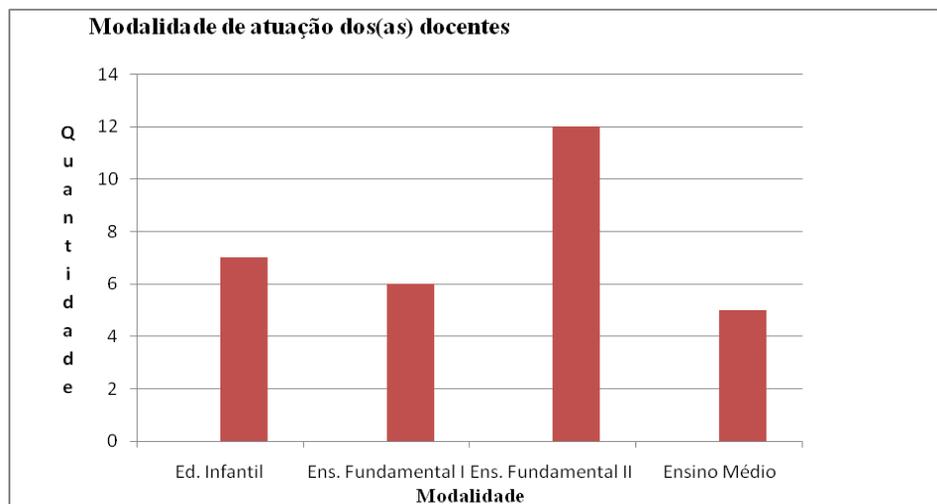
respondida politicamente. Para mim os computadores são um negócio extraordinário. O problema é saber a serviço de quem eles entram na escola. Será que vai continuar dizendo que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil? Que a “revolução” de 1964 salvou o país? Salvou de que, contra que, contra quem? Estas coisas que eu acho que são fundamentais. (FREIRE, 1984, p.06).

Assim como Freire, Kenski (2003) acredita que a incorporação das NTICs nas escolas não passa apenas pela elaboração de políticas públicas, elas devem estar associadas a uma concepção nova de ensino, a ambientes adequados e a formação de professores, para que, esses, possam ser capazes de e utilizá-las de forma significativa. E para utilizá-las dessa maneira, os profissionais devem possuir um perfil específico, nesse contexto, Lucci (2008) elenca que os profissionais da educação possuam formação global e sólida; que tenham conhecimento em computação e domínio do inglês; que sejam polivalentes e consigam atuar em várias áreas; que dominem informações culturais e tecnológicas; que sejam inovadores e predispostos às mudanças; que reciclem continuamente os conhecimentos adquiridos; que possuam postura crítica e interpretem antecipadamente as necessidades futuras da sociedade e que integrem emoção e razão no dia a dia de suas práticas profissionais.

Além das características descritas, cabe aos docentes atingir habilidades e competências que os preparem para acompanhar e interagir com a dinâmica da sociedade atual, principalmente no que se refere ao domínio das Novas Tecnologias, sobretudo da informática, tão presente nas escolas públicas. Como será que se processa essa questão nas escolas públicas mineiras?

É o que se procurou constatar neste estudo, para tanto, considerou-se nesta investigação um total de trinta educadores da Rede Estadual de Ensino de Minas, sendo 15 do sexo masculino e 15 do sexo feminino. Os educadores elencados para a pesquisa fazem parte do convívio do pesquisador e ministram aulas nos municípios de Belo Horizonte, Contagem, Ribeirão da Neves, Sabará e Santa Luzia, sendo estes, municípios que compõem a Região Metropolitana de Belo Horizonte. As questões foram elaboradas com a intenção de verificar quais são as possibilidades e os limites dos usos das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação nas práticas docentes. Por isso, é importante salientar que, dos trinta educadores consultados, sete ministram aulas para a Educação Infantil, seis para o Ensino Fundamental I, doze para o Ensino Fundamental II e cinco para o Ensino Médio. Conforme indicado no gráfico 01 a seguir.

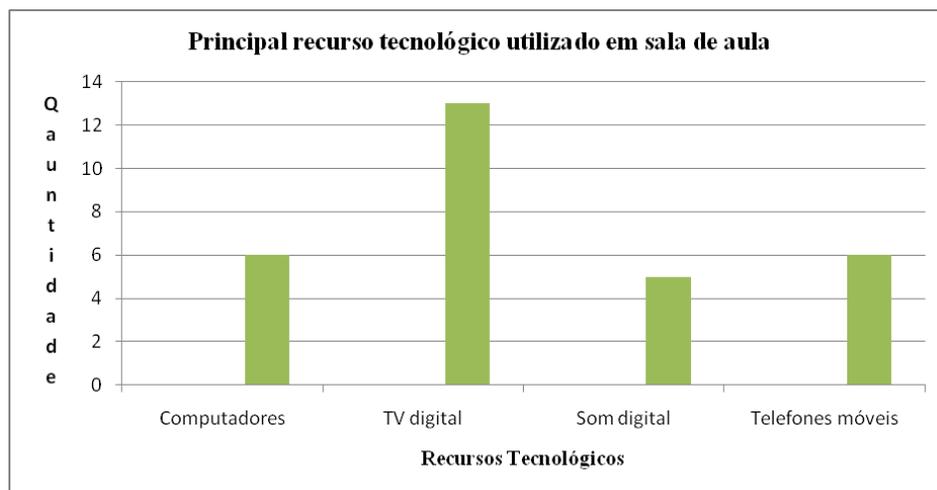
Gráfico 01- Modalidade de atuação dos docentes



Fonte: Elaborado pelos autores

Após análise e categorização das respostas, constatou-se que os trinta docentes utilizam-se das Novas Tecnologias em suas aulas e também nas práticas pedagógicas (planejamentos), obedecendo a seguinte classificação: O uso das TVs apareceu em primeiro lugar, em segundo, os telefones móveis/smartphones e os computadores e em terceiro os aparelhos de som, conforme representado no gráfico 02 a seguir:

Gráfico 02 – Principais recursos tecnológicos utilizados em sala de aula



Fonte: Elaborado pelos autores

É interessante constatar que as TVs digitais surgem como um dos aparelhos

mais utilizados pelos docentes em sala de aula, contudo, de acordo com as respostas obtidas, verificou-se que existem fatores que dificultam a utilização desse recurso tecnológico. Em algumas escolas as TVs são antigas e necessitam de manutenções periódicas, cabeamentos específicos e conversores digitais, o que impede sua utilização em alguns períodos do ano, ficando estas, restritas apenas à exibição de filmes e documentários, dependendo inclusive, de um aparelho de DVD. Outro fator que oferece obstáculo quanto ao uso das TVs, refere-se ao deslocamento do aparelho de um lugar para o outro. Isso ocorre porque, geralmente, nas escolas, não existe uma sala de vídeo específica, por isso, as TVs ficam em “gaiolas com rodinhas”, sendo difícil o transporte, devido ao peso e falta de rampas que facilitem o deslocamento. De acordo com as respostas obtidas, em apenas cinco escolas as TVs encontram-se em armários ou fixadas em paredes nas salas de aula.

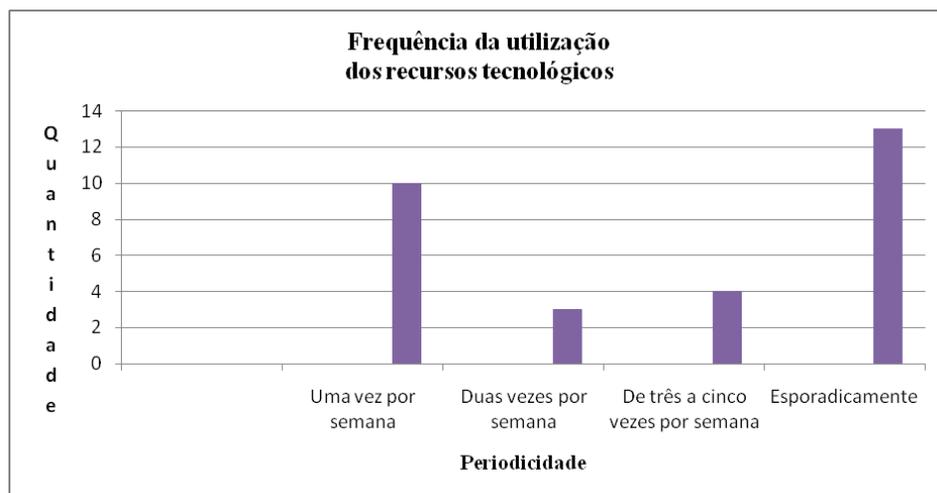
Quanto aos computadores, estes, são muito utilizados pelos docentes que possuem seus próprios notebooks, eles os levam para a escola e os conectam nas TVs, para exibir filmes, documentários, ou outras informações importantes. Dos docentes consultados apenas oito disseram que existe um laboratório de informática na escola em que trabalham, mesmo assim, quatro docentes apontaram fatores que dificultam a ministração de aulas nesses laboratórios, dentre os fatores, citaram: O sucateamento dos computadores, laboratórios muito quentes e pequenos, poucos computadores para utilização, sendo que, às vezes, até três estudantes utilizam o mesmo computador. Em muitas escolas a internet é lenta e em períodos chuvosos, perde-se o sinal, demorando horas para reconexão.

Os telefones celulares/smartphones são bastante utilizados pelos docentes, principalmente no Ensino Médio e no Ensino Fundamental II. Os professores consultados que utilizam os telefones móveis/smartphones como recurso didático, disseram que são ótimas ferramentas para obtenção de imagens/fotografias, principalmente nas aulas de Arte. Sites são indicados para ilustrar algum conteúdo que esteja sendo explicado. O maior fator dificultador do uso dos telefones celulares/smartphones refere-se também ao sinal de internet que, devido à lentidão, não se consegue um processamento adequado. A maioria dos estudantes possui internet em seus celulares, mas, de acordo com os educadores eles não gostam de utilizá-la em sala de aula, pois, alegam que precisarão para outros fins e que os poucos megabytes que possuem não correspondem à demanda de uso.

Outro recurso tecnológico muito utilizado nas escolas pelos educadores é o aparelho de som digital, os docentes que utilizam desse recurso disseram que gostam muito de trabalhar com músicas em suas aulas, por isso, o aparelho de som representa uma tecnologia indispensável. Quanto à utilização desse recurso, houve apenas um educador que alegou a falta de investimento da escola nessa tecnologia, uma vez que, é raro que os aparelhos portáteis existentes nas escolas

estejam em perfeitas condições de uso. O gráfico 03 a seguir demonstra a periodicidade do uso das tecnologias em sala de aula.

Gráfico 03 – Frequência da utilização dos recursos tecnológicos em sala de aula



Fonte: Elaborado pelos autores

A partir das informações contidas no gráfico 03, constata-se que os educadores utilizam esporadicamente os recursos tecnológicos na escola e que, boa parte deles, apenas uma vez por semana. A pouca utilização dos recursos tecnológicos está diretamente relacionada com os fatores dificultadores apontados. De acordo com alguns docentes, outros fatores relacionados a não utilização de recurso tecnológicos em sala de aula refere-se ao desinteresse dos educandos, bem como, a falta de incentivo dos gestores e coordenadores em oferecer suportes que favoreçam, facilitem e dinamizem a utilização das tecnologias. É interessante ressaltar que, ao analisar as respostas dos docentes, constatou-se que os educadores que mais utilizam as NTICs, em suas aulas são os que trabalham no Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Os docentes que trabalham na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I utilizam de três a cinco vezes por semana ou esporadicamente. Os motivos são os mais variados, contudo, as educadoras entrevistadas que atuam na Educação Infantil disseram ser muito difícil trabalhar com computadores com um público que não entende os comandos, mesmo porque, elas não teriam condições de acompanhar várias crianças de uma só vez, pois não há monitores para ajudá-las.

Um dos motivos apontados pelos educadores quanto a não utilização dos recursos tecnológicos na escola refere-se ao módulo reduzido das aulas e à dificuldade que se tem de preparar, instalar e transportar o recurso a ser utilizado. Outro fator que dificulta aulas diferenciadas com utilização de recursos

tecnológicos refere-se à indisciplina existente em algumas turmas. A falta de ambientes específicos como laboratórios e salas de vídeo também é considerado um dificultador. Além desses fatores desafiadores que os educadores precisam vencer para acompanhar as mudanças quanto à ministração de aulas diferenciadas envolvendo as Novas Tecnologias, existe também outra questão que é a da formação docente que, conforme referendado por Cêpa (2014), deve ser almeja por todos os professores, neste sentido, é imprescindível que os educadores possuam um perfil peculiar, que tenham disposição para estudar, que dominem a informática e as NTICs, principalmente aquelas das quais se vai trabalhar, que se aperfeiçoem continuamente usando sua criatividade e ousadia no processo de ensino, que sejam mediadores e não detentores do conhecimento e que saibam socializar os saberes. Além dos educadores, cabe também à escola o seu papel, principalmente quanto ao desenvolvimento de estratégias pedagógicas que leve os docentes a

[...] trabalharemos com um material que faz parte do dia a dia dos sujeitos escolares e é agradável a eles. Introduzir a vida na escola, chegando por meio de textos imagéticos às inquietudes, interesses e dúvidas dos professores e alunos sobre temas vitais; Envolver os docentes em experimentações pedagógicas com novas linguagens. Fazer aflorar percepções e situações vividas no dia a dia, que interfiram em sua prática profissional. Propiciar aprendizagens para além das racionalidades, envolvendo sensibilidade, intuição, emoção e desejo. Possibilitar interação entre os professores, destes com os estudantes, e de ambos com os conhecimentos escolares e as tecnologias. Aumentar o poder de decisão e de criação dos sujeitos. (CÊPA, 2015, p. 18).

Percebe-se, contudo, que os desafios apresentados pelos educadores podem ser superados a partir do momento em que a escola participe ativamente do processo de construção do conhecimento tendo as Novas Tecnologias como aliadas do processo e que ofereça aos educadores condições, oportunidade e suporte para o desenvolvimento de pedagogias inovadoras de ensino com o auxílio dos recursos tecnológicos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização desse trabalho investigativo, considera-se que a hipótese inicialmente indicada foi refutada. Ou seja, de acordo com os educadores que participaram da pesquisa e que responderam o questionário, todos afirmaram que utilizam das tecnologias em sala de aula. Os trinta respondentes negaram que utilizam apenas o livro, o quadro e o giz como recursos didáticos. Conforme foi constatado pelos resultados da pesquisa, os docentes fazem uso das tecnologias, mesmo com todas as dificuldades apontadas por eles.

Cabe ressaltar que as possibilidades e os limites quanto aos usos das Novas

Tecnologias de Informação e Comunicação nas práticas pedagógicas escolares foram se apresentando ao longo das análises das respostas que os educadores deram. Como principal possibilidade que favorecem os usos das NTICs nas escolas, verificou-se que a curiosidade dos educandos frente às tecnologias, principalmente em relação à utilização desses equipamentos em sala de aula, representa um fator importante. Os educadores que mais trabalham com os recursos tecnológicos em suas aulas aproveitam o interesse que os estudantes demonstram pelas aulas diferenciadas, ou seja, pelas aulas em que os professores exploram outros recursos didáticos para explanação dos conteúdos. Além dessa questão, outra possibilidade que os educadores encontraram foi a de utilizar os próprios recursos que os estudantes possuem e levam para a escola como telefones celulares/smartphones, aparelhos de sons portáteis e notebooks, por exemplo. Assim, os educadores podem planejar suas aulas contando com os recursos dos próprios alunos. Outras possibilidades que foram apontadas pelos respondentes, referem-se aos investimentos, ainda que precários, da Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, com a aquisição de computadores, TVs, aparelhos de som para a escola, ampliando o leque de recursos que os professores utilizam em sala de aula.

Por outro lado, em relação aos limites, verificou-se que os aparelhos advindos da Secretaria de Educação para as escolas, muitas vezes chegam às instituições de ensino e ficam guardados por meses sem uso algum. Pelo relato de uma educadora, foi constatado que a escola onde ela trabalha, recebeu quinze computadores e estes ficaram lacrados em caixas durante um ano e três meses, pela falta de cabeamento e de espaço para utilização dos aparelhos. Apenas após esse período, devido a muita insistência por parte da direção da escola, através do envio de ofícios, foi que a Secretaria liberou verba para a construção de uma sala de informática. A estrutura física inadequada, o sucateamento dos equipamentos, os baixos investimentos na aquisição das Novas Tecnologias, bem como o despreparo e a pouca vontade dos docentes em planejar aulas mais dinâmicas que explorem os recursos tecnológicos, também representam obstáculos que precisam ser superados.

Apesar de tantos limites quanto à utilização das NTICs nas salas de aula, constatou-se o alto grau de importância que as Novas Tecnologias desempenham no processo de aprendizagem. A maioria dos docentes percebe o uso das tecnologias nas escolas como uma ferramenta importantíssima para o aprendizado dos estudantes, pois, além de atrair os alunos para o novo, para o atual, as tecnologias possibilitam ampliar os conhecimentos dos estudantes frente à contemporaneidade em níveis profissionais e pessoais.

Pela importância conferida ao tema desse estudo, pretende-se continuar pesquisando sobre a relevância das Novas Tecnologias de Informação e

Comunicação em ambientes escolares. A escola, sobretudo a pública, precisa estar preparada para interagir com o mundo globalizado, com a contemporaneidade, não apenas acompanhar os avanços técnicos e científicos, mas preparar os estudantes para a pesquisa científica, proporcionada quase sempre pela utilização das tecnologias, despertando neles o gosto pela busca, pelo saber e pela ciência, haja vista que vivemos na sociedade do conhecimento e a escola precisa oferecer aos alunos os caminhos para se chegar até ele.

Cabe inferir que a pesquisa que originou este texto foi realizada antes do início da pandemia que resultou a Covid-19 no mundo, até então, o uso das Novas Tecnologias ainda era bastante precário, tanto por parte das escolas quanto por parte dos estudantes e professores. Acredita-se que novos estudos poderão ser realizados no sentido de revelar a importância que as NTICs desempenham na vida dos estudantes e dos professores neste período de pandemia, uma vez que, boa parte do tempo em que as aulas foram remotas e on-line as novas tecnologias se tornaram indispensáveis no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CÊPA, João Paulo Derocy. **TICs e Formação Docente**. Instituto Brasileiro Ensino. 2017.

FREIRE, Paulo. **A máquina está a serviço de quem?** *Revista Bits*, v. 1, n. 7, 1984.

GONTIJO, C. R. B. **Tecnologias de informação e comunicação na educação de jovens e adultos**. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica), Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

KENSKI, V. M. **Aprendizagem Mediada pela Tecnologia**. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 4, n.10, p.47-56, 2003.

LIMA, A. L. D. I ; ROSI, R. **O Papel das TICs na Etapa Mais desafiadora do Ensino Básico**. Pesquisa Sobre o Uso de Tecnologias de Informação e Comunicação nas Escolas Brasileiras. Séries Finais do Ensino Fundamental. *Revista TIC Educação*, p. 73-80, 2013. Disponível em: <http://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-educacao-2013.pdf>. Acesso em 27 out. 2019.

LUCCI, Elian Alabi. **A Era Pós-Industrial, a Sociedade do Conhecimento e a Educação para o Pensar** (2008). Disponível em: <<http://www.del.ufrj.br/~f-mello/eraposindustrial.pdf>> Acesso em: 18 out. 2019.

MARTINEZ, V. C. Conceito de Tecnologia. **Reflexões sobre a tecnologia educativa: conceitos e possibilidades**. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*. 8(1),82.2011.

MORAN, J. **Novas Tecnologias e o Reencantamento do Mundo**. *Revista Tecnológica Educacional*. Vol. 23, n° 216 p, 24-26, 1995. Disponível em: <http://www>.

eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacao/novtec.pdf. Acesso em 20 out. 2019.

OTAVIANNO. José. FREIRE. Fernanda M.P. VALENTE. José Armando. (orgs), **Aprendendo Para a Vida: Os Computadores na Sala de Aula**. Editora Cortez. 2001.

PNAD – IBGE; Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2008/default.shtm>. Acesso em: 25 set. 2019.

ROSA, R. Dificuldades apontadas pelos professores no uso das tecnologias. 2013. Disponível em: < <http://revistas.uniube.br/index.php/anais/article/viewFile/710/1007>> - Acesso em: 10 mar. 2019.

TIC. Domicílios <http://cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2015/>. Acesso em 20 set. 2019.

CAPÍTULO 8

A ESCOLA COMO AGENTE ORIENTADOR DO BOM USO DAS TICs NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Márcia Saiuri Gibo¹

Regina da Conceição Zeferino²

Tatiane Freitas de Sousa Lima³

INTRODUÇÃO

Num mundo cada vez mais globalizado, onde a tecnologia, já está ao alcance das mãos em praticamente todas as idades, desde muito novas as crianças e adolescentes, têm acesso a todo e qualquer tipo de informação, seja ela positiva ou negativa. A partir daí surge o nosso questionamento em como usufruir dessa ferramenta de forma efetiva no âmbito escolar, contribuindo para a formação crítica dos nossos alunos. É preciso preparar o corpo docente da escola, contextualizando essa nova realidade juntamente com os conteúdos abordados do currículo escolar.

A realidade atual de mundo nos faz ter a sensação de que tudo tem se tornado superficial. Os contatos são por rede social, as pessoas deixaram de telefonar; a comunicação é feita à base de troca de mensagens textuais, emoticons, gifs, compartilhamento de imagens prontas - tudo muito dinâmico, onde os conceitos de proximidade, da escuta, da emoção, já ficaram obsoletos.

“Quando deixamos de educar, estamos construindo a ignorância, impedindo a criança e o jovem de dar um passo além para a Alta Performance.” (Içami Tiba, 2012). Valores como cooperação, amor, liberdade, honestidade, humildade, simplicidade, responsabilidade, tolerância entre outros, deixaram de ser transmitido adequadamente pelos pais e educadores no contexto de mundo real e digital, o que permite que esse convívio “raso” entre as pessoas se dê tão corriqueiramente.

Dizer que o mundo se tornou movimentado, onde os compromissos tomam conta de 80% de nosso tempo e sequer podemos ter aquele momento com

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista (UNIP) em 2018.

2 Graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista (UNIP) em 2018.

3 Graduada em Pedagogia pela Universidade Paulista (UNIP) em 2018.

nossos filhos, independentemente da idade, e assim justificar deixá-los com a companhia da tecnologia é algo um tanto cruel. De acordo com a entrevista da psicóloga Julieta Jerusalinsky, vemos hoje uma geração de pais, que não sabem como educar, e acabam incessantemente reféns da tecnologia como auxílio de questões simples, que exigem atenção, e diálogo com os filhos, é muito fácil fornecer o aparelho celular, para o filho no restaurante, para que se tenha uma refeição em “paz”. O ser humano é feito de relacionamentos presenciais. Assim como existem os perigos da violência nas ruas, existem também os perigos nas redes sociais. Quase tudo que está na rede se torna atrativo. E deixar a criança ou adolescente livre nesse campo sem nenhuma intervenção é um risco muito alto.

Como a escola pode intervir nesse aspecto?

Segundo Piaget (1993), o conhecimento não pode ser aceito como algo predeterminado desde o nascimento. Todo o conhecimento é uma construção que vai sendo desenvolvida desde a infância, através do convívio do sujeito com os objetos que sua curiosidade lhe chama atenção. Melo (2012) continua o pensamento de Piaget ao dizer que seria o indivíduo com três dimensões: biológica, psicológica e social, sendo a psicológica a mediadora onde entendemos que a adaptação do ser humano ao social depende dos seus conteúdos internos para essa capacidade. O outro pensamento que é dito por ele é que a ideologia dominante das diferenças entre indivíduos e os grupos é fundamental seria aí que se pensa no respeito que existe na diversidade para a satisfatória interação nas relações sociais.

Considerando a tecnologia de informação e comunicação uma ferramenta importantíssima como aliada ao desenvolvimento do aluno, com grandes possibilidades de ampliar atividades que enriqueçam o conhecimento e desenvoltura da criança e adolescente durante a permanência no espaço escolar, já que é uma realidade existente nas escolas particulares e públicas, e assim levar para o seu convívio social e familiar de maneira positiva e enriquecedora para sua própria evolução como ser pensante e crítico construtivo.

As novas tecnologias estão à disposição para enriquecer o conteúdo pedagógico e com isso, oportunizar a mudança de paradigma que existe atualmente, em relação ao comodismo que há sobre a busca por mais formação acadêmica e ampliação de conhecimentos na área tecnológica por parte dos educadores. O conhecimento sempre avança, nada é permanente.

Objetivos gerais:

- Investigar a utilização das tecnologias da informação e suas ferramentas como uma alternativa para beneficiar o processo de ensino-aprendizagem ampliando a troca de conhecimentos com discernimento e cautela.
- Promover junto aos alunos a conscientização de que a tecnologia pode ser

utilizada a favor ou contra e que os mesmos possam reconhecer qual lado está chegando para eles e sendo utilizado por eles.

- Perceber a relação do estado emocional dos educandos e que a escola pode auxiliar no acolhimento dos alunos que após a avaliação de comportamento necessitarem, desenvolvendo assim projetos/trabalhos em classe que os ajudem.

Objetivos específicos:

- Desenvolver métodos para reflexão consciente do uso das tecnologias;
- Valorizar os recursos tecnológicos nas aulas para um trabalho significativo e de qualidade;
- Dominar recursos tecnológicos e inovações;
- Fazer do uso da tecnologia, uma aliada, na comunicação com todo grupo escolar;
- Criar projetos em conjunto com os professores e alunos, para que a utilização seja mais direcionada;
- Estimular os educandos para a autovalorização, trabalhando a autoestima, e identificando casos de isolamento.

Importante mencionar que existem algumas fragilidades emocionais, sociais e culturais do indivíduo que levam o mesmo a agir de forma impulsiva e acreditar nesses aplicativos que levam ao suicídio. Entendemos que a questão do bullying e cyberbullying também podem, dependendo de a vulnerabilidade contribuir para essas atitudes.

A escola deve ficar mais alerta aos sinais tanto de alunos que sofrem bullying/cyberbullying como de alunos que parecem possuir alguma dificuldade mais evidente nas áreas social e afetiva emocional. O imediatismo social em que vivemos atualmente favorece a transtornos emocionais pontuais, comprometendo a saúde mental já desde a tenra idade.

Pretendemos abordar, correntes negativas que circulam na internet, que muitas vezes passam despercebidas pelas famílias, e só quando acontece alguma fatalidade (como no caso de suicídios), a mídia aborda, porém, chegam primeiro na escola, e não podemos estar omissos a isso, qual o papel da escola diante desse tipo de situações, avisar as famílias, manter o diálogo sempre aberto com os alunos, para que se sintam seguros e falem sobre isso na escola, com os professores, coordenadores etc.

De acordo com Moran (2012) o papel do professor é mobilizar o desejo de aprender, já que a escola se tornou pouco atraente. Contextualizar um currículo que está dividido, pensar no conhecimento como algo integrado, e aproveitar todas as ferramentas disponíveis, para o processo de ensino-aprendizagem. Sempre respeitando nossos educandos como indivíduos, e nos atentando a suas

particularidades, biológicas, psicológicas e sociais.

Para que a utilização das TIC's (tecnologias da informação e comunicação) sejam mais direcionadas, temos ciência que não podemos impedi-los de ver o que acontece de ruim no mundo, mas temos o papel de ensiná-los a se proteger e buscar ajuda sempre que necessário.

Existem vários métodos criativos e inteligentes que podem ser desenvolvidos em sala no formato de projetos a serem executados em time (professor-aluno) a fim de promover o conhecimento e o aprendizado de forma dinâmica e divertida, possibilitando a expansão de assuntos e florescendo um aluno consciente e competente.

Este trabalho de conclusão de curso é voltado para os profissionais da educação que percebem no decorrer do seu cotidiano, a importância e a necessidade de se implantar novos métodos para utilização de tanta tecnologia em prol do conhecimento e interação, que é exatamente isso que a modernidade oferece. Engloba os transtornos e o que o mau uso dessa ferramenta tem causado em nossas crianças e também nos adultos. Todas as consequências de um mundo moderno e globalizado têm exigido muito e rápido do ser humano que estava habituado a escrever cartas para se comunicar com pessoas distantes ou por telefone de linha discada, havia os encontros nas danceterias, brincava-se muito na rua até tarde (ou até o momento em que a mãe chamava para jantar...), e todos se reuniam à mesa para as refeições.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Saúde Mental na Escola

Está mesmo na hora de falarmos sobre a saúde mental de nossos alunos sem preconceitos, oferecendo ambiente propício para escutar o sofrimento do outro e pensarmos quais são as consequências disto, no aprendizado escolar e no convívio social.

A partir das entrevistas da psicóloga Julieta Jerusalinsky, a melancolia que é uma tristeza profunda ou uma indiferença e faz parte das três grandes epidemias diagnósticas dos tempos modernos, sendo elas: Espectro do Autismo, TDAH (Déficit de Atenção e Hiperatividade) e Bipolaridade. Identificar melancolia é, por exemplo, observar respostas dos jovens do tipo tanto faz, não me importa e não quero saber de nada, ou seja, ausência de desejo e perspectivas de vida.

Somos todos seres divididos em três partes, biológicos, psicológicos e sociais, sendo de extrema importância, pensar sempre no conjunto, as experiências de vida são capazes de modificar o nosso cérebro, ou seja, quando estamos diante dessa geração, onde os pais não sabem como “educar”, e acabam sempre

recorrendo ao doutor Google, ficam reféns da tecnologia para resolver questões simples do dia a dia, das crianças e adolescentes, que requer muito mais de uma empatia, para se entender o sofrimento, e ensiná-los a lidar com as frustrações, ao tentar poupá-las de questões necessárias como a morte de um bichinho de estimação, por exemplo, é mais fácil para os pais substituir o animal do que ensinar a criança a lidar com o luto. Mostrar a realidade e parar de cercá-las são comportamentos importantes para os pais. Trocar coisas/objetos com seus filhos satisfazendo-os sem perdas, não possibilita o trabalho interno de reflexão para lidar com suas frustrações e a partir daí lidar com aquilo que a tecnologia não pode alcançar.

O Doutor Google mudou nossa visão simbólica da busca do outro como pessoa cheia de experiência para interagir, ele mostra-se como onisciente e onipotente diante da realidade, tornando as pessoas dependentes desta relação.

Lidar com os sentimentos de impotência, dos adultos, que se sentem culpados por trabalhar demais, e acabam por tentar agradar os filhos ao máximo, achando que uma hora estarão satisfeitos, e quando isso não acontece gera frustração mútua. Até porque não é deixar de dizer não, ou seja, colocar limites na criança, não significa que o amor é menor. Escuta-se de pais que “coitado já fica sem minha presença o dia todo e ainda vou negar para meu filho o que ele quer?”

Numa segunda entrevista Julieta, aborda as intoxicações eletrônicas na primeira infância, onde são levantadas questões muito importantes, sobre a necessidade dos adultos de estarem sempre conectados, e em busca de soluções para todos os problemas na internet, sobre reclamar de não ter tempo para ficar com a família, mas, que estão sempre online, conversando através de aplicativos e redes sociais, mesmo estando todos juntos em casa. Existe uma campanha paranaense que trata exatamente do que estamos abordando, chamada “conecte-se ao que importa” do projeto DEDICA (Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes): um alerta aos pais, sobre o uso excessivo de celulares, tablets, etc.

Segue abaixo algumas imagens da campanha:

Imagem 1 – Uso excessivo do celular.



Fonte: Paisemapuros, 2018.

Imagem 2 – Tablet não abraça.



Fonte: Paisemapuros, 2018.

Imagem 3 – Quando você larga o celular, é o seu filho que vibra.



Fonte: Paisemapuros, 2018.

Estamos cercados, por uma paranoia social, o medo extremo da violência, então é raro, ver crianças brincando na rua, enquanto dentro de casa considerado mais seguro, as crianças têm acesso desde muito cedo, a tecnologia, (celulares, tablet, internet), e esse uso desenfreado a todo e qualquer tipo de informação, não tendo com quem singularizar essa experiência, acaba sendo um tanto cruel, pois as famílias acabam não tendo noção de qual conteúdo está sendo abordado pelas crianças e adolescentes. De acordo com a psicóloga, havendo uma perversidade na exposição não intermediada. Informa isto, pois, a criança fica jogada em um

anonimato, no qual o que é válido não é mais a história dos antepassados, mas sim, ter cada vez mais acesso a informações e o objeto de poder hoje é manter ironicamente o celular sempre com a bateria cheia para não perder momentos de conexão. Hoje se encontra na escola mães que se colocam dizendo que por vezes é mais tranquilo e fácil deixar seus filhos ocupados com celular e tablet enquanto realizam afazeres domésticos, pois ficam entretidos na internet com jogos e etc.

Crianças se apresentam de corpo presente olhando para uma janela virtual, não possuindo mediadores humanos reais deste trajeto. Estamos deslumbrados com uma tecnologia inalcançável produzindo sempre cada vez mais tipos diferentes de produto inventados dias após dias.

Julieta diz que ao conversar com educadores, alegam que na hora do recreio as crianças estão sendo mais violentas e obscenas, ou seja, nos faz pensar que estímulo estão recebendo.

Mas quem disse que esses comportamentos não sejam para pedir ajuda, na escola e muitas vezes percebemos que os educadores não estão preparados e nem a gestão escolar para lidar com alunos “problemas”, muitas vezes presenciamos escolas que chamam os pais destes alunos, jogam sua impotência diante do problema e afastam por dias ou expulsam esses alunos, como se não servissem para o sistema de ensino. Porém, pode ser outro sinal de sentimentos conflitantes, bem como aquele que fica quieto e introspectivo também pode estar sofrendo psicologicamente.

Somos seres sociais, portanto necessitamos, falar sobre sentimentos faz parte de toda e qualquer relação saudável, ouvir a criança assim como o adolescente, escutar quais são suas dores e sofrimentos faz parte também da educação escolar, e em casa.

PINSKY (2014) disse: “... é desta falta de tolerância às diferenças que surgem os pre- conceitos nas escolas com relação à mulher ser mais fraca que os homens, do jovem e do velho, do negro, da diversidade sexual, do gordo entre outros.”

Escutamos muito isso, dos pais de alunos, que fazem e sofrem bullying, - hoje em dia tudo é bullying, eu passei por isso e sobrevivi, por que meu filho não? Ignorando que realmente exista uma dor e um sofrimento. Se falar de saúde mental, precisa deixar de ser um tabu, na escola e nos lares, respeitar que o outro sofre, e traçarmos caminhos para que busquem auxílio, para que não seja preciso falar de questões extremas, como o suicídio.

A discussão deve ser sobre a saúde mental que é uma ideia de que algo precisa ser feito pelas escolas, identificar os alunos que estão sofrendo qualquer tipo de violência, seja ela física ou emocional. Levantar a importância de se falar sobre os sentimentos e a lidar com eles, de uma forma saudável e segura, para que não busquem refúgio apenas na internet.

É a partir desta ideia que a escola pode e deve fazer algo que Rodrigo Nejm (SaferNet Brasil) fala no canal do Youtube que a internet é um espaço de vida que as pessoas se conectam, a escola precisa mediar esse mundo junto ao aluno que é cada vez mais digital. Utilizar essa ferramenta com os alunos para ajudá-los a identificar conteúdos ruins e bons.

Rodrigo ressalta também a importância que a escola tem em se tocar nesses assuntos de saúde mental e na proteção deste espaço da internet. Informa que existem na Safernet assuntos e cartilha para auxiliar professores. Só se combate vulnerabilidade e o que ele chama de violência simbólica com mais informação da própria internet, mas de qualidade com uma cultura de respeito de quem sofre, ou seja, de quem está vulnerável.

Imagem 4 – Cartilha saferdicas



Fonte: Newsafernet, 2018.

Neste mesmo vídeo do youtube Daniele Kleiner relata que no site do facebook (www.facebook.com/safety) existem cartilhas e informativos que auxiliam jovens, professores e pais em assuntos como bullying e suicídio de jovens. Existe um guia para educadores saberem como lidar com esses assuntos promovendo um ambiente acolhedor e de escuta sobre esse assunto.

Imagem 5 – Guia para educadores sobre bullying



Fonte: Facebook, 2018.

O que é bullying?

Definição retirada do PDF da central de prevenção ao bullying em Segurança no Facebook: “O bullying (ou intimidação sistemática) se manifesta como violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação.”

Como identificar que meu aluno está sofrendo bullying? Observe as mudanças de comportamento. Se a criança ou adolescente, de forma repentina, pedir para mudar de escola ou não quiser mais ir à aula; apresentar queda no rendimento escolar, isolamento, dificuldade de se relacionar; desenvolver sintomas físicos de angústia como dor de cabeça, de estômago ou suar frio, é importante iniciar uma conversa para confirmar ou afastar a possibilidade do bullying. Os pais podem ser seus aliados para identificar esses sintomas. (trecho retirado do PDF disponível na central de Prevenção ao bullying em segurança no Facebook, 2018).

No canal do youtube da revista Nova escola, Antonio Carlos Braga (Centro de Valorização da Vida) relata a importância que o CVV possui e que mudou de somente contato por telefone para também uma entrada nesse mundo digital ampliando e conquistando um novo lugar com chats, promovendo a ajuda ao sofrimento do outro. Ele traz em sua experiência que as pessoas escrevem o que elas não conseguem falar.

Com essas informações valiosas da internet e positivas observamos o quanto se tem mesmo o lado bom e ruim da internet e o quanto podemos combater o lado ruim com a própria internet e assim a escola entra promovendo possíveis escutas para esses males dentro da sala de aula ficar distantes.

Na Cartilha sobre Bullying e Cyberbullying explica que o cyberbullying que é o bullying virtual praticado por via internet no qual assim como o bullying tem o agressor que é aquela pessoa ou pessoas, coletivos que cometem a violência a constranger à vítima que por sua vez, é a pessoa que sofre a violência e muitas vezes de forma calada aumentando ainda mais a dificuldade para identificar a mesma, também a testemunha que é aquela que compartilha o conteúdo ou que assiste sem realizar intervenção para cessar, mantendo uma postura passiva diante da observação da violência. Mostra com isto, que todos nós temos responsabilidades sobre nossos atos ou a omissão dos mesmos. Visto que, foi criada a lei 13.185/2015 que se trata do combate ao bullying/cyberbullying que prioriza o diálogo como principal mecanismo para prevenção, contenção e reparação da violência sistemática. Essa violência pode ser caracterizada como um ato infracional ou em alguns casos configura como crime, até por motivos de causar prováveis danos físicos e psicológicos em uma criança/adolescente.

Não é fácil, mas precisamos observar e entender que um único sinal de uma problemática maior do aluno, estaria sendo representada em seu comportamento,

na forma de encarar a vida e resolução dos problemas do cotidiano escolar.

Podemos fazer na escola uma sessão pipoca de cinema e assistirmos filmes importantes para reflexão como: A classe, Bullying – provocações sem limites, Bullying Virtual, Meu Melhor Inimigo - Bullying e A Girl Like Her.

Um comportamento que é muito frequente e que houve um modismo maior anteriormente entre os adolescentes foi de se auto mutilarem. Jovens cortando seus corpos de forma mais profunda ou superficial em um movimento grupal muitas vezes. Esse comportamento pode evidenciar para a escola práticas de bullying entre os adolescentes ou uma possível depressão nesse grupo e chamando a atenção para seus corpos pode e deve ser interpretado pela escola e pais como um pedido de ajuda dos mesmos.

Outro exemplo entre os jovens está sendo uma busca por relacionamentos amorosos ou mesmo de amizade nos aplicativos redes sociais como Tinder, Pof, Lovely, Par Perfeito e outros. Colocando-se em risco nessas relações sociais virtuais, onde passam todo e qualquer tipo de informação pessoal e colocam fotos e conteúdos sem comprovação, ou seja, sem saber se são reais mesmo e por vezes, ficam deslumbrados com um imaginário perigoso, por não saber quem de fato está conversando com eles do outro lado do aplicativo. Precisam ser orientados que, ao encontro na realidade deve ser em lugar público e bem reforçado para os mesmos que não se sabe da verdade nesses aplicativos, pode-se dizer o que quiser e ser quem quiser.

No site da Nova Escola verificamos a abordagem de uma série que foi um choque de realidade para a sociedade mundial, exibida pela Netflix “13 reasons why”. É a história de Hannah Baker, uma adolescente que não conseguiu lidar com as diversas dores emocionais, durante o ano, e grava fitas, falando sobre as pessoas que contribuíram para sua decisão de tirar a própria vida, as treze fitas fazem um rodízio, pelas pessoas “responsáveis” por suas dores, e Hannah elege Clay, alguém que ela gostava, e considerava puro o suficiente para fazer algo a respeito. A Série é um tanto polêmica, pois trata de assuntos ignorados na sociedade, relação entre atletas e a proteção da escola, estupro (tanto contra meninas, quanto meninos), armas, drogas, que se pararmos para pensar, acaba não sendo tão absurda, a razão de não falarmos sobre isso com os nossos jovens que de fato é.

É explicado que a observação de uma tristeza na criança/ adolescente precisa ser conversada com todo o cuidado com o aluno e com os pais. Cita também um exemplo de uma aluna brasileira, que fez uso do jogo muito disseminado no Brasil e no mundo, (a baleia azul) que se trata de uma série de desafios, incluindo automutilação, e ao final o suicídio.

Além da Baleia Azul mais recentemente houve outro desafio chamado Momo no qual foi divulgada pela mídia a morte de suicídio por algumas crianças através deste “jogo” de uma série de perguntas e desafios que levam as crianças

cair em armadilhas nas quais os criminosos acabam tendo acesso a fotos e informações do perfil do usuário. O site da Safernet divulgou em 07.08.2018 um alerta sobre esse perigo e instruções claras de como funciona e suas consequências.

A escola quando consegue identificar um movimento psicológico sintomático entre os alunos, pode contar com o auxílio de parceiros da rede pública na área da saúde como UBS (Unidades Básicas de Saúde) e as redes especializadas em saúde mental como o CAPS (Centro de Atenção Psicossocial): é um sistema de saúde aberto e comunitário do SUS (Sistema Único de Saúde).

Existe o dia da internet segura - 06 de Fevereiro, com a chamada “crie, conecte e compartilhe respeito”. Podemos realizar na escola ações que promovam e sensibilizem para se conectarem de forma segura e positiva.

Depois de identificada a demanda maior da necessidade da escola, a mesma pode traçar estratégias com projetos que alcancem o objetivo que seria orientar e transformar a ideia sobre o uso das redes sociais e internet. Mais importante ainda, envolver os alunos, orientar aos que não foram identificadas nenhuma questão emocional para ajudarem os alunos em que se foi identificou alguma problemática. O gestor tem papel fundamental de conduzir os professores para cuidarem dos que necessitam, sempre mantendo diálogo aberto e sinalizando a família.

É muito comum hoje, por algumas características de comportamento por parte dos alunos, os professores com um pré-julgamento, sem uma análise mais profunda da situação, sem o conhecimento sociocultural daquele aluno; perceber o sofrimento nem sempre é uma tarefa fácil, e a situação acaba sendo vista como um aluno que quer chamar atenção, e classificado como diferente, ou sofrendo de alguma dessas epidemias citadas. Hiperatividade tem sido utilizada como algo comum, mas é questão de estímulo, cabe ao professor verificar e fazer as devidas alterações durante o percurso do ano escolar.

Possuímos algo que nos faz agir de forma positiva ou negativa diante de nossas relações conosco mesmos e com o outro e com as situações-problema do nosso cotidiano, assim é na escola também. Essa questão chama-se autoestima, que tem a ver com os males relatados acima e que afeta justamente a nossa capacidade de nos sentir bem.

Autoestima é: “Apreço ou valorização que uma pessoa confere a si própria, permitindo-lhe ter confiança nos próprios atos e pensamentos” (Dicionário Aurelio, 2018).

Quando pensamos em autoestima nos remetemos ao ato de ajudar na escola esses alunos que podem, conforme nossa avaliação, estar sofrendo deste mal estar. No site da Dove existe a campanha: Dove Pela Autoestima (2004), que apresenta formas onde pessoas podem ajudar as crianças/adolescentes a lidar com a baixa autoestima.

Ainda na campanha da Dove foi desenvolvido um guia parental para aumentar a autoestima e a confiança corporal das meninas, no qual quanto ao corpo existem na mídia, imagens alteradas (editadas) para mostrar um corpo, um rosto perfeito. Importante trabalhar essa questão no sentido de mostrar que imagens podem ser alteradas e não é padrão de beleza, que cada uma tem a sua. Orientações de como melhorar a comunicação entre pais e filhos e desenvolver técnicas/atividades para evitar a crítica excessiva.

Dove possui também um programa chamado “Eu, confiante”, desenvolvido este programa escolar para orientar professores para os dois grupos de meninas e meninos, com idade entre 11 a 14 anos. Teve o objetivo de promover a confiança corporal e de percepção do quanto a autoestima baixa interfere no aprendizado do jovem tirando sua participação na sala de aula, bem como sua atenção e concentração, por não apresentar confiança em si mesmo.

A Evolução na Educação

Educar - do latim educare, educere, que significa literalmente “conduzir para fora” ou “direcionar para fora”, é um ato de extrema relevância, considerando que, para educar, se exigem do professor/educador, muito conhecimento, experiência, conduta e discernimento para levar ao educando o ensinamento necessário para que concretize essa educação tão almejada por todos e pela sociedade: trazer para fora, o indivíduo sabedor e pensante.

Como citam Claudino e Nelson Piletti (2016), por toda história da educação, desde Confúcio no Oriente a Paulo Freire no Brasil, observou-se uma trajetória de influências de interesses político-sociais envolvidas no desenvolvimento do currículo escolar, com o objetivo de atender aos interesses políticos-econômicos dos países em cada período da história.

Com tudo isso, foram necessárias adaptações - os prédios escolares, as salas de aula, os métodos pedagógicos, equipamentos, material didático, a formação acadêmica a formação continuada do professor e a própria administração escolar. A cada fase de mundo, uma nova visão de educação se abria e se adequa conforme as necessidades e interesses.

Do pincel e tinta no papel para o registro escrito, o quadro negro e a lousa de ontem para o smartphone e lousa digital: das escolas presenciais para a educação à distância: será que estamos bem integrados a toda essa mudança?

Os avanços tecnológicos na área da educação são recentes: desde 1970, quando os microcomputadores começaram a fazer parte do dia-a-dia da administração nas escolas, cujo papel da tecnologia foi de fornecer ferramentas para auxiliar o desenvolvimento das atividades educacionais.

Desde então, o Brasil tem investido em educação com tecnologia.

Zacariotto e Ribeiro (2012) nos contam que em 1983 foi aprovado o projeto EDUCOM (Educação com computadores, apoiado pela Secretaria Especial de Informática (Seinf-MEC); em 1993 criou a Secretaria de Educação a Distância (SEED) onde se apresentou o Programa Informática na Educação, tendo a função de promover o uso da informática como ferramenta de enriquecimento pedagógico no ensino público médio.

Em 2010, o governo federal investiu grande, instalando 6,6 mil telecentros em 5,4 mil cidades brasileira. O estado de São Paulo implantou 519 postos do ACESSA São Paulo para atender 464 municípios paulistas e também criou o ACESSA Escola em 3.752 escolas da rede pública estadual, instituindo assim a inclusão digital no Estado (Zacariotto, 2012).

Com todo esse investimento, como temos usufruído desses benefícios?

“A tecnologia educacional é apenas uma ferramenta, como o caderno e lápis; se não houver um professor para ensinar a escrever, ninguém aprende e o caderno se perde no tempo.” (ZACARIOTTO e RIBEIRO, 2012).

Partindo desse pensamento, analisaremos a questão da orientação e uso da tecnologia e mídias no ambiente escolar.

Apesar de todo investimento feito no contexto tecnológico para se utilizar em sala de aula, há a necessidade de formação adequada por parte dos professores, tornando-os apropriados do saber e assim, desenvolverem planos de aula direcionados ao aprendizado eficiente com o auxílio dos recursos tecnológicos como ferramenta de apoio pedagógico.

Moran (2012) comenta sobre envolver o aluno ao máximo contando com as facilidades da informática, nos diversos segmentos possíveis para assim, ensinar com entretenimento, inovando o aprendizado, tornando-o mais dinâmico e interessante, promover aulas surpreendentes e, sobretudo, desenvolver atitudes comunicativas e afetivas, através da interação professor- aluno. Incentivar o aluno para a autovalorização como pessoa e mostrar a importância do respeito ao próximo, permite maior acessibilidade para trabalhar o comportamento (disciplina).

A educação escolar pressupõe um ensino colaborativo, movimentos que trazem afetos e sonhos comunicantes, com produções individuais, em grupo, socializando o saber produzido. Percebe-se que se aprende melhor na ausência do medo, com autonomia, criatividade e colaboração. São questões que desembocam na sala de aula, com a nova geração de aprendentes. (Waldir Pedro e Eugênio Cunha, 2015, p.275).

Sob o aspecto acima citado, entendemos o quanto a proximidade afetiva se faz necessária ao aluno em sua vida escolar, a fim de um melhor aproveitamento e desenvolvimento pessoal e intelectual. Aula interessante com atenção motivadora por parte do professor proporciona ganhos infinitos de crescimento para todo o grupo escolar, conseqüentemente à sociedade. Aulas direcionadas

com o intuito de orientar a melhor maneira de utilização desta ferramenta incrível que proporciona grandes estímulos à criatividade.

O professor deve ampliar o olhar para viabilizar a interação com os alunos, deste modo perceber eventuais dificuldades que possam existir, e assim apontar um possível diagnóstico da atualidade. “Embriagados pela onipotência internáutica, os maus-hackers sentem o poder de realizarem tudo o que quiserem, facilitados pela impunidade do anonimato. A tela está branca para ser preenchida pelo teclado e realizar todos os desejos, mesmo os insanos.” (IÇAMI TIBA, 2005, p.273).

Com toda esta tecnologia a disposição 24h por dia, devemos considerar que este é um campo aberto e que se torna propício para prática de atos positivos como campanhas solidárias, divulgação de eventos, bem como atos negativos: o fake news, o cyberbullying, publicação de imagens não-autorizadas etc, além de conectar com diversas plataformas de conteúdo ilícito, instigando assim, a criança/adolescente a navegar sem censura nem regras, a mercê de criminosos virtuais, caso os pais estejam ausentes ou indiferentes. Isso facilita o contato de estranhos mal-intencionados, que atraem justamente essas crianças/ adolescentes que podem apresentar o emocional sensível e assim, serem vítimas de algum tipo de fraude ou ilusão.

Nesses tempos atuais, vemos muitos casos de menores que realmente apresentam déficit emocional devido a falta de contato com pessoas de qualidade. E se a própria família se encontra ausente, se tornam vítimas com muita facilidade.

Na citação de Içami Tiba (2005), os jovens (assim como os adultos), preferem solicitar os inúmeros produtos e serviços através das tecnologias (internet/ mensagem de texto/ aplicativos de restaurantes/ lojas, até relacionamentos virtuais) para adquirir e requisitar itens para seu próprio consumo e bem-estar. Tudo simples, direto e objetivo, formatado, padronizado em escolhas pré-definidas. Atendimentos feitos por inteligência artificial (computadores programados inclusive para “falar” com o cliente). Será que isso tudo é positivo, do ponto de vista a considerar que o ser humano é de espécie criativa e comunicante sensorial? A distância entre as pessoas existe cada vez mais, o que limita o ser humano em suas expressões emocionais, e que pode provocar os vários tipos de transtornos emocionais e mentais de nossa atualidade.

Cyberbullying

Configura-se cyberbullying:

Envios de mensagens difamando a pessoa a terceiros; 2) Mensagens postando fofocas e rumores para danificar a reputação; 3) Divulgação de informação e/ou imagens sigilosas constrangedoras da pessoa na rede;

- 4) Expulsão/exclusão da pessoa de um grupo on-line de forma cruel; 5) Realização de ameaças, dando a entender que é possível ferir alguém ou a si mesmo; 6) Envio de mensagens eletrônicas, caracterizadas por expressão de raiva, linguagem vulgar e insultos; 7) Fazer-se passar pela vítima, mandar materiais para colocar a vítima em problemas e danificar sua reputação. (Juliana Abrusio, Educação Digital, 2015, p.82)

Digamos que isso ocorra com muito mais frequência do que podemos imaginar. Citamos o atual momento político em que vive o Brasil: vemos uma enxurrada de postagens nas várias redes sociais digitais existentes, o quanto há intolerância e falta de cumprimento de um mínimo de respeito com a opinião alheia. Pessoas desfazendo amizades (inclusive dentro das famílias), devido a essa divisão de opinião sobre o destino que o país deve seguir. E assim, observam-se a quantas anda a educação, o respeito e a moral, todos se considerando convictos e donos da melhor opinião, sem falar dos insultos digitados letra por letra.

No documentário *Tickled* transmitido pela Netflix (*Tickled*, 2006), fala sobre as armadilhas que a internet pode pregar: um repórter que faz matérias sobre assuntos curiosos resolve estudar sobre um tema encontrado na internet e decide conhecer mais. Através de uma “inocente” competição uma empresa oferece um montante em dinheiro bastante chamativo para ter a atenção de homens jovens onde os concorrentes são amarrados a uma cama enquanto um ou mais fazem cócegas. Durante todo o tempo é gravado imagens e claro, como é uma competição, exige-se um cadastro. O repórter encontra pessoas que decidiram parar de competir e que foram chantageados com a ameaça de seus vídeos serem expostos nas redes sociais além da difamação da questão de opção sexual. Documentário que acabou virando investigação envolveu escândalos e fraudes, e retratou fortemente um perigo a que estamos todos sujeitos.

Um relevante item que devemos citar aqui é sobre o uso de sites adultos, que a qualquer click se acessa conteúdos censurados para idade antes dos dezoito anos, mas que se burla de maneira simples. As redes sociais como o Facebook possui o critério de o usuário ter no mínimo treze anos, o que em muitos casos é ignorado devido ao anseio das crianças também terem o desejo de “curtir”, “dar likes” e “compartilhar”, assim como os adultos e seus amigos de convívio (escola, parentes, veículos de comunicação).

Nessas “clikadas” inocentes ou curiosas, pode-se começar um transtorno imenso caso a vigilância por parte dos adultos e responsáveis ficar distante. E mesmo com os próprios adultos. Um simples acesso te direciona para abas distintas, onde de maneira sutil se pede cadastro com seus dados pessoais de contato, e que se torna a armadilha para cair por meio da tela que brilha diante da vítima.

Somos bombardeados a todo instante pelos inúmeros anúncios que aparecem em tudo o que acessamos. Dentro dos links de anúncios, corremos o risco

de contaminar nossos equipamentos com vírus e comprometer arquivos, além de ter dados pessoais hackeados, o que pode causar sérios transtornos, perdas financeiras e privacidade.

A segurança na tecnologia da informação está avançada, porém nada protege a falta de conhecimento e critérios ou a inocência do usuário ao acessar links com interesses para extorquir e prejudicar.

Outra ferramenta da tecnologia que está literalmente em nossas mãos é o smartphone. Além de acessar as mídias sociais, ainda permite baixar aplicativos diversos que facilita realizar diversas tarefas, desde ferramentas multimídias, exercício físico, meditação, saúde e bem-estar, educação entre muitos outros.

Um item que a maioria das crianças e adolescentes utilizam corriqueiramente e que certamente poderíamos introduzir para dentro da sala de aula e nos beneficiarmos com a praticidade deste equipamento em prol da educação, com discernimento, atenção e responsabilidade.

O que falta para desfrutarmos da tecnologia no ensino.

... Muitos dados, muitas informações não significam necessariamente mais e melhor conhecimento. O conhecimento torna-se produtivo se o integramos em uma visão ética e pessoal, transformando-o em sabedoria, em saber pensar e para agir melhor. (Moran, 2015).

Aprender a teoria é fundamental, porém existe a necessidade em praticar esse conhecimento. Desenvolver as competências. Aprendemos por vários motivos: pelo exemplo de um professor admirável, pelo próprio interesse, quando há interação com o grupo, quando o ambiente é acolhedor e respeitoso, quando compartilhamos experiências e aprendizados, entre outros fatores.

Considerando a agilidade mental das crianças e jovens dessa geração, é fundamental e urgente que se repense os métodos de ensino, em usufruir dessa ferramenta que está ao alcance de todos e que, podemos até arriscar a dizer que faz parte da vida da maioria da população mundial: a internet.

Em tempos de redes sociais digitais, a possibilidade de interação online facilita a comunicação e a informação. Porém, se encontra de tudo na rede, sem contar o quanto se distrai com tanta informação inútil de links de patrocínio, prontos para chamar a atenção e assim, cair nossa produtividade. Um toque apenas e lá se vai uns minutinhos do nosso tão precioso tempo. A tecnologia vem em busca de promover facilidades maiores a cada dia: tudo vai diminuindo de tamanho e peso, a simples e leves toques, ou por comando de voz, e que vem ganhando força aqueles que operam por inteligência artificial, inclusive para a área educacional, a citar os ambientes virtuais de aprendizagem:

(método MOOC: Massive Open On-line Courses), onde universidades

oferecem cursos de graduação através de plataformas on-line, favorecendo acessibilidade e aproveitamento para pessoas com tempo restrito para o estudo (Abrusio, 2015).

Facilidade da nova era tecnológica, que podemos questionar a eficácia quanto ao aproveitamento de aprendizado feita pelo aluno. Encontramos nesse meio um vasto campo para explorar. Com tantos aperfeiçoamentos acontecendo mundialmente, a área da educação está sendo contemplada, porém com ênfase que deveria ser mais praticada com as mais diversas possibilidades para favorecer o crescimento evolutivo do educando.

Mas qual a lacuna para se implantar métodos educativos de qualidade e eficiência englobando TIC's? O mercado atual faz exigências que competem ao profissional uma capacitação e atualização constantes, o que promove o crescimento individual, inclusive das organizações, a fim de que o progresso e a evolução se tornem realidade em todos os segmentos da sociedade.

Disse John Dewey (1859-1952):

“Por outras palavras, ensinar bem é ensinar apelando para as capacidades que o aluno já possui, dando-lhe, ao mesmo passo, tanto material novo quanto seja necessário para que ele reconstrua aquelas capacidades em nova direção, reconstrução que exige pensamento, isto é, esforço inteligente”. (Claudino e Nelson Piletti, 2011).

Esse é o ponto em questão da área educacional: estamos aplicando devidamente de modo a esgotar os meios desse montante de novidades, formar alunos que sejam atuantes e interessados em aprender sobre o mundo e suas infinitas formas de viver?

A questão envolve uma reestruturação que engloba todo o grupo escolar, a formação e capacitação dos profissionais da educação, espaço físico disponível para desenvolver projetos que proporcionem crescimento intelectual e empático, diretrizes e investimento, revisão do currículo escolar, o projeto político-pedagógico escolar, que é a identidade da escola e indica os meios para seguir com qualidade e seriedade - tudo deve estar alinhado com um único propósito: aulas dinâmicas e produtivas com melhor aproveitamento e desempenho. Certamente que os alunos anseiam por essa revolução dentro da escola, pois a tecnologia faz parte dessa geração, tão ansiosa por agilidade e objetividade das coisas.

César Coll disse: “Tão importante quanto o que se ensina e se aprende é como se ensina e como se aprende.” (ZACARIOTTO, 2012. Pág.30).

Aprender a desenvolver as competências humanas (Intelectuais: transferir conhecimento, generalizar o conhecimento, reconhecer problemas e propor soluções; Sociais: relacionamento interpessoal, trabalho em equipe, consciência ambiental; Comportamentais: iniciativa, criatividade, adaptabilidade, consciência da qualidade, ética, coerência) é fundamental, em se tratando de nova era.

Com as TIC's temos grandes e infindáveis maneiras de usufruir desse benefício em prol do aluno do novo século.

Toda inovação requer adequação de sistemas e habituação por parte dos usuários, nesse caso dos órgãos responsáveis pela educação; sair da zona de conforto exige levantar do sofá e se movimentar, ou seja: exige esforço, o que pode provocar incômodo e resistência.

Dá trabalho evoluir. Mas certamente é compensador.

As novas gerações são o futuro da humanidade. Sejamos competentes o suficiente para direcionarmos no caminho coerente para o sucesso e êxito comum.

A escola e o currículo devem oferecer oportunidades e experiências, para que os indivíduos se formem como autores das suas próprias vidas, como aprendizes que se autodirigem ao longo de toda vida, pesquisadores rigorosos, comunicadores eficazes, cidadãos solidários e comprometidos com a construção das regras do jogo comunitária, criadores singulares em suas respectivas áreas de especialização e interesse, colaboradores efetivos nos grupos e na comunidade (Ángel I.Pérez Gómez, 2015. Pág.76).

Citaremos no próximo tópico, a existência de trabalhos realizados em ONG's (Organizações Não-Governamentais) que, através de projetos conseguem verba para desenvolverem atividades diversas, voltados à área artística, sustentabilidade, comunicação e mídia digital, com todo critério pedagógico-didático além do lúdico, blog com demonstrativo de atividades, e a atuação de jovens sendo mostrada através das redes sociais digitais. Uma excelente forma de associar o útil ao agradável, levando cultura, entretenimento e conhecimento, além de promover a evolução do aluno em âmbito sócio-emocional com responsabilidade e respeito ao próximo, em coletividade e compartilhamento de aprendizado, formando assim, indivíduos capazes de compreender sua própria situação e ao mesmo tempo usar de empatia com o próximo, tendo conhecimento de seus deveres enquanto cidadão e ser humano responsável e culto.

São experiências bastante válidas para o aproveitamento do uso da tecnologia com propostas de interação com as redes sociais digitais, de possibilidade para implantação nas escolas convencionais. Uma maneira de tornar as atividades mais interessantes, além do desenvolvimento pessoal entre professor-aluno, com viabilidade de se estender a todo grupo escolar e comunidade.

O uso das TIC'S dentro e fora da sala de aula

Os tempos mudaram, e cabe a nós enquanto educadores nos adaptar e estimular nossos educandos, para que sua aprendizagem e construção do conhecimento seja cada vez mais plena, sempre trabalhando no ser humano como um todo, respeitando as peculiaridades de cada um, e com atenção aos assuntos já abordados relacionados a sofrimento.

Como manter o interesse dos alunos, sem alterar a metodologia que estamos acostumados a usar a vida inteira, lousa, giz, copiar textos, explicações expositivas, mudar esse conceito tradicionalista, mantê-los interessados por muito tempo, está cada vez mais difícil, percebemos a necessidade de inovar, e nos ajustar a realidade em que estamos inseridos, de que a tecnologia, faz parte do nosso dia a dia, e inseri-la na escola não tem que ser um tabu, e sim uma rotina.

Vamos falar um pouco do uso da televisão e vídeos, um dos primeiros recursos utilizados na escola, esperasse que o professor tivesse seu próprio acervo, e que o uso seja sempre com um propósito, uma finalidade educativa, sem esquecer que também terá seu momento lúdico, mas todos os desenhos e filmes, (Disney, Pixar, entre diversos outros estúdios), sempre tem uma reflexão crítica, colocar nossos alunos para refletir a respeito, após assistir o vídeo, através de uma roda de conversar, dividindo o que foi aprendido, e ouvindo as diferentes perspectivas do mesmo assunto.

Fazendo disso uma interação real, independente da faixa etária, utilizando os recursos de multimídia não apenas como fonte de lazer, criar um cronograma de sessões de cinema, com pelo menos uma sessão por mês, para que seja exibido o filme/desenho, e que seja feita a roda de conversa com os alunos. Todos os dias são bombardeados pela mídia, com novos filmes lançados praticamente quinzenalmente, fazer uma breve pesquisa, para descobrir o interesse da turma, qual filme querem assistir, tornando assim a atividade interessante para todos.

Na perspectiva Construtivista de acordo com Brito e Purificação (2015) “... o computador é utilizado como recurso.”

Grande parte dos municípios brasileiros contam com laboratórios de informática, salas de tecnologia, recursos áudio visuais, bibliotecas e salas de vídeo.

“A modernidade é necessária, pois a tecnologia é parte integrada da vida das crianças que hoje estão na escola; elas nasceram em um mundo tecnológico, convivendo com cartões que substituem o dinheiro, TV com controle remoto, telefone celular com jogos, microcomputadores e internet. Algumas delas sabem utilizar melhor o computador e o aparelho celular que seus próprios pais”. (Zacariotto, 2012).

O currículo não é pensado com base no uso de computadores, geralmente o que se é trabalhado nos laboratórios, não tem relação com o que é trabalhado em sala de aula. Essa visão tem que mudar, para que o currículo seja pensado em conjunto sempre tendo em mente que o uso de computadores com acesso a internet, seja visto como uma ferramenta pedagógica:

“A Tecnologia: o papel do professor diante da tecnologia é estar devidamente capacitado e promover o uso da ferramenta como apoio pedagógico; dessa forma uma série de fatores pode contribuir para o seu uso e melhoria da educação no País”. (Zacariotto, 2012).

Estamos convivendo com gerações cada vez mais tecnológicas, devemos nos atualizar sair desse papel tradicionalista, nos tornando agentes facilitadores, ensinar nossos alunos a aprender.

“O “aprender a aprender” fundamenta-se na busca da autonomia de professores e alunos impulsionados pelo ato de refletir e criticar suas próprias experiências e delas extrair conhecimentos. Nesse processo, o professor não existe para explicar a matéria e sim para mostrar os caminhos e como dominar os temas propostos; mas para que isso ocorra o aluno deve passar a ver o professor como um pesquisador, um motivador o qual se tornaria um parceiro na construção de conhecimentos, acabando com o ponto de terminalidade na escola”. (Zacariotto, 2012).

O aprendizado não está restrito a escola; as crianças, os adolescentes, todos nós, aprendemos o tempo todo, através da internet, uns com os outros, em nossos grupos sociais - estimular a curiosidade e o conhecimento, sempre mantendo o diálogo, é o nosso foco.

Adequar às atividades de acordo com a faixa etária é possível se utilizar o laboratório de informática desde a educação infantil até o ensino médio.

Com as crianças, utilizar atividades de colorir as letras, como caça-palavras através de editores de textos, percebendo que muitas dominam mexer no mouse, com a maior facilidade, sendo que sequer aprenderam a amarrar os próprios sapatos.

Adolescentes, ensiná-los a pesquisar em sites de buscas, fontes confiáveis, explicar sobre “fake news”, a importância de se ter uma referência, verificar se a informação é verdadeira, a pesquisa de conteúdo na internet, é feita pelos nossos alunos desde muito cedo, os que ainda não sabem escrever, utilizam do recurso de busca através da voz, daí a importância de ensiná-los o que buscar, e como buscar informações de qualidade, que agreguem valores e conhecimento para a vida deles.

Hoje são diversos os recursos que podemos utilizar dentro e fora da sala de aula, inovando a maneira de como vamos direcionar nossos alunos no processo de ensino aprendizagem, tornando as aulas mais dinâmicas e produtivas. Lembrar que inovação não é sinônimo de tecnologia.

“Inovar é perseguir o objetivo de melhorar as experiências de aprendizagem, os resultados acadêmicos e os projetos de vida dos estudantes por meio de soluções novas’ conceitua Alfredo Hernandez Calvo, psicólogo da Universidade Pontificia de Salamanca, na Espanha. (Trecho retirado da revista Nova Escola Ano 32, nº299 – 2017)

Abaixo iremos listar e falar brevemente sobre eles:

- Design thinking-se trata de uma ferramenta para organizar as ideias, um projeto, atividade de baixo custo, utilizando post its, para ir estruturando o pensamento.

- Cultura maker - também chamada de aprendizagem mão na massa, construção de protótipos aplicando técnicas manuais e computacionais. (Existe a possibilidade de propostas mais em conta, como a utilização de uma impressora 3D, otimizando a criatividade dos alunos).
- Aprendizagem baseada em problemas - um problema concreto para se discutir um conteúdo, que pode ser trazido pelos alunos, e investigado por meio de procedimentos científicos. (formação de hipóteses, coleta de evidências e experimentação) sempre com a mediação do professor.
- Sala de aula invertida - ensino híbrido, onde o professor lança o tema, através de um vídeo ou outros materiais digitais para os alunos, para que os mesmos explorem em casa, e tirem as dúvidas na escola, através de resolução de problemas e construção de projetos.
- Aprendizagem móvel - permitindo uma aprendizagem multimídia, com o uso mais direcionado, podendo adequar o ensino às necessidades de cada indivíduo.
- Gameficação - metodologia que usa a mesma estrutura dos games, fases, pontuação, recompensas, para se criar um itinerário de aprendizagem.

O uso de computadores e internet:

Garcia Neto (1992, p. 5) realizou uma pesquisa com meninos de rua em Brasília, utilizando o software logo, a seguir o que este recurso mostrou:

“Melhoria na fluência e sequência do raciocínio dos alunos, autonomia no desenvolvimento de projetos individuais, elevação da autoestima, aumento do tempo de concentração em relação ao apresentado em sala de aula, nova relação professor-aluno, concretização dos processos abstratos, direcionamento da aprendizagem pelo aluno, o erro como elemento da aprendizagem e reflexão sobre os processos envolvidos na aprendizagem. “(Garcia Neto, 1992, p 5 – Citação retirada do livro de BRITO e PURIFICAÇÃO (2015).

Disponibilização do uso dos laboratórios de informática presentes na escola para todos os professores, tornando o ensino contextualizado, o que vemos, é apenas um professor eleito para tal função de “cuidar” do laboratório, realizando as atividades em sua grande maioria lúdicas com todas as turmas, enquanto é uma ferramenta que deve ser muito melhor aproveitada, como a discussão do aprender a aprender, o professor se torna um agente facilitador, orientando os alunos, e compartilhando dos conhecimentos adquiridos, antes, durante e pós-aulas. Um tema excelente para se trabalhar é a questão da informação, entender o que eles buscam sugerir temas relacionados às disciplinas que estão estudando, respeito, que seu uso na internet tem sim consequências, como reconhecer uma fonte confiável, estimular sempre a visão crítica dos nossos alunos independentes da idade.

Utilização de mídias sociais, para divulgação dos trabalhos realizados pelas escolas, muitas escolas contam com este recurso, através de blogs, páginas no

Facebook, basta uma simples busca que podemos encontrar diversas informações, sendo uma ferramenta muito útil para se comunicarem com as famílias, e divulgar o que tem sido feito durante o ano letivo.

Exemplo de uso é o Blog EMEB VITAL BRASIL, com conteúdos sob responsabilidade da coordenadora pedagógica Camila Asato, conta com uma breve descrição das atividades realizadas, projetos de cada turma, e registros com fotos.

Outro exemplo, página do Facebook, criada pelos alunos da turma de logística, SENAI – Extrema – MG, orientada pela Professora Roberta Riccomini. A página do facebook contém informações sobre as disciplinas, com vídeos, sobre os conteúdos abordados em sala, com exemplos práticos. Uma excelente ferramenta de apoio pedagógico, onde a participação ativa dos alunos é visível, relatos da professora onde a interação, interesse e participação de todos os alunos envolvidos.

Radioweb

Com o advento da internet, muitas rádios convencionais migraram para o novo sistema de transmissão de seus programas e mantêm os dois sistemas: analógico e digital (áudio e vídeo).

“Falar bem é para todos, o ser humano tem esse poder, mas nem sempre o usa com eficiência.” (AGNALDO RIBEIRO, 2014, p.18).

Uma forma descontraída e ao mesmo tempo responsável para aperfeiçoar as competências das crianças e adolescentes como: fala, postura corporal, respiração, inteligência emocional, expressão verbal de ideias e opinião, desenvoltura, interpretação de texto, letramento, criticidade, interpretação, leitura, busca por informação confiável entre muitas outras. A arte da comunicação em áudio e vídeo sendo transmitida pelas redes sociais digitais facilita muito aos interessados em explorar a área. “Primeira lição: fazer rádio é se emocionar.” (CYRO CÉSAR, 2005, p.14).

Quando falamos com sinceridade, expressamos nosso sentimento, nossa emoção ao outro. Ao ler um texto, simplesmente pronunciamos palavras. Se nota claramente a diferença. Em um programa de rádio, o locutor aprende a desenvolver esta habilidade, de mostrar através da voz a sua emoção.

“Segunda lição: aprendendo a se emocionar”. (CYRO CÉSAR, 2005, p.14).

Quando sofremos um impacto grande com uma notícia ou informação, começamos a refletir conforme o assunto que nos fez emocionar. O ser humano é pleno de emoção e sentimento.

“Terceira lição: evite desculpar-se pelos erros, reconheça suas limitações.” (CYRO CÉSAR, 2005, p.15).

A sinceridade é fundamental e relevante para o ser humano de boa índole. Quando se reconhece até onde pode chegar, é o momento de seguir mais adiante com maior interesse e responsabilidade.

Com esta visão é possível projetar um programa a ser implantado com o conceito de rádio e tv web com o objetivo de desenvolver esta atividade com grande diversidade de meios de aprendizado, além de integrar a escola e a comunidade através de programas de entretenimento, notícias e de serviço, com poucos recursos, além de encontrar softwares gratuitos e de simples utilização para fazer uma radioweb funcionar de verdade.

“... A rádio escolar não pode ser concebida apenas como mais um recurso didático-pedagógico na escola, mas como um dispositivo que permite inserir professores e estudantes e toda a comunidade escolar num debate permanente sobre os textos e os discursos que circulam na esfera da comunicação...” (MARCOS BALTAR, 2015. Pág. 35).

Página no facebook do Instituto Cativar em São Bernardo do Campo - SP em uma das atividades de passeio pedagógico com alunos participando ao vivo da programação da Rádio ABC em Santo André - SP com a educadora de atividades sociais, Márcia Saiuri Gibo, colocando em prática o aprendizado estudado.

Imagem 6 – Visita à Rádio ABC.



Fonte: Facebook, 2018

Imagem 7 – Minuto Cativar



Fonte: Facebook, 2018

METODOLOGIA

O Nosso trabalho está fundamentado em levantamento bibliográfico de diversos autores, citados na introdução e capítulo I e nas referências bibliográficas, entrevistas visualizadas pelo canal do youtube programa Café Filosófico com a Psicóloga Julieta Jerusalinsky, abordando as questões de melancolia na infância, e intoxicações eletrônicas na primeira infância, mostrando a campanha sobre conecte-se com o que importa (um alerta aos pais, sobre o uso excessivo de redes sociais, e a importância da interação com os filhos), revista online nova escola, falando das questões de saúde mental na escola, sobre a questão do sofrimento, e correntes com enfoque suicidas, ainda na revista física nova escola com recursos para serem utilizados em sala de aula, trabalhando a questão do estímulo e social dos educandos. Também no Youtube com Rodrigo Nejm do SaferNet, falando do uso consciente da internet nas escolas.

Embasamento pedagógico, psicológico e tecnológico feito com renomados como José Manuel Moran, Içami Tiba, Paulo Freire, Philippe Perrenoud; material didático disponibilizado pela UNIP (apostila de Tecnologia da Informação e Comunicação em Educação): referências bibliográficas riquíssimas de conteúdo relevante que interligam nosso trabalho de conclusão de curso, além de referências sobre transformação da educação atualizadas pela Dra. Luciana Allan e Ángel I. Perez Gómez.

Exemplos de projetos sociais voltados para a utilização da tecnologia e que foram implantados com sucesso, devido à participação ativa dos educandos participantes, educadores atuantes na área, gestão escolar comprometida com a

inovação e baixo custo de investimento.

ANÁLISE DA PESQUISA

Este trabalho de conclusão de curso teve como fundamento apresentar um olhar cuidadoso, porém encorajador em relação ao uso da tecnologia em ambiente escolar, de modo que seja feita com consciência e responsabilidade, e principalmente com orientação e supervisão do corpo docente, e quando em seus lares, dos pais e tutores. Os perigos existem e são iminentes.

A tecnologia está em nosso dia-a-dia e se faz cada vez mais necessária entre as pessoas, que se tornaram inclusive dependentes, o que têm causado muitos distúrbios de saúde inclusive, além de provocar a queda de produtividade, o que afeta vários setores da vida do indivíduo.

“A educação, claro, não sai ilesa. A internet inaugura também novas formas de ensinar e aprender, desencadeando, com isso, a redefinição dos tradicionais papéis de professores e alunos, a possibilidade de múltiplas identidades e a reciprocidade das ações nos ambientes virtuais em rede.”
(Luciana Allan, 2015. Pag.37).

Em se tratando da educação, a pesquisa mostra que tudo evolui; sem melhorias o avanço estagna. E é possível aproveitar a onda de benefícios que a ferramenta tecnológica (internet) pode oferecer de maneira lúdica e interativa, meios dinâmicos e interativos para o desenvolvimento do educando, visto que a troca de informações é ágil e on-time. Isso requer profissionais da educação melhores capacitados e dispostos a aprender com os alunos (compartilhar ideias), estrutura das escolas com equipamento adequado e moderno: uma revolução no ensino.

Evidentemente que devemos considerar a diferença entre as gerações que nos instruíram (Baby Boomers, entre 1940 e 1960), nossa geração (Geração X e Y, entre 1960 a 1980, e 1980 a 2000), com os estudantes da vez (Geração Z, de 2000 a 2009 e os Alpha, a partir de 2010): eles vivem e respiram conexão a todo tempo, em tudo o que fazem. Nós das gerações passadas nos adaptamos às inovações tecnológicas da chamada web 3.0. Há um desalinho nessa história, caminhamos por contextos analógicos enquanto os jovens usufruem de vias interativas e multimídia desde que chegaram a este planeta.

O modelo de educação continua a do século passado, onde o objetivo foi de preparar os jovens para o mercado de trabalho da época industrial, ou seja: operários. Sem desmerecer é claro, porém, o mercado de trabalho atual exige outros profissionais de novas áreas, que tenham suas habilidades criativas desenvolvidas. É a inovação das carreiras.

“A educação do século XXI exige práticas inovadoras de ensino, apoiadas principalmente por projetos de aprendizagem que valorizem os interesses

individuais, sejam contextualizados na prática dos alunos e incentivem a superação dos desafios. Além disso, deve buscar a avaliação continuada e personalizada, bem como estimular a colaboração e o compartilhamento do conhecimento.” (Luciana Allan, 2015. Pag. 42).

Como citado neste trabalho de curso sobre utilizar as mídias sociais em rede como práticas para desenvolvimento dos alunos da nova geração (blog, divulgação de atividades, radio web), verificou-se empenho e dedicação também por parte do docente ao realizar exercícios diferenciados e dinâmicos, com interatividade maior para com os discentes.

Mas até que ponto os governantes estão dispostos a implantar de fato esse upgrade, que de certo promoveria uma elevação na própria qualidade de ensino e alunos mais capacitados, considerando o nível do país?

Houve sim um investimento considerável em termos de atualização de equipamentos e espaço físico nas escolas públicas, porém a maneira como é utilizada ainda não destrincha todo o potencial de uso. Aliás, um enorme potencial de aproveitamento.

As salas de multimídia e seus equipamentos permitem uma interação com a internet, cabendo ao professor ter orientação e embasamento de seu planejamento de aula adequado ao currículo escolar e ao Projeto Político Pedagógico, que também necessita de atualização conforme o que se pretende propor de inovação no meio. Percebe-se nos alunos o desinteresse crescente em permanecer na sala de aula com o formato padrão de aula existente na atualidade: lousa e giz, às vezes um filme para discutir um determinado assunto, uma pesquisa pré-direcionada para realizar, o que possibilita a evasão escolar e até mesmo pelo fato de se considerar o método enfadonho, se dispersam ficando sem aproveitamento e atrapalhando o desempenho do professor.

Ainda que a escola possua uma sala de multimídia com lousa digital, acesso a internet, datashow, netbook etc, a falta de exploração em como usar essas ferramentas da tecnologia de forma plena deixa a desejar.

Desenvolver projetos utilizando esses equipamentos tornaria a aula mais dinâmica e interessante, a ponto de haver mais assiduidade nas aulas, mudando o quadro atual.

Reuniões e formação de equipe docente são recomendadas para que haja motivação e estímulo da parte dos professores, bem como orientações e direcionamento de como manipular os equipamentos e softwares, bem como maneiras de implantar atividades diferenciadas.

Aulas com enfoque participativo e colaborativo, a fim de desenvolver o raciocínio crítico e salutar, através de variedade de assuntos relevantes, dinâmicas de grupo, desenvolvimento de projetos, pesquisas com temas atuais, encenação, sala de aula invertida, trabalho em equipe, onde o professor se posiciona como

mediador e orientador, adaptando as técnicas e metodologia convencionais com as inovadoras, proporcionando assim, a introdução da renovação educacional das novas gerações.

Apesar de a maioria das escolas brasileiras contarem com laboratórios de informática o uso real desses espaços ainda é visto com muita resistência, tanto dos professores quanto da gestão escolar, em alguns casos locais importantes como as salas de multimídia, ou até mesmo sala dos professores são desativadas para dar lugar a um laboratório que terá pouco ou nenhum uso, pelo receio dos professores e gestores. O fato de a tecnologia estar presente no dia a dia não torna mais fácil a sua inserção na escola, se torna um desafio diário, o desejo de uma educação construtivista e o professor é um agente facilitador, exige uma postura de maior autonomia por parte dos educandos assusta, fazendo necessária a intervenção junto a toda equipe pedagógica, em entender que os tempos mudaram, e enquanto educadores devemos estar em constante atualização e aproveitar a gama de conhecimento que o computador, internet, smartphones, entre tantos outros nos agregam e devem ser utilizados como ferramentas pedagógicas.

A informação chega cada vez mais rápida ao alcance de todos independentemente da idade, orientar, ensiná-los a se proteger e pedir ajuda, também é papel da escola. Aprender a aprender, esperasse que o aluno seja um agente ativo do próprio conhecimento, para isso nós enquanto docentes, precisamos entender que eles aprendem o tempo todo, em qualquer lugar, e principalmente na rede, na internet, mídias sociais. É importante entendermos e dominarmos tais ferramentas.

Além de dominarmos a tecnologia precisamos observar o comportamento dos alunos no individual e em grupo, pois essa tecnologia que não é investida na escola ou se é ainda é precária. Em casa os nossos alunos possuem essa tecnologia, mas sem uso limitado ou mesmo a pressa ou o deslumbre para o aprendizado de tecnologias novas faz com que apresentem uma fragilidade emocional, se envolvam em aplicativos de relacionamento, por exemplo, ou mesmo em jogos como os citados neste trabalho que os colocam em riscos de morte.

Entendemos como necessário a escola estar aberta para essa discussão, porém o que se percebe é uma barreira da escola, de professores e da gestão em lidar com alunos que possuem mais dificuldades de comportamento, no qual os mesmos tornam-se “o problema” e muitas vezes chamam a família não para entender algumas questões do cotidiano familiar e encontrar respostas do motivo que o aluno está agindo de tal forma, mas sim para jogar na família a responsabilidade dos mesmos na educação e do comportamento de seus filhos na escola, chegando até por vezes expulsá-los, sendo que convém despertar a união para cooperação de uma intervenção em conjunto escola-família.

Quando é observado pelo professor ou mesmo pelo gestor um comportamento “estranho” de algum aluno, a escola possui o recurso da rede pública

de atendimento da região em que a escola está para auxiliá-los em um provável diagnóstico, como já foi dito, porém algumas vezes encontramos resistência com a própria aceitação da família as observações realizadas pela escola sobre o comportamento do seu filho (a), bem como, por exemplo, da própria aceitação a um encaminhamento, para um especialista em psicologia ou neurologia. Encontra-se neste momento bastante resistência por parte da família, que muitas vezes não buscam ajuda desses profissionais.

O que temos percebido também nessa situação colocada acima em algumas escolas (particulares ou públicas) é que por alguns pais serem resistentes, as escolas não expõem suas observações referentes ao aluno, omitindo o comportamento difícil do mesmo para evitar maiores problemas com algumas determinadas famílias.

Por isso, entendemos a importância ainda maior da constante formação para os professores e o trabalho contínuo dos gestores de dar o apoio necessário para o professor oferecendo uma escuta sobre suas frustrações e assim possibilitar desde que possa lidar com a sua “inexperiência”, ou seja, estar disposto a aprender e a ensinar, favorecendo assim o trabalho em conjunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfrentar mudanças e evolução dos tempos passa não ser tão simples assim. Implantar adaptações move resistências por parte de muitos a princípio, dado que o ser humano possui essa característica. O novo sempre assusta pois mexer com a zona de conforto requer levantar do sofá e buscar aprendizado e aperfeiçoamento, replanejar, custos, às vezes alterar integrantes de equipe, gestão, pesquisas, ou seja: dá trabalho!

A tecnologia favorece a interação social e permite ao aluno se beneficiar de diversos modos, considerando a aplicação de implantação de novas modalidades de ensino. Rever a prática docente e inovar é a questão maior. O professor como mediador é fundamental e é função dele buscar por métodos efetivos e que trabalhem o lúdico com conteúdo de desenvolvimento do raciocínio ao mesmo tempo cuidando de sua integridade pessoal quanto à orientação do uso apropriado da tecnologia.

“... A educação holística contempla “práticas pedagógicas que desenvolvem simultaneamente razão, sensação, sentimento e intuição e que estimulem a integração intercultural e a visão planetária das coisas, em nome da paz e da unicidade do mundo.” (Moran, Masetto e Behrens, 2015).

Mediante este pensamento, percebemos o quanto é grande a responsabilidade do educador quanto ao direcionamento do saber aos alunos, independente do ciclo em que se situa. Com o advento da globalização, o mundo se abriu de

maneira que todos somos responsáveis por tudo ao mesmo tempo. Muitas facilidades. Muita informação. Muito critério e sensatez na prática educativa.

É significativo a tecnologia estar presente nas escolas e principalmente seu uso, para favorecer uma “maturidade” tecnológica, tanto por parte dos professores, gestores, mas também dos pais, esse alerta referente ao uso desenfreado da internet, seja através de smartphones, tablets etc., desde muito cedo, fazem com que a geração de hoje, sofra cada vez mais cedo. Nós enquanto educadores, devemos estar sempre alertas aos sinais, o quanto se faz necessário falar de saúde mental na escola, desde a educação infantil ao ensino médio, sempre pensando em atingir os alunos também nas questões emocionais que os levam a se colocarem em riscos. Isso é possível com a formação dos professores e o investimento nos recursos internos da escola como equipamentos, treinamento e formação continuada da equipe docente e de gestão da escola. Cuidarmos deste mal e bem que se inicia neste novo século mais fortemente, trazendo a comunicação virtual como primordial nas relações sociais, familiares e profissionais e também respostas imediatas pela internet não promovendo mais uma espera e formando adultos e crianças mais imediatistas, e sim, empregar o uso das TIC's com consciência e descontração.

A internet chegou há pouco tempo, mas se instalou nos lares e empresas do Brasil e do mundo, favorecendo a globalização, troca de informações, abertura ao livre mercado, aumento na procura por turismo, por culturas diferentes, intercâmbios entre tantas outras facilidades.

Quem diria que seria possível conversar com uma pessoa ao vivo (online) por vídeo através de um aparelho de celular, sem longos deleys? Graças à inteligência e conhecimento de pessoas. Devemos agradecer e aproveitar a invenção para fortalecermos nossa base: a comunicação presencial, que muito faz falta nos dias de hoje e é provocado justamente pelo mal uso dessa ferramenta que veio para auxiliar nosso dia-a-dia.

Ainda que tenhamos o benefício desta ferramenta, devemos lembrar que a facilidade do que é oferecido por meio virtual pode ser um ponto ruim também. Vemos um distanciamento forte de relacionamento entre as pessoas. De todos os aspectos: família, empresas, comércio.

Os atendimentos online, por exemplo, todos em formato padrão, com programação que responde automaticamente, e caso desvie do padrão, você fica sem respostas. Bem robotizado. Não queremos tornar nossos alunos em robôs nem tampouco conversar com eles apenas virtualmente. O intuito é fazer com que novos métodos de ensino possam proporcionar maior aproximação entre professor-aluno e que se prolongue para os relacionamentos familiares e pessoais. O cultivo da afetividade é primordial ao ser humano íntegro.

Fazer do uso da tecnologia, já tão presente no dia a dia, uma aliada a

educação, direcionando nossos educandos, e mantendo o diálogo ativo, com todos os envolvidos: pais, filhos e escola.

Projetos relacionados à comunicação, ciências, história, matemática, de intervenção, o trabalho em equipe, são ideias salutares no tocante ao desenvolvimento do aluno como ser pensante e responsável, próprio de suas convicções, mediante orientação sensata e consciente, de educadores comprometidos com a profissão, gestão fortalecida em sua base e todo o grupo escolar.

Concluímos assim esse estudo, sugerindo que nossas argumentações possam ser consideradas e avaliadas com um olhar de renovação para a melhoria da formação de alunos sabedores de seus deveres e atenção ao que é positivo e seguro, beneficiando com as TIC's, tanto professores como alunos e gestão, e considerar acima de tudo o respeito pelo ser humano e a afetividade, ainda que com todo esse progresso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Imagens

Imagem 1 - Uso excessivo do celular.

DEDICA-768X768.JPG. Dimensões 768x768 pixels. Formato: JPG. Disponível em: <<http://pai-semapuros.com.br/conecte-se-ao-que-importa/>>. Acesso em 21 out. 2018.

Imagem 2 - Tablet não abraça.

IMG_5216-768X565.JPG. Dimensões: 768x765 pixels. Formato: JPG. Disponível em: <<http://paisemapuros.com.br/conecte-se-ao-que-importa>>. Acesso em: 21 out. 2018.

Imagem 3 – Quando você larga o celular, é o seu filho que vibra

IMG_5211-768X512.JPG. Dimensões: 768x512 pixels. Formato: JPG. Disponível em: <<http://paisemapuros.com.br/conecte-se-ao-que-importa>>. Acesso em: 21 out. 2018.

Imagem 4 - Cartilha saferdicas

CARTILHA-SAFERDICAS.PDF. Dimensões: 210x297mm. Formato: PDF. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/sites/default/files/content_files/cartilha-saferdicas.pdf>. Acesso em: 21 out. 2018.

Imagem 5 - Guia para educadores sobre bullying

14750201_1782850088651864_8855495447863623680_n.PDF. Dimensões: 190x40mm.

Formato: PDF. Disponível em: Fonte: <<https://www.facebook.com/safety/bullying/educators>>. Acesso em: 21 out. 2018.

Imagem 6 – Visita à Rádio ABC

PRINTSCREEN1.JPG. Dimensões: 1024x768. Formato: JPG. Disponível em: <<https://www.facebook.com/institutocativar/videos/1902467596666964/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

Imagem 7 – Minuto Cativar

PRINTSCREEN2.JPG. Dimensões: 1024x768. Formato: JPG. Disponível em: MInuto Cativar Fonte: <<https://www.facebook.com/institutocativar/videos/1955971721316551/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

Textuais

ABRUSIO, Juliana. **Educação digital**. Juliana Abrusio (coordenadora). – São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2015.

ALLAN, Luciana. **Escola.com – Como as novas tecnologias estão transformando a educação na prática**. Luciana Allan. – São Paulo: Figurati, 2015.

ANNUNCIATO, Pedro. - **Inovação na Educação - Como usar as novidades mais promissoras na sala de aula**. Revista Nova Escola. ANO 32. Nº 299. Fevereiro 2017.

AURÉLIO DIGITAL, dicionário. **Significado de autoestima**. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/autoestima>>. Acesso em: 21 out. 2018.

BALTAR, Marcos. **Rádio Escolar: uma experiência de letramento midiático**. Marcos Baltar. - São Paulo: Cortez Editora, 2012.

BLOG EMEB VITAL BRASIL. Disponível em: <<http://emebvitalbrasil.blogspot.com/>> Acesso em: 03 out. 2018.

BRITO, Glaucia da Silva. **Educação e novas tecnologias [livro eletrônico]: um (re)pensar/**

Glaucia da Silva Brito, Ivonélia da Purificação. - 2 ed. - Curitiba: Editora Inter-Saberes, 2015.

- (Série Tecnologias Educacionais).

CANALTECH. **Chantagem pelo webcam como cibercriminosos fazem laptops ganharem vida própria**. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/hacker/chantagem-pela-webcam-como-cibercriminosos-fazem-laptops-ganharem-vida-propria-80407/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

CATIVAR, Instituto. **Projeto RadioWeb**. Disponível em <<https://www.facebook.com/institu-tocativar/videos/1902467596666964/>>. Acesso em: 26 out. 2018.

CÉSAR, Cyro - **Rádio: a mídia da emoção**. Cyro César. - São Paulo: Summus Editorial, 2005.

ETIMOLÓGICO, dicionário. **Significado da palavra educar**. Disponível em:

<<https://www.dicionarioetimologico.com.br/educar/>>. Acesso em: 7 out. 2018.

FACEBOOK. **GUIA PARA EDUCADORES**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/safety/bullying/educators>> . Acesso em: 21 out. 2018.

GÓMEZ, Ángel I. Pérez. **Educação na era digital: a escola educativa**. Ángel I. PérezGómez. - Porto Alegre: Penso, 2015.

JERUSALINKKY, Julieta. **Intoxicações eletrônicas na primeira infância** - Julieta Jeru-salinsky entrevista Café Filosófico. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=CJCrRouBNAY&feature=youtu.be>\>. Acesso em: 05 out. 2018.

JERUSALINKKY, Julieta. **Melancolia na infância** - Julieta Jerusalinsky entrevista Café Filosófico. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tEXNCygMsRQ>> Acesso em: 05 out. 2018.

LANGISTICA. **Página do facebook turma de logística - SENAI EXTREMA – MG**. Disponível em: < <https://www.facebook.com/langistica/> >. Acesso em: 18 out. 2018.

MELO, Alessandro de. **Fundamentos Socioculturais da educação** / Alessandro de Melo -Curitiba: Intersaberes, 2012. (Série Fundamentos da Educação).

MORAES, Roberta. **Dove incentiva a valorização dos cabelos cacheados**. Disponível em:<<https://www.mundodomarketing.com.br/ultimas-noticias/32671/dove-incentiva-a-valorizacao-dos-cabelos-cacheados.html>> publicado em 22/ jan/2015. Acesso em: 21 out 2018.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. José Manuel Moran. – 5a. Ed. - Campinas, SP: Papirus, 2012. – (Coleção Papirus Educação).

NEJM, Rodrigo, da SaferNet. **O uso seguro da internet pelos alunos da rede estadual de Ensino na Paraíba**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9sa7YY5Dnqc>> Acesso em: 21 out. 2018.

NOVA ESCOLA - Canal do Youtube - **Falando de Saúde mental e segurança no ambiente digital com Daniele Kleiner (Facebook), Rodrigo Nejm (SaferNet Brasil) e Antonio Carlos Braga (CVV) falam sobre como mediar o mundo digital por meio da Educação**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7IrcDwwjDg4&feature=youtu.be>. Acesso em: 21 out. 2018.

PEDRO, Waldir (Org.). **Guia prático de Neuroeducação: Neuropsicopedagogia, Neuropsicologia e Neurociência**. Waldir Pedro (organizador). – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Philippe Perrenoud; trad. Patrícia Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Artmed, 2000.

PIAGET, Jean. **A linguagem e o pensamento da criança**. Jean Piaget. - 6. Ed. - São Paulo: Martins Fontes Editora, 1993.

PILLETTI, Claudino. **História da Educação: de Confúcio a Paulo Freire.**

Claudino Piletti e Nelson Piletti. – 1. Ed., 3ª. reimpressão. – São Paulo: contexto, 2016.

PINSKY, Jaime (Organizador). **12 faces do preconceito.** 11ª ed. 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2014.

PREVENÇÃO contra o suicídio. **Facebook.** Disponível em: <https://www.facebook.com/safety/wellbeing/suicideprevention>>. Acesso em: 21 out. 2018.

PROPMARK. **Dove e cartoon network promovem campanha sobre autoestima.** Disponível em: <<http://propmark.com.br/mercado/dove-e-cartoon-network-promovem-campanha-sobre-autoestima>> publicado em 18 set 2018. Acesso em: 21 out. 2018.

RIBEIRO, Agnaldo. **No ar: locução profissional no rádio e tv.** Agnaldo Ribeiro. - São Paulo: Ed. do Autor, 2014.

SAFERNET. **cartilha brincar, estudar e... navegar com segurança na internet.** Disponível em: <https://new.safernet.org.br/sites/default/files/content_files/cartilha-saferdicas.pdf> Acesso em: 21 out. 2018

SEGURANÇA no Facebook. **Facebook.** 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/safety/bullying/educators/mystudentisbeingbullied>> Acesso em: 21 out. 2018.

SEXTORTION, **oferta de chantagem iniciada por sexo cibernético.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z70iJXM2v-w>>. Acesso em: 21 out. 2018.

SILVA, Gilmar. Projeto DEDICA (Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes). **Campanha conecte-se ao que importa.** Disponível em: <<http://paise-mapuros.com.br/conecte-se-ao-que-importa/>>. Acesso em: 05 out. 2018.

SUPOSTO DESAFIO DA “MOMO”. **Recomendações da SaferNet Brasil e alerta para pais e educadores.** Disponível em: <<https://new.safernet.org.br/content/suposto-desafio-da-momo>> Acesso em: 21 out. 2018.

TIBA, Içami. **Adolescentes: quem ama, educa!** Içami Tiba. – São Paulo: Integre Editora, 2005.

TIBA, Içami. **Pais e educadores de alta performance.** Içami Tiba. – 2. Ed. – São Paulo: Integre Editora, 2012.

TICKLED – **Documentário, Nova Zelândia,** 2006. Disponível em: < <https://www.hardware-livre.com.br/filmes/tickled-netflix-documentario/> >. Acesso em: 21 out. 2018.

ZACARIOTTO, William Antonio. **Tecnologia da informação e comunicação em educação.** William Antonio Zacariotto e Joaquim Ribeiro. – São Paulo: Cadernos de Estudos e Pesquisas da UNIP, Série Didática, ano XVII, 2012.

CAPÍTULO 9

A FORMAÇÃO DOCENTE E A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO PERÍODO DE PANDEMIA COVID-19¹

*Francisco Alexandre da Silva*²

*Alex Moura Silva*³

1 INTRODUÇÃO

A educação brasileira é um universo em constantes adequações e aprimoramentos. O profissional deve buscar a sua formação inicial em instituições regulamentadas pelos órgãos competentes, assim como, evoluir e aprimorar sua formação continuada.

O educando é o principal ator no cenário educacional. É fundamental um olhar direcionado das políticas públicas para este seguimento, planejada com a formação inicial e continuada do docente.

O processo de ensino e aprendizagem necessita de planejamentos, com diagnósticos de aprendizagem do educando, assim como, proporcionar uma recuperação pautada nos processos evolutivos de aprendizagem.

É nítida a metamorfose contemporânea na educação causada pela Covid-19. O processo de ensino e aprendizagem sofre continuamente mudanças. Porém, devido à pandemia Covid-19, o impacto foi de imediato com apontamentos das falhas sintomáticas causadas pela falta de investimentos de acessibilidade as tecnologias educacionais.

Percebeu-se a importância da escola como espaço de socialização e a preocupação dos órgãos educacionais vinculados aos entes federativos com relação ao abandono escolar.

Devido ao contexto pandêmico, os profissionais da educação necessitarão de maior atenção dos profissionais de psicologia escolar. Com o apoio destes profissionais junto à gestão escolar, o processo de ensino e aprendizagem terá um ganho significativo.

1 Artigo originalmente submetido ao VII Congresso Nacional de Educação, realizado em Dezembro de 2021.

2 Mestrando em Educação da Universidade Ibirapuera - SP, franciscounib@gmail.com.

3 Mestrando em Educação da Universidade Ibirapuera - SP, alex.m.s.2018@gmail.com.

2 A FORMAÇÃO DOCENTE

Para atuar na educação básica deve-se buscar a formação inicial no nível superior, em cursos destinados à licenciatura. Cabe a União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios promoverem a formação inicial, continuada e a capacitação dos profissionais da educação (art. 62 Lei 9.394/96).

O educador deve atuar como sujeito crítico, reflexivo e pesquisador, propondo melhorias contínuas na elaboração de propostas de aprendizagem. Portanto, deve sempre aceitar interferências nos seus planos e projetos educacionais permitindo um crescimento mútuo (LIBÂNEO, 2013).

De acordo com Alarcão 2004, os professores enfrentam grandes desafios, pois desenvolver nos alunos, habilidades de autonomia, espírito crítico, contextualizado com diálogos, confronto de ideias e de práticas, com capacidade para ouvir o outro e ser ouvidos e a se criticar, são habilidades que os próprios professores devem desenvolver em si antes de executar com os alunos. Um grande desafio envolto ao processo de autoformação docente e identificação profissional, que deve ser planejado, com valores e atitudes reflexivas.

Os professores e professoras devem enfrentar o desafio em unir cultura e política, fazendo uma aliança ao pedagógico tornando-o político no processo de ensino e aprendizagem com reflexo à natureza da mudança social. Reconhecer que a cultura é composta de indivíduos e política é o viés para a formação pedagógica. Justifica-se pela promoção onde as pessoas concretizam o aprendizado relacionando com o seu mundo de convivência (IMBERNÓN, 2000).

Para Imbernón 2000, o professor não pode continuar exercendo um papel de transmissor, passivo, instrumental ou um mediador coercitivo, moralizador e normalizador. Deve buscar a emancipação e crítica, deve se requalificar como profissional torna-se um protagonista ativo, ser proativo na mudança da sua conduzindo a eliminação do controle técnico e fortalecendo sua autonomia e valorizando sua prática continuamente.

A escola precisa ser reconhecida como um espaço de aprendizagem constante, precisa contextualizar e empregar a dialogicidade com foco na aprendizagem do aluno e formação do professor, gestor e funcionários. Focar em orientações e ações de preparação para os docentes, com o propósito de alcançar maior êxito e atingir metas. Oportunizar ao sujeito a construção de sua autonomia moral. (TOGNETTA, 2021)

O educador é o profissional que tem a função principal de assumir o diálogo com o educando, estabelecendo uma relação de cumplicidade, promovendo uma parceria de crescimento constante. Educador e educando devem estreitar suas relações, permitindo a invasão, a privação e o diálogo. O educador necessita compreender que ele é o adulto da relação pedagógica e estar disposto a oferecer

ao educando a condições necessária de aprendizagem, viabilizando a concretização e efetivação neste processo de ensino (LUCRESI, 2011).

3 O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

O processo de ensino e aprendizagem é complexo. Ensinar não apenas o professor falar e o aluno ouvir. O professor precisa compreender, não é somente o que ele deseja ensinar, e sim, o que o aluno quer ouvir. Ao ocorrer essa troca, acontece a aprendizagem. Ensinar precisa atender os anseios dos alunos, bem como fomentar, aguçar e provocar essas inquietações (DARLING-HOMMOND, BRANSFORD, 2019).

De acordo com Bender 2014, os alunos contemporâneos são os produtores dos seus próprios conhecimentos, pois suas produções são publicadas nos canais de redes sociais. Portanto, as tecnologias do mundo moderno que influencia significativamente no processo de ensino e aprendizagem precisam ser incorporadas maneira fundamental na construção, elaboração e reformulação dos planejamentos e propostas curriculares que atendam às expectativas e necessidades deste público.

Para Lucresi 2011, exposição, assimilação, exercitação, aplicação, recriação e criação, são alguns passos no processo didáticos do ensino e da aprendizagem. Sua descrição inicia-se com a exposição. Para haver a assimilação do conteúdo deve ocorrer a exposição. A exposição do conteúdo permite a mediação da cultura elaborada do educando com a facilitação da compreensão, permitindo a incorporação das habilidades e competências planejadas. A assimilação, para ocorrer é necessário o conteúdo ser exposto, ocorrendo ao mesmo tempo junto a exposição ou imediatamente depois. Permitindo concretizar que não ocorre determinada aprendizagem de conteúdo sem a devida compreensão. A exercitação nos permite compreender que o conhecimento adquirido para se tornarem efetivos, ou seja, concretizados necessitam ser exercitados. A aplicação torna-se possível depois dela ser aprendida, assimilada e compreendida através da exercitação. Em seguida aborda-se a recriação como um processo que precisa ser treinado, pois não ocorre a aprendizagem sem que o exercite. Contudo para ensinar é necessário investir nos experimentos em função da formação. E por fim, a criação, classificada como a invenção do novo, uma solução nova, um desafio, um novo entendimento.

O contexto contemporâneo de aprendizagem oportuniza ao professor refletir sobre a necessidade de um ensino que valorize o pensamento crítico do aluno. Essa reflexão é derivada da fomentação dos Planos Nacionais Curriculares de 1998 endossados com os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio de 2000. Permitiu-se a interação entre os alunos através de contatos de diferentes

formas de pensar na ampliação e autopercepção, tornando-se cidadão protagonista na sociedade em que estão inseridos. (BACICH, NETO, TREVISANI, 2015).

Ensinar é ser capaz de conhecer e evidenciar os saberes que cada educador traz consigo, é permitir o processo contínuo de aprender. Possibilitando que na vida profissional os espaços micros sociais, como, família, empresa, escola, igreja e o ambiente de trabalho seja o cenário deste processo. Integrando-o na construção e contribuição da subjetividade do educador. Enquanto, aprender é apropriar do oferecido agregando sua vida pessoal e particular as ressignificações que ocorrem na interação com seu grupo de relacionamento. (ANDRE, 2006)

4 A RELAÇÃO EDUCADOR-EDUCANDO

De acordo com Luckesi 2011, educador e educando são dois atores sujeitos da relação cada um com o seu papel condicionado ao seu nível de maturidade diferenciado. O educando com a incumbência de aprender e desenvolver e o educador com a responsabilidade de ensinar e dar suporte ao desenvolvimento de aprendizagem. Portanto, são sujeitos de iguais direitos e deveres, com papéis diferenciados.

Para ocorrer o processo de ensinar e aprendizagem é de fundamental importância a construção de sentidos entrelaçada à construção de significados. O ator principal deste contexto é o educador, com sua subjetividade e na incumbência de definir significados e sentidos do sujeito (ANDRÉ, 2006), proporciona ao educando a concretização e a formalização do processo de aprender vinculados aos significados socialmente construídos com conhecimentos acumulados nas ciências, cultura e na tecnologia. (BACICH, MORAN, 2018).

Alarcão 2004 aborda o conhecimento profissional dos professores classificando-os em pedagógico, científico, científico-pedagógico, pedagógico-didático, profissional, deliberativo, processual, contextual, explícito, implícito, tácito, empírico experiencial e outros. Esta abordagem sobre de conhecimento tem como explicação, a formação do profissional docente. Uma formação reflexiva que precede uma preocupação em caracterizar e formalizar o conhecimento dos professores com reflexo nas atividades profissionais e resultados significativos no processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

A escola é o espaço que congrega diversidades, é um território de diferenças. As classes sociais, idade, gênero, capacidade intelectual, raça, são temas em constante debate, na qual o educador deve ser o principal mediador. Incube-se ao educador a conscientização e responsabilidade de fomentar os debates, agindo com planejamento, ética e transparência. Por outro lado, o principal receptor é o educando. Entende-se que passa por um processo de formalização, agrega-se conhecimento na evolução de sua subjetividade. Este aprimoramento do ensino e o sucesso da

aprendizagem acadêmica impactam no conservadorismo da escola. Porém, reflete significativamente na aprendizagem do educando (MANTOAN, 2001).

Uma tarefa difícil para o educador é saber separar afetividade no cumprimento ético do seu dever no exercício de autoridade e contextualizar a afetividade com cognoscibilidade no processo de aprendizagem. Propiciar ao educando a constante formação, primar pela reorientação, entusiasmar seu crescimento. Não permitir a negação de seus valores, as distorções da formação. Assim como, recuar ou transgredir (FREIRE, 2006).

5 A PANDEMIA COVID-19 E OS IMPACTOS NA APRENDIZAGEM

Devido à covid-19 o processo de ensino e aprendizagem sofreu alterações significativas. É perceptível o impacto que o coronavírus trouxe à escola. Uma das grandes preocupações se justifica com parte dos alunos matriculados deixarem de frequentar a escola. A evasão escolar volta a ser a principal discussão nas propostas de ensino e aprendizagem. A escola deixa de ser um território dos professores. E as aulas receberam uma nova conotação, tornando-se comum a nomenclatura de síncronas ou assíncronas. Colocando em evidência o ensino remoto (BOTO – 2020).

A socialização torna-se umas das protagonistas nas discussões sobre educação em tempos de pandemias. Permeiam nesses diálogos que as instituições de ensino não se constituem somente como um local propício a aprendizagem, mas também como uma agência de socialização com seus pares de idade. É perceptível que para discutir temas como relações de gêneros, igualdade, identidade pessoal, identidade nacional, feminismo, homofobia, política e outros, nada melhor que em local onde se congrega pessoas que possibilitam este debate. Portanto, a escola como espaço de aprendizagem recebe um novo olhar focado principalmente como espaço de socialização de conhecimento. (BENITO – 2020).

De acordo com Nóvoa 2020, a escola que enfrentaremos sofrerá uma transformação profunda. Necessitará de um olhar significativo nos planejamentos das políticas públicas. O espaço público deverá ser o palco de acontecimentos comuns. Justifica-se com as proposições que, a educação não se esgota na escola e a integração com a família e sociedade é fundamental. Deverá criar ambientes de estudo e aprendizagem, dentro e fora da escola. A globalidade do trabalho educativo, com a alteração do papel dos professores. Possibilitando na produção de conhecimentos pedagógicos e curricular e evolução nas formas de ações colaborativas com a aprendizagem.

O ensino remoto apesar de não ser algo novo, causou uma metamorfose no sistema educacional brasileiro. Não existe um prévio planejamento, com modelos teóricos específicos e com isso houve uma transposição de planejamento

do trabalho presencial para um espaço digital (CHARCZUK, 2020). Portanto, houve grandes polêmicas, pois, evidenciou-se que parte dos alunos não possuía em seu domicílio, computador, celular e acesso à internet grátis e de boa qualidade. (VEIGA-2020).

As plataformas digitais ganharam-se um grande destaque no contexto educacional em tempos de pandemia Covid-19. Plataformas on-line, vídeo-aulas gravadas, compartilhamento de materiais digitais e outros meios eletrônicos foram estratégias adotadas pelas redes e estabelecimento de ensino, sendo público ou privado. (CUNHA-2020)

O ensino híbrido faz parte da nova realidade educacional, evidenciando que veio para ficar e que sua propagação ganha destaque crescente e considerável. Necessita de uma grande atenção, com investimentos financeiros significativos e planejamento de políticas na formação e capacitação do docente. Pensar o ensino híbrido na educação é exaltar um ganho significativo para as políticas públicas educacionais do século XXI (GOES, CASSIANO, 2020).

6 A PSICOLOGIA COMO AGENTE NECESSÁRIO PARA A APRENDIZAGEM

A pandemia Covid-19, expor com maior nitidez a urgência do profissional da psicologia junto aos profissionais da educação. O trabalho colaborativo entre os psicólogos educacionais e profissionais da educação contribuem significativamente de forma eficiente compartilhando as responsabilidades e gerenciando projetos com a expectativa de um espaço sadio e acolhedor para a realização e concretização do ensino e aprendizagem (PEREIRA-SILVA, 2017).

Na educação contemporânea deve-se abordar as inteligências emocionais proposto por Gardner. Com um olhar acolhedor, resgatando as características de igualdade, propondo que ninguém é incapaz. Faz parte da sua composição, o autoconhecimento, administrar as emoções, automotivação, capacidade de relacionamento pleno e a empatia. As emoções necessitam de maior seriedade no contexto de ensino e aprendizagem. Priorizar o sócio emocional tanto dos educadores, quanto dos educandos é atender uma demanda crescente, onde a relações socioemocionais foram fragilizadas neste contexto de pandemia covid-19(ANTUNES-1999).

De acordo com Zambianco 2021, somos gregários, ou seja, necessitamos de convivência. A escola é considerada como um espaço físico propício e destinado a este fim, recebendo a denominação como local de aprendizagem. Neste espaço de socialização, cada estudante se intenciona uma formação humana mediada pelas trocas de um planejamento de conteúdos vinculados pelas características de subjetividades dos educadores. Portanto, a contemporaneidade tem

mostrado a tamanha necessidade de investir na formação humana de maneira intencional e sistemática.

7 METODOLOGIA

Foram aplicados 121 questionários, empregando a Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP), a grande maioria dos participantes são professores de duas redes públicas de ensino, Secretaria de Educação do Estado de São Paulo - SEDUC/SP, Secretaria Municipal de Educação de São Bernardo do Campo - SME/SBC, e um grupo da rede particular, da cidade de São Bernardo do Campo, ABC paulista. O perfil dos professores engloba o gênero, faixa etária, estado civil, cor/raça e vínculo empregatícios.

Tabela 1 – Pesquisa com os Docentes

Gênero	Fem. 78,4%	Masc. 18,4%	Outros 2,2%			
Faixa Etária	(24-34) 14,4%	(35-44) 17,35%	(45-54) 42,15%	(55-64) 26,44%	65≥ 0,00%	
Estado Civil	Casado(a) 54,5%	Solteiro(a) 20,7%	Divorciado(a) / Separado (a) 11,6%	União Estável 9,9%	Viúvo (a) 2,5%	Outros 0,8%
Cor/Raça	Branco (a) 71,1%	Preto (a) 6,6%	Pardo (a) 20,7%	Amarelo (a) 1,0%	Indígena 0,00%	Outros 1,0%
Vínculo	Seduc-SP 86,4%	SME/SBC 6,6%	Particular 6,4%			

Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 1 – Nuvem de Palavras Relacionado ao Tema relação professor aluno



Fonte: voyant-tools.org (Adaptado pelos autores).

8 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela 1 apresenta a distribuição entre os professores tendo como referências gênero, faixa etária, estado civil, cor/raça e vínculo empregatícios. Pode-se perceber uma diferença significativa entre o profissional docente do gênero feminino para o masculino, afirmando as considerações de Vianna 2002, que função docente no decorrer do século XX, ganhou um caráter feminino eminente, principalmente na educação básica.

Ao analisarmos o contexto da faixa etária percebe-se um dado interessante para faixa etária dos 45 aos 54 anos de idade com 42,15% dos entrevistados enquanto para a faixa etária dos 24 aos 34 anos de idade com 14,04% dos entrevistados.

O estado civil da profissão docente é relevante nesta pesquisa apontando como 54,5% os entrevistados confirmam que são casados e separados 11,6%, 9,9% união estável. Pode-se concluir que de acordo com os participantes a maioria, 64,4% comungam sua profissão com a união civil. Grande parte dos respondentes se denomina de cor/raça branco(a) e atingindo 71,1% enquanto, somente 6,6% se considera preto e 1% amarelo.

O público que mais participou desta pesquisa foram os profissionais que trabalham na secretaria de Educação de São Paulo- SEDUC/SP respondendo por 86,4% dos entrevistados.

A tabela 2 foi dada uma atenção entre as palavras que mais apareceu nas respostas obtidas na pesquisa. 1 – Empatia 58%; 2 – Respeito 46%; 3 – Amor 15%; 4 – Paciência 15%; 5 – Aprendizagem 14%; 6 – Confiança 12%; 7- Amizade 10%; 8 – Cumplicidade 9%; 9- Aprendizado 9%; 10 – Parceria 10%, 11 – Resiliência 11%; 12 – Afeto 7%; 13 – Carinho 7%.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo trouxe uma abordagem reflexiva sobre a formação docente, assim como, sua capacitação e aperfeiçoamento. Um dos maiores desafios na educação contemporânea é desenvolver nos alunos autonomia, espírito crítico com atitudes e valores.

Esta pesquisa foi elaborada com visão crítica sobre o processo de ensino aprendizagem. Ensinar é ouvir, dialogar e trocar experiências. Portanto, a arte de ensinar requer ao educador, despertar no educando a curiosidade e anseios para desenvolver as habilidades e competências.

A socialização foi um dos grandes destaques nesta pesquisa. Evidenciou-se que a escola colabora significativamente com seu espaço físico como meio de socialização para ocorrer à aprendizagem.

A pesquisa pontou o profissional da psicologia como um agente mediador

na relação professor-aluno necessário para o processo de ensino e aprendizagem no período pandemia e pós-pandemia COVID-19.

Este trabalho proporcionou uma visão crítica sobre o atual processo de ensino e aprendizagem, com uma fundamentação estruturada nas respostas dos educadores através de uma pesquisa direcionada via planilha eletrônica pela plataforma Google Forms, com apoio de aplicativo WhatsApp.

A última parte do trabalho, também é considerada uma das mais importantes, tendo em vista que nesta sessão, deverão ser dedicados alguns apontamentos sobre as principais conclusões da pesquisa e prospecção da sua aplicação empírica para a comunidade científica. Também se abre a oportunidade de discussão sobre a necessidade de novas pesquisas no campo de atuação, bem como diálogos com as análises referidas ao longo do resumo.

10 REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.
- ANDRE, M. E. D. A. **Aprendizagem do adulto professor**. Edições Loyola, 2006.
- BACICH, L. *et al.* **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Penso Editora, 2015.
- BACICH, L.; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Penso Editora, 2018.
- BENDER, W. N. **Aprendizagem baseada em projetos: educação diferenciada para o século XXI**. Penso Editora, 2015.
- DARLING-HAMMOND, L.; BRANSFORD, J. **Preparando os Professores para um Mundo em Transformação: O Que Devem Aprender e Estar Aptos a Fazer**. Penso Editora, 2019.
- GÓES, C. B.; CASSIANO, G. **O uso das Plataformas Digitais pelas IES no contexto de afastamento social pela Covid-19**. Folha de Rostó, 2020, 6.2: 107-118.
- CHARCZUK, S. B. **Sustentar a Transferência no Ensino Remoto: docência em tempos de pandemia**. Educação & Realidade, v.45, n. 4, 2020.
- DE CÁSSIA FAZZI, R.; DE LIMA, J. A. **A psicologia social sociológica: percursos, rumos e contemporaneidade de uma tradição teórico-metodológica**. Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, 2016, 13.3: 101-120.
- EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**-vol. 2. Penso Editora, 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

HONORATO, T.; NERY, A. C. B. **História da Educação e Covid-19: a crise da escola segundo pesquisadores africanos (G. Akanbi, L. Chisholm), americanos (C. Boto, A. Cerecedo, M. Cunha, A. Bennett-Kinne, H. Rocga, A. Romano, K. Rousmaniere, M. Southwell, G. Souza, M. Taborda, C. Veiga, D. Acta Scientiarum. Education, V.42, p. e54998-e54998, 2020.**

IBERNÓN, F. **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato-2.** ed. – Porto Alegre: Artmed, 2000.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: Teoria e prática.** 6° edição. São Paulo: Heccus, 2013.

LUCRESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico** – 1 ed- São Paulo, Cortez, 2011.

MANTOAN, M. T. E. et al. **Pensando e fazendo educação de qualidade.** São Paulo: Moderna, 2001, 51.

PEREIRA-SILVA, N. L. et al. **O papel do psicólogo escolar: Concepções de professores e gestores.** Psicologia Escolar e Educacional, 2017, 21: 407-415.

TOGNETTA, L. R. P. **Bullying e convivência em tempos de escolas sem paredes: a formação para a convivência.** Americana. 1; ed; Adonis -2021.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. **É possível superar a violência na escola? Construindo caminhos pela formação moral.** Editora do Brasil S/A, 2012.

VIANNA, C. P. **O sexo e o gênero da docência.** Cadernos Pagu. n.17-18, p. 81-103, 2002.

CAPÍTULO 10

ORIENTAÇÕES PARA ORIENTADORES, REVIGORANDO E EXEMPLIFICANDO O CONCEITO DE APRENDER A APRENDER COM TUTORES EAD.

Carlos Batista¹

1 INTRODUÇÃO

Tratar pedagogicamente de alunos matriculados em cursos de ensino a distância, em especial cursos superiores se mostra um desafio equivalente à didática e acompanhamento utilizado em cursos presenciais. Neste artigo pretende-se exemplificar conceitos (PERRENOUD, 2001) que podem traduzir em melhores práticas junto aos profissionais que acompanham e incentivam os discentes matriculados nestes ambientes educacionais, sendo híbridos ou totalmente on-line.

A docência evoluiu, assim como o ensino e seus formatos (FREIRE, 2021), porém a “nova” docência contemporânea demanda atrelar desafios conjecturais de suas práticas (LEVY, 2009) em um meio, espaço e tempo midiático, isto é, não mais permeado somente por interações presenciais.

Com isso surgem novas profissões ou novas vertentes² de profissões tradicionais atreladas ao ensino, dentre elas destaca-se o **Tutor EAD**.

O Tutor EAD ou Tutor Virtual ou até o Tutor de Plataformas de Ensino é um profissional que acompanha o aluno em seu ambiente virtual, ele sana dúvidas, pode até mesmo corrigir trabalhos e revigora³, de certo modo, o conceito de ensino-aprendizagem, pois trabalha em ambientes virtuais onde a interação física é praticamente inexistente.

Ao mesmo tempo que o Tutor EAD descortina novas amplitudes educacionais (MATTAR; RODRIGUES; CZESZAK; GRACIANI, 2020) também se observa novos problemas, em especial em relação ao didatismo, orientações e normas a serem aplicadas com os profissionais que desbravam essas novas fronteiras acadêmicas.

A proposta do artigo é destacar esses predicados, exemplificar novamente

1 Coordenador, Orientador Pedagógico e Mestrando em Educação. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8130346912500730>. E-mail: contactcarlos40@gmail.com.

2 O termo é atrelado ao sentido de novos formatos, a novos objetos de discussões (MICHAELIS, 2022).

3 No sentido que amplia os horizontes, denota novos objetivos e práticas (MICHAELIS, 2022).

conceitos considerados adormecidos ou que necessitam de novos aspectos de docência e principalmente incitar os Tutores EAD a **aprender a aprender** seguindo suas novas capacidades e atributos agora requisitados (PERRENOUD, 2001).

Ao final considera-se novas observações e ponderações sobre o exercício eficaz dessa recém profissão abarcada e seus possíveis desdobramentos normativos junto ao mercado de trabalho.

2 O PROFESSOR COMO TUTOR

Quando se trata de tutor, em especial o Tutor EAD tem-se duas divisões distintas, segundo Mattar, Rodrigues, Czeszak e Graciani (2020, p. 8, grifo nosso):

Na educação a distância (EaD) no Brasil, atuam basicamente dois tipos de tutores: **os tutores presenciais, que trabalham nos polos de apoio presencial**, e **os tutores a distância (ou online), que trabalham nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA)**.

Essa nova competência, pode confundir o propósito essencial do professor, em especial do professor considerado tradicional (FREIRE, 2021) que ministra conteúdos em aulas e auxilia os alunos presencialmente.

*Perrenoud*⁴ (2001, p. 2) exemplifica que: “Se surgissem novas competências, não seria para responder a novas possibilidades técnicas, mas devido à transformação da visão ou das condições de exercício da profissão.”

Em suma, constata-se novas condições para o exercício da docência (TONNETTI, 2012), uma docência não mais firmada em práticas de ensino-aprendizagem com o professor, ou melhor, agora o tutor como o protagonista, **mas sim o aluno**.

Essa nova visão requer naturalmente novas práxis.

Um contraponto a ser registrado é o fato que o professor-tutor ainda é reconhecido e muitas vezes contratado como essencialmente um professor, um docente e é tratado e identificado como tal para com os seus tutelados, outrora denominados alunos (TONNETTI, 2012).

Isso tende a causar tensões nas três pontas⁵ (GOMES, 2004) e consequentemente desgastes e prejuízos acadêmicos irradiados desde as concepções iniciais de aprendizagem até a instituição que o docente e o discente estão relacionados.

É significativo respeitar e ponderar as diferenças (MATTAR; RODRIGUES; CZESZAK; GRACIANI, 2020) das novas atribuições de um tutor, exemplificando em detalhes, e constantemente, aos alunos tutelados.

Tutor EAD, com efeito, não é o professor da disciplina que o discente

4 Philippe Perrenoud (1944 -) é suíço, pesquisador e professor, autor de diversos estudos sobre as novas competências profissionais do tutor na contemporaneidade.

5 Explica-se os três lados: aluno – professor – instituição os quais estão vinculados;

estuda, não ministra (necessariamente) os conteúdos da mesma e não tem a obrigação impreterível de avaliar os trabalhos dos alunos. A sua função principal é traduzir competências novas de ensino segundo uma contemporaneidade mediada por Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação⁶ (TDIC).

E dentre essas principais competências qualifica-se o assessoramento e engajamento dos alunos em ambientes virtuais educacionais (SANTOS; SCHNEIDER, 2014).

3 NOVAS COMPETÊNCIAS TRADUZIDAS EM UM NOVO CONTEXTO

Dialogar sobre novas competências na docência ou em um novo formato de ensino-aprendizagem sujeito a tutorias em ensino a distância pode soar até um exagero (PERRENOUD, 2001), porém é explícito que o formato de lecionar conteúdos e assessorar alunos sofra, e ainda sofrerá, uma constante transformação.

Paradigmas epistemológicos do ensino são rompidos enquanto outras posturas midiáticas e digitais assumem importâncias impensáveis (GOMES, 2014) nos últimos 10 (dez) anos.

E neste novo universo descortinado qualifica-se novas competências. No entanto como esses profissionais, presentemente tutores, podem reagir a essas novas competências? *Perrenoud* trás à tona essa questão quando enumera (2001, p. 2, grifo nosso):

É bastante difícil perceber a novidade, pois as palavras utilizadas para designar as grandes famílias de competências criam uma impressão de familiaridade e, por isso, diversos professores podem, com boa-fé, afirmar que essas competências não lhes são estranhas, que já as possuem, embora nem sempre as dominem bem nem as apliquem no dia-a-dia. **Por exemplo, que professor confessaria que não sabe organizar e estimular situações de aprendizagem?**

As competências a serem observadas e passíveis de treinamento não devem ser entendidas simplesmente como lições, ou mesmo habilidades intrínsecas a serem desenvolvidas, pontos que o próprio *Perrenoud* critica em seus estudos (PERRENOUD, 2001, p. 3), mas sim práticas inerentes da formação do profissional denotando competências detalhadas, **onde a didática pode ser exercida em sua plenitude.**

No entanto essas competências suscitam reflexões do papel do professor-tutor ou tutor-professor como um sujeito ativo e consciente (SANTOS, SCHNEIDER, 2014) de todo um processo de ensino e aprendizagem com o uso

6 Entende-se por TDICs, as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação desenvolvidas principalmente após os anos 2000.

de Ambientes Virtuais de Aprendizagens (AVAs⁷).

E é sobre essas competências, correlacionadas à modalidade de Ensino a Distância que se trata o próximo tópico.

4 A PRÁTICA DE COMPETÊNCIAS: REVIGORANDO CONCEITOS

Inicialmente o pesquisador e sociólogo suíço *Philippe Perrenoud* detalha, através de seus estudos 10 (dez) competências a serem desenvolvidas por professores e tutores agora vinculados a plataformas digitais, segundo *Perrenoud*:

É preciso reconhecer que os professores não possuem apenas saberes, mas também competências profissionais que não se reduzem ao domínio dos conteúdos a serem ensinados, e aceitar a ideia de que a evolução exige que todos os professores possuam competências antes reservadas aos inovadores ou àqueles que precisavam lidar com públicos difíceis (PERRENOUD, 2001, p. 1).

Posteriormente Santos e *Schneider* (2014) contemporizou as mesmas 10 (dez) práticas, incorporando-as a um ambiente EAD imersivo⁸.

Resumidamente explicita-se as competências a seguir (SANTOS; SCHNEIDER, 2014, p. 479):

1º Competência: estimular, desenvolver e organizar situações atreladas ao ensino-aprendizagem;

2º Competência: acompanhar as progressões de desenvolvimento dos alunos, administrando o contexto educacional o qual o profissional esta envolvido;

3º Competência: entender e administrar a heterogeneidade do grupo que tutela promovendo ações de integração;

4º Competência: promover engajamentos constantes através das aprendizagens dos alunos;

5º Competência: desenvolver trabalhos em equipe, com base em estratégias sempre colaborativas e principalmente reflexivas.

6º Competência: compreender a gestão do curso e/ou a disciplina que administra e basear o seu planejamento pedagógico nesse(s) entendimento(s);

7º Competência: inovar na utilização de novas tecnologias para o ensino;

8º Competência: observar seus direitos e deveres e respeitar a ética na profissão que atua;

9º Competência: ter responsabilidade no sentido de colaborar no aprimoramento do seu desempenho acadêmico e na sua formação continuada;

10º Competência: adotar constantemente posturas reflexivas sobre o seu

7 AVA é a sigla para Ambientes Virtuais de Aprendizagem, de fato são interfaces de estudos dos alunos junto com as instituições que estão vinculadas.

8 Neste quesito o termo imersivo significa estar totalmente inserido em um universo virtual, abdicando inclusive de qualquer interação presencial.

trabalho e suas tarefas.

As exemplificações práticas dessas competências podem ser traduzidas no Quadro 01 a seguir:

HABILIDADES E ATITUDES

HABILIDADES NECESSÁRIAS	ATITUDES ESPERADAS
Entender o trabalho de tutela a ser exercido.	Ser Organizado e ter Planejamento.
Conhecimentos básicos de Informática.	Estudo intenso, com análises e proatividade.
Entender todas as informações da graduação e ou disciplina que tutela.	
Entender o que é a Tutoria a Distância e normas da Instituição a qual esta vinculado(a).	
Ser comunicativo e trabalhar em equipe.	Desenvolver a empatia, o equilíbrio pessoal e emocional, ser comprometido, flexível, ter postura de liderança e criatividade.

Fonte: Mattar, Rodrigues, Czeszak, Graciani, 2020, adaptado.

É inegável, dessa forma, que o profissional tutor precisa se preparar constantemente para o exercício de sua tutela e a plenitude das competências relatadas.

5 REFLEXÕES SOBRE APRENDER A APRENDER

Uma vez que se evidencia as competências a serem desenvolvidas (PERNOUD, 2001) tem-se o desafio de ressignificar um quesito aparentemente simples: **o aprender a aprender por parte de um orientador pedagógico**, seja ele um tutor, professor, coordenador, pesquisador ou mesmo um entusiasta da área educacional.

O desafio em aprender a aprender perpassa por dois enfoques principais:

- **Avaliar**, de forma constante, e o mais preciso possível as competências dos professores e/ou profissionais da área educacional, neste caso, os Tutores EAD (PERRENOUD, 2001);
- Consequentemente **reformular**, caso haja necessidade, suas competências teóricas e práticas, para o que cita *Perrenoud* (2001, p. 2) em: “para além de sua cultura teórica”.

Figura 01: O Aprender a Aprender



Fonte: Foto de *mentatdgt. Pexels*, 2022.

Com isso, tem-se um formato de aprender a aprender “ordenado”, onde o processo de ensino-aprendizagem toma um outro “formato”⁹.

Desse novo formato observa-se atuais saberes necessários, naturais à docência (CARDOSO; DEL PINO; DORNELES, 2012), enumerados como:

- **Saberes disciplinares:** atrelados essencialmente ao campo de conhecimento do docente, do tutor;
- **Saberes profissionais:** o principal, pois se encontra atrelado à pedagogia intrinsecamente conjugada à formação do professor;
- **Saberes curriculares:** vinculados à instituição que o profissional atua;
- **Saberes experienciais:** significa a prática propriamente exemplificada.

A “combinação” desses saberes podem constituir uma base inicial para o ensino (CARDOSO; DEL PINO; DORNELES, 2012), progredindo da teoria para sua prática.

Dentre os saberes relatados, verifica-se **dois em especial**, os saberes disciplinares e os saberes profissionais (pedagógicos).

Para Mattar, Rodrigues, *Czeszak*, Gracian (2020, p. 15, grifo nosso) os saberes disciplinares se resumem em:

⁹ Um processo retroalimentado, baseado em três pilares: avaliação-reformulação-implementação.

Os saberes disciplinares equivalem ao conhecimento do conteúdo, [...] a competência técnica “conhecimento pleno da disciplina ministrada” corresponderia ao conhecimento e à capacidade de entendimento do conteúdo da disciplina a ser ministrada. Nesse sentido, pode-se falar em conteúdos técnico-científicos e em saberes científicos: **o tutor deve ser um especialista no conteúdo**

Já para os saberes profissionais (pedagógicos) tem-se para Mattar, Rodrigues, *Czeszak*, Gracian (2020, p. 15, grifo nosso):

Os saberes pedagógicos equivalem,[...], **às competências pedagógicas, que possibilitam que os tutores realizem o trabalho de mediação pedagógica nos ambientes virtuais de aprendizagem.** [...] Concebemos no texto os saberes pedagógicos em um sentido amplo, incluindo tanto os saberes profissionais quanto os curriculares propostos.

Com isso projeta-se a competência técnica conjugada com à competência profissional, ambas inicialmente teóricas (SANTOS; SCHNEIDER, 2014), de suma importância, sempre ressaltadas, porém desfavorecidas da prática. Isto é, o embasamento empírico se mostra ineficaz sem uma retórica prática constante.

E nessa conjuntura que o aprender a aprender é indispensável e inerente à docência, à tutoria em campo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivencia-se um contexto ímpar no meio educacional pós-pandêmico, se antes o profissionalismo era objeto de uma reflexão constante, hoje essa prática se torna até mesmo exacerbada em vista das adversidades sanitárias vivenciadas nos últimos 2 (dois) anos.

Percebe-se um esforço (ou ao menos uma aspiração) em uma formação continuada na parte da docência, o que de certa forma torna os profissionais da área educacional, aptos a ações reflexivas (FREIRE, 2021).

Contudo o conceito primordial de “aprender a aprender” excepcionalmente vinculado aos Tutores de Ensino à Distância se torna ainda mais indispensável, em parte pelo ambiente digital que atuam, em parte pela percepção clara que usufruem de uma docência não estritamente ligada às competências (PERRENOUD, 2001) de uma sala de aula, mas sim a um meio midiático imersivo e cada vez mais reflexivo.

Com isso não é possível, ou mesmo inaceitável o aprender por si mesmo ou a inaptidão do trabalho em equipe, e até mesmo a falta de ousadia e engajamento de hábitos de instrução.

O orientar nessas circunstâncias pontua-se sempre em **adversidades**, contratempos e problemas adversos, os quais os orientadores precisam estar minimamente preparados, afinal se o ato de ensinar pode enfrentar obstáculos, aprender

a ensinar igualmente é um ato desafiador.

Todavia, um possível reflexo negativo é a falta de profissionalização do exercício da tutoria, uma vez que se percebe um “empréstimo” da figura do professor para assessoria de alunos em plataformas digitais (PERRENOUD, 2001).

O registro e aplicação efetiva do que pode se chamar como a polidocência¹⁰ pode ser um caminho a ser considerado, em especial relacionado à questão da orientação, separando e desmitificando o exercício do papel do tutor e o suporte pedagógico que desenvolve com os seus alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, Aliana Anghinoni, DEL PINO, Mauro Augusto Burkert. DORNELES, Caroline Lacerda. Os saberes profissionais dos professores na perspectiva de Tardif e Gauthier: contribuições para o campo de pesquisa sobre os saberes docentes no Brasil. **IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul 2012**. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/668/556>. Acesso em: 20 fev. 2022.

DIREITOS E DEVERES do Tutor de EAD. **Sociedade de Advocacia**. 5 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://oa.adv.br/noticias/tutor-de-ead/>. Acesso em: 23 fev. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**, 69 ed. – Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Oprimido**. 79 ed. – Rio de Janeiro; Paz e Terra, 2021.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.

GOMES, Heloisa Maria. Formando professores para a educação profissional. **GT: Formação de Professores/ n. 08. 2004**. Disponível em: <https://anped.org.br/sites/default/files/t086.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2022.

MATTAR, João; RODRIGUES, Lucilene Marques Martins; CZESZAK, Wanderlucy; GRACIANI, Juliana. **Educação em Revista | Belo Horizonte | - v.36 | e217439 | 2020**. Competências e funções dos tutores online em educação a distância. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/wDMtcL9SsDw5Z-MFLfxr98Cw/?format=pdf&lang=pt#:~:text=Dentre%20as%20compet%C3%A2ncias%20dos%20tutores,%3A%20gerenciais%2C%20pedag%C3%B3gicas%20e%20sociais>. Acesso em: 25 fev. 2022.

MICHAELIS. Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. **UOL**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/aprender/>. Acesso em: 27 fev. 2022.

10 mais do que uma aplicação de um tipo de docência.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para uma nova profissão. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação Universidade de Genebra, Suíça 2001. In Pátio. **Revista pedagógica (Porto Alegre, Brasil), nº 17, Maio-Julho, pp. 8-12**. Disponível em: http://penta3.ufrgs.br/MIE-ModIntrod-CD/pdf/etapa2_as_novas_competencias.pdf. Acesso em: 22 fev. 2022.

PEXELS-pexels-photo-2173508.jpg. 6000x4000px, 72dpi, 10,4 MB. **PEXELS**. Disponível em: <https://www.pexels.com/pt-br/foto/homem-de-paleta-em-pe-ao-lado-da-tela-do-projetor-2173508/>. Acesso em: 19 fev. 2022.

SANTOS, Elissandra Silva; SCHNEIDER, Henrique Nou. Saberes e competências para a tutoria a distância reflexiva e formativa: perspectivas teóricas e estratégias para a formação de educadores na modalidade EaD. **3º Congresso Brasileiro de Informática na Educação (CBIE 2014) 20ª Workshop de Informática na Escola (WIE 2014)**. Disponível: <https://sol.sbc.org.br/index.php/wie/article/download/16635/16476/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

TONNETTI, Flávio Américo. Tutor é professor: algumas considerações sobre o trabalho docente na educação a distância. **SIED – Simpósio Internacional de Educação a Distância; EnPED – Encontro de Pesquisadores em Educação à Distância. Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – 10 a 22 de setembro de 2012**. Disponível em: <http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/Trabalhos/119-920-1-ED.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2022.

CONEXÕES AFETIVAS EM UM PERÍODO DE DISTANCIAMENTO SOCIAL: A EXPERIÊNCIA DA CAMPANHA PALAVRAS QUE ABRAÇAM

Gabriel Silveira Pereira¹

Milene Araújo Vitorino²

Paola Cardoso Purin³

1 INTRODUÇÃO

Este texto, constituído como um relato de experiência, materializa considerações e reflexões a respeito de uma prática desenvolvida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Osório, em agosto de 2021, durante o contexto de distanciamento social desencadeado pela pandemia da Covid-19. Trata-se de uma memória sobre o desenvolvimento da Campanha “Palavras que Abraçam”, iniciativa voltada a mobilizar a comunidade interna do IFRS Campus Osório em um movimento de espalhar sensibilidade, afeto e empatia através de mensagens carinhosas, intituladas como “Abraços Virtuais”.

A ação, a qual integra o “Programa Pertencer - Acolhimento, Escuta e Integração em Assistência Estudantil no IFRS”, esse último recebendo apoio institucional quanto à concessão de bolsas de ensino, teve por objetivo proporcionar

1 Licenciado em Letras e Tecnólogo em Processos Gerenciais pelo Centro Universitário Cenecista de Osório (UNICNEC). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/MP) da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Técnico Administrativo em Educação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Osório. E-mail: gabriel.pereira@osorio.ifrs.edu.br.

2 Licenciada em Letras - Português, Espanhol e respectivas Literaturas pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (Uri-Santiago) e Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/MP) da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Osório. E-mail: milene.vitorino@osorio.ifrs.edu.br.

3 Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Mestre e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pedagoga no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Osório. E-mail: paola.purin@osorio.ifrs.edu.br.

um momento de troca afetiva e acolhedora, de ser humano para ser humano, num gesto dialógico sensível de fazer o bem e, em retribuição, receber o mesmo. Foi organizada e viabilizada como abertura para a Programação do Setembro Amarelo, mês de prevenção ao suicídio e, no qual, com bastante frequência, se discutem pautas de saúde mental.

Nesse sentido, convidou a comunidade interna do Campus, constituída por professores, técnicos administrativos em educação, terceirizados e estudantes de diferentes cursos (Ensino Médio Integrado, Subsequentes, Superiores e Pós-graduação), a se unir em um gesto sensível de trocas afetivas, no qual cada participante deveria escrever uma mensagem e, em retribuição, receberia uma nova. As mensagens poderiam ser enviadas de forma anônima, como também identificadas. Foram abertas a serem direcionadas, nominalmente, a estudantes, servidores, turmas e equipes de trabalho ou apenas escritas para alguém não identificado, nutrindo uma prática humana de compartilhar o bem sem, necessariamente, atribuir o gesto para um conhecido.

No que concerne à estrutura metodológica, mobilizou-se em cinco etapas principais, sendo elas: (a) criação da identidade visual e de formulário para recepção dos abraços virtuais; (b) divulgação da ação, com postagens na página do Instagram do Programa (@pertencer_ifrsosorio) e envio de e-mails institucionais; (c) análises das mensagens, categorizações e organizações em planilhas de Excel; (d) cruzamento das mensagens entre participantes; e, por fim, (e) envio, por e-mail, dos abraços virtuais, em 1º de setembro, para a comunidade do Campus.

Nesse movimento, pode-se dizer que a prática atingiu o coletivo institucional de maneira bastante surpreendente, buscando trazer aspectos humanos para um momento tão difícil e desafiador. Contou com a participação efetiva de estudantes e servidores, recebendo 118 abraços, encaminhados por 60 participantes, mas que alcançaram toda a comunidade interna, tendo por base que determinados abraços foram endereçados, coletivamente, para turmas, cursos e/ou equipes de trabalho.

Expõe-se, entre os resultados evidenciados, a significativa frequência com que a equipe de execução, composta por servidores do Campus e cinco estudantes bolsistas e voluntárias, recebeu comentários espontâneos durante o processo de divulgação da ação e na entrega dos abraços virtuais, dimensão qualitativa a qual sublinha o afeto e a sociabilidade como fundantes para as relações humanas.

Para melhor explanação a respeito da dinâmica produzida e dos impactos de sua execução, serão apresentadas, a seguir, considerações teóricas sobre o desenvolvimento da proposta no contexto de um Instituto Federal, em diálogo com dimensões de socialização, afetividade e cuidado humano, e, partir dessas, intenciona-se discorrer a respeito da prática propriamente dita, sublinhando a

potência e os resultados de uma construção tão leve, sensível e necessária.

2 POR UMA EDUCAÇÃO DE AFETOS: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Considera-se que “no processo de desenvolvimento cotidiano o homem precisa da nutrição afetiva como precisa do ar, da água, do alimento” (DALLA VECCHIA, 2002, p. 110). Neste sentido, tendo por orientação os pressupostos de uma educação biocêntrica, vê-se como indiscutível a potência do desenvolvimento afetivo para a consolidação do próprio desenvolvimento humano. Com isso, reconhece-se que, nas relações com o outro, nos constituímos e apuramos os diferentes sentidos do relacionar-se.

De acordo com Dalla Vecchia (2002, p. 111), “o núcleo da educação é a afetividade. A Identidade da pessoa se forma por um processo de identificação com o outro na afetividade”. Logo, quando se pensa na constituição dos processos escolares, não se pode perder de vista a gênese nas relações humanas e nas trocas que se estabelecem nas conexões de ensinar e aprender, considerando, assim, as construções dialógicas desse contato e a reciprocidade dos movimentos que constituem as diferentes trajetórias formativas, tanto do educando quanto do educador responsável e aberto a aprender, cotidianamente, a partir do seu fazer e da interlocução com o outro.

Outro ponto que precisa ser referido está no desenvolvimento do vínculo e na qualidade das dinâmicas produzidas no contexto escolar, os quais podem integrar as comunidades escolares e, inclusive, ir para além delas. Refere-se à compreensão da potência dos laços de amizade e das conexões por eles proporcionados, haja vista a compreensão de que “uma educação que não estimula a amizade e as relações afetivas sólidas não prepara o educando com o ingrediente da transformação, da mudança das estruturas a partir de relações solidárias promotoras da qualificação do outro” (DALLA VECCHIA, 2002, p. 121).

Com base no exposto e sempre em diálogo com os estudos do autor, não se pode perder de vista a noção de que:

Ao desenvolver nossa capacidade de educadores, não exercemos apenas um ofício, um papel, mas, através da nossa capacidade de vínculo, de amar, de sermos nutritivos, de expressar nossa afetividade por nosso educando, estamos promovendo o desenvolvimento de sua Identidade, de sua articulação orgânica e integrada consigo mesmo, com o outro, com a comunidade, com o cosmos (DALLA VECCHIA, 2009, p. 109).

Diante do apresentado e considerando tantas potencialidades refletidas, direciona-se a pensar o quanto o período pandêmico veio influenciando as formas de ver, interagir e relacionar-se com o outro e, nesse sentido, perceber em que medida a escola e as relações afetivas desse espaço (agora num corpo digital

e totalmente a distância) puderam ser (ou não) materializadas. Esse refletir, sem dúvidas, foi um dos aspectos mobilizadores da criação da Campanha “Palavras que Abraçam”, justamente pela observância de que o corte da presencialidade e o afastamento do espaço físico escolar, constituído por tantas dinâmicas fundantes à sociabilidade humana, deu abertura a um novo momento e, com isso, a novas formas de relacionar-se.

Com tantas mudanças oriundas desse novo momento, viu-se, em um velho conhecido, barrado pelo contexto pandêmico, a possibilidade de restabelecer as conexões afetivas do IFRS Campus Osório, o qual já vinha em formato não presencial há um ano e cinco meses. Assim, o abraço tornou-se virtual, sendo constituído por palavras, mas não perdendo a essência de uma constituição recíproca afetiva.

Partiu-se da noção de que “a emoção do abraço tem uma qualidade singular. É a proximidade do outro, em um ato recíproco, de sustentá-lo em toda sua humanidade, de assumi-lo corporal e espiritualmente” (DALLA VECHIA, 2002, p. 121). Assim, encontrou-se nas letras e no diálogo com a escrita e a leitura, a possibilidade de convidar a comunidade a parar, por alguns momentos, para refletir que ainda se estava interligada e que as dificuldades do período (em maior ou menor intensidade) vinham sendo compartilhadas por todos.

Pontua-se, na realização da atividade, uma adesão significativa dos jovens estudantes do Ensino Médio Integrado e menciona-se que a própria operacionalização desse movimento surgiu do trabalho da equipe de servidores do Programa Pertencer com o grupo de cinco estudantes bolsistas e voluntárias oriundas de cursos dessa modalidade. Diante disso, cabe ressaltar a importância desse encontro afetivo com as juventudes, haja vista que:

A produção das identidades, além de demarcar territórios de sociabilidades e de práticas coletivas, põe em jogo interesses em comum que dão sentido ao “estar junto” e ao ser dos grupos. Nos territórios culturais juvenis delineiam-se espaços de autonomia conquistados pelos jovens e que permitem a eles e elas transformar esses mesmos ambientes resignificando-os a partir de suas práticas específicas. (MARTINS; CARRANO, 2011, p. 45).

Avalia-se, portanto, que o contexto pandêmico abriu novos sentidos para o estar presente, e as ações síncronas, mesmo ainda que a distância, passaram também a assumir esse lugar, pois era a concepção de estar junto, ao mesmo tempo, numa mesma conexão. Assim, as dinâmicas escolares foram se modificando e, nisso, as relações, conforme já mencionado, também passaram a assumir novas formas.

Por isso, parte-se da compreensão de que os aspectos de integração, fundantes ao desenvolvimento e à criação de vínculos, foram se redesenhando e, por vezes, sinalizando as faltas originadas pela imposição pandêmica. Assim, em sequência ao exposto, vê-se como pertinente pontuar “[...] que a sociabilidade,

para os jovens, parece responder às suas necessidades de comunicação, de solidariedade, de democracia, de autonomia, de trocas afetivas e, principalmente, de identidade” (DAYRELL, 2007, p. 1111) e, diante do contexto pandêmico, pensando na vivência escolar, surge-se o questionamento: qual é o papel de uma instituição educacional na retomada desses aspectos, perante o novo formato?

Na mesma perspectiva, Silva (2015, p. 56) afirma que “a escola, como diversas outras instituições, constituiu-se, também, em espaço de sociabilidade, de vivência do juvenil” e, dessa maneira, ao se ver em um longo período de distanciamento físico desse espaço, conforme o vivenciado, é que, com maior materialidade, retoma-se o quanto essa ausência registra impressões e significações nas trajetórias de vida dos estudantes. Além disso, cabe sublinhar que, por se tratar de um momento novo, o contexto pandêmico exigiu (re)invenção, e, no ambiente escolar, isso não seria diferente. Nesse processo, portanto, fez-se presente a Campanha “Palavras que Abraçam”, trazendo um novo jeito de criar conexões sensíveis e gentis.

3 CONHECENDO E REFLETINDO AS MOVIMENTAÇÕES PRODUZIDAS PELA CAMPANHA PALAVRAS QUE ABRAÇAM

A Campanha “Palavras que Abraçam”, desenvolvida em agosto de 2021 no contexto remoto do IFRS Campus Osório, marcou uma possibilidade importante de unir a comunidade acadêmica em um gesto sensível de trocas afetivas, oportunizando que cada participante pudesse escrever uma mensagem e, em retribuição, recebesse uma nova. Assim, partiu de um convite para todo o coletivo institucional, por intermédio de divulgações por e-mail e pela rede social do Programa Pertencer.

Imagem 01: Convite da Campanha.



Fonte: Instagram do Programa Pertencer (@pertencer_ifrsosorio), 2022.

Ao longo do período de divulgação, uma série de postagens foram realizadas na conta do Programa, objetivando interações com o público da ação. Ainda, e-mails de lembrete foram enviados à comunidade acadêmica, considerando que o período remoto vinha exigindo bastante no que concerne ao tempo demandado e a dedicação dos diferentes segmentos. Cabe destacar que, desde o lançamento, a Campanha recebeu muitas devolutivas, com elogios e menções por diferentes membros da comunidade e em distintos momentos institucionais, tais como reuniões e conselhos de classe.

Imagem 02: Story de interação da Campanha no Instagram.

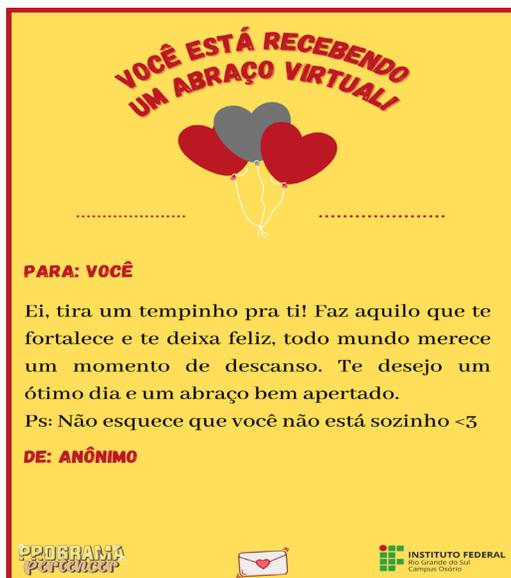


Fonte: Arquivo Programa Pertencer, 2022.

A partir do recebimento das mensagens, foram geradas e organizadas planilhas para a gestão dos “abraços” recebidos, com a proposição dos cruzamentos entre as mensagens, conferências de e-mails e outras revisões de envio, de modo que todos os encaminhamentos pudessem ser realizados da melhor forma. Assim, elegeu-se a data de 1º de setembro, em abertura ao Setembro Amarelo, para serem disparados os “abraços virtuais”, num gesto de acolhimento e valorização da vida e das relações humanas.

Os “abraços virtuais” foram constituídos de diferentes formas: com letras de música, trechos de poemas, relatos de experiência, indicações de vídeos e/ou com sugestões de autocuidado, tranquilidade e descanso, conforme o exemplo apresentado na sequência. Assim, chegaram à comunidade do Campus de uma maneira muito leve, acessível e afetuosa, preservando alguns dos atributos importantes de um abraço.

Imagem 03: Exemplo de “abraço virtual”.



Fonte: Arquivo Programa Pertencer, 2022.

A iniciativa recebeu 118 “abraços virtuais”, encaminhados por 60 pessoas, mas se estendeu a todo o coletivo em virtude de envios direcionados, também, a grupos. Entre os retornos recebidos, apresentam-se, na sequência, exemplos de mensagens de menção, enviados pela comunidade acadêmica desde a divulgação da atividade até a entrega dos “abraços”:

Estudante do Ensino Médio Integrado: Oi, gente! Parabéns pela ação, foi linda e muito criativa <3.

Professora: [...] Este abraço alegrou meu dia e tenho certeza de que muitos/as colegas, servidores e estudantes se sentiram abraçados e acolhidos por esta ação tão linda do Programa. Agradeço muito por esse momento! Um abraço virtual com muito afeto.

Técnica Administrativa em Educação: Muito lindo, iniciativa maravilhosa. Muito obrigada. Abraços.

As mensagens apresentadas, simbolicamente, representam parte da sensação de alegria vivenciada por toda a equipe, como também pelos participantes da ação. Esses retornos positivos foram muito importantes para que se pudesse iniciar e concluir a iniciativa da melhor forma, e os resultados foram muitíssimo expressivos. Pontua-se que a experiência foi também compartilhada na 11ª Mostra de Ensino, Extensão e Pesquisa do IFRS Campus Osório, recebendo destaque na categoria Ensino - Ciências Humanas.

4 CONCLUSÃO

Diante desta experiência, reafirma-se a potência de construir uma educação cada vez mais afetiva e carregada de sensibilidade. Da mesma forma, pontua-se a importância de que o ambiente escolar/acadêmico possa contribuir para a constituição afetiva de sua comunidade, a partir de vivências dialógicas e que estimulem o vínculo.

Com a Campanha “Palavras que Abraçam”, teve-se a oportunidade de experienciar, durante o contexto pandêmico, as possibilidades de um processo rico de socialização, no qual a afetividade e o olhar sensível para o outro se fizeram, muitíssimo, presentes. Ainda, cabe sublinhar a generosidade das trocas e dos momentos reflexivos propostos, assim como a disponibilidade dos participantes de pensarem o período e escreverem as mensagens acolhedoras.

Destaca-se a intenção de dar continuidade à ação no âmbito presencial, já que se materializa uma previsão de retorno em 2022. Sendo assim, possivelmente, a iniciativa passará por reformulações, podendo ser ressignificada diante deste outro momento a ser vivido pela comunidade acadêmica do IFRS Campus Osório. Espera-se, no entanto, manter a essência que a originou, preservando o reconhecimento do estímulo à afetividade como necessário ao desenvolvimento humano e social.

REFERÊNCIAS

- DALLA VECCHIA, A. M. Educação e Afetividade. **Revista Pedagógica Unochapecó**, Florianópolis, ano 4, n. 9, p. 107-127, jul/dez 2002. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3965>>. Acesso em: 25 jan. 2021.
- DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, Out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000300022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 jan. 2021.
- MARTINS, C. H. S.; CARRANO, P. C. R. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43–56, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/2910>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- SILVA, M. P. Juventude(s) e a escola atual: tensões e conflitos no “encontro de culturas”. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 46–59, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/28958>. Acesso em: 24 jan. 2022.

CAPÍTULO 12

DESAFIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE: SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Ana Maria da Silva Lemos¹

Ana Paula da Silva Lemos²

Paulo Sérgio Fontes Santana³

INTRODUÇÃO

Observando o cenário atual no campo educacional, é possível notar que ser professor na sociedade contemporânea é uma das tarefas mais complexas existentes, pois a educação brasileira encontra-se muito defasada. Muitos docentes usando métodos inadequados, insuficientes para os novos tempos, pais sem estímulo para participar da vida escolar dos filhos são algumas das questões que comprovam essa defasagem educacional e conseqüentemente a falta de perspectiva de um futuro melhor no que concerne à formação científica dos sujeitos. Sendo assim, é necessário que os docentes procurem melhorar sua prática docente, uma vez que, os atuais alunos são conectados com o mundo da informação, sempre estão um passo à frente de muitos professores que pregam o tradicionalismo, e não buscam se atualizar prejudicando de forma significativa o processo de ensino aprendizagem.

Para que haja, de fato reciprocidade entre o ensinante e o aprendente é indispensável que o docente tenha uma formação continuada, buscando sempre atualizar-se, para que possa dispor ao seu alunado métodos que satisfaçam seus interesses. Colocando-os no centro de todo processo educacional como construtores de seu próprio conhecimento.

Promover uma educação de qualidade que atenda os mais diversos tipos de alunos presentes numa determinada sala de aula é tarefa complexa para a maioria dos profissionais da educação, uma vez que, os mesmos muitas das vezes não possuem uma boa formação. Estão no comodismo, não buscando assim

1 Graduanda em Licenciatura em Pedagogia; Estudante, E-mail: analemos940@mail.com

2 Graduação: Licenciatura em Matemática, Pós-Graduada em Matemática Financeira e Estatística e Pós-Graduada em Educação Digital; Estudante, E-mail: paulalemos96.ap@gmail.com

3 Graduação: Licenciatura em Matemática, Pós-Graduado em Matemática Financeira e Estatística e Metodologia do Ensino de Matemática; Professor, E-mail: paulosergiofontes1995@gmail.com

desenvolver novos meios de ensino, o que acarreta na desmotivação dos alunos para irem à escola, pois ao chegar naquele ambiente se deparam com metodologias ultrapassadas, que não instigam em nada a participação na aula.

Embora alguns professores que estão adentrando no mercado de trabalho, sejam um pouco mais conscientes das mudanças ocorridas na sociedade e a importância de inovar em sua metodologia de ensino, ainda é um percentual pequeno perante a outra realidade que é de professores atuantes há décadas. De acordo com Castro e Carvalho (2005, p.95) “Pensar no papel do professor no atual estágio da sociedade é identificar um multiplicidade de ações diferentes para a mesma função”.

Diante da nova geração de estudantes se faz necessário que o educador busque novas formas de ensinar, saindo da sua zona de conforto para assim conseguir progredir perante os dilemas que a educação como um todo está passando. Tornar as aulas atrativas, buscando sempre envolver o cotidiano do aluno é primordial para o melhoramento do processo educacional vigente. Em consonância com Cortella (2009) em mundo competitivo, para caminhar para a excelência é preciso fazer o melhor, em vez de contentar-se com o possível. Fazer o possível é o óbvio. Agora, fazer o melhor é exatamente àquilo que cria a diferença, ou seja, sair da mesmice é um dos primeiros passos a serem tomados para aprimorar as aulas, e fazer com que os discentes se sintam instigados a participarem por meio da interação situacional.

Como vivemos em um mundo globalizado, cheio de novas tecnologias as quais são imprescindíveis para o desenvolvimento social, é preciso observar que diante da comodidade que as mesmas oferecem, faz com que o ser humano desenvolva um sedentarismo intelectual, ou seja, preferem ficar assistindo TV, interagindo nas redes sociais, ao invés de ler um bom livro para exercitar a mente tornando-se cada dia mais inteligente. Para tanto, a presença dos professores destacando a importância do ensino na escola, e deixando evidente os malefícios, e os benefícios dos meios eletrônicos para a vida do indivíduo é primordial.

Não podemos negar que as tecnologias móveis estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano e com elas podemos desenvolver as nossas atividades de forma eficiente e com maior agilidade isso é um fato. Porém, é perceptível que muitas instituições de ensino não disponibilizam de ferramentas e profissionais qualificados para desenvolver um trabalho na dinâmica do conhecimento em rede, ou seja, utilizar os meios tecnológicos para conectar as diversas inteligências. Isso acarreta em tornar a escolar um ambiente restrito, onde os alunos não conseguem desenvolver-se integralmente.

A EDUCAÇÃO E NOVAS PERSPECTIVAS

Na perspectiva da sociedade em rede e sociedade 5.0, a qual tem por objetivo central o direcionamento dos avanços tecnológicos em prol da melhoria da vida da população, buscando minimizar os problemas sociais, ajudando assim no desenvolvimento da sociedade. Diante do evidenciado é possível notar que haverá um avanço significativo na qualidade de vida em comunidade, desta forma, o corpo escolar como um todo necessita se adequar as novas formas de fazer a educação, buscando trabalhar a transdisciplinaridade de forma inclusiva e interativa.

É notório que as informações estão por toda parte, cabe aos professores orientarem os educandos a utilizar de forma prudente essas novas ferramentas, mas para isso o docente precisa ter conhecimento sobre tal, convém assim, passar por uma formação continuada. Sendo válido ressaltar que essa formação continuada deve estar intimamente ligada aos desafios enfrentados em sala de aula, que não sejam meras teorias, mas que de fato sejam aplicáveis na prática.

Neste sentido é importante frisar a relevância de uma formação continuada a qual proporciona um aprimoramento dos saberes necessários para desenvolver uma educação de qualidade. Dispondo assim de novos métodos perante a realização de seu trabalho, tal precisa ser permanente, pois ninguém é detentor do saber e como vivemos em uma sociedade de mudanças constantes, é imprescindível haver uma busca incansável por conhecimento, não podendo assim ficar no comodismo, no possível. Sempre que for fazer algo, dê seu melhor não importa o quão insignificante pareça ser, faça sempre seu melhor. Pois só com essa atitude conseguirá se desenvolver e desenvolver quem está a sua volta.

A educação para os alunos do século XXI é um grande desafio, pois os mesmos estão conectados o tempo quase todo aos diversos meios de comunicação, sendo que obtêm informações com apenas alguns cliques, Pimenta (2012) afirma que a finalidade da educação escolar na sociedade tecnológica, multimídia e globalizada, é possibilitar aos discentes trabalharem os conhecimentos científicos e tecnológicos, desenvolvendo habilidades para operá-los com sabedoria e conseqüentemente irem construindo a noção de cidadania mundial. Para tanto, se faz necessário que os professores desenvolvam novos meios de aprendizagem, inovando suas aulas para que assim consigam chamar a atenção dos educandos.

Estou denominando “ensinante” aquele que assume, em alguma circunstância, a deliberação de ensinar, embora o modelo de executor dessa tarefa seja o professor, [...]. O fato reforça a ideia de que a ação de ensinar é sobre tudo uma intenção e indica que na maior parte das vezes há um longo caminho entre o propósito e sua realização. Para tanto, entram em cena procedimentos ditos didáticos, visando um encontro entre o ensinar e o aprender (CASTRO e CARVALHO, 2005, p. 15).

Partindo desse pressuposto, fica evidente que, ser professor é enfrentar as

dificuldades continuamente, saber que muitas vezes irá se decepcionar consigo mesmo, pois não conseguirá desenvolver suas atividades da forma planejada, por falta de colaboração dos discentes. O fato dos mesmos, em sua maioria não estarem dispostos a aprender dificulta significativamente o processo de ensino aprendizagem. Desse modo, é de fundamental importância que o professor tenha uma boa didática para que assim possa prender a atenção de seus alunos durante um maior período de sua aula, fazendo com que eles se sintam instigados a interagir e atender as demandas das aulas.

A inovação em sala de aula é primordial para que os alunos possam ver a educação de forma positiva, que seja prazeroso ir para a escola, pois ao chegar lá não vai ser apenas escrever, responder atividades que muitas vezes não têm aplicação ao cotidiano, mas sim aulas atrativas como, por exemplo: jogos educacionais online, que de fato trabalhe com a realidade dos discentes, para dessa forma os mesmos sintam-se estimulados a estarem naquele ambiente. De acordo com Piazzze (2015) as novas tecnologias as famosas TICs são “importantes” para o desenvolvimento da sociedade e o uso moderado e consciente das mesmas contribui de forma significativa no processo educacional contemporâneo.

As transformações constantes pelas quais a sociedade passa, fazem com que a educação como um todo seja repensada, a forma como o professor desenvolve suas atividades deve estar de acordo com as necessidades da população. Para que isso ocorra é imprescindível haver docentes bem qualificados, atualizados. É importante enfatizar que a pedagogia utilizada pelas escolas há 30 anos, não pode ser a mesma utilizada nos dias atuais. Pois assim como a sociedade foi se moldando por causa das novas tecnologias, a escola também precisa ir se modificando de acordo com as necessidades dos alunos.

Ou seja, o papel de um professor, pensado como transmissor de informação, no contexto atual, deixa de fazer sentido, porque as necessidades são outras. Dessa forma, a formação docente, seja ela inicial ou continuada, necessita da articulação das necessidades do contexto social às práticas pedagógicas. Trata-se de uma articulação que envolve competências relacionadas ao uso das TDs. (CASARTELLI, GIRAFFA e MODELSKI, 2019, p.6).

Nesta perspectiva, é visível que a formação docente deve estar interligada com as competências necessárias para o desenvolvimento de suas atividades pedagógicas com o uso das tecnologias digitais, uma vez que, para atuar de forma satisfatória no âmbito educacional na atualidade esse é um dos requisitos básicos como está posto na V competência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Na contemporaneidade, com a discussão acerca das competências e habilidades e as diversas mudanças necessárias para a adequação do ensino de acordo

com à BNCC, percebe-se a necessidade do aperfeiçoamento profissional no tocante a métodos e metodologias da educação, sendo relevante destacar a questão da cultura e o conhecimento prévio de cada indivíduo, visando o desenvolvimento integral dos discentes, preparando-os para conviver em sociedade de forma crítica e reflexiva.

Ao tentar entender o porquê da defasagem escolar, percebe-se que tal circunstância está intrinsecamente ligada a forma como ocorre o desdobramento em sala de aula, a maneira com a qual o professor desenvolve suas atividades interfere significativamente no processo de ensino aprendizagem. Sendo assim, a busca por um trabalho ativo que de fato atenda as particularidades do meio em que a instituição está localizada levando em consideração a cultura e suas tradições.

E para que isso possa acontecer o profissional docente precisa procurar por métodos e metodologias os quais serão meios facilitadores nesse processo de ensino. Mediante ao evidenciado, Alves (2019, p. 147) vem reforçar a importância da didática no ensino, dizendo: “A Didática possibilita ao docente a adoção de métodos e decisões que incorporam condições de aprendizagem na capacitação do discente para vida profissional e pessoal, contribuindo para melhor qualidade de vida nas relações sociais e interpessoais”.

Perante contrariedades que estão cada vez mais presentes nos âmbitos educacionais, buscar entender as questões sociais em que a instituição se encontra é um dos principais vieses que podem ser explorados, possibilitando assim uma maior visão acerca dos problemas existentes. Desta forma, desenvolver projetos voltados para as necessidades locais, tendo como objetivo central a possibilidade de minimização desses obstáculos é primordial.

Para que a realidade educacional vigente possa ser moldada, se adequando às necessidades atuais, é conveniente que os centros universitários tomem consciência da importância de desenvolver o trabalho em equipe, que os futuros professores tenham consigo a bagagem necessária para que quando inseridos no meio educacional possam trabalhar os conteúdos com novas metodologias, tendo como principal foco a aprendizagem dos alunos. Libâneo (2013) evidencia que, a didática que o docente emprega em suas aulas faz com que ocorra de fato a mediação, entre o que precisa ser aprendido pelos discentes e o que eles conseguem absorver. Nesta perspectiva, a didática é o fator decisivo no processo ensino/aprendizagem.

É perceptível que há um grande abismo entre as gerações de professores e alunos, e nos métodos aplicados nas aulas, sendo visível a necessidade de ser minimizado com o auxílio da formação continuada, a qual possibilita um melhoramento na relação entre ambas às partes. Abrir mão da intocabilidade do conhecimento, do autoritarismo onde só o docente é o detentor do saber e da

“razão”, e os discentes são apenas receptores é imprescindível, uma vez que, os alunos atuais são extremamente dinâmicos.

Fica evidente, para que haja reciprocidade no processo educacional, é necessário uma maior interação entre os mesmos, deixar que os educandos discutam sobre os acontecimentos ocorridos na comunidade em que vivem para elaborar atividades envolvendo a realidade do alunado, desenvolvendo desse modo uma parceria que trará mudanças relevantes para essa realidade na qual estão inseridos.

Desta forma, é perceptível que a formação inicial, assim como também a formação continuada é primordial para que a educação siga os parâmetros apresentados na Constituição Federal em conjunto com LDB 9.394/96, os quais rezam por um ensino de qualidade e que seja para todos sem haver distinções. Mas para que isso de fato aconteça, é preciso que haja um maior incentivo através de políticas públicas para a formação continuada de professores, pois são estes os agentes transformadores da sociedade.

Se queremos uma educação de qualidade temos que investir e começar por uma formação de qualidade para estes profissionais, levando como principal enfoque a formação docente para o trabalho com as tecnologias digitais, pois o desenvolvimento do trabalho pedagógico enfrenta constantemente desafios por causa dos estigmas impregnados no tocante às tecnologias da informação e comunicação (TICs).

DESAFIOS DA DOCÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE

No contexto atual, é perceptível o quanto está cada vez mais difícil exercer a docência de modo significativo, produtivo, instigador para os discentes que estão constantemente conectados com todo tipo de informações a todo tempo e que basta um clique para acessar os mais variados assuntos. Mais do que nunca essa realidade da docência grita por mudanças, pois caso contrário, não haverá progressos satisfatórios no processo de ensino aprendizagem. Nesta perspectiva, Habowski (2019) destaca:

Para projetar a educação do futuro é preciso (re)conhecer os atores sociais para aprender a cultura humana, superando opressões consentidas por ignorância. Depreendem-se também dificuldades no enfrentamento de novas práticas didático-pedagógicas, que descentram o educador da condição de detentor do conhecimento, para torná-lo um aprendente da cultura digital, um (re)construtor de sentidos, tendo em vista dinâmicas cooperativas, que requerem a renovação constante das práticas de ensino. (HABOWSKI, 2019, p. 13).

Desse modo, pode-se perceber que não basta ter noção da realidade educacional vigente, mas sobretudo é preciso querer conhecer, aprender novos métodos e metodologias que corroboram na melhoria e superação das dificuldades

em sala de aula. Ser capaz de lidar com as TICs é essencial nesse processo de renovação/ inovação na forma de ensinar e de aprender. Sendo assim, é necessário abrir mão do medo de lidar com as novas tecnologias e aproveitar para utilizá-las em favor das práticas pedagógicas.

Investindo em aperfeiçoamento profissional será possível alcançar os alunos no quesito uso das tecnologias digitais. Estas podem ser definidas como um meio que envolve o conjunto de conhecimentos relacionados ao funcionamento dos computadores e as tecnologias, a representação de dados, hardwares, softwares, à comunicação e às redes.

No tocante as aprendizagens do futuro, é evidente que terão como mediadoras as tecnologias móveis e que os docentes precisarão aprofundar seus conhecimentos sobre as TICs para por conseguinte usufruir delas de forma satisfatória. Desenvolvendo seu trabalho pedagógico de forma a possibilitar ao alunado acesso a conteúdo de qualquer lugar, garantindo espaço para interação entre os pares por meio de diferentes canais.

É percebido que ocorreram muitas mudanças rapidamente no campo tecnológico atual. No entanto, as pedagogias de ensino dos profissionais de educação não conseguiram avançar do mesmo modo, como cita Demo (2009) “Antes de mais nada há que se reconhecer que a pedagogia está atrasadíssima, não se dando conta de que o mundo mudou à sua volta. Enquanto as tecnologias correm a velocidade da luz, a pedagogia anda a passos de cágado.” (p.55). Ou seja, é preciso que os professores se adaptem a estas novas mudanças, visto que a maneira dos alunos se relacionarem com outras pessoas, e terem acesso a informações alterou-se. Com isso a noção de professor detentor do conhecimento, que transmite informações para os alunos, não cabe nesta época, haja vista que o acesso a todo tipo de informação, pode ser feito facilmente através de pesquisas na internet.

O papel do docente passou de transmissor, para mediador do conhecimento. Estar ciente dessa realidade e desenvolver atividades inovadoras possibilitará um maior engajamento e participação nas aulas por meio de situações problemas que os desafiem a encontrar soluções para tais. Isto é, fazer uso de metodologias ativas as quais possibilitam ao aluno procurar saber, descobrir, conhecer, ser o protagonista da aprendizagem, enquanto o professor é a figura moderadora desse processo, ocupando um papel secundário. No entanto, como tudo na vida, é preciso equilíbrio e preparação para que isso realmente funcione.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Isto posto, é evidente que o professor necessita desenvolver em si mesmo a cultura da aprendizagem e evolução constante. Também é indispensável o diálogo, o olhar para os alunos e perceber suas peculiaridades, o que gostam e o que

não gostam, seus sonhos, suas aptidões. Isso porque quando há conexão com os alunos a aprendizagem acontece de modo significativo, divertido e esse processo ocorre naturalmente.

Portanto, muito além de ensinar o conteúdo, o professor precisa ser especialista em interpretar as necessidades dos alunos. Segundo o blog Escola Em Movimento, 2022, os principais desafios da educação são: falta de investimentos generalizados, mais acesso à escola e mais participação das famílias, carga horária x vagas, modelo distorcido de formação de docentes. Em vista disso, para que o cenário educacional passe pelas mudanças necessárias, é primordial que sejam criadas instituições ofertantes de formação docente de qualidade, programas de educação continuada com certificação, avaliação constante da aprendizagem, um currículo flexível, participação da família no âmbito educacional.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria de Lourdes Pessoa. **FORMAÇÃO DOCENTE**: Um novo olhar sobre as práticas pedagógicas (Volume 3). / Maria de Lourdes Pessoa Alves. – Goiânia-GO: Editora Phillos, 2019.

CASARTELLI, Alam de Oliveira, GIRAFFA, Lúcia M. M. e MODELSKI, Daiane. **Tecnologias Digitais, Formação Docente E Práticas Pedagógicas**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 45, e180201, 2019.

CASTRO, Amélia Domingues de; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de,(org). **Ensinar a Ensinar**: Didática para a Escola Fundamental e Média. São Paulo: Pioneira Thonson Learning, 2005.

CORTELLA, Mario Sergio, **Qual a tua obra?** : Inquietações sobre gestão, liderança e ética, 6ºed. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 2009.

DEMO, Pedro. **Educação hoje**: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades. São Paulo: Atlas, 2009. GIDDENS.

HABOWSKI, Adilson Cristiano. **Teoria crítica da tecnologia e educação [manuscrito]** : desafios contemporâneo. Universidade La Salle, Canoas, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**, -2º ed. –São Paulo: Cortez, 2013.

PIAZZI, Pierluigi, **Inteligência em Concursos**: Manual de instruções do cérebro para concurseiros e vestibulandos, São Paulo, Aleph- v.4, 2015.

PIMENTA, Selma Garrido: **Saberes pedagógicos e atividade docente** -8º ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

Os 5 maiores desafios da educação básica e as maneiras de solucioná-los. Disponível no site “escola em movimento”, link: <<https://escolaemmovimento.com.br/blog/os-5-maiores-desafios-da-educacao-basica-e-asmaneiras-de-solucao-los/>>. Acessado em: 25/01/2022.

A CONSTRUÇÃO DE RECURSOS ACESSÍVEIS COMO POSSIBILIDADE DE AÇÃO E REFLEXÃO PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO E PROFISSIONAL DE ESTUDANTES NO ENSINO SUPERIOR

Cibele Fernandes da Costa¹

Gabriel Silveira Pereira²

1 INTRODUÇÃO

Este texto, constituído como um relato de experiência, reúne considerações, reflexões e mobilizações teóricas a respeito de uma prática desenvolvida no âmbito da disciplina de Libras e Braille, ofertada nas Faculdades Integradas de Taquara (Faccat), em três semestres letivos (2020/1, 2020/2 e 2021/1), no ensino remoto, em virtude do contexto pandêmico vivenciado.

A prática consiste em construir um material, recurso ou serviço que promova acessibilidade para pessoas surdas (ou com deficiência auditiva), cegas (ou com baixa visão) ou surdocegas, na intenção de provocar a reflexão sobre a remoção de barreiras comunicacionais e atitudinais, bem como sobre o compromisso ético e profissional ao atender esse público.

Objetiva-se, portanto, produzir interlocuções sobre a importância de seu desenvolvimento para a formação de estudantes no Ensino Superior, considerando a necessidade de que se possa contribuir com o desenvolvimento humano, profissional e inclusivo de profissionais, de diferentes áreas, em formação.

No que concerne às dimensões metodológicas, dá-se orientada pelas

1 Licenciada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Especialista em Educação Especial pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/MP) da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Professora de Atendimento Educacional Especializado (AEE) no Ensino Fundamental (rede municipal de Igrejinha) e no Ensino Superior (FACCAT). E-mails: belef79@gmail.com e cibelecosta@faccat.br.

2 Licenciado em Letras e Tecnólogo em Processos Gerenciais pelo Centro Universitário Cenecista de Osório (UNICNEC). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/MP) da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Técnico Administrativo em Educação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Osório e integrante do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) dessa Instituição. E-mail: gabriel.pereira@osorio.ifrs.edu.br.

seguintes dinâmicas: a) Apresentação da proposta para os discentes; b) orientação teórica e metodológica a respeito de sua construção em diálogo com as especificidades formativas de suas futuras áreas de atuação; c) orientação e acompanhamento individualizado durante o período de produção pelos acadêmicos; d) seminário de apresentação dos materiais produzidos em um momento síncrono; e) divulgação dos materiais produzidos em eventos voltados à temática da acessibilidade e formação acadêmica.

Considerando, portanto, o movimento produzido com essa dinâmica acadêmica, assim como o êxito observado ao longo dos semestres de aplicação, viu-se, na construção deste capítulo, uma possibilidade de registrar a potência desta ação pedagógica pela emancipação humana, podendo-se olhar com atenção para as contribuições individuais e/ou coletivas de seu desenvolvimento e reprodução na busca pela transformação da realidade social, em observância às diferentes necessidades que se apresentam.

Inicialmente, serão expostas considerações teóricas sobre o desenvolvimento da atividade, produzindo interlocuções entre a concepção de formação humana e profissional no Ensino Superior em contato com princípios de uma educação inclusiva e para a diversidade e, partir dessas, pretende-se discorrer a respeito da prática propriamente dita, pontuando, em paralelo, potenciais de cada fase de desenvolvimento à luz dos resultados observados, tanto processuais quanto finais, diante da experiência de três semestres de realização em um período atípico, dadas as especificidades do distanciamento social.

2 AÇÕES INCLUSIVAS NO ENSINO SUPERIOR: CONTRIBUIÇÕES PRÁTICAS PARA A FORMAÇÃO HUMANA E PROFISSIONAL

Ao longo de suas trajetórias formativas, cada estudante, desde o início da Educação Básica (e até mesmo antes de seu ingresso na educação formal), produz interlocuções com diferentes conhecimentos e experiências, convivendo com pessoas e perspectivas diversas. Diante disso, cada momento vivenciado ganha significados distintos e, como não poderia ser diferente, também produz compreensões plurais no que concerne à vida e à relação com os outros.

Partindo dessa perspectiva, ancora-se no pensamento de Skliar (2003, p. 47) e em sua compreensão de que “é a pedagogia da diversidade como pluralização do “eu mesmo” e de “o mesmo”; uma pedagogia que hospeda, que abriga; mas uma pedagogia à qual não importa quem é seu hóspede, mas que se interessa pela própria estética do hospedar, do alojar”. No entanto, sublinha-se que, infelizmente, essa concepção nem sempre acaba materializada na ação humana, haja vista que o preconceito (em suas distintas formas e sobre diferentes lugares e sujeitos sociais) persiste na constituição histórica da humanidade, sendo refletido

em gestos, falas e, até mesmo, em questionáveis ações políticas.

Com isso, refletir o lugar da Universidade na sociedade faz-se fundante a toda e qualquer reflexão que tenha por compreensão o respeito aos Direitos Humanos e a valorização da pluralidade, ainda mais em um período no qual esse espaço vem, recorrentemente, sendo questionado e rechaçado justamente por mobilizar opiniões e expor compreensões que estimulam a valorização da vida, das ciências humanas e da produção do conhecimento científico.

De acordo com Andrade (2020, p. 1601-1602):

[...] ao mesmo tempo em que a universidade se constitui como mesmo da sociedade, na medida em que é financiada por ela e é parte inclusa do seu operar, por outro lado, ela é também o outro da sociedade, na medida em que sua força instituinte, seu princípio fundador, é a autonomia. Dessa maneira, é possível deduzir que é na tensão dialética entre o mesmo e o outro que a universidade institui o novo e o transformador na sociedade. Universidades que negam o mesmo da sua realidade instituinte podem ser negadas em seu próprio devir.

Reconhece-se, portanto, a possibilidade de transformação social que pode ser mobilizada no âmbito universitário e, com isso, seu potencial emancipatório e dedicado ao desenvolvimento de sujeitos autônomos e críticos, em especial, diante do recorte deste texto, no que se trata de compreensões voltadas à diversidade e à inclusão. Pontua-se, no entanto, que embora se tenha por intenção enfatizar a relação de formação profissional produzindo interlocuções com o atendimento e à atenção da pessoa com deficiência, “o termo inclusão não remete apenas a pessoas com deficiência, mas tem como objetivo aumentar a acessibilidade de quaisquer indivíduos excluídos em espaços e situações, como o caso da inclusão digital, econômica, entre outras” (VIEIRA; NASCIMENTO, 2019, p. 58).

Dito isso, alinha-se aos pensamentos das autoras na compreensão ampliada de que “uma mudança profunda precisa acontecer na sociedade como um todo, para que barreiras sejam transpostas, fazendo com que impedimentos e restrições a pessoas com deficiência deixem de ser uma realidade” (VIEIRA; NASCIMENTO, 2019, p. 58-59). Ainda, que se possa avançar no reconhecimento de que o viver em sociedade pressupõe o respeito ao próximo e o desenvolvimento de uma atitude humana política, colaborativa, sustentável e solidária.

Por isso, nutre-se também o entendimento de que:

A pedagogia do outro que reverbera permanentemente é a pedagogia de um tempo outro, de um outro tempo. Uma pedagogia que não pode ocultar as barbáries e os gritos impiedosos do mesmo, que não pode mascarar a repetição monocórdia, e que não pode, tampouco, ordenar, nomear, definir, ou fazer congruentes os silêncios, os gestos, os olhares e as palavras do outro. (SKLIAR, 2003, p. 47).

É na diversidade, portanto, que se constituem as relações humanas e que se configuram as distintas formas de interação com o mundo. Em vista disso, buscar conhecer o outro, entendê-lo e perceber suas necessidades pode ser um movimento de imenso crescimento, tendo em vista que a voz do outro sobre suas próprias carências é constituinte da compreensão e de seu olhar sobre sua vivência e, assim, a mais coerente para balizar e conduzir dinâmicas acessíveis e acolhedoras. O movimento que se elucida é o de diálogo, compreensão e olhar atento às diferentes necessidades humanas.

Ainda, urge-se pontuar que:

Pode-se dizer que as políticas públicas educacionais, como a inclusão, visam ao governo da população, ou seja, são criadas estratégias, táticas e técnicas que permitem que a governamentalidade seja colocada em funcionamento, de forma cada vez mais sutil e dissimulada, mas atuando sobre cada vez mais indivíduos, ou melhor, sobre uma coletividade. Assim, se faz necessário participar e desejar a participação de todos (GOULARTE; LUNARDI-LAZZARIN, 2018, p. 261).

Sendo o ambiente universitário um espaço dialógico, avalia-se como fundante que as pautas inclusivas percorram os diferentes espaços institucionais e constituam um compromisso de todos os coletivos que o integram. Assim, avalia-se a importância de que se invistam em disciplinas e outras ações institucionais voltadas à diversidade humana e às diferenças, transcorrendo as dinâmicas formativas dos diversos cursos ofertados, sempre em compreensão de que o mundo do trabalho também é plural, e a atuação profissional, independente da área, deve produzir interlocuções com os campos das diferenças.

3 A DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR E AS POSSIBILIDADES DE UMA EDUCAÇÃO PELA DIVERSIDADE

Promover estratégias inclusivas no Ensino Superior é buscar retomar, numa perspectiva crítica, o lugar humano de cada profissional ali em formação, haja vista que os conhecimentos produzidos na academia não devem se distanciar das necessidades sociais e do desenvolvimento qualificado que se espera de todo futuro profissional, nos diferentes espaços de atuação. Assim, destaca-se também a compreensão de que para que se produzam propostas inclusivas e se alcancem os resultados esperados para essas ações, faz-se fundamental uma ação política e pedagógica engajada, como também, retomando as compreensões de Vieira e Nascimento (2019, p. 62), “[...] uma adaptação de currículos, estratégias de ensino, recursos, parceria com a comunidade, entre outros”. Nesse sentido é que a disciplina Libras e Braille busca estruturar-se, tendo um instrumento de avaliação voltado para estimular o diálogo entre a formação acadêmica e a prática profissional.

3.1 A oferta da disciplina de Libras e Braille no contexto da FACCAT

A disciplina Libras e Braille começou a ser ofertada em 2006 na Faccat. Inicialmente, intitulava-se como “Múltiplas linguagens” e era realizada com docência compartilhada entre duas professoras, responsáveis pelo ensino de Libras e Braille em cada metade do semestre. Desde 2020, uma única professora assumiu o ensino integral da disciplina, mesmo ano em que, em função da pandemia da Covid-19, a instituição adotou o ensino remoto, com aulas síncronas semanais pela plataforma Google for Education (Meet e Classroom). Além desses recursos, com vistas a uma maior interação, foi criado um grupo da turma no WhatsApp, para compartilhamento de informações, materiais e esclarecimento de dúvidas.

A oferta da disciplina surgiu como uma forma de atender ao Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005). Em conformidade com o artigo 3º do referido decreto, a disciplina configura-se como componente obrigatório para os cursos de licenciatura (pedagogia, letras, história, matemática) e optativa para os demais cursos (administração, ciências contábeis, design, direito, enfermagem, engenharia de produção, psicologia, publicidade e propaganda, relações públicas, sistemas de informação e turismo), conforme inciso 2º da legislação mencionada.

A proposta da disciplina vai além do ensino de Libras e de Braille: propõe-se a estudar de forma teórica e prática sobre as línguas e linguagens humanas, utilizadas por pessoas com surdez, deficiência auditiva, visual e cegueira. No recorte direcionado ao ensino de Libras, dispõe-se a abordar os processos históricos e educacionais das Línguas de Sinais, tanto no Brasil quanto no mundo; conhecer as diferenças linguísticas entre Língua Portuguesa e Libras; conhecer o processo de letramento tendo a língua de sinais como primeira língua e a língua portuguesa na modalidade escrita (e não oral) como segunda língua; apresentar vocabulário de Libras, instrumentalizando os acadêmicos para estabelecerem uma comunicação básica voltado à sua área de atuação; compreender Libras como língua (e não linguagem) e forma de expressão da cultura surda. Na parte de Braille, possibilita-se o ensino do sistema Braille utilizado pelos cegos, utilizando-se de regletes negativas e punção, mas também, propõe-se conhecer as atividades de vida diária (AVD) e as práticas de orientação e mobilidade.

No período de ensino remoto na pandemia, as turmas caracterizaram-se pelo grande número de acadêmicos matriculados: em 2020/1, foram 64 estudantes; em 2020/2, o quantitativo alcançou 74; e em 2021/1, chegou-se a contabilizar 98 estudantes. Durante os três semestres de ensino remoto, foi necessário adequar o ensino prático de Libras e Braille, antes realizado presencialmente, às possibilidades das plataformas digitais adotadas. No acordo pedagógico, firmado

na primeira aula, combinou-se que durante o momento da prática de Libras, as câmeras permanecessem abertas para que a professora pudesse observar e auxiliar quanto ao desempenho manual dos acadêmicos.

Atender essa diversidade de cursos de formação, cada qual com um enfoque diferenciado, tornou-se um desafio com implicações diretas no planejamento das aulas e das avaliações. A partir dessa premissa, os assuntos abordados, inclusive vocabulário de Libras, buscaram atender a demanda de todas as áreas, não focando as temáticas apenas para um ou outro curso, fator que pode ser considerado positivo no âmbito formativo, tendo em vista as diferentes experiências e reflexões que compunham aquele espaço compartilhado.

3.2 A dinâmica da produção de recursos acessíveis e o pensar inclusivo

A estratégia de construção dos materiais acessíveis foi desenvolvida a partir das seguintes etapas: a) apresentação da proposta para os discentes; b) orientação teórica e metodológica a respeito de sua construção em diálogo com as especificidades formativas de suas futuras áreas de atuação; c) orientação e acompanhamento individualizado durante o período de produção pelos acadêmicos; d) seminário de apresentação dos materiais produzidos em um momento síncrono. e) divulgação dos materiais produzidos em eventos voltados à temática da acessibilidade e formação acadêmica.

Na dimensão prática, a proposta da atividade foi apresentada para os discentes no primeiro dia de aula, conforme cronograma do plano de ensino. Quanto à metodologia, a orientação foi criar/elaborar/produzir um material que proporcionasse acessibilidade para pessoas surdas, cegas ou surdocegas, sendo que essa construção deveria estar em diálogo com as especificidades formativas de suas futuras áreas de atuação. O material poderia ser físico/concreto ou digital, contendo Libras, Braille ou nenhum desses, conforme a ideia e a necessidade.

A proposta também teve por noção a ideia de reaproveitar e reutilizar materiais, a fim de não gerar custos, além de reforçar a necessidade de se ter ações sustentáveis. No decorrer dos encontros síncronos, esta compreensão foi reforçada. Além dessa orientação coletiva, foi realizado acompanhamento individualizado pelo WhatsApp durante o período de produção dos acadêmicos e, chegando ao final das etapas de confecção, propôs-se a realização de um seminário de forma síncrona, onde cada estudante mostrou o seu material, explicando o que era, para que servia e/ou para quem se direcionava, como seria utilizado e quais materiais foram utilizados para elaboração.

Os resultados surpreenderam pela criatividade e pelo cuidado ao se pensar em atender a necessidade do outro. Alguns materiais chamaram a atenção pela simplicidade e aplicação imediata como, por exemplo, cartazes feitos por

uma acadêmica de enfermagem de papel, em folha A4, com escrita em Braille para identificar as salas de Unidades Básicas de Saúde (UBS). Outros materiais impressionaram pela complexidade na elaboração, como, por exemplo, um QR Code criado por uma acadêmica de psicologia, com descrições orais da sala de espera de um consultório de psicologia, para um paciente cego/com baixa visão.

Observa-se que as produções dos acadêmicos das licenciaturas têm enfoque didático, sendo ferramentas para o ensino na sala de aula com estudantes com surdez/deficiência auditiva e cegueira/baixa-visão.

Entre as produções dos acadêmicos do curso de **matemática**, destaca-se:

- adaptação de régua, transferidor e esquadro com a escrita dos números em Braille, feitos com tinta alto relevo;
- adaptação de um baralho de cartas comum, identificando as cartas com os números em Braille;
- construção de um cartaz com as tabuadas do 1 ao 10, com os números feitos em Braille.

Entre as produções dos acadêmicos do curso de **história**, destaca-se:

- audiodescrição da obra “Independência ou Morte” do artista Pedro Américo e “Monalisa” de Leonarda da Vinci;
- confecção do mapa do Tratado de Tordesilhas em alto relevo (com diferentes texturas);
- adaptação da obra “Abaporu” de Tarsila do Amaral, com linhas em alto relevo;
- cartaz com especiarias (canela em pó e em pau, cravo, gengibre, anis estrelado, noz-moscada), tendo os nomes escritos em tinta, em Braille e com as especiarias coladas para proporcionar uma experiência sensorial às pessoas com cegueira/baixa-visão;
- glossário digital com termos de história, feito com vídeos de sinais em Libras extraídos do app Hand Talk.

No curso de **pedagogia**, destacam-se as seguintes produções:

- mesa de jogo de futebol de botão adaptada com grãos de milho, colados para indicar a posição de cada jogador, para pessoas cegas/baixa visão;
- caixa de lápis de cor com identificação dos nomes das cores em Braille ;
- alfabetos móveis com escrita em Braille, utilizando diversos materiais como papelão, madeira, tinta alto relevo, sobras da produção de calçados, E.V.A;
- jogos de memória e bingos diversos produzidos em Libras e em Braille;
- bengala feita de cano de PVC para treino de orientação e mobilidade;
- cartaz do tempo com desenho dos sinais em Libras e escrita do nome das

condições climáticas;

- relógios analógicos tendo as horas identificadas com os números em Libras, feitos de EVA e papelão.

Do curso de **letras**, destacam-se as seguintes produções:

- podcast sobre Érico Veríssimo, para pessoas com cegueira/baixa visão;
- livro com objetos concretos de materiais escolares e escrita do nome em Braille para aquisição de vocabulário.

Nas produções dos acadêmicos da área saúde, observa-se que os materiais criados serviam mais como suporte para os próprios profissionais utilizarem em seus atendimentos, como, por exemplo, os materiais elaborados por acadêmicos de **psicologia**:

- fichas com desenho de expressões faciais em alto relevo para identificar os sentimentos;
- cartão de agendamento de consultas em Braille;
- cartão com dados profissionais como nome, endereço do consultório escritos em Braille;
- lata sonora (com pequenas pedras dentro) e orientações escritas em Braille para pessoas com surdocegueira indicarem que estão tendo crise de ansiedade e pedirem ajuda.

Na **enfermagem**, destaca-se os seguintes materiais:

- caixas de medicamentos com subdivisões internas e indicação dos horários de ingestão escritos em Braille na parte externa.
- apostila impressa com alguns sinais de saúde em Libras, para que outros profissionais que não sabem Libras possam recorrer em um atendimento com pacientes surdos.

As produções apresentadas são alguns exemplos de materiais e dinâmicas desenvolvidos pelos acadêmicos. Há de pontuar que, além dos cursos referidos, os quais apresentaram um maior quantitativo de intervenções, tendo em vista o número de estudantes participantes, também foram desenvolvidas produções por acadêmicos de outras áreas, como a produção de um mapa tátil para um escritório de ciências contábeis, com escrita em Braille para orientar pessoas cegas/baixa visão, realizada por uma estudante desse curso.

Após o compartilhamento dos materiais no Seminário, houve a oportunidade de divulgar os materiais produzidos em dois eventos voltados à temática da acessibilidade e formação acadêmica: a 26ª Semana Estadual da Pessoa com Deficiência, promovida pela Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência (Faders) e o II Ciclo de Encontros Integrados do Programa Pertencer, ação de ensino desenvolvida com estudantes

do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Osório.

A 26ª Semana Estadual da Pessoa com Deficiência ocorreu entre os dias 21 e 28 de agosto de 2020 de modo remoto, em função da pandemia. A participação contou com duas ações: uma live e um site, ambos nomeados “Pensar acessível, fazer é possível”. Nessas ações, foi possível contar com o engajamento dos acadêmicos, da docente da disciplina “Libras e Braille”, bem como da coordenação do curso de pedagogia da Faccat.

O site nomeado “Pensar acessível, fazer é possível” foi criado a partir da plataforma gratuita Wix e foi disponibilizado a partir do dia 26 de agosto de 2020 através do endereço <https://marianapolicarpo12.wixsite.com/pensaracessivel>. Aqui cabe uma explicação quanto ao nome que consta no endereço. Para a criação deste site, foi realizada uma busca por plataformas gratuitas e dentre essas optou-se pela Wix. Para a elaboração do site, a docente contou com o auxílio de sua filha e como esta realizou o cadastro na plataforma wix, o endereço gerado pela plataforma utilizou o nome de usuário dela. A plataforma Wix disponibiliza os relatórios de desempenho por um período máximo de noventa (90) dias e por esse motivo, os dados que possibilitariam ver o alcance do site não estão mais disponíveis.

A live nomeada “Pensar acessível, fazer é possível” foi divulgada nas redes sociais através de um card e ocorreu no dia 26 de agosto de 2020, às 19h, em um encontro síncrono na Plataforma Google Meet. O evento foi gravado e atingiu um alcance de vinte e sete (27) pessoas (entre acadêmicos, professores, coordenação e comunidade em geral). Na live, cada um dos seis (6) acadêmicos inscritos no projeto apresentou o material que desenvolveu, utilizando para isso as imagens disponíveis no site “Pensar acessível, fazer é possível”. Para essa apresentação, contou-se com um intérprete de Libras fazendo a tradução simultânea, pois havia uma pessoa surda assistindo.

O segundo evento em que foi possível divulgar os materiais acessíveis foi na Roda de Conversa “Relações interpessoais e acessibilidade atitudinal: compreensões fundamentais à vida”, durante o II Ciclo de Encontros Integrados do Programa Pertencer, ação promovida pelo Instituto Federal - Campus Osório, no dia 25 de outubro de 2021, com estudantes do ensino médio, técnicos de ensino, professores e outros convidados.

4 CONCLUSÃO: REFLETINDO OS RESULTADOS DA AÇÃO PEDAGÓGICA

Evidencia-se, diante do apresentado, a potência de produzir, no âmbito do Ensino Superior, vivências que oportunizem o lugar social ocupado por cada um e

característico das jornadas profissionais que começam a se constituir. Ainda, reconhece-se a importância de ações pedagógicas mobilizadoras, que convidem os estudantes em formação a compreenderem a diversidade que constitui as sociedades.

Cabe considerar que, nos processos dialógicos produzidos na disciplina, ficou evidente a satisfação dos estudantes ao produzirem recursos que, até pouco tempo, nem avaliavam a necessidade e o quão importantes poderiam ser para alguém com alguma necessidade específica. Esse movimento também ganha materialidade no processo de se ver capaz, já que, por vezes em estratégias simples e com poucos recursos, os estudantes eram capazes de resolver significativos problemas e refletir a possível melhora na qualidade de vida de outros.

A ação desenvolvida mobiliza conceitos de inclusão e diversidade, mas, em especial, visa desacomodar os acadêmicos. Tem por intenção convidá-los a olharem com atenção para a sociedade e a buscarem propostas de intervenção dentro de seus campos de atuação e com a sensibilidade de um olhar inclusivo. Assim, reafirma-se a potência de uma ação emancipatória, dialógica e de estímulo ao desenvolvimento da autonomia, com a qual a acessibilidade atitudinal faz-se, materialmente, presente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. Universidade: autonomia, diversidade e inclusão. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. esp. 2, p. 1600–1614, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13830>>. Acesso em: 09 jan. 2022.

BRASIL. **Decreto 5.625 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 24 jan. 2022.

GOULARTE, R. B.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. Universidade inclusiva/ acessível: estratégias de captura e permanência do estudante surdo no ensino superior. In.: PAVÃO, A. C. O.; PAVÃO, S. M. de O (Orgs). **Estratégias pedagógicas inclusivas na educação superior**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018. p. 253-276.

SKLIAR, C. B. A educação e a pergunta pelos outros: diferença, alteridade, diversidade e os outros “outros”. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n. 5, p. 37-49, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1244>>. Acesso em 09 jan. 2022.

VIEIRA, A. M. D. P.; NASCIMENTO, T. G. F. C. A inclusão no ensino superior: uma reflexão. **Conhecimento e Diversidade**, Niterói, v. 11, n. 24, p. 54 – 72, mai/. ago. 2019. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/5128>. Acesso em: 09 jan. 2022.

CAPÍTULO 14

EDUCAÇÃO BÁSICA TRANSFORMADORA: SUAS VANTAGENS COMO MODELO QUE ENLEVA OS ALUNOS PARA ALÉM DO MERO RECEBIMENTO DE CONTEÚDO

Abraão Danziger de Matos¹

INTRODUÇÃO

A educação vem sendo, há décadas, o assunto mais discutido entre os âmbitos das políticas públicas e sociais. Outrora privilégio de somente alguns, a modernidade fez com que o acesso à escola, e, portanto, a uma educação, fossem possíveis às classes menos favorecidas.

Todavia, o assunto longe está de ser esgotado com o avanço dos direitos, pois que é um direito senão a obrigação que outrem tem de garantir aquilo que promete a letra da lei? À parte isso, o desenvolvimento de leis e normas acerca da educação não garante ao povo que ele receberá o prometido, porquanto este depende de outros fatores.

A educação, tal qual se compreendia antigamente, isto é, o cultivo das faculdades do ser, era sobretudo a assimilação de cultura. E aqui não se refere cultura no sentido antropológico do termo, falando dos usos e costumes rituais que caracterizam a figura de um povo; o conceito de cultura é o da antiguidade, que significa, em linguagem de cultor de alimentos, plantar e cultivar, na mente do sujeito, o que de maior fez o homem, a fim de nascer mais tarde o conhecimento elevado (STRAUSS, 1959).

Essa noção de educação integral do homem cedeu espaço com o advento da modernidade, principalmente no período que sucedeu à revolução industrial, a uma concepção de educação social que visava manter o sujeito dentro duma ordem de Estado. Por exemplo, Émile Durkheim (1858 – 1917), pioneiro da sociologia, ideou uma educação que abrangesse a todas as classes, mas, longe de os mover a mudanças, sua teoria, *os fatos sociais*, tinha por base o manter o *status quo*, donde um sujeito já nascia pré-determinado a agir dentro duma ordem estabelecida, e de onde ele não se poderia desvencilhar (LUCENA, 2010). Assim, o

¹ Formado em Gestão de Negócios pela Fatec/BS, com especializações na área da Educação, Administração e Informática, bem como mestrando em Educação pela ACU -Absolute Christian University. E-mail: estudantegc@gmail.com.

filho de um empregado estudaria numa escola para filhos de empregados, a fim de ele próprio ser um empregado exemplar futuramente. O mesmo se pode dizer do filho do patrão.

Dessa forma, com a educação disponível a “todos”, deliberou-se sobre que tipo de educação fornecer aos alunos. Alguns, como Durkheim, sugeriram ensinamentos embasados na sujeição dos sujeitos à ordem presente. Outros há que viram na educação a porta de entrada para a implementação de suas teorias, fazendo dos alunos joguete para testes ideológicos. Outros ainda usaram a escola com fins de engenharia comportamental, a fim de conduzir às massas a uma determinada condição de miséria escrava.

Como se pode notar, em todo esse processo ficou em segundo plano o agente fundamental do ensino: o aluno. Dele só se fala como dado, ou como mero acidente cujo fim é o de outro poder o dominar. Mudou-se os tempos, para então permanecer o homem igual ao que era. Tirante isso, tem surgido, recentemente, entre os educadores, a preocupação com o aluno, com o sujeito que aprenderá. E a partir disso várias vertentes de possibilidades vieram a abrir-se diante do campo, outrora vedado, das teorias educacionais.

Essa recente preocupação educacional tem-se detido no aluno como um todo, mas não só na sua inteireza particular, senão naquilo que ele tem em comum com a sociedade derredor. Ou seja, o aluno não pode ser educado como uma ânfora em que se põem o elemento que quiser, sem que este saiba do que trata aquilo que o estão dando a beber. O que ele aprende, deve ter, por isso, conexão com seu mundo real, levando em consideração as demandas do seu tempo e os problemas inerentes a isso.

Assim sendo, a educação transformadora aparece como possibilidade de oferecer aos sujeitos da educação, um conjunto de saberes que os faça associar cada assunto recebido com o referente ao redor, levando-o a tomar consciência do papel que exerce socialmente, e em que lugar está e onde pode vir a chegar. Dito isto, este modelo de educação visa sobretudo alicerçar o sujeito na sociedade, não como espectador, mas atuando como cidadão culto a auxiliar, socialmente, sua cidade ou o meio em que vive. Nesse módulo, o professor exerce o papel de mediador entre os conhecimentos e as realidades específicas dos alunos, a fim de os cingir, harmonicamente, nos sujeitos da educação (BARBOSA, 2004).

Destarte, o presente trabalho tem como objetivo apresentar os aspectos fundamentais da educação transformadora com princípio norteador do processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, versará sobre a história da educação, chegando até o ponto em que se deterá especificamente acerca da educação transformadora. E, a partir dela, fixar a atenção da discussão sobre os desafios porque passa tal módulo educativo, assim como elencar os benefícios de assim educar o povo, com o objetivo de os libertar socialmente da inércia que os coloca de

cócoras ante todas as demandas políticas e sociais, fazendo-os, assim, chegar a exercer plenamente sua cidadania e corroborar com as transformações sociais necessárias em seu meio, de modo lúcido e pacífico.

BREVE HISTÓRICO DO PROCESSO EDUCATIVO

O ser humano, além da exímia capacidade de conceber modelos de possibilidades, é o único, dentre os seres terrestres, que possui a capacidade de assimilar experiências e aprendizados e passá-los adiante, a um aprendiz (HARARI, 2019). Pouco ou nada se sabe sobre os meios pelos quais os homens primitivos se valiam para ensinar a outrem. Menos ainda se sabe se este era estritamente linguístico, ou ainda se fazia uso de gesticulação, visto, supõem-se, o arcaico desenvolvimento da linguagem em antanho. O que se pode afirmar é que uma geração legava a outra o que tinha aprendido - era isto chamado tradição.

Possivelmente, os mestres das primeiras comunidades eram sacerdotes, visto a importância da religião nas sociedades antigas. Mais ainda se supõem que o que se ensinava era sobretudo um conteúdo de caráter mítico, com a finalidade de estabelecer uma distinção clara entre o “mundo dos homens” e o “mundo dos deuses” (FRYE, 2017). Dizer, historicamente, de onde surgiram os primeiros mestres e as primeiras escolas, torna-se um exercício arqueológico empregado não em camadas geológicas precisas, mas em lodaçal onde cada pá que retira uma quantidade ínfima é logo sotoposta pelo lodo.

Assim, para o objetivo do presente trabalho, o intuito será alçado desde que se detenha nos principais momentos educativos e nas suas ligeiras diferenças uma da outra. Na Grécia antiga, era comum que se houvessem escolas filosóficas, onde um mestre ensinaria seus pupilos em reuniões muito diferentes das salas de aula de hoje. A escola de Sócrates, depois a de Platão, é a mais famosa. Havia ainda nesse período homens doutos responsáveis pela educação de jovens em particular, eram estes chamados *pederastas* (DE SOUZA, 2018).

Na Roma antiga, que assimilou como modelo a cultura grega, as “escolas” romanas seguiam de perto o proceder das escolas gregas. Embora neste período houvesse singularidades educativas em Roma, só após a queda do império, e, portanto, com o início da Idade Média é que houveram mudanças mais visíveis. Contudo, à guisa de adendo, vale ressaltar que a educação grega era voltada para os homens e somente para os cidadãos (essas sociedades eram escravagistas, e, portanto, suas cidades, em geral, eram compostas de escravos sem direitos e cidadania.) Ademais, os modelos educativos empregados tinham por objetivo aperfeiçoar as faculdades do ser, cuidando do porte físico do homem e do enlevo de sua alma (ALMEIDA, 2021).

Em Roma, o fito era a preparação de nobres e políticos cultos, a fim de

se tornarem senadores, cônsules, etc., com destaque ao aparato jurídico. Tanto numa sociedade como noutra, não havia preocupação social como foco. Assim, um escravo romano não aprenderia nada que dissesse que sua condição é injusta, ou que ele tem qualquer coisa chamada “direito”, ou refletir criticamente seu lugar no espaço e como mudá-lo. Afinal, os laços sociais em Roma eram definidos não por educação dos romanos, mas por relações sociais de servilismo e escravidão.

Na idade média, socialmente, a educação era a mesma. Numa sociedade estratificada, um nobre geraria um nobre, um servo procriaria outro servo. E este último, para “entender” seu lugar social, só tinha de seguir à risca as “regras do jogo” do servilismo feudal. O resto, os ensinamentos cristãos, o pároco do lugar o ensinaria aos domingos, à missa. Assim, a educação ficava restrita a uma parte da sociedade, a nobreza, que poderia pagar professores que viessem ilustrar seus filhos (DA COSTA, 1979).

Por muitos anos a educação no mundo produziu gênios, tais como: Platão, Aristóteles, São Tomás de Aquino, etc., mas, ainda assim, era bastante restrita, tolhendo, quem o poderá provar que não, outras genialidades excluídas por serem de camadas sociais desfavorecidas. Destarte, a educação mais abrangente só se tornou realidade após a revolução francesa e a criação de escolas públicas obrigatórias, o que levou muitos intelectuais a refletirem sobre que educação dar às pessoas. Daí em diante, uma série de tentativas e erros se foram acontecendo. O ensino era voltado para qualificar trabalhadores para operar em fábricas, ora era utilizado para mover as massas politicamente. As preocupações sociais na educação eram deixadas à parte.

O Brasil, dentro desse cenário, não logrou melhores êxitos. Numa sociedade desigual, outrora escravista, somente os filhos de senhores tinham acesso à educação, enquanto a maioria da população era marginalizada. Outrossim, esse ensino inspirado no positivismo clássico, priorizava transmitir conteúdos ao aluno, com o objetivo de ele decorar assuntos, realizar avaliações e ser aprovado. Nada mudava no aluno. Esse modelo perpassou décadas, perdura até hoje, contudo não sem oposição.

A partir dos anos 60, educadores, como Paulo Freire (1921 – 1997), tem frisado a importância de uma educação transformadora, que encare o aluno como sujeito social complexo que necessita de absorver saberes que lhe sirvam para sua vida de acordo com sua realidade, e não se limite a mero acúmulo de conteúdo.

Ademais, o sujeito da educação deve participar ativamente de todo o processo educativo, também social, de maneira a que uma coisa e outra se harmonizem em seu ser e, assim, possa ele, cidadão educado e consciente, promover, em derredor, as necessárias mudanças de que carece a realidade brasileira. No

entretanto, ainda que se trate duma solução inovadora para a educação, a ideia de um modelo transformador tem sofrido oposição e dificuldades.

AS DIFICULDADES NA IMPLANTAÇÃO DA EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

Ainda regido sob os moldes mais superficiais, a educação no Brasil assemelha-se a um arremedo, onde, parece claro, o professor ocupa uma posição que, noutro caso, não quereria ocupar, e o aluno, por sua vez, faz-se presente à sala de aula por quaisquer outros motivos, mas não o de estudar.

Soma-se a isso o despreparo e a indolência dos nossos educadores. Muitos sequer sabem escrever, quicá ler, mas ainda assim são pedagogos, professores de ciências, etc. Que ensinará um sujeito que malogra naquilo que de mais básico há que é o aprendizado da língua e da leitura? Os índices alertam para o número assustador de analfabetos funcionais (CARMO, 2021). Estes não estão no eito, mas nos postos públicos, nas cátedras universitárias e nas escolas de ensino básico ensinando... bem, não se pode dizer com certeza o quê.

Mas o problema não se concentra apenas aí. Os alunos, em geral, têm horror à escola, a ideia de estudo, de contínuo esmero em aprender. Leem pouco, e quando leem, fitam sua atenção em subliteratura barata, não raro mal traduzida, de romancinhos eróticos ou best-sellers que, de ordinário, são livros péssimos em matéria e forma. Destarte, Albalat (2015) questiona: como aprenderá a ler e escrever o sujeito que tem por referência o que é medíocre e banal? Sua escrita refletirá seus modelos, invariavelmente. Mas não só isso, os jovens de hoje, além do asco para com os estudos, detêm-se em outras superficialidades evanescentes, como as redes sociais, os jogos eletrônicos e os seriados de plataformas streaming. Como desbaratar essas distrações e ajudar os alunos a aprenderem alguma coisa?

Decerto este é um problema fundamental. Debalde têm sido os intentos a cuja força quiseram remediá-lo. Por isso, é necessário aos educadores criar soluções que os ajudem a guiar os alunos a um caminho mais direto acerca do cultivo da mente e do aprendizado indispensável. Um primeiro ponto a que se deve fixar a atenção, é ao fato de que, à parte os problemas já mencionados, quando os professores estão à sala a ensinar os alunos, eles o fazem de uma forma que visa apenas derramar o conteúdo do livro didática nas cabeças dos espectadores, tal qual uma torneira derrama água quando aberta. Não há reflexão, não há associação entre o conteúdo e o referente (HÜLSENDEGER, 2009). Tudo paira sobre um plano etéreo onde só os que mantêm as cabeças nas nuvens, podem alcançar. Diz-se muito, não se aprende nada. E os que retêm alguma coisa, o fazem apenas na tenção de despejar eles próprios, mais tarde, o retido na folha de almagão de

uma prova. Chamam a isso educação.

Contudo, há quem conteste esse procedimento e ofereça métodos de abordagem que visam sobretudo enlear as experiências dos alunos com os conteúdos obtidos. Entretanto, a oposição a esse método faz com que seu emprego seja frustrado, ou então, tão dificultado, que o melhor é mesmo parar a meio caminho. Que empecilhos seriam esses? Ora, a falta de incentivo público, a inércia dos educadores, o horror à educação enraizado na psique dos brasileiros (lede Lima Barreto, Machado de Assis, etc., tudo está ali, o ódio ao conhecimento transmutado em amor descabido as aparências de conhecimento: pose, afetação, títulos, fingimento, entre outros).

Tudo isso caracteriza uma situação deprimente que sopita iniciativas e estrangula qualquer criatividade. Afinal, a ideia existente, e que é passada, é a de que tudo só se poderá ser resolvido com mais e mais verbas. Mas, o que fará indivíduos ignorantes com um montante de dinheiro? O que se tem feito nas últimas décadas: levar a educação nacional a ocupar os últimos lugares em todos os testes internacionais (SILVA, 2020).

Assim sendo, o quadro de dificuldades que, em relevo, oferece uma visão clara, mas triste do Brasil, é bem nítido e pode ser facilmente observado por qualquer um que tenha “olhos para ver”. Se esse verdadeiro fosso deve ser, aos educadores, empecilho o suficiente para que nem sequer queiram tentar transpor as muralhas, isso é o que cada um deverá responder. O que mais vale é à vontade, é o querer. Alunos e professores precisam querer. Claro que verbas e estrutura ajudam. Mas não são fatores determinantes. Se assim o fosse, quem é mais rico, por supostamente ter mais meios, seria necessariamente mais culto.

E, a bem da verdade, a história do Brasil mostra que não é bem assim. Considerado por muitos, o maior escritor brasileiro, Machado de Assis (1839 – 1908), era um negro epilético no período da escravidão. Lima Barreto (1881-1922) o mesmo, e Cruz e Sousa (1861 – 1898) também. Euclides da Cunha (1866 – 1909) tinha um cursinho técnico e era um engenheiro quase autodidata, mas nada disso os tolheu chegar a um nível onde professores doutores com milhões nas contas jamais chegarão a ombrear. O que tinham esses homens a seu favor senão o querer? Por isso torna-se imprescindível mostrar aos alunos que a educação é sobretudo um meio de liberdade, de fazer acontecer, de tomar o controle de si e poder agir, dentro da situação, não como alguém que assiste passível a um filme que se não pode consertar, mas como o ator que, numa cena, improvisa sabiamente os gestos e as falas, de sorte a emprestar àquilo uma viveza e um tom maior que os que se estavam planejados.

AS VANTAGENS DECORRENTES DA IMPLANTAÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO DE FATO TRANSFORMADORA

Em face disso, a educação moderna se quer ombrear a todas as dificuldades que defrontam seu caminho, e lograr êxito em suplantá-las, terá de necessariamente oferecer soluções didáticas cabíveis e onerosas para que os alunos se sintam arrebatados com a oportunidade de galgar voo muito acima da mediocridade reinante.

A educação transformadora, para tanto, apresenta-se muito mais como um princípio do que como um método. Se fosse um método, seria algo uniforme, que os educadores teriam de usar para chegar a resultados específicos. Mas não é precisamente a isso que os novos modelos visam suplantar? Ou seja, a ideia de que os alunos podem entender e desempenhar tarefas apenas ouvindo e seguindo à risca conteúdos e instruções inteiramente dissociadas da sua realidade? Assim sendo, o que propõe a educação transformadora é que os professores se valham dos meios que possui, e do ambiente derredor, para interligar conteúdo e experiência para os alunos, a fim de os demonstrar que o conhecimento não é um corpo morto, mas sim um coração vivo, que aquece a quem o tem (BARBOSA, 2004).

Por isso, como princípio, a educação transformadora pode possibilitar aos educadores e aos educandos certas vantagens, que outros modelos já se mostraram incapazes de sopitar. Um deles, e talvez o mais importante, é apresentar aos alunos os conhecimentos como algo vivo e útil (NETO, 2018), que os ajudam a entender não o que se passava na Roma do século duzentos, apenas, senão como se comportam os homens, como e por que certos atos, certos saberes, certos nomes e coisas perduram até hoje, e exercem sobre nós fascínio.

Dizendo em português claro: abre os olhos do sujeito a ver que uma catedral, por exemplo, não fala apenas de religião, mas é o resultado de toda uma série de narrativas e dramas humanos. Ali está contido a fé das pessoas, a necessidade, a técnica do seu tempo, a arquitetura predominante à época, as relações sociais, os possíveis acidentes, as lendas, enfim uma infinidade de traços que dizem respeito a todos nós e que perpassam gerações.

Ajudar os alunos a terem um lance de vista para isso, é por demais precioso. É abrir-lhes os olhos a verem que o nosso mundo é o resultado de dramas humanos infíndos que se entrecruzam, se chocam, se harmonizam para tão logo embaralhar. Ou seja: a vida humana, mesmo de muitos séculos, é a vida humana. Por isso, aprender matemática não é só aprender fórmulas vazias, mas aprender uma linguagem indispensável para as atividades mínimas, como, por exemplo, o comércio. Aprender física não deve ser, portanto, a assimilação de fórmulas complicadas, mas descobrir que a essência de tudo é o movimento. Só os mortos

estão inertes. Destarte, aprender é libertar o indivíduo, e por sua vez a coletividade, das amarras da ignorância que os ata a um estado de coisas em que se aceita tudo e não se reflete nada.

Ensinar os alunos a partir desse princípio é essencial, não só para que os alunos sejam capazes de associar conhecimento e experiência, mas principalmente para integrá-los socialmente, fazendo-os agentes participantes da realidade a que estão inseridos (BECK, 2015). Conscientizados, educados e munidos de saberes, os alunos podem ocupar seus lugares como cidadãos, agirem contra as injustiças, promoverem discussões intelectuais capacitadas a discorrer sobre os âmbitos mais precisos da vida social brasileira: o preconceito, a desigualdade, a miséria, o banditismo e, é claro, a educação. Por isso, em sala de aula, o professor necessita articular todos esses pontos do saber de modo harmônico e estruturado. Os alunos devem interagir com as aulas e, junto do professor, construir os conhecimentos e arrazoarem criticamente os pontos de maior importância intelectual e social (BESSA, 2021).

Os métodos didáticos que se poderão valer para tal empresa, os professores terão de planejar. A realidade própria e a estrutura do local, bem como os alunos, ditarão por que modo proceder. Daí a importância da versatilidade professoral. Notadamente, nenhum plano poderá acabar com todos esses problemas de uma vez. Nem só o professor terá condições de saná-lo. Como o objetivo principal dessa educação é formar cidadãos integrados, cabe à sociedade e ao estado fornecer meios que os possibilitem chegar aonde se deseja. O trabalho deve ser total, perpassando as diversas camadas sociais, a fim de renovar a educação e de fornecer ao país uma geração educada capaz de agir e mudar o curso das coisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em tudo o que fora discutido, chega-se à conclusão de que uma educação que visa apenas nutrir o indivíduo a se tornar um diletante ou um misantropo erudito, tanto quanto uma educação que visa só transmitir conteúdos aos alunos, com o intuito latente de os fazer passar numa avaliação de disciplina, são formas educacionais frias e empedernidas aos alunos, que as rejeitam e que a abominam.

Mais ainda, o trabalho versou sobre as dificuldades para se tentar resolver os problemas que essa educação resulta. Além dos famigerados ditames educativos, a inércia das pessoas envolvidas no processo e sua, muita vez, inimizade aos estudos, como algo vazio, enfadonho e desgastante, fazem o trabalho do professor um caminho muito dificultoso, pois diante dessa falsa impressão sobre os estudos, os jovens acabam se entregando a toda a sorte de divertimentos e distrações dispersantes, que exigem dos professores muito estro para os convencer

a querer estudar.

Por fim, apresentou-se algumas das vantagens que uma educação transformadora pode produzir nos alunos, os integrando a sociedade, e lhes ajudando a associar conteúdo e experiência, a fim de que vejam os saberes com outros olhos, mais cálidos e afetuosos. Ademais, através de uma educação transformadora, os alunos seriam agentes sociais, participando dos processos de mudança e resistência que não raro somos chamados a participar, pondo em prática o que aprendeu e notando o valor da educação na vida prática, social e reflexiva.

REFERÊNCIAS

- ALBALAT, Antoine. A arte de escrever em 20 lições. Trad. de Cândido de Figueiredo. Campinas: Vide Editorial, 2015.
- ALMEIDA, Miguel Eugênio. A EDUCAÇÃO NA ROMA ANTIGA. *Anthesis*, v. 9, n. 17, p. 24-36, 2021.
- BECK, C. **O papel da experiência em sala de aula.** *Andragogia Brasil*. (2015). Disponível em: <https://andragogiabrasil.com.br/o-papel-da-experiencia-em-sala-de-aula/>. Acesso em 13 de fevereiro de 2022.
- BESSA, Leticia. **Como promover a participação dos alunos em sala de aula.** (2021). Disponível em: <https://educacao.imagine.com.br/participacao-dos-alunos-em-sala-de-aula/#:~:text=Por%20que%20incentivar%20a%20participa%C3%A7%C3%A3o,das%20disciplinas%20com%20mais%20facilidade>. Acesso em 13 de fevereiro de 2022.
- CARMO, Maria. **Analfabetismo funcional é a realidade brasileira.** (2021). Disponível em: <https://d24am.com/artigos/maria-do-carmo-seffair/analfabetismo-funcional-e-a-realidade-brasileira/>. Acesso em 13 de fevereiro de 2022.
- DA COSTA NUNES, Ruy Afonso. **História da educação na Idade Média.** Editora Pedagógica e Universitária, 1979.
- DE SOUZA CORRÊA, Elisa Figueira. **PRÁTICAS EDUCATIVAS E ESCOLARES NA GRÉCIA ANTIGA.** *PRINCIPIA*, n. 37, p. 36-51, 2018.
- FRYE, Northrop. **A imaginação educada.** Campinas, SP: Vide Editorial, 2017.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade.** L&PM, 2019.
- HÜLSENDEGER, Margarete Jesusa Varela Centeno. **Compreendendo a importância de saber o que o aluno sabe.** *Revista Espaço Acadêmico*, v. 9, n. 99, p. 20-22, 2009.
- LUCENA, Carlos. **O pensamento educacional de Émile Durkheim.** *Revista HISTEDBR On-Line*, v. 10, n. 40, p. 295-305, 2010.
- NETO, Eduardo Savarese. **Metodologias Ativas de Aprendizagem.** (2018). Disponível em: <https://fia.com.br/blog/metodologias-ativas-de-aprendiza->

gem/. Acesso em 13 de fevereiro de 2022.

SILVA, Marina. **Educação: Brasil cai para última posição em ranking global.** (2020). Disponível em: <https://noticiasconcursos.com.br/educacao-brasil-cai-para-ultima-posicao-em-ranking-global/>. Acesso em 13 de fevereiro de 2022.

CAPÍTULO 15

REFLEXÕES ACERCA DO ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS

Maria Alice Pereira¹

Letícia Augusta Campos Ferreira Martins²

Jorge de Assis Costa³

1 INTRODUÇÃO

A leitura é um ato linguístico baseado na escrita, é uma decifração, uma decodificação, na qual o leitor decifra a escrita para depois entender a linguagem encontrada (CAGLIARI, 2010).

A leitura e a escrita se entrelaçam entre si de forma íntegra e sendo assim não pode ser valorizada mais uma do que a outra. Essa integração entre as duas é relacionada à dialética entre leitura e a escrita e pode ser percebida nas palavras de Cagliari (1992,p.104): “[...] O objetivo da escrita é a leitura mas quem vai escrever só é capaz de fazê-lo se souber ler o que escreve”. Por tanto ler e escrever são atividades que se conduzem paralelamente.

Segundo Kleiman (2008), não se pode transformar a leitura em uma decodificação de símbolos, é necessário que o leitor sinta parte do texto lido ou seja interpretar e compreender o que está lendo.

O processo de ensino e aprendizagem da leitura nos anos iniciais é considerado um fator importantíssimo para o sucesso escolar. A leitura sempre foi um desafio nas escolas brasileiras, visto que é um processo complexo de aquisição da linguagem, contudo, outros fatores interferem neste processo, como as desigualdades socioeconômicas, formação de professores e investimento do Estado na educação básica (CORREIA e MOSSMANN, 2020).

Desta forma, o presente trabalho tem como principal intento compreender como a leitura é fundamental no processo de ensino e aprendizagem, além

1 Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Barbacena – MG

2 Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Barbacena – MG.

3 Professor nível VI grau B da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Barbacena – MG.

de evidenciar as práticas pedagógicas que fomentam tal habilidade cognitiva, buscou-se ainda entender o que é ler, visando verificar o conceito do termo no processo de ensino e aprendizagem da leitura; abordando práticas de leitura no âmbito escolar e sua importância como instrumento na formação de leitores.

2 METODOLOGIA

Metodologicamente, o presente trabalho trata-se de uma revisão de literatura que buscou relatar a importância que o pedagogo tem dentro da sala de aula com crianças nos anos iniciais, para selecionar os artigos com o referido tema foram usadas bases de dados Google acadêmico e SCIELO (Scientific Electronic Library online), foram selecionados artigos publicados entre 1984 e 2020.

Foram usados como descritores: pedagogia, educação infantil, literatura e escola e ensino aprendizagem onde foram selecionados 10 publicações que abordam o tema, contendo artigos originais, teses e dissertação de mestrado. Também foram usadas cartilhas que abordam as leis e diretrizes vigentes da educação brasileira.

2.1 O que é ler?

A leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos a leitura sem crítica ou um questionamento é apenas um mero mecanismo de decodificação. O indivíduo só pode ser considerado leitor quando passa a compreender o que está lendo, essa compreensão possibilita a ver o mundo sobre várias óticas, levando assim a ter um olhar crítico sobre um determinado assunto.

De acordo com Jolibert (1994, p.15) “Ler é atribuir diretamente um sentido a algo escrito”. Por tanto é notável que a leitura é algo crucial na vida do indivíduo. Para Carleti (2007), “a leitura é o meio mais importante para aquisição de saberes na formação de um cidadão crítico para atuar na sociedade”.

Dessa forma a leitura está presente na nossa rotina de forma intensa, fortalecendo ideias e ações do dia a dia e ainda nos possibilitando a adquirir novos conhecimentos para o entendimento de outro ser.

2.2 Ensino e aprendizagem da leitura

O ensino e a aprendizagem da leitura são um dos meios mais importantes na construção do indivíduo que precisa construir na memória uma representação de fonemas.

Para CARLETI 2007, a leitura envolve, imaginação, mentalização e até mesmo antecipação de aprendizagem, a combinação de pensamentos e linguagens gera assim um treinamento cognitivo.

É de extrema importância que a leitura seja apresentada nos anos iniciais de maneira contextualizada e prazerosa para o aluno. Oliveira e Queiroz (2009) Destacam;

Entendemos que o ensino de leitura deve ir além do ato monótono que é aplicado em muitas escolas, de forma mecânica e muitas vezes descontextualizado, mas um processo que deve contribuir para a formação de pessoas críticas e conscientes, capazes de interpretar a realidade, bem como participar ativamente da sociedade.(OLIVEIRA E QUEIROZ, 2009, p.2)

O ensino da leitura precisa levar o aluno a compreensão do assunto lido, para que a mesma possa construir uma aprendizagem significativa.

De acordo com Freire (1989), Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensinar escrever sobre a importância do ato de ler eu me senti elevado. (FREIRE, 1989, p.5)

Quando o processo de aquisição da leitura é agradável o aluno mantém vivo o ato de ler pelo fato de despertar o prazer.

Delmanto (2009) ressalta que a escola deve ter a preocupação cada vez maior com a formação de leitores, ou seja, a escola deve direcionar o seu trabalho para práticas cujo objetivo seja desenvolver nos alunos a capacidade de fazer uso da leitura para enfrentar os desafios da vida em sociedade. (DELMANTO, 2009, p.24)

Neste processo o professor se torna um mediador da aprendizagem e desenvolvimento para o aluno.

De acordo com Cardoso e Pelozo (2007), a prática da leitura desenvolve inúmeras habilidades cognitivas levando-o o sujeito a desenvolver sua criatividade.

Podemos ver que o ensino e aprendizagem da leitura nos anos iniciais é algo crucial para o aluno tanto em sua vida escolar quanto para a sua formação enquanto integrante de uma sociedade, pois é através da aprendizagem da leitura que enriquecemos nossos vocabulários, obtemos conhecimentos e conseguimos dinamizar o raciocínio e a interpretação. Ler é uma maneira exemplar de aprendizagem.

2.3 Práticas de leitura no cotidiano escolar

Para que haja interesse por parte do aluno é primordial que a escola tenha uma estrutura de qualidade, com livros atuais e na biblioteca usufruir de uma boa infraestrutura, é necessário também que o indivíduo se sinta bem e incentivado a ler, o professor tem um papel importante nessa fase que é incentivar os alunos

a irem à biblioteca.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.36): Não se formam bons leitores oferecendo materiais empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura.

No âmbito dessa abordagem, fica evidente que os recursos didáticos e procedimentos devem viabilizar e enriquecer a forma como se procede há uma atividade seja ela individual ou coletiva, com o intuito de facilitar à criança a desenvolver seus próprios esquemas mentais na organização do processo de aprendizagem (BRASIL 1998, p.36).

Sabe-se que os procedimentos estão relacionados ao domínio do uso de instrumentos de trabalho, que possibilitem a construção de conhecimento e desenvolvimento de habilidades. Favorecem, portanto, a construção, por parte dos alunos, de instrumentos que ajudaram a analisar os resultados de sua aprendizagem e os caminhos percorridos para efetivá-la. Como por exemplo, tem-se a realização de pesquisas, produções textuais, resolução de problemas, elaboração de síntese e outros (BRASIL, 1998, p.36)

De acordo com Silva (1987), as atividades produtivas despertam o gosto e hábito de ler, leituras coletivas ou pequenos grupos, silenciosa ou em voz alta pelo aluno ou professor, apresentar às crianças uma variedade de histórias, ler contos de fadas que apresentem diferentes versões, personagens diferentes ou finais diferentes podem estimular comparações por parte das crianças, facilitando o pensamento intuitivo imaginativo, criar um “Cantinho da Leitura” em sala de aula com prateleiras à altura das crianças. Deixar que os alunos fiquem à vontade para ler. Ir renovando o acervo de materiais com livros e revistas de interesse das crianças. Proporcionar o acesso a livros suplementares para a leitura de lazer, discussões em grupo. Em sala de aula, usar livros de capa mole, livros de capa dura, artigos de jornal, revistas, quaisquer materiais extras que não reduzam a leitura das crianças somente a livro didático. Para dar mais vida às leituras podem-se dramatizar textos dialogados de uma história, dentre outras.

Para Souza (2004), “É necessário criar atividades inovadoras que desperte a curiosidade do aluno, assim como histórias que fazem parte da vida do educando, a leitura quando apresentada de forma lúdica faz mais sentido para o aluno é necessário adaptar o vocabulário de acordo com a necessidade realidade despertando assim o gosto e o prazer da leitura na vida escolar.”

Vivemos em uma sociedade onde muitas famílias não têm uma situação financeira adequada para manter o hábito de ler ou uma herança cultural onde os pais não leem e os filhos seguem este exemplo, isso faz com a que a escola seja muita das vezes, a única fonte de contato da criança com o hábito de ler.

Muitos alunos talvez não tenham muitas oportunidades fora da escola, de familiarizar-se com a leitura; talvez não vejam muitos adultos lendo; talvez ninguém lhes leia livre com frequência. A Escola não pode compensar as injustiças e as desigualdades sociais que nos assolam, mas pode fazer muito para evitar que sejam acirradas em seu interior. Ajudar os alunos a ler, a fazer com que se interessem pela leitura, e dotá-los de um instrumento de aculturação e de tomada de consciência cuja funcionalidade escapa dos limites da instituição (SOLÉ,1998,p.51)

O professor deve administrar o conteúdo de acordo com a necessidade de seus alunos, ele deve criar situações em que o educando passe a raciocinar e expor seu posicionamento.

O envolvimento do aluno no processo de aprendizagem deve propiciar ao aluno encontrar sentido e funcionalidade naquilo que constitui o foco dos estudos em cada situação de sala de aula. De igual maneira, propiciar a observação e a interpretação dos aspectos da natureza, sociais e humanas, instigando a curiosidade para compreender as relações entre os fatores que podem intervir nos fenômenos e no desenvolvimento humano (BRASIL, 1998, p.149)

As formas de ensinar e aprender devem ser contextualizadas na realidade vivida pelos alunos além dos muros da escola, isso desperta maior interesse dos alunos e melhor solução dos seus problemas cotidianos.

As formas de ensinar e aprender contextualizadas dessa forma, permitem ao aluno se relacionar com os aspectos presentes da vida pessoal, social e cultural, mobilizando as competências cognitivas e emocionais já adquiridas para possibilidades de reconstrução do conhecimento (BRASIL, 1998, p.149):

Isso evidencia a necessidade de trabalhar com o desenvolvimento de competências e habilidades, as quais se desenvolvem por meio de ações e de vários níveis de reflexão que congregam conceitos e estratégias, incluindo dinâmicas de trabalho que privilegiam a resolução de problemas emergentes no contexto ou no desenvolvimento de projetos (BRASIL, 1998, p.149).

Para uma aprendizagem significativa e para conquistar o gosto dos alunos à leitura, só são necessárias algumas estratégias para que cada indivíduo consiga entender e interagir com o que está sendo transmitido. O termo estratégia aqui é considerado como um procedimento de leitura. De acordo com o Coll (apud SOLÉ ,1998): “Procedimento, com frequência chamado também de regra, técnica, método, habilidade ou destreza, são um conjunto de ações ordenadas e finalizadas dirigidas à construção de uma meta”.

As estratégias de leitura são mecanismos de ações mentais desenvolvidas, construindo assim um sentido para o leitor.

Para Solé (1998), devemos compreender estratégias de leitura como um objetivo a ser alcançado, buscando assim atividades para serem desenvolvidas e

ao longo desse procedimento atingir os objetivos esperados.

A estratégia essencial é a relação professor e aluno, o aluno se depara com um desafio de compreensão, e o professor como mediador, tem o papel de orientar para o melhor atendimento do mesmo. A leitura desenvolvida para Solé é apresentada em três etapas, sendo elas : o antes, durante e depois. Para a autora as crianças crescem desenvolvendo a dificuldade com a leitura pois não foram orientadas ali de modo apropriado e acabam levando essa defasagem para o resto da vida.

As estratégias de compreensão impostas para Solé(1998) são:

Atividades antes da leitura:	Atividades durante a leitura:	Atividades para depois da leitura:
Levantamento do conhecimento prévio sobre o assunto.	Retificação, confirmação ou rejeição das ideias antecipadas ou expectativas criadas antes do ato de ler.	Construção do sentido sobre o texto lido
Antecipação do tema ou ideia principal como: título, subtítulo, do exame de imagens	Utilização do dicionário para consulta, esclarecendo sobre possíveis dúvidas do vocabulário.	Troca de opiniões e impressões a respeito do texto
Expectativas em função do autor ou instituição responsável pela publicação.	Identificação de palavras-chave. Identificação referencial a outros textos	Relacionar informações ou opiniões e impressões a respeito do texto
	Suposições sobre conclusões implícitas no texto, com base em outras leituras, valores, experiências de vida, crenças.	Relacionar informações para concluir ideias
	Construção do sentido global do texto	Avaliar as informações ou opiniões expressas no texto lido
	Busca de informações complementares	Avaliar criticamente o texto abordado

Fonte:Adaptado de Solé,Isabel Estratégias de leitura (1998)

Para alcançar sucesso com as estratégias apresentadas pela autora o leitor deve ter um domínio básico da leitura, os conhecimentos prévios da criança também devem ser levados em consideração tendo em vista seu universo cultural e assim construindo uma aprendizagem significativa.

[...] A intervenção é uma atuação mediadora que irá acompanhar as

construções do sujeito diante de certas modalidades em que o objeto se lhe apresenta. O eixo da intervenção, na teoria de Piaget, é o sujeito em seu movimento de construção do conhecimento (FERREIRO, 1985, p.226)

O professor é um mediador na vida do educando ele esclarece possíveis dúvidas durante a construção da aprendizagem e busca considerar os conhecimentos prévios da criança, sendo assim o mediador entre o sujeito e o objeto na construção do conhecimento da inteligência do educando.

Segundo Ruiz (2002), o ato de sublinhar com inteligência é estar atento à leitura e assim descobrir a ideia principal e se manter concentrado com um olhar e atitude crítica sem perder o foco.

Para GIROTTO; SOUZA (2010) Trabalhar com as estratégias de leitura na formação do leitor é uma forma de traçar objetivos a serem alcançados, durante a formação.

A leitura é algo primordial no processo de ensino e aprendizagem, é ela que de forma crítica permite que o indivíduo exerça seu papel de cidadão transformando assim a sociedade em que vive. Podemos ver vários autores que discorrem sobre essa atividade.

Segundo Dutra (2011), Ler é uma das competências mais importantes a serem trabalhadas com o aluno, principalmente após recentes pesquisas que apontam ser esta uma das principais deficiências do estudante brasileiro. Uma leitura de qualidade representa a oportunidade de ampliar a visão do mundo. Através do hábito da leitura o homem pode tomar consciência das suas necessidades, promovendo assim a sua transformação e a do mundo.

Para Silva (1987, p.45), “Ler é, em última instância, não só uma tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender se no mundo”.

Geraldi (1996 p.70) afirma que: “Aprender a ler é, assim, As possibilidades de interlocuções com pessoas que jamais encontraremos frente à frente e interagimos com elas, sermos capazes de compreender, criticar e avaliar seus modos de compreender o mundo, as coisas, as gentes e suas relações, isto é ler”

Kleiman (2002) enfatiza que a aprendizagem significativa da leitura é algo crucial. Interpretar, compreender são aspectos que estão relacionados com a leitura e esses são os pontos principais para uma boa desenvoltura do aluno, tornando-o assim ser um leitor ativo em sua sociedade.

Antunes (2001, p. 24) conclui que: “O grande professor será aquele que se preocupa em ensinar o aluno a ler e compreender um texto e a se expressar com lucidez”.

É fundamental que os leitores em formação contextualizem o que está sendo lido com seus conhecimentos já adquiridos e durante esse processo consiga

refletir e solucionar possíveis problemas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em consideração os fatores mencionados, conclui-se que o ensino e aprendizagem da leitura nos anos iniciais se apresenta como uma ferramenta no processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais. Ainda nestes termos, antes mesmo que uma criança aprenda a falar, ler e escrever ela ouve histórias, tendo sua imaginação e criatividade estimuladas, prática muitas vezes ocorrida no seio familiar. De outro lado, já no início da “vida escolar” a leitura segue sendo uma presença no processo de desenvolvimento das crianças no âmbito da Educação Infantil até os anos iniciais, apresentando-se como uma ferramenta enriquecida a partir de intentos pedagógicos, que, de forma lúdica, amplia horizontes e possibilidades de aprendizagem, especialmente no que se refere ao processo de conhecimento do mundo e sua diversidade.

O papel do professor, como orientador do processo formativo, deve fazer paralelo entre as práticas de leitura na vida cotidiana, levando à uma aproximação das crianças com o mundo da literatura, movimentando favoravelmente suas emoções e curiosidade, de forma a lidar com questões como respeito, solidariedade e empatia. Neste caso, o professor deve planejar os melhores caminhos para as práticas pedagógicas, levando em conta que as crianças estão tendo o seu primeiro contato com um universo maior que o ambiente familiar, portanto com as diversidades existentes, em todos os aspectos. Nessa fase, elas começam a ver as diferenças de cada pessoa e se sentem naturalmente atraídas tanto para a semelhança, quanto para a diferença, muitas vezes incompreendida.

Por fim, tais caminhos nos levam à necessária oportunidade de refletir sobre a relevância de práticas pedagógicas inovadoras de incentivo à leitura, além de investimento financeiro na formação continuada dos professores, bem como aquisição de obras literárias de qualidade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. 2 Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Leinº9.394/96.1998

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília/DF:MEC,-SEF,1998.

CAGLIARI, L.M **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Ática, 1992.

CARDOSO, Giane Carrera e Pelozo, Rita de Cássia Borguetti. A importância da leitura na formação do indivíduo. Editora FAEF, **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas de Garça**. Ano V – número 09 – Janeiro de 2007, Garça/SP. Disponível em: <http://www.revista.inf>. Acesso em 04 de fevereiro de 2022

CORREIA, Karoliny; da Silva MOSSMANN, Suziane. **ENSINO E APRENDIZAGEM DA LEITURA: IMPLICAÇÕES CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS**. Trama, v. 16, n. 39, p. 39-53, 2020.

CARLETI, Rosilene Callegari. **A leitura: um desafio atual na busca de uma educação globalizada**. ES, 2007 Disponível em: <http://www.univen.edu.br/revista> Acesso em 07 de fevereiro de 2022.

DELMANTO, Dileta. **A leitura em sala de aula**. Almanaque do Programa Escrevendo o Futuro. Ano III. Nº 7. 2009. Disponível em: www.construirnoticias.com.br. Acesso em 14 de fevereiro de 2022.

DUTRA, Vânia L. R. **Abordagem funcional da gramática na Escola Básica**. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín. Curitiba, 2011. Disponível em: www.abralin.org. Acesso em 07 de fevereiro de 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1988.

FERREIRO, E. **A psicogênese da língua escrita**, Porto Alegre: Artmed, 1985.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23ª Ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercício de militância e divulgação**. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associações de Leituras do Brasil, 1996.

GIROTTI, C. G. G.S.; SOUZA, R. J. **Estratégias de leitura: para ensinar alunos a Compreender o que leem**. In: SOUZA, Renata Junqueira (org) . **Ler e compreender: Estratégias de leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

JOLIBERT, A. **Uma história da escrita**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

KLEIMAN, Ângela, **Oficina de leitura**. Teoria e Prática. 6 ed. Campinas: São Paulo, 1998.

KLEIMAN, Âgela. Texto e leitor: **Aspectos Cognitivos da leitura 11**. Edição. São Paulo: Pontes, 2008.

OLIVEIRA, Cláudio Henrique. QUEIROZ, Cristina Maria de. **Leitura em sala de aula: A formação de leitores proficientes**. RN, 2009. Disponível em: <http://www.webartigos.com> Acesso em 15 de Fevereiro de 2022

RUIZ, J. A. **Estudo pela leitura trabalhada**. In: Metodologia científica: guia para eficiência Nos estudos. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**; trad. Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O Ato de Ler: Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 1984.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Leitura do professor, leitura do aluno: processos de Formação continuada**. UNESP – Presidente Prudente. Disponível em: www.unesp.br. Acesso em 10 de fevereiro de 2022

CAPÍTULO 16

UM NOVO OLHAR SOBRE O LIVRO DIDÁTICO: UMA RUPTURA COM PADRÕES ANTIGOS

Aline Suely Dias de Souza Ferreira¹

Marcos Antônio de Araújo Dias²

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios que o ensino era amparado estruturalmente e pedagogicamente pelo uso do livro didático, que por sua vez, era o detentor do conhecimento técnico e teórico onde conseguia intercalar a teoria e a prática da didática de alguma área do conhecimento fortalecendo a prática docente e atuando como um facilitador do processo de ensino aprendizagem, embora nessa época o professor apenas transmitia conteúdos de forma metódica e mecanizada.

O método aplicado era o tradicional baseado em um ensino focado no professor como o detentor do conhecimento, a sua função era reduzida a transmitir conhecimentos e o aluno de assimilar os mesmos ainda que seja pelo método decorativo e repetitivo.

Nos tempos mais remotos, os livros vinham prontos, o professor não precisava buscar em outras fontes, não necessitava contextualizar, não proporcionam debates sobre temas da atualidade, os materiais didáticos eram considerados soberanos e o aluno tinha que confiar e aprender aquela referência sem questionar.

Quanto ao conteúdo, vinha desconectado do texto (hoje entende-se a importância de um texto para aplicação de um assunto), aparecia de forma ritualista e técnica, e ainda assim devia-se entender daquela forma, ou seja, o ensino era simplesmente repassado, sem a intenção de discussões sobre sua verdadeira importância e valores conceituais.

Não há o que se discutir sobre a importância da leitura e suas implicações na aprendizagem, e como o livro interfere em todo esse processo de forma gradativa, não há como dissolver suas relações intrínsecas e habilidades.

Não existia preocupações em levar a sala de aula temas que hoje são

1 Especialista em Ensino de Língua Estrangeira Moderna – Inglês, pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió – CESMAC. E-mail: kalinnedias@gmail.com

2 Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Especialista em Língua Estrangeira Moderna – Inglês, pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió – CESMAC. Professor Efetivo do Instituto Federal de Alagoas - IFAL. E-mail: marcos.dias@ifal.edu.br.

debatidos e enfrentados no ambiente escolar como a violência, a depressão, o racismo, e que ainda são debatidos e até descobertos muitas vezes na escola, onde os professores ficam atentos e denunciam ao conselho tutelar que hoje trabalha juntamente com as instituições de ensino de educação básica.

Com o passar do tempo e o advento da globalização e da tecnologia, houve uma necessidade de reformular o ensino e conseqüentemente os livros ganharam outra roupagem, no intuito de acompanhar as transformações pertinentes de cada fase vivida se fizeram presentes a adequação dos mesmos, pois até hoje novos conceitos são discutidos e inseridos, que vão desde a interdisciplinaridade até inferência.

Segundo Lajolo (1996), o livro didático assume certa importância dentro da prática de ensino brasileira nestes últimos anos, isso é notável, principalmente, em países como o Brasil, onde “a precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, pois, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina o que se ensina” (LAJOLO, 1996, p. 9). Por esse motivo, surgiu a preocupação de fazer uma análise de como esse instrumento de ensino-aprendizagem vem sendo percebido e utilizado pelos professores.

O aparecimento da modernização influenciou nas mudanças dos diversos estilos de ensino característicos de cada época, inicialmente o tradicional, em seguida, vários outros, até chegar ao modelo atual, o construtivismo, baseado na pedagogia de Paulo Freire em seus conceitos modernos e atuantes.

Novas perspectivas surgiram com o modelo construtivista, no qual buscava-se um ensino menos centrado, menos direcionado, e mais voltado a questões de liberdade e renovação, alguns pontos ganharam destaque como a interdisciplinaridade, inferência, intertextualidade

A interdisciplinaridade possibilita que haja uma conexão entre as distintas disciplinas possibilitando um “elo” que facilite a aprendizagem sob diversos contextos e aspectos, essas novas perspectivas fortalecem a interação promovendo a criticidade do aluno, pois o discente com o tempo tornou-se uma classe pensante.

A inferência permite que informações sejam transmitidas e veiculadas por meio do processo da lógica e dedução, onde necessariamente não é obrigatório que o dito esteja explícito no texto, fazendo com que o leitor conclua com informações já expressas no contexto.

Por outro lado, a intertextualidade consiste na teoria que todo texto provem de outro texto, então quando há um texto inserido em outro, há a intertextualidade, sendo bastante comum que determinadas obras sejam revistas ou repensadas com o intuito de esclarecer ou discutir a mesma.

Sob esse aspecto, conforme foi mostrado acima, o aluno de hoje é mais questionador, competitivo e focado, não se conforma com qualquer resposta,

desde que saiba e conheça seus direitos e deveres. Isso vai desde o aspecto pedagógico até o didático, na atual conjuntura, o ensino é buscado, conferido, para logo assim ser assimilado.

Neste sentido, Vesentini afirma que “ao invés de aceitar a “ditadura” do livro didático, o bom professor deve ver nele, tão somente um apoio ou complemento para a relação ensino-aprendizagem que visa a integrar criticamente o educando ao mundo” (VESENTINI, 1989, p. 167).

Mesmo com a necessidade da reformulação do livro, a maioria das escolas não excluíram os livros físicos, alguns ganharam áudios; outros, apetrechos; mas todos conservam o ensinamento de uma teoria, só que de forma mais interativa entrando em uma perspectiva mais construtivista.

Os componentes curriculares atualmente estão mais interligados com os outros, até porque o foco do ensino escolar está no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), no qual questões de matemática, por exemplo, não aparecem soltas, vem com texto e ligada a outra disciplina também. Logo, a base da prova é uma boa interpretação dos textos e enunciados, se o aluno não souber interpretar, ele não conseguirá responder à questão, ainda que domine a matemática.

Ainda a esse respeito, o ENEM prioriza textos de diferentes gêneros, independentemente do livro didático ser relevante ou não, por isso é importante que ele contenha charges, tirinhas, poemas, letras de músicas, artigos de opinião e diversos outros gêneros e tipos textuais, para um melhor entendimento das diferentes áreas do conhecimento. Ou seja, para o ENEM o foco é o conteúdo, não o livro em si.

Silva, Fernandes e Garcia (2019, p. 3) e Dutra (2017, p. 20) ressaltam:

Neste sentido, para Ausubel (1982), a aprendizagem adquire caráter significativo à medida que o novo conteúdo é incorporado ao conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio. Desse modo, se esse processo ocorre arbitrariamente, a aprendizagem torna-se mecânica ou repetitiva, torna-se sem significado, pois se armazena temporariamente o que se adquire, mas o aprendizado contínuo não existe. A aprendizagem que utiliza o livro didático como suporte para a transmissão do conhecimento, não deve se manter concentrado apenas no que é exposto nele, deve igualmente considerar todo e qualquer conhecimento uniformizado. Sabe-se que cada aluno tem percepções diferentes ao entrar em contato com o conhecimento, porém ambos desejam estabelecer uma relação entre o conhecimento formal, adquirido na escola, e o conhecimento informal, adquirido nas vivências sociais.

Os conteúdos estão mais leves, dinâmicos, com imagens, o ensino é contextualizado, e o docente tem a oportunidade de trabalhar temas da realidade do aluno, e até mostram a parte prática, podendo assim o aluno não apenas entender sobre plantas, mas também pode em casa, juntamente com os pais aprenderem a

plantar no seu próprio jardim.

Ainda a esse respeito, cabe ressaltar que de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), as diferentes culturas também devem ser vistas e valorizadas nos materiais didáticos atualmente, como a africana, indígena e até a da nossa região.

O conselho tutelar tem uma posição mais atuante, porque ao desenvolver o ensino de um determinado conteúdo, como ele trará um texto, o professor poderá trabalhar determinados temas em sala de aula, que muitas vezes o aluno não tem coragem de perguntar ou falar em casa com seus pais permitindo seu crescimento pessoal e social.

Enfatiza-se também a importância da aquisição do indivíduo no mercado de trabalho, o que o torna digno e gerador de renda, ainda que indiretamente, pois a profissão é um fator crucial na vida dele.

Além disso, destaca-se também a linguagem não verbal, que está presente na mesma proporção que a verbal, cada vez mais encontra-se mapas, gráficos, símbolos, além de fotos e imagens para que o conteúdo seja explanado com mais facilidade e absorvido com habilidade e dedicação.

O que ocorre hoje é que diante da rotina acelerada e da falta de tempo, muitos optam por estudar ou assimilar conhecimento utilizando das facilidades e acomodações que os meios digitais propiciam. Por exemplo, é possível aprender ouvindo podcasts ou assistindo vídeo aulas o que otimiza o tempo, porque é possível ouvir esses recursos enquanto faz outras atividades como praticar exercícios físicos ou dirigir.

É importante ressaltar que tudo tem seus ônus e seus bônus, pois ainda tem pessoas que optam pelo modelo convencional, pois não abrem mão das suas anotações pessoais, marcação de texto e caderno de apoio para ter um melhor desempenho em suas atividades diárias de estudo.

O objetivo da pesquisa não é desmerecer ou desvalorizar o uso do livro didático, nem tampouco desacreditá-lo, mas fazer uma reflexão acerca não apenas da sua importância perante uma sociedade que está sempre em processo, e essa mesma construção sempre será refletida em livros, como também a percepção de como ele está sendo utilizado atualmente: suas implicações, seus diversos contextos e motivações levando em consideração que o uso da tecnologia afastou de muitas pessoas o velho hábito da leitura de qualquer natureza, por entretenimento ou por um fim específico, seja ela física ou impressa, pois os vídeos e áudios passaram a ganhar mais destaque.

Em virtude desse fato, na sociedade na qual vivemos, a busca pela informação nos proporciona que sejamos adeptos de uma leitura que nos habilite ao conhecimento, por isso o livro ainda precisa ser preservado, porque faz parte de uma cultura, de uma memória, de um resgate da nossa própria história, sem esse

acervo não conseguiríamos compreender sobre a nossa sociedade como um todo em seus distintos aspectos.

Nesse aspecto, para entender o presente, é necessário que retornemos a história, até para cogitarmos o futuro, e são os livros um dos responsáveis por esse resgate, por meio de lembranças, recordações ou retomada de histórias.

Didaticamente, o livro propicia que dados que ocorreram no passado fiquem registrados, memórias fiquem mantidas, até para coisas simples, do cotidiano, como os primeiros desenhos de uma criança.

Com a pandemia, um momento novo e atípico, a procura pela leitura acentuou consideravelmente, e conseqüentemente a busca por livros de qualquer natureza. Visto que as pessoas passaram a ficar mais em casa, a terem tempo mais livre, então a leitura acabou sendo terapia e refúgio para muitos que tiveram que desacelerar, trabalhar menos.

2 UMA BREVE EXPOSIÇÃO DA TRAJETÓRIA DO LIVRO DIDÁTICO

O livro didático não é recente, esse modelo de literatura focada no ensino surgiu na Grécia Antiga, como destaca Dutra:

O surgimento do livro didático ocorreu na Grécia antiga, onde o filósofo Platão defendia a utilização do que havia de melhor na cultura grega. No Brasil, surgiu no governo do Presidente Getúlio Vargas, no entanto, somente com a nomeação de Gustavo Capanema para Ministro da Educação em 1934, o Instituto Nacional do Livro começou a executar suas primeiras atribuições como: a expansão do número de bibliotecas públicas, a elaboração de uma enciclopédia nacional, a edição de obras literárias para a formação cultural da população e um dicionário nacional. Muito se discute a cerca dessa importante ferramenta para a educação (DUTRA, 2017, p. 9)

Todo o trabalho de escolha de um livro didático é bastante minucioso e gradativo, até que eles possam ser comercializados e inseridos no contexto escolar, tem toda uma dinâmica que consiste não apenas no preparo e confecção. De igual modo, também há uma investigação se ele está condizente ou não com o que a instituição necessita, e é a equipe pedagógica que atua nesse “elo” entre o discente e o docente, por meio do ensino, sendo o livro um dos canais de comunicação.

Dutra (2017, p. 9) também enumera:

Muitas críticas e elogios já foram publicados acerca desse importante instrumento de trabalho, professores, alunos, avaliadores e críticos nem sempre se dão conta de que eles são o resultado da longa história da escola e do ensino. Não há como discordar. A grande questão, que não pode deixar de ser mencionada, é que os professores não devem se tornar escravos dos livros, como se eles fossem o único recurso, a verdade final, porque não

são, porém não devem ser esquecidos. Cada professor tem autonomia para utilizar todo e qualquer instrumento que possa tornar uma aula mais rica. Deve-se ter, entretanto, em mente que muitos livros didáticos apresentam erros, outros são imbuídos de preconceitos, mas há vários deles bem prontos e acabados. Em tempo de escolhas, é preciso ler com cuidado, optar com critério. Pensando nisso o poder público normalmente avalia os livros e informa o resultado da avaliação.

Após a análise dessa avaliação o docente finalmente pode optar pelo livro que achar pertinente a sua rotina em sala de aula, de acordo com suas próprias metodologias, seus instrumentos avaliativos, seus recursos e embasamentos teóricos, e finalmente usar no ambiente escolar não esquecendo que ele é apenas um complemento, não poderá usá-lo como único instrumento de aula expositiva.

No Brasil, um marco relevante é o dia nacional do livro didático, este dia é celebrado em 27 de fevereiro, desde 1929. Ele surgiu como fruto de um conjunto de ações que levaram ao atual Programa Nacional do Livro Didático do Ministério da Educação (PNLD/MEC).

Por este motivo o livro didático é tão relevante, pois ainda continua sendo um marco para a educação brasileira, a questão trata-se apenas de saber usar para que as aulas não fiquem maçantes e se tornem monólogos, e que o professor saiba e consiga aproveitar a ferramenta que possui em mãos com destreza e habilidade. Pois, do contrário, será apenas uma mera coletânea de informações, e o professor apenas transmissor de mensagens sem significado algum.

Paixão (2008, p.1) observa:

Seguindo a cronologia dos fatos, em 1938, o livro didático passou a figurar na pauta do governo federal com o Decreto-Lei nº 1.006/38 de 30/12/1938, que instituiu a Comissão Nacional do Livro Didático para tratar da produção, do controle e da circulação dos livros didáticos. De 1934 a 1945, só o Decreto-Lei nº 8.460 de 26/12/45, o Estado consolida a legislação sobre as condições de produção, importação e utilização do livro didático, limitando ao professor a escolha do livro a ser utilizado pelos alunos, conforme definido no art. 5º. O número de bibliotecas cresceu em função do acervo de livros fornecido pelo Governo, 11 anos de espera. Em 1966, o Ministério da Educação e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional fazem um acordo que permite a criação da Comissão do Livro Técnico e Livro Didático.

No entanto, atualmente, as bibliotecas vêm perdendo, de forma considerável sua importância e relevância, já que muitos que optam por livros em PDF, os chamados e-book. Além disso, os livros impressos também estão perdendo força para atender a nova tendência de mercado: livros cada vez mais on-line e manuseados em aparelhos eletrônicos.

Por fim Paixão (2008, p. 1) esclarece:

O acordo garantiu ao MEC recursos no período de três anos para a

distribuição gratuita de 51 milhões de livros. Por volta de 1970, através da Portaria nº 35, de 11/3/1970, o MEC implementa o sistema de co-edição de livros com as editoras nacionais, com recursos do Instituto Nacional do Livro. Já em 1971, o referido Instituto passou a desenvolver o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental – PLIDDEF. Através do Decreto nº 77.107, de 04 de fevereiro de 1976, o governo assume a compra de boa parcela dos livros para distribuí-los à parte das escolas e das unidades federadas. Com a extinção do INL, a FENAME - Fundação Nacional do Material Escolar – torna-se responsável pela execução do programa do livro.

3 CONCLUSÃO

Desde os primórdios que o livro didático tem sua relevância para a história da educação, seja para estabelecer uma memória ou recordação, ou para que possamos refletir sobre o passado e compreender o presente, com o tempo e a evolução natural do ensino, o uso do livro passou a adquirir outras finalidades, funções e vertentes, que vão desde a questão física, com uma nova estética, até a questão didática, com diferentes ideologias e conceitos.

A mudança da transição de fases, que ocorreu inúmeras vezes graças a evolução do ensino deixou o material de fora do que seria um dos componentes principais do foco do ensino, visto que o professor era muito condicionado a suas teorias e técnicas, não existia contextualização, debates ou discussões no ambiente escolar que proporcionasse um maior aprendizado.

O advento da globalização e da tecnologia, além do acentuado crescimento populacional também acentuou para que o mesmo atendesse a uma nova tendência de mercado, algo diferente que foi se revestindo e modificando de acordo com as necessidades de uma época atual que não aceita mais algo mecânico e repetitivo, além de tradicional e convencional.

Desde então, foi necessário moldá-lo aos tempos atuais, visto que anteriormente ele tinha a função de apenas ser ferramenta para o docente ser mero transmissor de conhecimento, era altamente prioritário no ensino aprendizagem.

Atualmente, o livro didático ganha cada vez mais espaço em construção e processo, não sendo mais único e primordial em sala de aula, podendo o professor usá-lo ou não sem que isso desvalorize ou prejudique o ensino. Ainda neste sentido, Para Lajolo, a “escolha e uso de livro didático precisa resultar do exercício consciente da liberdade do professor no planejamento cuidadoso das atividades escolares” (LAJOLO, 1996, p. 9).

Destaca-se também que o aparecimento do livro em meio ao digital trouxe benefícios principalmente para equilíbrio e otimização do tempo. Quanto aos malefícios, isso fica limitado a forma e maneira do manuseio, e isso é muito relativo, não esquecendo de destacar que há livros e opções para todos os gostos e

preferencias, independentemente do fim específico.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David P. **A Aprendizagem Significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo, Moraes, 1982.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNLD 2019: Apresentação - guia de livros didáticos**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2018c, 57 p.

Decreto-Lei 1006, de 30 de dezembro de 1938. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1006-30-dezembro-1938-350741-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 20 jan. 2022.

DUTRA, Noelma de Nazaré de Almeida et al. **A Importância da escolha do livro didático nas series iniciais**. 2017. Disponível em: <http://bdta.ufra.edu.br/jspui/bitstream/123456789/853/2/TCC%20NOELMA%20FINALIZADO%20UFRA%20FINAL.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2022.

FNDE. **Livro didático**. Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico>. Acesso em: 26 jan. 2022.

LAJOLO, Marisa. **Livros didáticos: um (quase) manual de usuário**. In: *Em Aberto*, n. 69, ano 16, 1996.

PAIXÃO, Fernando. História do Livro Didático. **Educação em Destaque**. Quarta-feira, 6 de Agosto de 2008. Disponível em: <http://secbahia.blogspot.com/2008/08/historia-do-livro-didatico-no-dia-27-de.html>. Acesso em: 01 mar. 2022.

SILVA, Anne Karine Muniz da; FERNANDES, Adalgise Silva Moreno; GARCIA, Maria de Fátima. O livro didático e a prática docente: verificando a aprendizagem significativa no 4º ano do ensino fundamental. **III CONEDU. Congresso Nacional de Educação, 2019**. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2016/TRABALHO_EV056_MD1_SA3_ID4425_19082016224713.pdf. Acesso em: 01 mar. 2022.

VESENTINI, José William (Org) et al. **Geografia e ensino: textos críticos**. (Tradução Josette Gian). 7. ed. Campinas – SP: Papyrus, 1989.

CAPÍTULO 17

OS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM E INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Isabel Lasch da Silva¹

Carina Dorneles Gomes²

1 INTRODUÇÃO

A educação é própria dos seres humanos e isso faz com que estes diferenciem-se dos demais animais. Também é considerada na constituição federal como um direito de todos, obrigação do estado e da família. A maior parte do processo educativo dá-se dentro do contexto escolar, envolvendo todos os agentes desse ambiente.

A Constituição Federal de 1988 no artigo 205, estipula que a educação é um direito de todos. A magna carta ainda institui em seu artigo 208, inciso III que é direito das pessoas com necessidades especiais receberem educação, preferencialmente, na rede regular de ensino. Sabe-se que essa tarefa é difícil, complexa e que não pertence somente à escola. Contudo, compreende-se que essa é uma função que envolve muitas variantes.

Por muito tempo as pessoas que tinham alguma deficiência foram segregadas da sociedade por medo, vergonha ou preconceito. Assim, estas pessoas eram praticamente excluídas do convívio social e não tinham acesso à educação na rede regular de ensino. Com o passar dos anos, mais especificamente no século XX, as pessoas com algum tipo de deficiência foram sendo inseridas no contexto social e ganhando o espaço, que é seu de direito. Assim, passaram então a ter acesso à educação formal. Contudo, ainda na contemporaneidade observam-se práticas segregatórias, de desprezo e de aversão em relação ao deficiente e à deficiência.

A Declaração de Salamanca, a partir de 1994 alterou o cenário da educação mundial, pois apontou aos países a necessidade de políticas públicas e

1 Especialista em Educação Especial, docente da rede Estadual de Ensino do Estado do Rio Grande do Sul, isabel-lasch@educar.rs.gov.br.

2 Especialista em Gestão Escolar, docente da rede Estadual de Ensino do Estado do Rio Grande do Sul, carina-gomes@educar.rs.gov.br.

educacionais que atendessem todas as pessoas de modo igualitário. O mesmo documento enfatizou a real necessidade da inclusão educacional das pessoas que apresentassem quaisquer necessidades educacionais especiais.

Com o presente estudo visa-se analisar quais as principais dificuldades dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no processo de ensino aprendizagem. Como objetivo geral, esta pesquisa busca investigar quais são as adaptações necessárias que o docente deve fazer em sala de aula e quais os principais desafios enfrentados pelos professores na abordagem com diferentes graus de autismo.

O fazer pedagógico faz-se com ação-reflexão constantes. Este estudo tem relevância tendo em vista que busca contribuir com a reflexão sobre a inclusão e ensino igualitário dentro da instituição escolar. Esta pesquisa revisita teorias e elenca as possíveis alternativas para um trabalho docente e pedagógico que permita a autonomia de todos os sujeitos envolvidos no processo. E, por consequência, também a análise de estudos já publicados que possibilitam que se (re) pense a prática docente.

Para que este estudo fosse desenvolvido, realizou-se pesquisa bibliométrica com a qual buscou-se amparo teórico nos autores mais renomados sobre a temática em análise. Assim, temos o diálogo de diferentes perspectivas sobre inclusão e o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

2 EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS E POLÍTICOS

A educação não tem fronteiras e ela ocorre em qualquer lugar e momento. A aprendizagem não acontece somente nas interações do indivíduo com o seu meio, mas, sobretudo, por meio das interações sociais. Para Paulo Freire (2006, p.61) a educação é vista “[...] como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo”. Além disso, a educação pode ser formal ou informal, sendo transmitida por qualquer pessoa, independente de gênero, idade, credo ou etnia.

De acordo com Bueno e Pereira (2013, p. 351 *apud* Brandão, 2005) “a educação abarca o poder, a riqueza e a troca de símbolos presentes em cada sociedade”. É ela que acende os horizontes da consciência para que o indivíduo possa conhecer seus direitos e obrigações, formando cidadãos que sejam conscientes e autônomos. No entanto, quando falamos em escola, já vamos para um outro espaço, pois a escola é o ambiente no qual se realiza plenamente o direito à educação.

É notório que a educação, não obstante todos os avanços dos últimos anos, ainda está em crise, os altos índices de evasão escolar e repetência ainda

amarguram o contexto educacional brasileiro. Além disto, ainda não se faz uma educação plenamente inclusiva e igualitária. Para que essa realidade se transforme, é indispensável um trabalho unido entre a escola e a família, porque a tarefa de educar é árdua, visto que deve abarcar os diferentes aspectos sejam eles físicos, mentais, éticos e emocionais do educando.

A partir da década de 90 a Educação Especial sofreu significativas mudanças graças às políticas de educação inclusiva difundidas anteriormente. Algumas dessas mudanças normativas, conceituais e paradigmáticas. A Declaração Mundial sobre Educação para Todos, por exemplo, aprovada em março de 1990, em Jomtien, Tailândia, estabelece em seu preâmbulo que a educação “embora não seja condição suficiente, é de importância fundamental para o progresso pessoal e social” (UNESCO, 1998, p. 2).

A Declaração de Salamanca, por sua vez, evidencia que a Educação Especial abarca os princípios de uma forte pedagogia da qual todas as crianças possam se favorecer. O documento arroga que as diferenças humanas são normais. Além disso, estabelece que a aprendizagem deve ser adaptada às necessidades da criança, ao invés de se adaptar a criança às aceitações pré-concebidas a respeito do ritmo e da natureza do processo de aprendizagem.

Estes e outros documentos, juntamente com as políticas desenvolvidas favoreceram e ampliaram os espaços para a discussão sobre a educação especial em todos os níveis e modalidades de ensino. No entanto, como diz o documento da Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida (PNEE, 2020, p.10), a inclusão é uma metodologia que não pode ser alocada somente às discussões teóricas, pois “é uma condição para a garantia efetiva dos direitos fundamentais à educação e ao exercício pleno de cidadania de todo brasileiro”.

A publicação do Instituto Brasileiro dos Direitos da Pessoa com Deficiência - IBDD (2008, p.27) explica que a palavra “deficiente”, existe há pelo menos uns trezentos anos e já carrega um sentido negativo no próprio prefixo do termo, pois o prefixo “de” tem um sentido inteiramente negativo, como em derrota, “não eficiente”. A entidade ainda segue “o prefixo “de”, nesse caso, tem o sentido de “não”, portanto uma negação da própria essência da pessoa como pessoa”. E o documento ainda esclarece que isso ocorre, “porque ela está sendo avaliada por algo que não é pessoal, que pertence a uma média e que tem a ver com a produção de efeitos”.

A noção excludente do vocábulo “deficiente” em relação às pessoas a quem se aplica essa alcunha, tem a ver com uma civilização cujo fundamento é a eficácia, a capacidade de produzir efeitos, e tudo é medido por essa capacidade. De acordo com a mesma publicação do IBDD isso ocorre porque vivemos numa civilização da eficiência, que é a civilização industrial.

O conceito de deficiente alterou-se ao longo da história. Na Idade Média, o deficiente era aceito como uma pessoa sagrada. De acordo com o Instituto Brasileiro dos Direitos da Pessoa com Deficiência (2008, p.28), “a marca que ele portava era o sinal de diferença”. E, o diferente era assinalado e só podia ser assinalado por Deus. Ademais, o deficiente era tinha um lugar e um papel a representar nas comunidades.

O fato é que nem toda Pessoa com Deficiência tem o reconhecimento como de Ludwig Von Beethoven que compôs belíssimas canções ou é um brilhante físico como Stephen Hawking e talvez não faça pinturas belíssimas como Frida Kahlo ou ainda não tenha intimidade com o piano como Louis Braille tampouco crie um sistema de escrita.

A Lei Federal nº 13.146/2015 prevê em seu artigo 2º que considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo e esse impedimento seja de natureza física, mental, intelectual ou sensorial. No entanto, a referida lei acrescenta que esses impedimentos precisam estar em interação com uma ou mais barreiras que podem obstruir a participação plena e efetiva da pessoa na sociedade em equidade de condições com as outras pessoas.

Lidar com o diferente é algo que impacta, tendo em vista que é um processo que exige adaptação de todos os indivíduos inseridos no contexto do ambiente. É preciso incluir, independente do credo religioso, etnia, gênero, raça, cor, deficiência ou orientação sexual. A inclusão ainda é um paradigma na sociedade, de acordo com Sasaki (2009, p.10) a inclusão

[...] como um paradigma de sociedade, é o processo pelo qual os sistemas sociais comuns são tornados adequados para toda a diversidade humana - composta por etnia, raça, língua, nacionalidade, gênero, orientação sexual, deficiência e outros atributos - com a participação das próprias pessoas na formulação e execução dessas adequações. (Sasaki, 2009, p.10).

A diversidade, nesta concepção é tida como uma característica que favorece a inclusão e que é adequada para todos os sistemas sociais. A sociedade contemporânea se transforma a todo instante e essas mudanças ordenam às instituições de ensino a necessidade de adaptar-se. Porquanto, somente com isso, a intenção de oferecer uma educação de qualidade, preparar os educandos para serem cidadãos agentes de transformação e buscar uma ação ativa que atenda as inovações será amplamente abrangido.

2.1 TEA e a realidade autista

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), ou simplesmente autismo, é algo que intriga e fascina, tanto a comunidade acadêmica quanto a comunidade clínica. O termo autismo foi utilizado em 1911 pela primeira vez, por Eugen

Bleuler. É definido, por alguns autores, como uma síndrome comportamental. Esta síndrome afeta o desenvolvimento motor e psiconeurológico restando a cognição, a linguagem e a interação social da criança.

Nos últimos anos, a temática tem ganhado destaque e interesse do público e da mídia. Entretanto, esse transtorno não é algo que surgiu recentemente. Até 1943, os indivíduos autistas eram vistos como pessoas estranhas e peculiares e/ou incluídos como singularidades de outros transtornos, como o retardo mental.

Em 1943, Leo Kanner e em 1944, Hans Asperger fizeram as primeiras publicações sobre autismo, fornecendo alguns relatos sistemáticos dos atendimentos e casos que acompanhavam. Além disso, ambos também relataram suas suposições teóricas sobre essa síndrome que até aquele momento era totalmente desconhecida. O primeiro estudioso, verificou em seus pacientes a inabilidade no relacionamento interpessoal, o atraso na aquisição da fala e a capacidade de decorar poemas, sequências e esquemas complexos. Enquanto isso, Asperger descreveu uma síndrome que era muito semelhante a que fora descrita por Kanner, entretanto, com algumas características que contrastavam com as descritas anteriormente.

Asperger, descreveu o autismo como caracterizado por limitações sociais e interesses obsessivos. De acordo com as características propostas por este estudioso, a fala de indivíduos autistas era estereotipada e envolvia expressões faciais quase inertes e gestos impróprios.

Além disso, Kanner também constatou dificuldade motora global divergindo com uma excepcional habilidade na motricidade motora fina. Notou ainda que todas as crianças autistas eram extremamente inteligentes e a maioria apresentava ausência de comprometimento no plano físico. Para Kanner, o autismo era originado de uma incapacidade inata de determinar o contato afetivo habitual e biologicamente previsto com as pessoas. De acordo com Whitman (2015, p. 26), Kanner ainda acreditava que “a maioria das crianças autistas tinha inteligência acima da média”.

Em 1956, Eisinger e Kanner fizeram uma publicação, na qual caracterizaram o autismo em torno dos três principais aspectos que eram o senso de solidão, preocupação com manter a rotina e o início das condições nos primeiros anos de vida. Marinho e Merkle (2009) alertam que a partir de 1983, a síndrome de Asperger deixou de ser considerado autismo. A partir de 1987, o autismo deixou de ser considerado uma psicose infantil, pois a Associação Americana de Psiquiatria criou o termo Distúrbio Abrangente do Desenvolvimento.

O fato é que para classificar o autismo são usados diferentes sistemas. Contudo, convém ressaltar conforme nos alude Grandin (2015) que o diagnóstico do autismo ao longo dos anos se alterou, pois

o autismo é identificado pela observação e avaliação do comportamento. As observações e avaliações são subjetivas, e os comportamentos variam de uma pessoa para a outra. O diagnóstico pode ser confuso e vago. Ele mudou ao longo dos anos e continua apresentando mudanças (GRANDIN, 2015, p. 25/26).

O que Gandin nos exorta é que para diagnosticar um paciente com autismo leva tempo, pois é preciso a observação do comportamento e posteriormente a avaliação das ações. Além disso, as observações e avaliações são subjetivas e peculiares com o conduta variando de sujeito para sujeito.

Cabe salientar que o diagnóstico diferencial dos transtornos invasivos do desenvolvimento se faz extremamente necessário, uma vez que este diagnóstico possibilita encaminhar as crianças para o atendimento educacional especializado. Além disso, permite oferecer apoio às famílias, bem como orientar o professor da educação básica.

2.2 A Inclusão Escolar de educandos com TEA: um grande desafio à comunidade escolar e à família

A sociedade contemporânea muda a todo instante e essas mudanças exigem das instituições de ensino a necessidade de adaptar-se. Pois, somente com isso, o intuito de oferecer uma educação de qualidade, preparar os alunos para serem cidadãos agentes de transformação e buscar uma ação ativa que atenda as inovações será amplamente atingido. Maria Teresa Eglér Mantoan (2003) exorta quando alude que

redes cada vez mais complexas de relações, geradas pela velocidade das comunicações e informações, estão rompendo as fronteiras das disciplinas e estabelecendo novos marcos de compreensão entre as pessoas e do mundo em que vivemos (MANTOAN, 2003, p.12)

Sabe-se que a educação nem sempre é de qualidade e tampouco é ofertada a todos de forma igualitária. O processo de escolarização no Brasil deu-se de forma geral de maneira excludente e segregadora. Muitas pessoas acreditam que a educação serve somente para preparar mão-de-obra para o mercado de trabalho. Outras, entretanto, acham que a educação e a escola têm como finalidade garantir a reprodução do conhecimento acumulado para as gerações futuras. Há ainda, aquelas que creem que a escola deve se preocupar com a formação do cidadão.

Nos anos 90, no Brasil, acentuou-se um cenário caracterizado por reformas na educação básica, com a intenção de promover uma educação para todos, a chamada educação inclusiva. A escola deve ser um ambiente seguro e inclusivo. O parecer do Conselho Nacional de Educação – CNE/CEB nº17/01 estabelece a educação especial, “como modalidade da educação escolar, organiza-se de modo a considerar uma aproximação sucessiva dos pressupostos e da prática

pedagógica social da educação inclusiva” (CNE/CEB nº17/01, p. 11).

A Educação Especial e a Educação Inclusiva andam lado a lado para uma ação mobilizadora, a qual insere pessoas com necessidades especiais educativas na rede regular de ensino. O Plano Nacional de Educação – PNE, aprovado pela Lei nº10172/01, estipula vinte e sete objetivos e metas para a educação de pessoas com necessidades educacionais especiais. Pode-se afirmar que esta resolução garante recursos e serviços educacionais especiais para os educandos, bem como apoia e complementa os serviços educacionais ordinários.

Para Dall’Acqua e Vitaliano (2010) a educação inclusiva

diz respeito ao acolhimento a todas as pessoas que apresentam alguma condição considerada como uma “diferença” ao padrão estabelecido socialmente como desejável ou “normal”, que foram historicamente excluídas da escola. (p.24)

A inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais favorece a diversidade e a socialização, uma vez que a convivência destas pessoas com as demais favorece a sociabilização com o outro e com o meio.

Cabe à escola, interagir conjuntamente com a família e a sociedade, conforme nos aponta Pereira (2004, p.17), “com projetos que resgatem o valor humano de cada um, de cada aluno”. Pois, na concepção deste autor é “na vivência com o outro ser humano que a criança se permitirá avaliar seus conhecimentos.” Para que isso de fato ocorra, é necessário a utilização pelo professor de instrumentos didáticos que acatem algumas limitações do estudante, sejam essas limitações físicas ou cognitivas.

Conforme a Unesco (1994, p. 32) “o princípio da escola inclusiva é que todos os estudantes devem, sempre que possível, aprender juntos, mesmo com dificuldades ou diferentes”. Convém destacar, que a família atua como responsável pela socialização do sujeito, pois é na família que se estabelece as primeiras interações e convívio social. “É na família que aprendemos a nos relacionar com os outros. Portanto, a construção dessa sociedade inclusiva começa nas famílias. Os pais e as próprias pessoas com deficiência são seus principais agentes.” (PAULA, 2007, p. 7)

Assegurar a inclusão de todos os educandos é um dos maiores desafios que as escolas enfrentam. A inclusão escolar, deve incluir todos, portadores ou não de alguma necessidade educacional especial. Escola e família têm papéis complementares neste processo, pois é preciso inserir e promover interações que sejam recíprocas. Para Silva (2015, p.14252), isto “é um processo legal, político e social, o qual necessita da ajuda de pais/familiares, escola e comunidade para ser efetivamente concretizado”.

No Brasil, em 30 de Novembro de 2021 o presidente da República, Jair Messias Bolsonaro sancionou a Lei nº 14.245 que dispõe sobre o acompanhamento

integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. Por esta lei, todo aluno com dislexia, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem terá acompanhamento integral.

A lei supracitada ressalta que para ocorrer o acompanhamento de modo integral é preciso que haja a identificação precoce do transtorno, bem como o encaminhamento do educando para diagnóstico. No artigo terceiro da referida lei fica bem claro o que a mesma normatiza, pois ela expõe que

Educandos com dislexia, TDAH ou outro transtorno de aprendizagem que apresentam alterações no desenvolvimento da leitura e da escrita, ou instabilidade na atenção, que repercutam na aprendizagem devem ter assegurado o acompanhamento específico direcionado à sua dificuldade, da forma mais precoce possível, pelos seus educadores no âmbito da escola na qual estão matriculados e podem contar com apoio e orientação da área de saúde, de assistência social e de outras políticas públicas existentes no território. (BRASIL, 2021, p. 5)

Fica assegurado pela lei o acompanhamento integral para todos os alunos que apresentem algum tipo de transtorno de aprendizagem. A normativa, ainda estabelece que as necessidades específicas no desenvolvimento do aluno serão atendidas por profissionais das redes de ensino, saúde, assistência social e de outras políticas públicas existentes no território.

Na prática, as escolas deverão adaptar os currículos, os métodos e materiais de ensino, dispor de professor auxiliar para esse público, oportunizar tempo extra para a realização de atividades e valorizar cada conquista do aluno. Para que de fato isso se efetive é necessária formação continuada da equipe docente, disposição e mudança ou adaptações pedagógicas.

3 CONCLUSÃO

A educação básica brasileira enfrenta inúmeros percalços. Falta profissionais, às salas de aula, muitas vezes são superlotadas, além de políticas educacionais que são emergentes e transitórias. Contudo, a inclusão é uma realidade. É bem verdade que esta realidade está em constante construção e (re)construção.

A inserção de autistas ou educandos com outras especificidades educacionais requer o envolvimento de todos os sujeitos envolvidos no processo, bem como acolhida, reflexão e a (re) construção de conceitos. Ademais, faz-se necessário criar condições concretas que permitam a inserção, a permanência e processos de escolarização que sejam realmente efetivos.

Escola, família e comunidade devem estar envolvidos para que aconteça a aprendizagem da melhor maneira possível. É essencial também que a escola disponha de ambientes, equipe capacitada e condições adequadas. Além disso, a

pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) oferece inúmeros desafios e incertezas à equipe pedagógica. A lei sancionada pelo presidente que assegura a este público o acompanhamento de um monitor, sem dúvida irá garantir que estes educandos tenham um atendimento mais significativo.

Cabe salientar que este estudo não pretende encerrar a temática em questão, pois há muito ainda o que se discutir e pensar sobre o assunto. Além disso, muitas provocações e contribuições aqui apresentadas permitem refletir e nortear as ações pertinentes ao trabalho pedagógico.

REFERÊNCIAS

AZANHA, Jose Mario Pires. **Educação: temas polêmicos**. São Paulo. Martins Fontes, 1995.

ANDRADE, Rosamaria Calaes de. Introdução: **Gestão da Escola**. In: ACÚRCIO, Marina Rodrigues Borges (coord). A gestão da escola. Porto Alegre/Belo Horizonte: Artmed/Rede Pitágoras, 2004.

BATISTTI, Aline Vasconcelo Battisti. Heck, Giomar Maria Poletto. **A Inclusão Escolar De Crianças Com Autismo Na Educação Básica: TEORIA E PRÁTICA**. Disponível em <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/1251>. Acesso em 26 nov. 2021.

BAPTISTA, Claudio Roberto(Org.). **Autismo e educação** [recurso eletrônico]. Reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BRASIL. Lei 14.254, de 30 de novembro de 2021. Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Deficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. Disponível em <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=01/12/2021&jornal=515&pagina=5>. Acesso em 01 dez. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação. **PNEE: Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida/ Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação – Brasília; MEC. SEMESP. 2020.**

BRASIL. **Lei 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em 06 set. 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: (Lei9394/96) / 9º. Ed.** – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

BRASIL. **Decreto Nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm. Acesso em: 22 ago. 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e

bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1996.

BRASIL. **Lei n. 8.213, de 24 de julho de 1991**. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18213cons.htm. Acesso em 06 set. 2021.

DALL'ACQUA, Maria Julia Canazza; VITALIANO, Célia Regina. Algumas reflexões sobre o processo de inclusão em nosso contexto educacional. In: VITALIANO, Célia Regina (org.). Formação de professores para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. Londrina: EDUEL, 2010. P.19-30.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Sabotagem, 2006. Arquivo PDF. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_da_autonomia_paulofreire.pdf. Acesso em 16 de Nov. de 2021.

GRANDIN, Temple, 1947- **O cérebro autista** [recurso eletrônico], tradução Maria Cristina Torquillo Cavalcanti. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2015. Recurso digital.

Inclusão social da pessoa com deficiência: medidas que fazem a diferença - Rio de Janeiro: **IBDD**, 2008 312 p.; 20 cm. Disponível em: <http://www.ibdd.org.br/arquivos/livro%20IBDD.pdf>. Acesso em 10 out. 2021.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?**. — São Paulo: Moderna, 2003

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação**. Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

SILVA, Taiane Vieira da. **Inclusão escolar: relação família-escola**. Disponível em https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16662_8048.pdf. Acesso em 29 nov. 2021.

UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem**, Jomtien, 1990. Paris: UNESCO, 1998.

VITALIANO, Célia Regina (Org). DALL'ACQUA, Maria Julia C. **Formação de professores para a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais**. Londrina: EDUEL, 2010

WHITMAN, Thomas L. **O desenvolvimento do autismo**. São Paulo, M. Books do Brasil Editora Ltda. 2015.

CAPÍTULO 18

O LÚDICO COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL NO ENSINO DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

Leticia Augusta Campos Ferreira Martins¹

Maria Alice Pereira²

Jorge de Assis Costa³

1 INTRODUÇÃO

A Síndrome de Down (SD), segundo (BISSOTO, 2005), é caracterizada pela triplicação do material genético referente ao cromossomo 21, ao invés de sua duplicação, que também é denominada trissomia 21. Esse acontecimento atípico na divisão cromossômica compactua com a alterações físicas e intelectuais no indivíduo acometido pela síndrome.

Um das capacidades afetadas são: “[...] déficit cognitivo, incluindo a falta de atenção e a tendência à perseveração” (BISSOTO, 2005). Devido ao déficit cognitivo a pessoa com SD será condicionada em sua vida escolar à adaptações curriculares que oportunizem um ensino mais significativo.

Nessa perspectiva, a Lei Brasileira de Inclusão 13.146/2015 assegura o direito de profissionais de apoio escolar, atuarem juntamente com professores regentes em possíveis mudanças curriculares, a fim de garantir um desenvolvimento global, respeitando as necessidades de cada indivíduo e garantindo sua autonomia.

De acordo com (BRANCHER; CHENET; DE OLIVEIRA, 2011) “O lúdico é uma atividade inerente ao ser humano, e através da qual pode-se construir uma aprendizagem significativa, onde o educando desenvolve o interesse pelas atividades propostas”. Assim os autores contemplam que executar tais atividades de forma coletiva, proporciona um engrandecimento intelectual e um desenvolvimento físico-motor embasado na construção da autonomia. Com isso, o lúdico

1 Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Barbacena – MG.

2 Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Barbacena – MG

3 Professor nível VI grau B da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade Barbacena – MG.

como ferramenta pedagógica pode contribuir para o ensino de crianças com SD e oportunizar a sua inclusão escolar.

Para tanto, o presente trabalho tem por objetivo analisar como a ludicidade pode contribuir para um ensino-aprendizagem inclusivo e significativo de crianças com a trissomia 21.

Nessa perspectiva, a realização dessa pesquisa foi pensada visando necessidade de ampliar os conhecimentos dos profissionais da educação, para amparar o ensino-aprendizagem de crianças com SD de forma motivadora e significativa com o uso da ludicidade.

2 METODOLOGIA

O presente artigo foi embasado no estudo de revisão de literatura, com o objetivo de analisar a contribuição do lúdico no processo de ensino-aprendizagem das crianças com SD. A seleção dos artigos referente ao assunto, realizou-se através de busca nas bases de dados SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) e Google Acadêmico, sendo artigos selecionados artigos com ano de publicação a partir 2005 até 2018, entre os meses de agosto de 2021 à janeiro de 2022. Como descritores, foram utilizados “Síndrome de Down”, “Lúdico”, sendo encontrados 16 artigos, incluindo teses e dissertações, dos quais 07 foram selecionados e incluídos neste estudo após análise dos autores acerca de sua relevância. Também foram utilizadas cartilhas que abordam as leis e diretrizes vigentes da educação Brasileira e livros que abordam a temática.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 A Síndrome de Down

A SD é uma condição genética caracterizada de forma patológica primeiramente por John Langdon Down em 1866, porém apenas após um século de sua descoberta, em 1959, Jérôme Lejeune e Patrícia Jacobs concluíram que uma das causas seria a trissomia do cromossomo 21. Segundo (BISSOTO 2005) a SD caracteriza-se pela presença de três cromossomos no par 21, dando origem ao outro nome da síndrome “trissomia 21”, em parte ou em todas as células do indivíduo acometido pela alteração genética.

Essa alteração proporciona mudanças físicas e intelectuais, como; peso baixo ao nascer, pescoço curto, occipital achatada, achatamento facial, nariz pequeno, olhos oblíquos, língua protusa, orelhas pequena de implantação baixa, dificuldades motoras devido a hipotonia muscular, atraso na articulação da fala, comprometimento intelectual e conseqüentemente aprendizagem mais lenta

(OTTO *et al*, 2004).

Dentre as alterações, a que mais varia pra cada indivíduo é o comprometimento intelectual. (BUCKLEY e Bird, 1994, *apud* BISSOTO, 2005) relata que crianças acometidas pela síndrome, têm memória auditiva de curto prazo mais curta, o que dificulta o entendimento e seguir instruções verbais, principalmente no que tange várias informações ou comandos em sequências. Para tanto, os autores destacam, que tais dificuldades podem ser minimizadas se essas orientações forem aderidas de gestos ou imagens associadas às instruções concedidas.

A demora na aquisição da linguagem também é um fator que influencia na aprendizagem das crianças. A formação da inteligência também abarca o desenvolvimento da linguagem, e sua aquisição em crianças com a síndrome, ocorre em um processo mais lento. Assim, se faz pertinente a estimulação externa, considerando o atraso na produção e articulação dos sons que dependem da movimentação da língua, lábios, dentes e maxilares. Devido a esse atraso na produção e articulação, a fala pode ser prejudicada no seu ritmo e fluência. Assim, quanto maior a exposição aos guias de interação verbal, maior a probabilidade de desenvolvimento, pois o cérebro aprende com a internalização de estímulos que ocorrem por meio do aprendizado, juntamente com fatores biológicos, ambientais e fatores sociais (CASTRO & PIMENTEL, 2009).

Assim os profissionais da educação juntamente com a família devem se atentarem a essas dificuldades e proporcionar suporte para minimizar as barreiras criadas pela deficiência (CINTRA et al 2015).

Cintra et al. (2015) relatam que a SD não é uma doença e sim um modo de vida, onde as crianças com a síndrome têm capacidade de fazer tudo que as pessoas sem a síndrome têm, porém demandam um tempo maior para desenvolver algumas habilidades específicas, o que se torna necessário que essas crianças sejam estimuladas desde os primeiros meses de vida. A melhor forma de estimulação é oportunizar diferentes atividades, atividades que sejam prazerosas para as crianças. Nesse sentido, o lúdico pode contribuir para esse ensino diferenciado sem a exclusão dos envolvidos e priorizando uma aprendizagem significativa e satisfatória.

3.2 O Lúdico no Ensino

O Lúdico faz parte da vida das pessoas desde seu nascimento e perpetua por toda vida. Apesar do seu nome ter origem do latim, “*ludus*”, que significa “jogo” ou “brincadeira”, as suas dimensões ultrapassam o brincar. Segundo Almeida:

A evolução semântica da palavra “lúdico”, entretanto, não parou apenas nas suas origens e acompanhou as pesquisas de Psicometricidade. O lúdico

passou a ser reconhecido como traço essencial de psicofisiologia do comportamento humano. De modo que a definição deixou de ser o simples sinônimo de jogo. As implicações da necessidade lúdica extrapolaram as demarcações do brincar espontâneo (ALMEIDA, 2009, p.1).

Almeida, (2009) ainda pontua que, o lúdico está inserido como atividades essenciais na dinâmica humana, caracterizando-o como espontâneo, funcional e satisfatório.

O brincar tem função social e cultural, sua prática permite que as crianças ingressem num mundo novo, com novas possibilidades, objetos ainda não vistos e sentimentos ainda não experimentados. Apesar de simples, a sua prática exige muito da criança. A troca entre seus pares contribui para a autonomia e a construção da identidade e a percepção de mundo das crianças com SD (Cintra et al, 2005).

As atividades lúdicas além de oportunizar satisfação, podem ser uma grande ferramenta para facilitar a aprendizagem, contribuindo para a comunicação e a socialização dos envolvidos. Assim, Santos salienta que o lúdico:

(...) é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser visto apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita o processo de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento (SANTOS, 2002, p. 12).

Assim, com vastos elementos que podem ser abordados com o uso do lúdico, onde englobam o físico, o mental e o social; compreende-se que crianças com SD, assim como as crianças de desenvolvimento típico, podem ser estimuladas com atividades lúdicas para garantir um ensino significativo. Os estudos do Movimento Down (2015), cita que o brincar estimula o SD em diversos aspectos, do desenvolvimento motor, cognitivo, até à comunicação.

Freire (1997) afirma que: “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção”.

Nesse contexto, a criança com SD tem necessidades especiais de ensino que devem ser trabalhadas com as ferramentas apropriadas. O lúdico como ferramenta, pode contribuir de forma positiva, para questões diversas no que tange o desenvolvimento global, estímulo do ensino, autonomia e socialização.

3.3 Lúdico no ensino de crianças com SD

O lúdico como ferramenta de estimulação do ensino de crianças com SD, pode oportunizar ao professor uma prática pedagógica mais eficaz no que se refere ao rompimento de barreiras no processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, Cintra, Veiga e Oliveira expõem que:

Uma das melhores formas de estimulação para as crianças com síndrome de Down é através das brincadeiras lúdicas. Através de atividades lúdicas que envolvam as diversas linguagens artísticas como a dança, música, teatro, podemos trabalhar atividades que desenvolvam a criança de uma forma prazerosa, sem ser cansativo para ela. (CINTRA, VEIGA e OLIVEIRA, 2017, p. 7),

A demora na aquisição da linguagem, também é um fator que influencia na aprendizagem das crianças, onde a linguagem artística pode contribuir no auxílio a expressão oral e corporal.

Castro et al. (2011) realizou uma pesquisa sobre o processo de interação comunicativa entre duas crianças, de 9 e 12 anos, com comportamento autístico associado à SD, focando na modalidade de comunicação verbal e não verbal utilizando brincadeira de faz-de-conta. As atividades simbólicas eram feitas pela terapeuta, com situações imaginárias como; fazer comida imaginária com painéis de brinquedos. Ao final da pesquisa, as crianças apresentaram uma melhor interação a partir da comunicação não verbal e introdução da verbal, durante as atividades lúdicas entre elas e a Terapeuta. Assim, tais brincadeiras se configuram como situações favoráveis no que se refere a possibilidade de uma experiência de interações linguísticas ricas e construtivas.

O desenvolvimento da fala é abarcado pela construção da inteligência. As crianças com a síndrome, possuem um tempo maior no processo de aquisição e construção da linguagem. Nesse contexto, cria-se a necessidade de estimulação externa, pois elas apresentam um atraso na produção e articulação de sons, que contribui para dificultar o ritmo e a fluência da fala. Assim, quanto maior a exposição aos guias de interação verbal, maior a probabilidade de desenvolvimento, pois o cérebro aprende o que está relacionado à internalização de estímulos que ocorrem por meio de aprendizagem, que se relaciona aos fatores biológicos, ambientais e sociais. (Castro & Pimentel, 2009)

Podem-se observar três características centrais no processo espontâneo de aprendizagem de crianças com SD, sendo elas: o uso de estratégia de “fuga” quando colocada a aprender novas habilidades; uma relutância a ter iniciativa em situações de aprendizagem e em situações que demanda um uso cognitivo mais complexo, as crianças com SD têm uma má utilização das habilidades sociais, como: birra, distração do grupo, retraimento e demonstração excessiva de afetividade (WISHART, 1996, 2001, *apud* BISSOTO, 2005). Diante deste quadro o professor deve se atentar as necessidades específicas de seus alunos, e entender que existe diferentes formas de se ensinar e aprender. Oportunizar através do lúdico, uma conexão com seus alunos e contribuir para um espaço de aprendizagem que favoreça a construção do conhecimento com equidade, minimizando as diferenças comportamentais inerentes ao Down.

Pelosi et al (2018) realizou uma pesquisa com 5 crianças de 9 a 12 anos

com SD, com o objetivo de comparar o antes e depois da estimulação interdisciplinar, utilizando atividades lúdicas, a evolução das habilidades fonológicas e a compreensão do sistema alfabético em crianças com SD. Foram feitas oficinas realizadas por profissionais das áreas de Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional e Pedagogia, onde foram ministradas atividades como: Leitura e recontagem de histórias, jogos e brincadeiras adaptadas para estimulação da consciência fonológica, recorte e colagem, brincadeiras psicomotoras, cantigas de roda para estimular as rimas, dentre outras. As atividades eram feitas em grupo, porém as avaliações eram individuais. Assim, os dados mostraram que houve uma melhora em todos estímulos e que a estimulação sistemática de habilidades cognitivo-linguísticas realizada por meio de oficinas com uso da ludicidade, foi capaz de favorecer a aprendizagem da leitura e escrita de crianças com SD.

O modo intuitivo é a forma como a criança aprende e expressa sua espontaneidade, neste contexto o brinquedo e as brincadeiras, tornam-se um importante instrumento para que a criança possa expressar sua afetividade e desenvolver suas interações sociais e cognitivas (KISHIMOTO, 1999).

Porém as atividades curriculares devem ser planejadas para atingir os objetivos específicos do aluno, visando suas capacidades para que não ocorra a exclusão da criança com SD. O propósito é estimular os campos psicomotores, favorecer a autonomia, a afetividade, incentivar a interação social e aprender de forma prazerosa.

Assim, algumas atividades servem de exemplo para esse processo como: a trilha, o dominó e jogo da velha que promovem o raciocínio lógico, estimula a memória e a interação social; pular corda e amarelinha, que favorecem a coordenação motora global e o equilíbrio; telefone sem fio que estimula a oralidade; brincadeiras de roda que trabalham a consciência corporal entre outras (SILVA, 2016).

Essas atividades e muitas outras podem ser adaptadas segundo as necessidades educacional de cada aluno, atividades cognitivas e motoras podem e devem ser associadas a essas tarefas, afim de priorizar o ensino significativo, interdisciplinar e desenvolvimento global.

O jogo se caracteriza como uma atividade lúdica e contribui de forma significativa para o processo de ensino-aprendizagem, onde ele se torna um estímulo natural para que as crianças realizem esforço espontâneo e voluntário para atingir objetivos com prazer; mobilizando esquemas mentais, a ordenação de tempo e espaço, auxiliando nos campos social, motor, afetivo e cognitivo (SALOMÃO et al, 2007)

Assim, o professor quando integra conteúdos escolares as atividades com jogos, o fator lúdico pode motivar o esforço das crianças e oportunizar um ambiente de aprendizagem prazeroso e significativo.

A escola deve inserir diariamente em seu planejamento, tarefas que estimulem indivíduos com a Síndrome como: cooperação, organização, movimento corporal, contato com propostas lúdicas e variedade em materiais, para que as crianças realizem atividades motoras como: saltar, rolar, correr, dentre outras. Essas atividades agregarão no desenvolvimento social, motor, oral e na afetividade. Quanto maior for o estímulo dessas crianças, maior será a internalização da aprendizagem (CASTRO & PIMENTEL, 2009).

Nesse contexto, cabe a escola oportunizar o uso do lúdico na grade curricular e ao professor criar atividades de estimulação com o leque de possibilidades que o lúdico pode oportunizar, seja no campo físico, afetivo ou cognitivo. Os jogos e brincadeira aplicados as atividades pedagógicas auxiliarão as crianças com a SD, a aprender de forma espontânea, prazerosa, com autonomia e socializando com seus pares que não possuem a síndrome, promovendo assim a inclusão integral do educando. Essas atividades devem ser direcionadas a objetivos de ensino-aprendizagem específicos, visando a aprendizagem global e significativa, com autonomia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O lúdico é uma potente ferramenta pedagógica no que tange as dificuldades de ensino-aprendizagem. O presente artigo objetivou analisar como o lúdico pode contribuir no ensino de crianças com SD, visando seu desenvolvimento cognitivo, motor e social, pois elas necessitam de um estímulo melhor para seu desenvolvimento global.

Ensinar uma criança com SD sem considerar estratégias que possam envolvê-la, que oportunize uma aquisição de conhecimento significativa e contribua para relações socioafetivas, pode tornar as atividades desgastantes, visto que as crianças como resposta podem retrair ou “fugir” de atividades complexas.

Conclui-se através dessa pesquisa, que o uso do lúdico como ferramenta pedagógica, ampara o processo de ensino e aprendizagem de crianças com SD em vários aspectos, pois favorece o desenvolvimento intelectual, social, cognitivo e estimula a superação de dificuldades enfrentadas em vários contextos sociais promovendo a inclusão.

Cabe aos professores e profissionais da educação oportunizar atividades lúdicas no currículo escolar, oportunizando a inclusão e o desenvolvimento de crianças com SD e a interação com as crianças sem SD, resultando num ensino inclusivo, crítico e significativo.

Essa pesquisa é pertinente aos profissionais da educação e as famílias interessadas na temática. Devido ao vasto campo no que tange o tema, fica a necessidade de novos estudos sobre o tema ludicidade no ensino de criança com SD,

devido à escassez de estudos na área.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Anne. **Ludicidade como instrumento pedagógico**. v. 12, 2009.
- BISSOTO, Maria Luísa. **Desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais**. Ciênc. cogn., Rio de Janeiro, v. 4, p. 80-88, mar. 2005
- BRANCHER, V. R.; CHENET, N.; DE OLIVEIRA, V. F. **O lúdico na aprendizagem infantil**. Revista Educação Especial, [S. l.], n. 27, p. 133–139, 2011.
- BRASIL. **Lei brasileira da inclusão da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência)**. n.13.146, Brasília, jul/2015
- CASTRO, A. S. A.; PIMENTEL, S. C. **Síndrome de Down: desafios e perspectivas na inclusão escolar**. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/rp-6gk/pdf/diaz-9788523209285-28.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2022.
- CASTRO, Glenda Saccomano, PANHOCA, Ivone e ZANOLLI, Maria de Lurdes. **Interação comunicativa em contexto lúdico de duas crianças com Síndrome de Down, comportamentos autísticos e privação de estímulos**. Psicologia: Reflexão e Crítica [online]. 2011, v. 24, n. 4
- CINTRA, R. C.; VEIGA, E. C.; OLIVEIRA, A. N. **As contribuições do lúdico no processo de desenvolvimento das crianças com Síndrome de Down na educação infantil**. Horizontes, v. 33, n. 2, 20 dez. 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, A. C.. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5.ed.São Paulo: Atlas, 2010
- KISHIMOTO, T. M. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1999.
- MOVIMENTO DOWN. **Guia de estimulação**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://www.movimentodown.org.br/desenvolvimento/guia-de-estimulacao-para-criancas-com-sindrome-de-down/http://movimentodown.org.br/>>. Acesso em: 12 Jan. 2022.
- OTTO, Priscila Guimarães; OTTO, Paulo Alberto; FROTA-PESSOA, Oswaldo. **Genética humana e clínica**. Editora Roca, 2004
- PELOSI, Miryam Bonadiu et al. **Atividades Lúdicas para o Desenvolvimento da Linguagem Oral e Escrita para Crianças e Adolescentes com Síndrome de Down**. Revista Brasileira de Educação Especial [online]. 2018, v. 24, n. 4
- SALOMÃO, Hérica Aparecida Souza; MARTINI, Marilaine; JORDÃO, Ana Paula Martinez. **A importância do lúdico na educação infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado**. Portal de psicologia, 2007.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O lúdico na formação do educador**. 5 ed.
Petrópolis: Vozes, 2002.

SILVA, Amanda Gomes da. **A ATIVIDADE LÚDICA: Contribuições para a Educação das Crianças com Síndrome de Down**. 2016.

CAPÍTULO 19

VAMOS CONHECER SAUSSURE E CHOMSKY?: UMA PROPOSTA DIDÁTICA A PARTIR DE WEBQUEST

Manassés Morais Xavier¹

Maria Lúcia Serafim²

Renally Arruda Martins de Lima³

INTRODUÇÃO

Comumente, no contexto da formação inicial de estudantes de Letras, a disciplina de Introdução à Linguística é compreendida como complexa, congregando a desistência de muitos alunos. De fato, temos que concordar com a afirmação de que os estudos linguísticos são complexos, sobretudo, para graduandos recém-chegados à academia, provenientes do Ensino Médio e que, muitos deles, nunca ouviram falar sobre Linguística.

Nesse cenário, surge o desafio para os professores universitários que lecionam disciplinas densas, teóricas e fundantes como a supracitada: o de, didaticamente, construir conhecimentos específicos e acadêmicos em tais componentes curriculares, motivando os alunos e estimulando-os, pela pesquisa e discussão, a prosseguirem nos estudos sem esmorecer.

Com esse intuito, apresentamos o presente trabalho que se estabelece pela compreensão de que as novas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) contribuem com práticas pedagógicas dinâmicas, atuais, envolventes e inclusivas em qualquer nível de formação: da educação básica aos cursos de pós-graduações.

Em se tratando do público-alvo dos alunos universitários de hoje, podemos afirmar que as práticas sociais de linguagem, via tecnologias, são uma realidade. Ressaltamos as palavras de Warhol (2009, p. 11) quando menciona que é preciso investir numa “[...] visão positiva sobre o que uma nova geração de aprendizes

1 Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. Professor de Língua Portuguesa e Linguística na Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: manassesmxaivier@yahoo.com.br.

2 Doutoranda em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. Professora de Didática na Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: maluserafim@gmail.com.

3 Mestre em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande. Professora de Língua Portuguesa na Educação Básica. E-mail: renallyamlima@hotmail.com.

pode trazer para nossas escolas e sobre como os professores podem lidar com esses alunos que cresceram com a tecnologia ao seu lado”. Hoje, recebemos no ensino superior alunos com 15, 16 anos de idade. Portanto, sujeitos cujas interações estão atravessadas pela era digital.

É pensando na relação entre tecnologias e práticas pedagógicas que este artigo⁴ objetiva: de modo geral, apresentar a Webquest “**Vamos conhecer Saussure e Chomsky?**”, elaborada para uma turma de Introdução à Linguística do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e, de modo específico, a) discutir sobre as tecnologias digitais no contexto do ensino superior e b) descrever, no âmbito de uma proposta didática, a Webquest como uma metodologia de pesquisa na Internet constituída de possibilidades pedagógicas inclusivas e formativas.

A seguir, apresentamos a metodologia que gerenciou as atividades deste trabalho.

METODOLOGIA

A intervenção didática será realizada numa turma de Introdução à Linguística do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande. Esta disciplina, ofertada no primeiro semestre do curso, conforme o Projeto Pedagógico do Curso de Letras – Língua Portuguesa⁵, tem em sua ementa o estudo das tendências, objetivos e objetos da Linguística, os conceitos básicos do Estruturalismo, do Gerativismo e dos Estudos Enunciativos, observando, para tanto, as limitações e as repercussões dessas perspectivas teóricas para o ensino de línguas.

Introdução à Linguística possui uma carga-horária de 60 horas-aula e é dividida em três unidades temáticas. A primeira se destina a estudar os conceitos de linguagem, língua e Linguística e situar o campo de atuação dessa ciência, a partir da discussão sobre seu objeto de investigação – a língua – e o seu método de análise – o empirismo –, bem como estabelece a sua relação com outros campos de saberes científicos.

O Estruturalismo de Saussure e o Gerativismo de Chomsky são convocados para as atividades da segunda unidade temática. Já na terceira, os estudos de

4 Este artigo é oriundo de uma proposta de intervenção requerida pela Professora Doutora Maria Lúcia Serafim, ao ministrar a disciplina Internet como Ferramenta Didática no Curso de Especialização em Tecnologias Digitais na Educação, ofertado, em 2017/2018, pela Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância (PROEAD), vinculada à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

5 Texto elaborado em 2009 e encontrado nos documentos da Pró-Reitoria de Ensino (PRE) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), bem como na coordenação do referido Curso de Letras – Língua Portuguesa.

natureza enunciativa e dialógica da linguagem, especificamente trabalhando as contribuições de Benveniste e de Bakhtin e o Círculo, encerram a disciplina. Vale destacar que nas três unidades há a preocupação de vincular os debates realizados ao ensino de línguas.

Do ponto de vista cronológico, a intervenção com a Webquest “**Vamos conhecer Saussure e Chomsky?**” se desenvolveu na segunda unidade temática, em 07 encontros semanais de 04 horas-aula, totalizando 28 horas-aula⁶. Estes encontros ocorreram entre os meses de outubro e novembro de 2018. A escolha por esse momento da disciplina se deve a dois motivos: o de estarmos, na metade da disciplina, já familiarizados com os alunos, e o de, a nosso ver, esta unidade configurar o momento de maior relevância de discussões a respeito das bases da Linguística – o momento de situar a base formalista e o de orientar os alunos a, partindo dos pensamentos fundantes da Linguística Moderna, prosseguirem nos estudos da base funcionalista – inclusive, em outras disciplinas no decorrer da graduação, como é o caso do componente curricular Estudos Linguísticos Contemporâneos, ofertado no terceiro semestre do Curso.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentamos a Webquest “**Vamos conhecer Saussure e Chomsky?**”. No entanto, antes de apresentá-la, convém situarmos uma discussão teórica sobre o que é uma Webquest.

Idealizada, em 1995, por Bernard Dodge, professor de Tecnologia Educacional da *San Diego University*, em San Diego/Califórnia/Estados Unidos, a Webquest se configura como uma proposta de metodologia de pesquisa na Internet. De acordo com Borges e Mussoi (2017), Dodge, ao estudar um programa de simulação, solicitou aos seus alunos de tecnologia que buscassem, na Web, conteúdos sobre a temática e avaliassem a ferramenta a ser estudada, tendo como base informações pesquisadas através de um *chat* que solucionasse dúvidas sobre o programa de simulação.

Webquest “pode ser descrita como uma metodologia onde quase todos os recursos utilizados para a pesquisa são provenientes da própria web, compreendendo, assim, uma série de atividades didáticas de aprendizagem que se utilizam das informações provenientes da rede de computadores”, conforme Borges e Mussoi (2017, p. 241).

Dessa maneira, no contexto educacional, a Webquest surge como uma proposta metodológica de ensino-aprendizagem que compreende a rede mundial

⁶ Neste artigo em específico, nos limitaremos ao tratamento dos dados do ponto de vista da proposta. Os resultados formativos da intervenção serão abordados em um trabalho científico posterior ao no momento apresentado.

como um espaço fecundo de busca de informações que podem gerar conhecimentos. Sem desprezarmos a função de entretenimento da Internet e reconhecendo a sua função pedagógica, defendemos o uso situado e bem orientado de Webquests como uma metodologia que promove, pelas tecnologias digitais na educação, ecossistemas de aprendizagens colaborativas e inclusivas em qualquer nível de formação, seja na educação básica, no ensino superior e em cursos de pós-graduações.

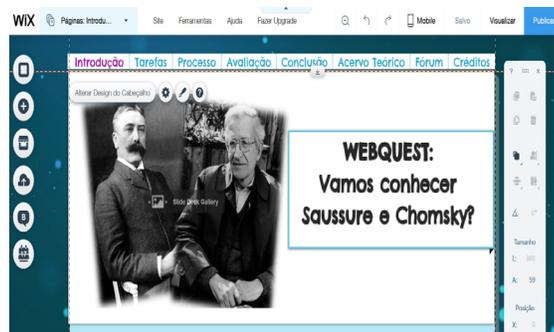
Na visão de Silva (2017, p. 04), as Webquests

forneem direções concretas para tornar possível o uso da *Web*, garantindo o acesso a informações autênticas e atualizadas. Promove, ainda, uma aprendizagem cooperativa e o compartilhamento de saberes, possibilitando o desenvolvimento de atividades que levam o aprender a aprender, favorecendo a transformação ativa de informações em vez de apenas reproduzi-las e incentivando a criatividade através das investigações.

Partindo dessa breve contextualização e do fato que “todos estamos experimentando que a sociedade está mudando nas suas formas de organizar-se, de produzir bens, de comercializá-los, de divertir-se, de ensinar e de aprender” (MORAN, 2000, p. 137), acreditamos que o trabalho com Webquests oportuniza a formação de sujeitos aprendentes (ASSMANN, 2012) que, por estarem inseridos na geração homo zappiens (VEEN; VRAKING, 2009), podem fazer das atividades de linguagem, via tecnologias, experiências significativas de aprendizagens, ecossistemas de construção de conhecimentos que, com veemência, incluem os sujeitos envolvidos em práticas sociais de linguagem no âmbito do letramento digital.

Baseados no fito de associarmos, pedagogicamente, TDICs, educação e práticas inclusivas, apresentamos, a seguir, a tela inicial da Webquest “**Vamos conhecer Saussure e Chomsky?**”.

Figura 01 – Tela Introdução da Webquest “Vamos conhecer Saussure e Chomsky?”



Fonte: <<https://editor.wix.com/html/editor/web/renderer/edi/00666603-7a59-4521-962d-16ed194f7133?metaSiteId=a7f44c18-1c47-4627-a39e-d51f3611c472&editorSessionId=CBE5295E-28FF-478B-948A-066F71806602>> Acesso em 22/01/2022.

Na **Figura 01**, observamos as guias por nós elaboradas para gerenciarem as atividades pedagógicas de pesquisa na Internet em prol de discussões sobre o Estruturalismo e o Gerativismo. Em **Introdução**, temos um texto que situa os alunos sobre os objetivos da Webquest e uma saudação que os convida a se engajarem nas atividades. Em **Tarefas**, orientamos as atividades a serem realizadas em cada encontro e, em **Processo**, oferecemos os recursos necessários à produção das tarefas. **Avaliação** e **Conclusão** são guias que indicam como os alunos serão avaliados durante todo o processo de intervenção e a que conclusões esta avaliação pode chegar quando pensamos nos resultados conclusivos e colaborativos da proposta metodológica desta Webquest à formação dos alunos e ao trabalho docente. **Acervo Teórico** disponibiliza fontes de pesquisa como artigos, livros, vídeos e indicações de *sites* especializados na área. **Fórum** se destina a um espaço de interação entre a sala de aula e a Webquest, com a postagem de conteúdos adicionais que convidarão os alunos a interagirem por meio de comentários. A guia **Créditos** contém os dados dos professores elaboradores da ferramenta metodológica de aprendizagem (Webquest) e suas filiações institucionais.

Na saudação aos alunos, encontrada na guia **Introdução**, convidamos os alunos a interagirem conosco. Segue o texto de convite e de estímulo dos professores aos alunos.

Olá, queridos alunos!

Em Introdução à Linguística estamos “mergulhando” no universo dos estudos que hoje figuram as possibilidades teórico-metodológicas desta ciência. Após estudarmos a conceituação do que é Linguagem, Língua e Linguística, a constituição do objeto e do método da Linguística e a sua relação com outras ciências, chegou o momento de enveredarmos sobre os paradigmas formalista e funcionalista.

Na Unidade II, conheceremos o formalismo linguístico através das correntes Estruturalismo e Gerativismo, teorias difundidas por Saussure e Chomsky, respectivamente. Para tanto, construiremos conhecimento a partir da Webquest “**Vamos conhecer Saussure e Chomsky?**”. A Webquest é uma metodologia de pesquisa na Internet orientada no processo de ensino e aprendizagem e desenvolvida pelo professor de Tecnologia Educacional, da *San Diego University*, Bernard Dodge.

Em sete encontros, aprofundaremos nossos conhecimentos em Linguística pelo projeto pedagógico “**Vamos conhecer Saussure e Chomsky?**”: uma Webquest elaborada, especificamente, para nossa disciplina! Discutiremos sobre as contribuições do paradigma formalista para os estudos linguísticos fundantes e contemporâneos.

E aí? Entusiasmados? Nós estamos!
Excelentes atividades para nós!

Abraços dos professores,
Manassés Moraes Xavier,
Maria Lúcia Serafim e
Renally Arruda Martins de Lima.

Nas **Tarefas**, encontramos as atividades a serem desenvolvidas nos encontros em que estaremos em contato com a ferramenta metodológica de busca de informações na Internet Webquest “**Vamos conhecer Saussure e Chomsky?**”. Esses encontros serão distribuídos da seguinte forma:

Encontro do dia 08/10/2018 (04h/a)

Tarefas específicas do professor:

- Situar a proposta das atividades a serem desenvolvidas na Unidade II em conformidade com o conteúdo programado para esta etapa da disciplina;
- Contextualizar a Webquest sob duas perspectivas:
 - 1) Discussão sobre as características desta possibilidade de pesquisa na Internet, enfatizando sua origem e fornecendo exemplos de práticas pedagógicas realizadas a partir desta metodologia;
 - 2) Leitura do texto de Borges e Mussoi (2017)

BORGES, Rúbia Aparecida Cidade; MUSSOI, Eunice Maria. O uso da Webquest no ensino de Geografia: considerações a partir da prática docente. In.: TAROUCO, Liane Margarida Rockenbach; ABREU, Cristiane de Souza. Mídias na Educação: a pedagogia e a tecnologia subjacentes. Porto Alegre: Evangraf, 2017, p. 236-251.

3) Apresentação da Webquest “**Vamos conhecer Saussure e Chomsky?**”.

- Orientar a pesquisa que gerará a discussão do conteúdo do próximo encontro.

Encontro do dia 22/10/2018 (04h/a)

- Estabelecer quais as principais características entre o formalismo e o funcionalismo. Responda: o que há de comum entre estes dois paradigmas?
- Destacar a concepção de língua para Saussure e apresentar a noção de estudo imanente da língua.
- Elaborar resumo descritivo com 500 palavras sobre o conteúdo estudado.

Encontro do dia 29/10/2018 (04h/a)

- Elaborar um quadro explicativo sobre as quatro dicotomias saussurianas: língua X fala, significado X significante, sintagma X paradigma e diacronia X sincronia.
- Comentar sobre a seguinte questão: Como você entende as dicotomias saussurianas e como elas podem contribuir para o ensino de línguas?
- Produzir um vídeo com, no máximo, 5 minutos em que você explica uma dicotomia de Saussure.

Encontro do dia 05/11/2018 (04h/a)

São bem-vindas as palavras de Fiorin (2008, p. 28) para quem,

atualmente, a crítica à Linguística estrutural muitas vezes parece desconhecer sua importância e, mais ainda, sua fecundidade. O método da comunicação, por exemplo, permitiu uma análise rigorosa de diferentes planos da linguagem. Da fonologia à semântica da palavra, seus êxitos foram enormes.

FIORIN, José Luiz. As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo. 2. ed. São Paulo: Ática, 2008.

- Com base nesta citação de Fiorin (2008), defender a relevância dos estudos estruturalistas para a Linguística contemporânea.

- Assistir ao vídeo em que os professores Carlos Alberto Faraco e Alexandre Cruz realizaram um bate-papo sobre a importância dos estudos de Saussure para os estudos da Linguística. Após, comentar o vídeo na guia **Fórum**.

Encontro do dia 12/11/2018 (04h/a)

- Destacar a concepção de língua para Chomsky e explicar as noções de princípios e parâmetros do Gerativismo.

Encontro do dia 19/11/2018 (04h/a)

- Apresentar o conceito de Gramática Universal para Chomsky e sua visão de sintagma.

- Produzir um quadro explicativo sobre as aproximações e os distanciamentos entre Saussure e Chomsky no tocante à concepção de língua e à caracterização do paradigma formalista.

Encontro do dia 26/11/2018 (04h/a)

- Avaliação escrita em sala de aula.

No **Processo**, com base nas orientações dadas na guia **Tarefas**, o aluno terá suporte que o encaminhará ao como efetuar a tarefa, a atividade. É o que estamos compreendendo como o aprender a aprender, isto é, os caminhos necessários à promoção da interação com a nossa Webquest.

Essa guia, conforme veremos a seguir, funciona como a orientação pedagógica necessária à execução dos objetivos propostos para cada encontro a ser realizado com a turma de Introdução à Linguística.

Encontro do dia 29/10/2018 (04h/a)

- Ir à guia **Fórum** e comentar sobre a seguinte questão: Como você entende as dicotomias saussurianas e como elas podem contribuir para o ensino de línguas?

- Em seu aparelho celular ou em equipamento específico para gravação, produza o vídeo solicitado na tarefa do encontro do dia XX e poste na Webquest.

Encontro do dia 05/11/2018 (04h/a)

- Ir à guia **Acervo Teórico** para assistir aos vídeos dos professores Faraco e Cruz. Após, ir à guia **Fórum** para comentar os vídeos.

INFORMAÇÃO IMPORTANTE:

Para todos os nossos encontros, vocês responderão as questões propostas fazendo pesquisas na Internet e na guia **Acervo Teórico** de nossa Webquest “**Vamos conhecer**

Saussure e Chomsky?”.

Nas pesquisas, verifiquem, atentamente, a autoria dos textos, a vinculação acadêmica/institucional dos autores, o ano e o local de publicação dos textos. Em **Acervo Teórico**, vocês encontrarão, também, sugestões de *sites* de buscas de textos acadêmicos de nossa área e vídeos de professores reconhecidos que tratam de questões pontuais sobre o formalismo linguístico.

Sejam criativos nas respostas e nas buscas. A Internet tem muitas informações e precisamos filtrá-las. Eis a nossa preocupação por fontes fidedignas.

Bom trabalho e vamos às pesquisas e às discussões em sala de aula!

Na guia **Avaliação**, há a inscrição do que utilizaremos como método avaliativo dos alunos junto às atividades da Webquest “**Vamos conhecer Saussure e Chomsky?”** .

Assim como já mencionado no Plano de Curso de nossa disciplina, a avaliação será contínua e se pautará no envolvimento com as atividades propostas e nas presenças e participações empreendidas em sala de aula. Nesta unidade em específico, vocês entregarão um resumo descritivo do conteúdo estudado feito a partir das pesquisas orientadas através da Webquest “**Vamos conhecer Saussure e Chomsky?”** , uma produção de um vídeo em, no máximo, 05 minutos sobre uma das dicotomias saussurianas e um exercício escrito, em sala de aula, no último encontro da unidade. Ah!, a participação na guia **Fórum** também será de suma importância para a avaliação da Unidade e para, principalmente, a aprendizagem!

Na **Conclusão**, apresentamos o que esperamos como resultado formativo dessa experiência didática.

O que aprendemos nesta unidade? Ao término da unidade é preciso que façamos a reflexão sobre o que alcançamos com uso metodológico e pedagógico da Webquest “**Vamos conhecer Saussure e Chomsky?”** . Para tanto, nos questionaremos:

Quais as principais características do formalismo?

O que configura o Estruturalismo e o Gerativismo?

Quem foi Saussure e quem é Chomsky? Quais as suas contribuições para Linguística?

Respondidas estas questões, poderemos prosseguir, na Unidade III, com os estudos do paradigma funcionalista.

Nesse momento, chamamos as Figuras 02 e 03.

Figura 02 – Tela de Acervo Teórico da Webquest “Vamos conhecer Saussure e Chomsky?”



Fonte: <<https://editor.wix.com/html/editor/web/renderer/edit/00666603-7a59-4521-962d-16ed194f7133?metaSiteId=a7f44c18-1c47-4627-a39e-d51f3611c472&editorSessionId=CBE5295E-28FF-478B-948A-066F71806602>> Acesso em 22/01/2022.

Figura 03 – Tela de Fórum da Webquest “Vamos conhecer Saussure e Chomsky?”



Fonte: <<https://editor.wix.com/html/editor/web/renderer/edit/00666603-7a59-4521-962d-16ed194f7133?metaSiteId=a7f44c18-1c47-4627-a39e-d51f3611c472&editorSessionId=CBE5295E-28FF-478B-948A-066F71806602>> Acesso em 22/01/2022.

As Figuras 02 e 03 ilustram os recursos operacionais da Webquest “**Vamos conhecer Saussure e Chomsky?**” que disponibilizam: a) indicações de materiais para consultas de conteúdos acadêmicos relacionados ao Estruturalismo e ao Gerativismo (**Figura 02**), funcionando, nessas condições, como uma orientação de *links* informacionais especializados no estudo dessas correntes linguísticas, e

b) estratégia didático-pedagógica e discursiva de interação com os alunos sobre as discussões empreendidas (**Figura 03**), a fim de mobilizar conhecimentos e de estimular os alunos à necessidade de participarem da discussão, de opinarem, de envolverem-se.

Nos **Créditos**, há o espaço para a marcação dos dados dos professores.

Dados dos professores envolvidos na elaboração e desenvolvimento do trabalho com a Webquest.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Defendemos que os passos apresentados por Dodge ao elaborar a proposta metodológica da Webquest e os passos adaptados por cada professor e cada contexto de ação formativa, no nosso caso no ensino superior, funcionam como possibilidades pedagógicas contributivas que propiciam, a nosso ver: 1) o uso da Internet como atividade de pesquisa que apresenta e amplia discussões acadêmicas e escolares, incluindo, para tanto, saberes e práticas de linguagem no âmbito do letramento digital; 2) a articulação de saberes a partir de práticas tecnológicas, hipertextuais, que despertam a curiosidade e a descoberta de conhecimentos; 3) a fragmentação e a descentralização no processo ensino-aprendizagem a partir de ambientes de colaboração e 4) a oportunidade do pensar, com refinamento, sobre conteúdos específicos necessários à formação, seja ela acadêmica ou não.

Hipoteticamente, a Webquest “**Vamos conhecer Saussure e Chomsky?**” proporcionará:

- aos alunos envolvidos – experiências de aprendizagens sobre Linguística através de pesquisas na Internet que, em conformidade com as discussões em sala de aula, produzirão a aquisição de saberes pontuais sobre os princípios fundantes do Estruturalismo e do Gerativismo, ampliando práticas canônicas de educação no ensino superior em que aos alunos são impostos os textos a serem trabalhados. Na vivência didática com a Webquest, os alunos se constituirão como coprodutores do processo, sujeitos, de fato, inclusos, colaboradores na construção do conhecimento.

- ao professor – experiências de ensino que farão da sala de aula um ambiente dinâmico e em construção, altamente complexo e distanciado de uma proposta de planejamento estanque. A pesquisa na Internet contribuirá com discussões reflexivas sobre o objeto de estudo da disciplina Introdução à Linguística,

cujas participações dos alunos fortalecerão a compreensão de que a Internet, quando usada de forma orientada, corresponde a um fecundo “celeiro” de busca de dados que informam e podem gerar conhecimentos, isto é, numa perspectiva de inclusão, saberes que propiciam aprendizagens colaborativas.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BORGES, Rúbia Aparecida Cidade; MUSSOI, Eunice Maria. O uso da Webquest no ensino de Geografia: considerações a partir da prática docente. In.: TAROUCO, Liane Margarida Rockenbach; ABREU, Cristiane de Souza. **Mídias na Educação**: a pedagogia e a tecnologia subjacentes. Porto Alegre: Evangraf, 2017, p. 236-251.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagens inovadores com tecnologias. In.: **Revista Informática na Educação**: Teoria & Prática. PGIE-UFRGS. V. 3. N. 1, p. 137-144, setembro/2000.

SILVA, Flávio Geraldo Oniles da. **A Webquest como ferramenta de aprendizagem de Língua Portuguesa em ambiente virtual**. Disponível em: <<http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/09.pdf>> Acesso em 02/12/2017.

VEEN, Wim; VRAKKING, Ben. **Homo Zappiens**: educando na era digital. Tradução de Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.

WARHOL, Andy. Prefácio. In.: VEEN, Wim; VRAKKING, Ben. **Homo Zappiens**: educando na era digital. Tradução de Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 09-15.

POSFÁCIO

O termo reinventar é dicionarizado¹ como inventar novamente, isto é, como inventar algo já existente, algo por assim dizer, já inventado.

Seria a princípio um paradoxo esmiuçar o significado de um termo que significa essencialmente inovar algo que já pode ser novo, denotando a ruptura de paradigmas pré-existentes, com o intuito de reorganizar, modernizar e avançar em novos resultados, em novos alcances. Sendo assim tem-se a pergunta: por que inventar (novamente) o que já foi criado?

Tanto na área educacional como em muitas outras áreas em nossa sociedade a reinvenção, ou inovação, se torna um exercício praticamente obrigatório e constante.

Sendo assim, conclui-se que por conta de todos os naturais intempéries e obstáculos que vivenciamos, essa coletânea em especial traduz em âmbitos educacionais, à práxis da reinvenção, vivenciada naturalmente no dia a dia, entre docentes e discentes

Aos acadêmicos mais incautos, isso pode parecer um tanto quanto perturbador, afinal se reinventar não é um processo essencialmente simples e rápido.

De qualquer forma, fica o convite através desses parágrafos em praticarmos ao menos esporadicamente as nossas próprias reinvenções, destituindo o velho para um novo e com isso, quem sabe, do pouco eficiente e desusado para o eficiente e mais simples.

São Paulo, fim do verão de 2022.

Carlos Batista

1 Para novas informações, convido a todos a acessarem o dicionário Michaelis on-line no endereço: <https://michaelis.uol.com.br>.

SOBRE O ORGANIZADOR

Carlos Batista é Coordenador e Orientador Pedagógico. Tutor EaD. Mestrando em Educação, integrante do grupo de pesquisas sobre Representações Sociais (TRS) da UNIB (SP), também é pesquisador, tendo o seu primeiro projeto datado de 1998 financiado pela FAPESP, palestrante educacional e professor em polos EaD vinculados à Universidade Paulista desde 2017. Dentre suas especializações destacam-se: Redação e Oratória e Literatura Brasileira pela Faculdade São Luís (SP) em 2020, Docência do Ensino Superior, realizada na FMU (SP) em 2020, Formação em Educação a Distância, realizada na UNIP (SP) em 2019, MBA em Marketing e Vendas, realizada também na FMU (SP) de 2018. Graduado em Letras-Inglês (UNIP, 2020) e Bacharelado em Desenho Industrial (FAAP, 1999) atualmente Carlos se dedica a duas paixões; à primeira se trata da conclusão dos seus novos projetos acadêmicos nos próximos anos e à segunda é escrever poesias para lhe acalmar a alma e o corpo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8130346912500730>. E-mail: contactcarlos40@gmail.com

À (RE)INVENÇÃO DO AMBIENTE EDUCACIONAL: NOVAS ABORDAGENS, CONCEITOS, MEIOS E APLICAÇÕES.

O PROCESSO DE SE REINVENTAR PODE SE TORNAR ALGO IGUALMENTE ÚNICO E EXTRAORDINÁRIO, POIS DEMANDA A CONSCIÊNCIA DA RENOVAÇÃO, DO PROGRESSO E DA NECESSIDADE ESSENCIAL DA MUDANÇA.

À PROPOSTA DA COLETÂNEA: À (RE)INVENÇÃO DO AMBIENTE EDUCACIONAL: NOVAS ABORDAGENS, CONCEITOS, MEIOS E APLICAÇÕES É PROPOSITADAMENTE ESSA. DEBATER O QUE PRECISA (OU DEVE) SER REFORMULADO E OS MEIOS PEDAGÓGICOS SUSCETÍVEIS A ESSAS MUDANÇAS.

ATRAVÉS DOS SEUS CAPÍTULOS O NOBRE (E CURIOSO) LEITOR TERÁ OPORTUNIDADE DE ENCONTRAR ESTUDOS E EXPERIMENTOS DE PESQUISADORES DA ÁREA QUE TRADUZEM TODO ESSE ENSEJO LATENTE DO REINVENTAR IMPRESCINDÍVEL PARA A ARTE DO ENSINO-APRENDIZAGEM.

O MEU SINCERO DESEJO É QUE AO LONGO DAS PÁGINAS REGISTRADAS DESSA COLETÂNEA, A PRÁTICA DO REINVENTAR SEJA RECONHECIDA COMO ALGO NATURAL, QUE NÃO TRANSPASSA A IMPRESSÃO DE UMA RUPTURA ENTRE O VELHO E O NOVO, MAS SIM ENTRE A CONSCIÊNCIA PRATICÁVEL E EFICIENTE DO ATUALMENTE NECESSÁRIO EM CONTRAPARTIDA OU DESATUALIZADO E POUCO EFICAZ.

CARLOS BATISTA

